

A woman in a white floral dress and a wide-brimmed hat stands on a beach, looking out at a sunset. The sun is low on the horizon, casting a warm glow over the scene. Other people are visible in the distance on the beach.

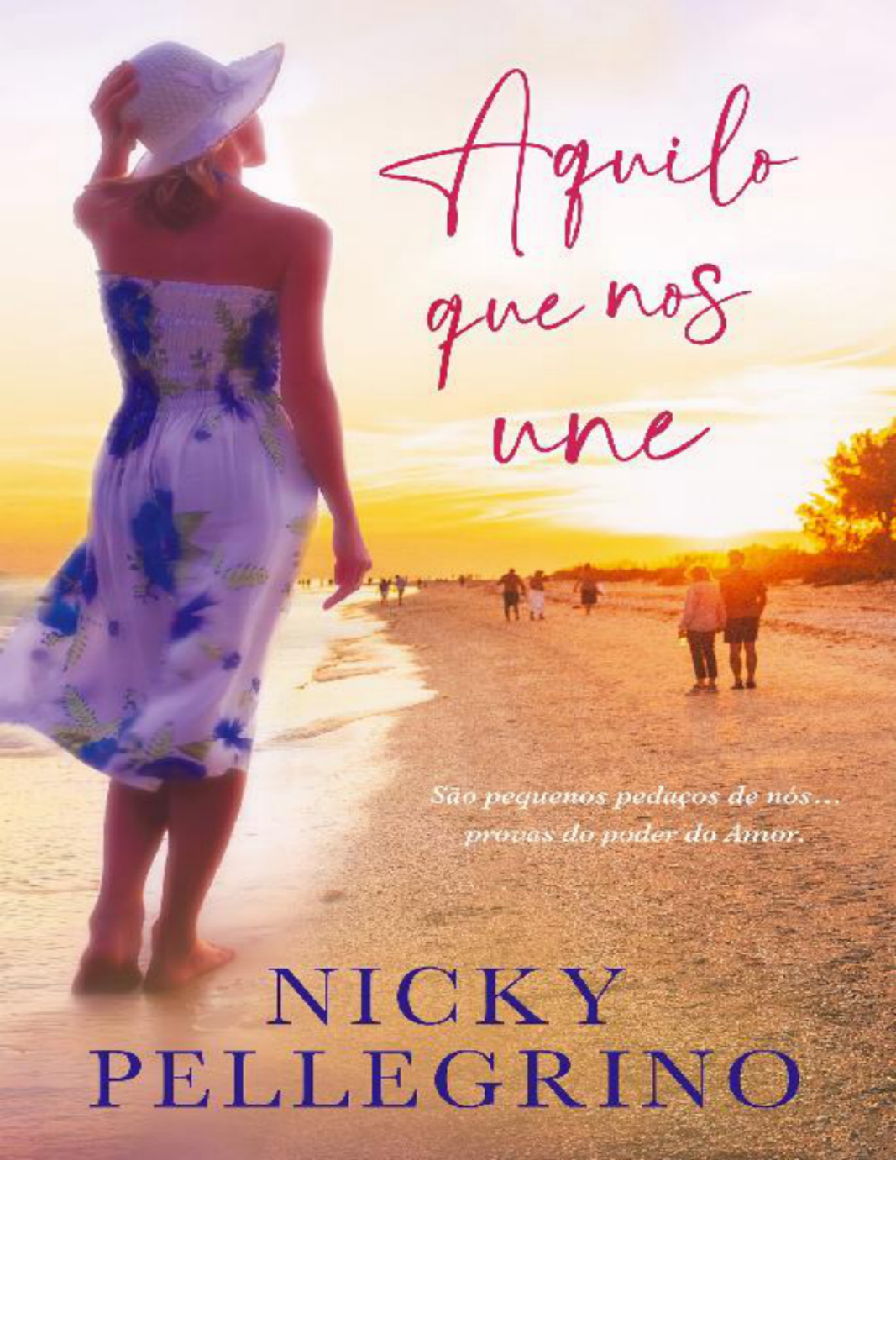
Aquilo que nos une

*São pequenos pedaços de nós...
provas do poder do Amor.*

NICKY
PELLEGRINO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A woman in a white floral dress and a wide-brimmed hat stands on a sandy beach, looking out at a sunset. The sky is a warm orange and yellow, and the ocean is visible in the distance. Several other people are walking on the beach in the background.

Aquilo que nos une

*São pequenos pedaços de nós...
provas do poder do Amor.*

NICKY
PELLEGRINO

Ficha Técnica

Título: Aquilo Que Nos Une

Título original: Tiny Pieces of Us

Autor: Nicky Pellegrino

Tradução: Mário Dias Correia

Revisão: Catarina Sacramento

Design capa: Patrícia Silva

Imagens de capa: Mihtiander / Depositphotos; Martinmark / Dreamstime

ISBN: 9789892350639

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2020, Nicky Pellegrino

Publicado originalmente na Grã-Bretanha
em 2020 pela Orion Books, uma chancela de

The Orion Publishing Group Ltd

© 2021, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

Capa

Ficha Técnica

Como começa...

Vivi

Vivi

Vivi

Grace

Vivi

Vivi

Dan

Vivi

Vivi

Fiona

Vivi

Vivi

Vivi

Tommy

Vivi

Vivi

Imogen

Vivi

Vivi

Grace

Vivi

Vivi

Vivi

Vivi

Stefano

Vivi

Vivi

Fiona

Vivi

Vivi

Tommy

Vivi

Imogen

Vivi

Vivi

Grace

Vivi

Como recomeça...

Obrigada

NICKY PELLEGRINO
AQUILO QUE NOS UNE

Jamie está desejoso de chegar a casa. Normalmente, depois das aulas gosta de ficar com os amigos – dar uns pontapés na bola, partilhar um pacote de batatas fritas, dizer umas piadas – até ao último minuto antes de pedalar o mais depressa que consegue para chegar a tempo do jantar.

Aconteceu uma coisa boa e Jamie quer ver a expressão na cara da mãe quando lhe contar. Ela nem sequer sabe que ele concorreu à bolsa de estudo. Pareceu-lhe melhor não referir o assunto, havendo tanta concorrência e estando convencido de que não tinha a mais pequena hipótese. Jamie trabalhou a sério na candidatura. Explicou todas as razões por que queria fazer o curso de robótica nas férias de verão, descreveu os sonhos que tinha para o seu futuro. Esperava um dia poder desenhar braços e pernas biónicos superfixes, tão fixes que os miúdos que não fossem amputados teriam pena de não poder ter um. Enchera um bloco de notas com desenhos das suas ideias, mas havia tanto que precisava de aprender e mal podia esperar para começar.

A mãe vai ficar tão contente. Está sempre a dizer-lhe que ele é capaz de fazer tudo o que quiser. Jamie tem a certeza de que ela teria conseguido arranjar o dinheiro para pagar o curso de verão, se ele lho tivesse pedido. Mas não quis pedir-lhe. Não que sejam pobres, exatamente, mas a mãe gasta muito pouco consigo mesma, poupa tudo o que pode para comprar coisas para ele – a bicicleta de montanha no seu último aniversário, a viagem a Londres para visitar o Science Museum, o novo iPhone. Parece-lhe importante não estar sempre a pedir-lhe mais. Tem dezasseis anos e quer que ela saiba que não tem de estar sempre a preocupar-se com ele. Por isso, quando soube da bolsa, candidatou-se e esperou o melhor. Nem queria acreditar quando o professor de informática lhe disse que tinha sido escolhido. Nem queria mesmo acreditar. Mas é oficial, tem uma carta para o provar. Está guardada na mochila que leva pendurada aos ombros enquanto pedala pela Cowley Road, cheio de pressa de a mostrar à mãe.

Esteve a chover e o asfalto brilha, mas Jamie tem todo o equipamento de segurança necessário; capacete, colete refletor e luzes muito boas na bicicleta. A mãe insistiu. Parece preocupar-se mais do que as outras mães, talvez por serem só os dois. Jamie costumava desejar que o pai não os tivesse deixado quando ele era pequeno, e ter um irmão, ou talvez uma irmã, mas agora gosta das coisas tal como estão. Os amigos parecem estar sempre a queixar-se das famílias. As irmãs mais novas são irritantes, os irmãos mais velhos têm a mania que mandam e os pais estão sempre a estragar tudo. De um modo geral, Jamie dá-se bem com a mãe. À noite veem televisão juntos, e aos fins de semana ela arranja sempre tempo para o levar aonde ele quer ir. Não é uma dessas mães que estão sempre a embirrar com tudo, a insistir na mesma coisa ou, pior ainda, a gritar. Jamie nem se lembra de quando foi a última vez que discutiram.

Pergunta-se o que terá ela feito para o jantar. Talvez quando ouvir as boas notícias decida levá-lo a jantar fora, para celebrar. Só ao McDonald's; é o seu

preferido e aonde ele pede sempre para ir quando a mãe quer festejar.

Jamie dá aos pedais na sua bicicleta, a voar pela rua cheia de trânsito em direção a casa. É um trajeto curto e bastante plano. No fim de semana é capaz de pedir à mãe que o leve a um percurso de montanha para poder pedalar a sério. Quer ficar mais em forma, tornar-se mais forte, talvez até participar numas corridas. Adora sentir o coração e os músculos a trabalharem juntos para impulsionar a bicicleta, cada vez mais depressa. Seria ótimo poder experimentar também uns saltos; ouviu dizer que há alguns em Shoyoover Woods. Talvez ela o leve lá e depois possam os dois ir à Pizza Express porque a mãe gosta muito da American Hot com o saboroso *pepperoni* e os apimentados *jalapenos*.

Vai ficar tão orgulhosa dele; Jamie mal consegue esperar. Planeia entregar-lhe o sobrescrito sem lhe dizer o que contém. Provavelmente ela vai pensar que é mais uma aborrecida carta da escola; pormenores sobre o novo material de que ele precisa, ou a marcar uma reunião pais/professores. Vai dizer-lhe que a deixe na bancada da cozinha para ela a ler mais tarde e ficar muito espantada por ele insistir em que a leia já. Imagina a surpresa dela quando descobrir que o filho ganhou uma bolsa de estudo; de todos os miúdos que se candidataram foi ele o escolhido. É o seu dia de sorte, pensa Jamie.

A rua está escorregadia e molhada e um carro está a fazer uma viragem desastrada à direita no meio do denso tráfego. Jamie apercebe-se de que o condutor não o viu e trava com força, mas é demasiado tarde. O seu último pensamento é que aquilo vai doer, e então o impacto, e depois nada. Não vê as testemunhas em estado de choque, a mulher que chora baixinho enquanto se ajoelha para lhe segurar a mão, à espera da ambulância que alguém chamou. As luzes, as sirenes, os paramédicos que verificam os sinais vitais, a corrida para o hospital, Jamie não tem consciência de nada disto. O coração continua a bater, mas a sua vida acabou.

Mais tarde, a mãe encontrará a carta cuidadosamente guardada na mochila que lhe foi devolvida. Mas passará muito tempo antes de a abrir. Só o fará muito depois dos dias e noites no hospital onde o milagre por que todos rezam nunca acontece. Só muito depois da mais difícil de todas as decisões, a que ainda a faz acordar a meio da noite e a enche de remorsos e de pânico.

Jamie respira com a ajuda de um ventilador quando a mãe se despede dele. Disseram-lhe que não se apressasse, que podia ficar o tempo que quisesse. Mas nenhum tempo será bastante, como poderia ser? Senta-se muito perto enquanto Jamie inspira e expira. Não consegue decidir-se a desistir da última esperança, mas ele já partiu, é o que todos lhe dizem. O seu menino, com toda a sua energia, brilho e vida. Parece-lhe impossível; é algo demasiado enorme para ela aceitar. Não quer fazê-lo.

Durante anos, a mochila da escola fica em cima da secretária no quarto dele. Ela limpa o pó à volta de vez em quando, mas não toca em nada, assumindo que sabe muito bem o que está lá dentro. O iPhone de que Jamie tanto se orgulhava, o bloco de notas em que ele estava sempre a rabiscar, o

velho portátil com a moessa na tampa, livros da escola, algumas canetas, moedas. A mochila fica ali até a luz do sol que entra pela janela começar a desbotar o tecido de que é feita. Não sabe muito bem o que a leva um dia a pegar-lhe, sentar-se na cama e despejá-la na manta.

Aqueles são os objetos familiares em que Jamie tocava todos os dias. Folheia o bloco de notas cheio de diagramas complicados, olha para o ecrã escuro do telemóvel, abre o portátil e pousa os dedos nas teclas desgastadas. Ao encontrar um fino envelope dentro de uma das bolsas da mochila, rasga-o e começa a ler.

Grace pensava que era impossível sentir-se pior do que já se sentia. Mas agora lê a carta e vê tudo; a vida que Jamie devia ter tido, o futuro que lhe foi roubado, todos aqueles belos sonhos.

O filho partiu e ela está desfeita. O que mais quer é partir também. Anseia enrolar-se sobre si mesma, desaparecer, não ser nada; seria um alívio tão grande.

A única coisa que a faz sentir-se um pouco melhor é saber que o coração de Jamie continua a bater, que a sua morte significou que outras pessoas tinham um futuro. Pensa naqueles que têm dentro de si pequenos pedaços dele, no desconhecido que vê o mundo através dos seus olhos, e, sobretudo, no que recebeu o seu corajoso coração. Pergunta-se quais eram os sonhos deles e se estão a tirar o máximo partido da oportunidade que lhes foi dada de os viver. Há alturas em que isso a enfurece – eles receberam tanto e Jamie perdeu tudo –, mas por vezes ajuda um pouco. Naquele instante, parece não fazer qualquer diferença.

Grace quer que tudo isto acabe.

Morte trágica de adolescente salva vidas

Mas são precisos mais doadores urgentemente

Por Mary Moore, jornalista do *Daily Post*

Tudo o que Jamie McGraw queria no seu décimo sexto aniversário era uma bicicleta de montanha nova. Tragicamente, poucas semanas depois de ter tido a alegria de receber a prenda sonhada, a sua jovem vida foi cortada cerce ao ser derrubado da bicicleta por um condutor quando pedalava em direção a casa num fim de tarde chuvoso e escuro.

Graças a uma decisão corajosa da destroçada mãe, Grace, a morte do adolescente de Oxford significou a dádiva da vida para cinco outras pessoas. O rim que ficou intacto, o coração, o fígado, os pulmões e o pâncreas foram doados a pacientes cujo tempo estava a esgotar-se, e as córneas salvaram a visão a alguém.

«O Jamie tinha um coração de ouro», disse Grace. «Era um rapaz tão encantador. Continuo a não querer acreditar que partiu, mas tento encontrar algum consolo no facto de ele ter ajudado tanta gente.»

«Há milhares de outros doentes à espera de um transplante, e a necessidade de órgãos é urgente e cada vez maior», diz Lynda Fyfe, coordenadora do Harefield Hospital.

«Por todo o Reino Unido há pessoas que morrem enquanto esperam por um órgão. Todos os dias, no meu trabalho, vejo a diferença espantosa que um transplante pode fazer. Neste momento há 165 crianças doentes em lista de espera, e entretanto órgãos saudáveis são desperdiçados. Inscrever-se como doador é, na verdade, fazer a dádiva da vida.»

Londres, primavera de 2017

O meu coração é menos de um por cento do meu corpo, quase não pesa nada; é apenas um pequeno pedaço de mim, e no entanto é a parte que toda a gente acha mais interessante, até eu. Sempre que acordo a meio da noite, com um desses picos de ansiedade das três da manhã, é a ele que levo a mão em primeiro lugar. Está a bater como deve ser, as palpitações a seguirem-se umas às outras, lentas e regulares, ou está a saltitar, fora de ritmo, a preparar-se para me trair? Pressiono a mão contra o peito e sinto cada um dos batimentos tranquilizadores e demoro sempre algum tempo a serenar o suficiente para poder pensar em voltar a dormir. Por agora, está tudo como deve. Por agora, não há nada com que precise de me preocupar.

Nasci com um coração em que não se podia confiar para bombear o meu sangue em condições. Sempre a entrar e a sair do hospital, a desmaiar na escola, sempre exausta; era a miúda que não podia ir a parte nenhuma nem fazer coisa nenhuma, a miúda doente, a especial, a rapariga que ia morrer nova.

Crescer com um corpo que está sempre a deixar-nos ficar mal não é muito divertido. As pessoas têm pena de nós, mas também se ressentem. A minha irmã aguentou anos de ser eu a ficar com o melhor de tudo – todas as atenções, o quarto maior, as prendas mais bonitas – enquanto os médicos me iam comprando tempo. Primeiro medicamentos, depois um *pacemaker*, e finalmente puseram-me uma bomba mecânica para impedir o meu triste coração de se apagar enquanto eu estava na lista de espera para um transplante. Ninguém esperava conservar-me por muito tempo; era uma coisa que não se dizia, mas eu sabia. Por causa disto, durante anos recebi tudo o que queria, até que, por fim, recebi o coração de outra pessoa.

Tenho tentado não pensar nele, o miúdo que morreu para eu poder viver. Não queria imaginar o guinchar de travões nem o embate do carro, as sirenes, os espectadores chocados, o corpo imóvel ainda a sangrar. Nunca quis saber o nome dele, ou de onde veio ou de como a família ficou triste. Tudo isso era demasiado para mim. A partir do momento em que soube que tinha um futuro, pareceu-me melhor não olhar para trás.

A minha mãe chamou-lhe um milagre; era assim que todos pensávamos no que tinha acontecido. Ao princípio, estava toda a gente focada na minha recuperação da cirurgia de transplante. Houve um susto quando o meu corpo começou a rejeitar o coração novo, de modo que tiveram de encher-me de esteroides e isso resolveu o problema, embora continue a ter de tomar medicamentos e ser muito cuidadosa. Fiquei séculos no hospital e quando, por fim, voltei a casa fizemos uma grande festa com toda a família e os vizinhos a aparecer e toda a gente a dizer-me a mesma coisa: «Agora tens a vida inteira à tua frente.»

Ninguém falou dele, do rapaz com cujo coração eu tinha ficado. Suponho que todos acharam que era inapropriado entre chávenas de chá e bolo de

chocolate numa sala enfeitada com bandeirolas, que não era muito simpático falar na morte quando eu estava a celebrar o facto de estar viva.

A enfermeira que me acompanhou depois do transplante encorajou-me a escrever uma carta de agradecimento à família do doador; até sugeriu o que devia lá pôr. Mantenha tudo anónimo, diga como está agradecida, descreva como era antes e como tudo mudou para melhor, acrescente algumas palavras de conforto, do género: «espero que esta carta os ajude a suportar a vossa perda, porque ajudaram a salvar a minha vida».

Escrevi-a depressa e selei o sobrescrito, sem pensar muito em quem ia abri-lo e ler as minhas palavras. Tinha dezanove anos quando enviei aquela carta. Agora passaram sete e não há nada de errado com o meu coração. Só não é o mesmo com que nasci.

Há cicatrizes, claro, mas as mais pequenas no pescoço estão a desaparecer e a maior parte do tempo conservo bem tapada a maior e mais espetacular que tenho no peito. Quase ninguém no trabalho sabe, só o Dan, porque andamos a dormir juntos e tinha de lhe dizer.

*

O Dan é o meu chefe, um chefe de redacção no tabloide onde tenho trabalhado nos últimos quatro anos; o que está sempre a mandar-me entrevistar estrelas dos *reality shows* da TV, apesar de saber que eu gostaria muito mais de trabalhar em peças de investigação de verdadeiro jornalismo. Não posso dizer-lhe que não, com o estado lamentável em que se encontra o negócio da imprensa nos tempos que correm. Provavelmente a única razão de ainda ter um emprego é a minha capacidade de deitar mão a praticamente seja o que for – boatos da realeza, políticos desacreditados, casamentos de telenovela. Uma noite, depois de algumas bebidas pós-laborais no *pub* Prince of Wales, pediu-me que fizesse mais uma coisa e eu dei por mim a responder que sim também a isso, e então a ir para casa dele.

O Dan estava fascinado pela minha cicatriz, não parava de lhe tocar com as pontas dos dedos, pousava a mão aberta no meu peito, a sentir o bater do meu coração. E fez-me a pergunta que qualquer outra pessoa teria evitado fazer:

- De quem era? A quem pertenceu?
- Não sei – respondi, e afastei-lhe a mão e puxei o edredão até ao queixo.
- A sério? – Soergueu-se apoiado no cotovelo, a olhar para mim. – Não fazes a mínima ideia?
- É tudo confidencial – expliquei. – Não nos dizem nada.

Há algum tempo que eu e o Dan tínhamos um daqueles *flirts* de escritório, pagávamos cafés um ao outro e enviávamos mensagens para trás e para a frente; era uma maneira de quebrar a rotina do dia, e o Dan era divertido, gostava dele. E então ali estava eu deitada nua na sua cama.

– Não digas nada, está bem? – pedi, enquanto os dedos dele se enfiavam debaixo do edredão e percorriam a longa crista de tecido cicatricial que me riscava o peito. – Não há necessidade de as pessoas saberem.

- Claro – disse ele, num tom demasiado casual.
- Durante todos aqueles anos tive de ser uma miúda doente. Agora só quero ser normal.
- Mas não sentes curiosidade? Se fosse eu, teria de saber.
- De quem foi o meu coração, queres tu dizer?
- Sim, tem de ser possível conseguir mais pormenores. Podias começar por procurar nos arquivos notícias de acidentes em datas que coincidam com a tua cirurgia. Isso dar-te-ia algumas pistas.

O Dan era especialista em encontrar o rasto de pessoas e descobrir histórias. Tinha sido o seu trabalho durante anos e, quando eu entrei em cena como estagiária, dedicou uma porção de tempo a mostrar-me como se fazia. Mas aquilo não era apenas mais uma história, era a minha vida e eu não queria forçosamente resolver todos os seus mistérios.

– Podia tentar descobrir mais coisas a respeito do meu doador, mas de que serviria isso? – respondi. – Não vale a pena.

– Talvez sentisses uma conexão com a família, um laço emocional. Podia ser um artigo excelente para a edição de fim de semana.

– Não – disse eu hesitante, quase a experimentar a palavra porque nunca antes a tinha usado com ele. E então com mais certeza: – Não, não sou capaz.

O Dan deve ter assumido que conseguiria dar-me a volta. Voltou a falar do assunto várias vezes quando estávamos na cama, ou no *pub*, ou quando íamos jantar fora, e eu dava-lhe sempre a mesma resposta. Nem pensar, não vou ser engodo de cliques para o *site* do *Daily Post*. Não haveria nenhum vídeo agrídoce do meu primeiro encontro com a família do doador, nenhuma peça comovente na primeira pessoa.

– Pensa no bem que faria. Podia encorajar os leitores a inscreverem-se como doadores e ajudar outras crianças doentes – fez ele notar.

Era o género de conversa que me tinha ensinado a usar quando queria sacar uma história a um entrevistado relutante, e eu nem queria acreditar que estava a tentá-la comigo.

– Já escrevi um grande artigo para a semana de consciencialização da doação de órgãos.

– Pois, todos os anos alguém escreve um exatamente igual. Aborrecido, não é? É muito pouco provável que agite quaisquer sentimentos ou toque no coração de um leitor. A tua história real seria muito poderosa.

– Não – repeti, a abanar a cabeça, porque, embora ele fosse o meu chefe, não me parecia que pudesse obrigar-me a fazer aquilo. Por um instante, a expressão dele pareceu escurecer.

Naquela altura, eu e o Dan tínhamos entrado numa rotina em que eu passava algumas noites por semana em casa dele, mas não estávamos oficialmente «juntos» e no trabalho mantínhamos a discrição. Eu não pressionava para ser mais do que isso porque não era algo que eu quisesse. Os homens como o Dan são o meu hábito pouco saudável – como os cigarros ou o álcool são para outras pessoas: não me fazia bem, era um prazer temporário

de que havia de desistir a dada altura, só que não já.

– Está bem, Vivi. – Brindou-me com um sorriso que cresceu até se tornar malicioso. – Mas não me podes culpar por tentar.

*

Uma das coisas que o nosso jornal está sempre a fazer num esforço para aumentar o número de leitores é lançar grandes campanhas. Em meses recentes houve uma para combater a solidão e outra de angariação de fundos para pagar o casamento de sonho de uma mulher moribunda. Os leitores adoram esse género de coisa e o Dan andava sempre à caça de mais uma boa causa para apoiar.

Foi ele quem inventou a «Doar para a Vida». Saber do meu transplante deve ter-lhe metido a ideia na cabeça, e então eu ter-lhe recordado o artigo que escrevera, cheio de estatísticas acerca da quantidade de pessoas que precisam de órgãos, tinha-o posto a pensar. Milhares com corações, rins, pulmões, fígados defeituosos... muitas delas a morrer enquanto esperavam por outros novos. Havia de certeza qualquer coisa que se podia fazer para as ajudar.

– Tive uma ideia brilhante – anunciou. – Esta tem de ser a nossa próxima cruzada.

Hoje em dia, as redações dos jornais são lugares sossegados. Já não há o matraquear de máquinas de escrever nem os gritos ao telefone, apenas uma quantidade de pessoas amontoadas numa sala grande, todas a olhar para ecrãs de computador e quase sem dizer palavra. Por isso, quando o Dan falou alto, toda a gente ouviu e metade da redação voltou-se para se meter na conversa. Até o editor se aproximou e se debruçou para a secretária dele enquanto disparavam ideias a torto e a direito.

– Em montes de outros países, todos os adultos são potenciais doadores, a menos que declarem não querer ser – explicou o Dan –, mas em Inglaterra não. Aqui temos de ser pró-ativos e registarmo-nos como doadores. A maior parte das pessoas nunca arranja tempo para o fazer. Precisamos de promover uma alteração da lei para que aqui seja como nos outros países.

– Ótimo, ótimo, isto pode ser grande – entusiasmou-se o editor. – Mas arranja-me uma cara boa para a campanha. Um miúdo giro que esteja na lista ou alguém novo e atraente que pudesse ter morrido, se não lhe tivessem feito o transplante a tempo.

– Sim, vou já tratar disso – prometeu o Dan.

Eu estava encolhida atrás do meu computador, a tentar parecer ocupada. Era muitas vezes a mim que atribuíam artigos como aquele. Tinha escrito a peça principal sobre a epidemia de solidão e acompanhado a história do casamento de sonho até ao seu inevitável final infeliz. A maior parte das vezes gostava de trabalhar naquelas campanhas – faziam-me sentir que estávamos, de facto, a ajudar a mudar qualquer coisa –, mas não queria tocar naquela.

– Vivi? – chamou o Dan.

Espreitei por cima do computador e abanei a cabeça.

– Eu não, lamento; tenho demasiadas outras panelas ao lume.

– Fecha o gás, isto é mais importante.

Não podia dizer-lhe que não à frente de toda a gente. Mesmo que não andássemos a dormir juntos, o que acrescentava toda uma camada extra de complicação, um jornalista do *Daily Post* não recusava ir atrás de uma história. Tinha havido ocasiões em que eu pusera coisas na minha lista e então me esquecera discretamente de as levar para diante, mas daquela vez não ia resultar.

– Tudo bem, então, vou começar a procurar um caso de estudo – disse eu, relutante.

– Ora, Vivi, esquece os casos de estudo enfadonhos, escreve-me um peça na primeira pessoa, sobre como um transplante de coração mudou a tua vida. Trata disso esta tarde e depois podemos fazer umas filmagens e podemos ter a história *online* esta noite e no jornal de amanhã.

Estavam todos a olhar para mim com curiosidade: o editor, as outras pessoas sentadas às secretárias à volta da minha, um par de revisores que vinham da cozinha com as suas chávenas de chá.

– Põe-lhe montes de emoção – continuou o Dan. – Precisamos de saber como estiveste perto da morte e como estás agradecida à família do doador. Quero os leitores a sorrir por entre as lágrimas.

Estava a falar depressa, cheio do seu próprio brilho. Podia ser bem parecido com os seus cabelos louros e lisos e o seu sorriso arrapazado, mas naquele instante todo esse encanto tinha como que desaparecido.

– É a tua oportunidade de despertar consciências e salvar vidas, Vivi – dizia. – De dar a outras pessoas doentes a segunda oportunidade que tiveste.

O problema era ser impossível negar que ele tinha razão. Se um desconhecido não me tivesse dado um coração saudável, eu nem sequer estaria ali sentada; o meu teria deixado de bater há muitos anos. Não mereceriam outras pessoas a mesma dádiva de vida? Não era minha obrigação ajudá-las, se pudesse?

– É uma maneira de retribuir qualquer coisa – insistiu o Dan –, pagar uma dívida. Como podes dizer que não a isto?

– Acho que não posso – admiti.

– Então porque é que estás a olhar para mim dessa maneira? Trata disso.

Foi o que fiz. Saiu-me mais fluente do que esperava, como se as palavras sempre tivessem estado na minha cabeça à espera de correr para o papel e ser uma história. Depois, sentindo-me ligeiramente aturdida, pus um pouco de maquilhagem, troquei a minha blusa preta pelo *top* mais colorido de uma colega e consegui sorrir para a objetiva do fotógrafo. Até fizeram um vídeo de mim a falar de mudar a lei e salvar vidas. E então tinha acabado e eu fui para o Prince of Wales e pedi um copo de vinho, dos grandes.

– Devias estar a beber isso? – perguntou uma das jornalistas mais velhas. – Não tens de ter cuidado com a tua saúde?

– Não estou sob qualquer obrigação moral de não beber *Chardonnay* só

porque tenho o coração de outra pessoa – atirei-lhe.

– Não foi nada disso que eu quis dizer – protestou ela, mas claro que era.

O Dan devia estar à espera de que eu fosse para casa dele naquela noite. Estava no *pub*, a beber canecas de cerveja, e ficou a olhar espantado para mim quando peguei na mala e me encaminhei sozinha para a porta. Fui para minha «casa», um pequeno quarto arrendado (mais casa de banho e *kitchenette*) numa *villa* vitoriana com janelas de sacada, em Highbury. Havia espaço à justa para uma grande cama de solteiro e um roupeiro, mas eu usava-o sobretudo como um lugar para aterrar, de modo que não me importava por aí além.

Naquela noite dormi mal e acordei com dores de cabeça. Em condições normais, nunca daria parte de doente. Tinha tido dias de descanso na cama suficientes para uma vida inteira e preferia estar no trabalho. Mas com o pensamento na minha cara pespegada nas páginas do *Daily Post*, enviei um SMS ao Dan a dizer que estava com dores de barriga, voltei-me para o outro lado e tentei continuar a dormir. O telemóvel não parava de tocar e eu ignorei-o durante algum tempo, mas acabei por ter de sair da cama e ir abrir a janela porque o ambiente abafado estava a tornar a minha dor de cabeça ainda pior. Verifiquei as chamadas não atendidas: duas do Dan, uma dos meus pais e várias da minha irmã Imogen. Era evidente que não ia desistir. O telemóvel voltou a tocar e a fotografia dela apareceu no ecrã.

– Com que então, agora és uma celebridade – disparou-me quando atendi.

– É só um artigo de jornal.

– A Lei de Vivi... ajudem a nossa corajosa jornalista a salvar milhares de vidas.

Peguei no portátil e abri o *site* do *Daily Post*. Lá estava eu na *homepage*, com um sorriso forçado e uma peça de roupa que não me servia. Mal tive coragem para ler a história. O Dan tinha chegado tarde ao *pub* na noite anterior, e eu estava a ver porquê. Estivera a reescrevê-la. Naquela nova versão, eu era uma pequena batalhadora, à beira da morte e a dizer adeus ao mundo, quando fora miraculosamente salva por um doador anónimo a cuja família sonhava poder um dia agradecer em pessoa. A minha vida era dedicada a tornar a Lei de Vivi uma realidade e ajudar outras crianças doentes a ter um futuro.

– Não fui eu que escrevi a maior parte disto – disse à Imogen. – Merda, é horrível.

– Bem, a mãe e o pai adoraram. Não podiam estar mais orgulhosos, a menina deles a ajudar os outros.

– Isso é bom... acho.

O *Daily Post* é o terceiro jornal *online* mais lido em todo o mundo, toda a gente lhe dá uma vista de olhos. O meu pai tem a *app* no telemóvel e lê as minhas histórias de vez em quando. Detestei a ideia de ele ler aquela.

– Obrigaram-me a ser a cara da campanha – disse à Imogen. – Preferia não o ter feito.

– Isso é ridículo. Como podem ter-te obrigado?

A Imogen é casada com um advogado. Não voltou a trabalhar depois de ter filhos porque não precisam do dinheiro.

– Não posso dar-me ao luxo de perder o emprego – fiz notar. – Hoje em dia, só se fala de redundâncias. E, além disso, até é possível que a campanha resulte; pode ajudar a salvar vidas.

– Hmm – parecia distraída. – Farah, Darya, parem imediatamente com isso, sabem muito bem que a gata não gosta. Não, ainda vão levar um arranhão. O que foi que eu disse?... oh, céus, desculpa, espero que o estrelato te corra bem, depois falamos melhor.

E desligou.

*

Eu tinha passado os últimos anos a tentar convencer pessoas a partilhar as suas histórias. Desgostos, amor, sonhos; tinha um talento especial para descobrir os pormenores mais interessantes e construir com eles um artigo de fundo ou uma notícia, orgulhava-me de ser boa nisso. Naquele momento, compreendi como todos os meus entrevistados deviam ter-se sentido expostos, e senti-me um pouco mal.

O telemóvel apitou um alerta de pico para me dizer que a minha história estava a ter um grande número de visualizações. Logo a seguir, chegou um SMS do Dan a dizer que corresse para a redação porque a *London Live* ia mandar uma equipa fazer uma peça sobre a Lei de Vivi para o noticiário da noite.

Não havia como evitá-lo, de modo que tomei um paracetamol, comprei uma lata de *Coca-Cola* e um *Snickers* a caminho da estação de metro e fui para o trabalho mais devagar do que deveria.

Como disse, a sala de redação nunca é barulhenta. No entanto, quando entrei, um silêncio adicional parecia ter descido sobre o lugar.

– Uma peça excelente, espantosa – murmurou um par de pessoas quando passei pelas respetivas secretárias. – Não fazia ideia. Nunca disseste.

Havia um sorriso na cara do Dan quando me viu. Parecia ainda mais satisfeito consigo mesmo do que de costume enquanto me fazia sinal para me aproximar.

– Olá, Vivi, tenho notícias mesmo extraordinárias para ti. Acho que o encontrei. Vem ver isto.

– Encontrei-o? – gaguejei.

– Sim, aqui está ele... olha. – Rodou o ecrã para eu poder ver a imagem de um rapaz sorridente com cabelos escuros e uns olhos castanhos que pareciam dançar. – Jamie McGraw, o rapaz que te deu o coração.

*

No meu primeiro dia no *Daily Post*, quando estava a sentir-me extasiada por ter arranjado emprego num jornal nacional, o Dan deu-me um conselho importante: nunca, mas nunca, chores na redação. Até então tinha conseguido, apesar de alguns instantes lacrimosos em cubículos de WC, mas naquele

momento, a olhar para o rosto do rapaz morto no visor do computador, as lágrimas vieram nem sei de onde. Correram-me dos olhos e o Jamie, com o seu emaranhado de cabelos pretos e encaracolados, o seu grande sorriso e as suas orelhas espetadas, quase desapareceu da minha vista.

O Dan pôs-se de pé e passou-me um braço pelos ombros.

– Ei, tudo bem – disse. – É um grande momento para ti; foi este miúdo quem te salvou a vida.

– Como foi que o encontraste? – quis saber, quando fui capaz de falar.

– A história estava nos nossos arquivos, de modo que não foi difícil descobri-la. Na verdade, ele salvou quatro outras vidas... um recebeu o rim que ficou intacto, outro o fígado, outro os pulmões e outro o pâncreas. E as córneas salvaram a visão a alguém. Imagina, há aí algures cinco pessoas que te estão ligadas, quase como uma família. Não seria ótimo se...

– Não.

– Ah, vá lá, pensa na campanha; há aqui potencial para grandes peças.

Eu não queria ouvir falar da campanha da Lei de Vivi. Até deixei de me preocupar com conservar o emprego. Se aquilo significasse voltar para casa e ir viver com os meus pais, desistir do jornalismo e preparar-me para outra carreira qualquer, já não queria saber. Ao fim e ao cabo, a minha irmã tivera em parte razão. Ninguém podia obrigar-me a fazer fosse o que fosse.

– Não é suposto tentarmos contactar uns com os outros – disse ao Dan. – Há regras.

– Certo. E que vão eles fazer, se quebrares essas regras? Tiram-te o coração?

Alguém me tinha enfiado na mão um monte de lenços de papel e eu tapei os olhos encharcados em lágrimas, a odiar o Dan, a pensar que devia dar meia-volta e afastar-me, mas ali presa pela imagem agora mais nítida no ecrã: o rapaz que tinha morrido, mas cujo coração continuava a bater.

– Não podemos perder o impulso – disse o Dan. – Pelo menos descobre a mãe, Grace McGraw. Talvez ela fique contente por saber que és feliz, saudável e bem-sucedida. Talvez lhe sirva de consolo.

– Ela queria essas coisas para o filho, não para mim.

– Esta é uma oportunidade para fazer algum bem, para ajudar outras pessoas – repetiu o Dan. – Como podes dizer que não?

– Escrevi a primeira peça, e acabou-se. – As palavras jorraram de mim. – Porque não fazes tu as entrevistas para a televisão, a rádio ou o que mais for? É a tua campanha.

Por alguns instantes, os dedos ficaram imóveis sobre os teclados e um telefone tocou sem ser atendido enquanto toda a gente esperava para ver no que aquilo dava.

– Tudo bem, encontro eu a mulher. – O rosto dele parecia de pedra. – Não deve ser muito difícil.

Recebi alguns olhares de compreensão enquanto voltava à minha secretária, mas ninguém disse palavra. Sentei-me e fingi que trabalhava, mas

não conseguia concentrar-me porque o meu estômago dava cambalhotas. Não era capaz de tirar aquela foto da cabeça: Jamie McGraw. Quem fora ele? Que coisas gostava de fazer? Aonde se preparava a vida para o levar?

A minha secretária ficava escondida num canto da redação, o que sempre me agradara porque ninguém podia ver o meu ecrã, a menos que desse a volta e fosse pôr-se ao meu lado. Significava isto um monte de tempo desperdiçado no Facebook quando devia estar a escrever. Entrei na página e procurei Grace McGraw. Tal como o Dan tinha dito, não foi difícil encontrá-la. Na foto de perfil aparecia com o filho, uma mulher com bom aspeto e um sorriso muito parecido com o dele. Era óbvio que não sabia grande coisa a respeito de medidas de privacidade. Havia pequenas e tristes publicações sobre desgosto, mais fotografias do Jamie e até um pequeno vídeo que me custou ver. Queria muito contactá-la, mas não para uma qualquer história ou campanha, só para lhe dizer obrigada e que o filho era encantador.

Fechei o computador, peguei na mala e saí sem me dar ao trabalho de olhar para trás. O Dan ia ficar furioso, mas eu não ia perder o meu tempo a preocupar-me com isso. Fui até Kensington Gardens, sentei-me num banco junto à Round Pond e fiquei a ver os cisnes e os gansos durante algum tempo. Passavam mães a empurrar os seus bebés em carrinhos, pessoas a passear cães, casais a namorar. Eram pessoas normais e para elas aquele era um dia como todos os outros. Tive inveja de todas.

Havia sempre a possibilidade de o Dan estar errado a respeito do Jamie, mas não me parecia. As datas da morte dele e do meu transplante de coração coincidiam, tal como os poucos pormenores que me tinham dado. Além de ter visto o seu rosto atrevido e sorridente, tinha um pressentimento. Aquele rapaz estava morto e eu tinha o coração dele.

**Doar para a Vida: apoie a nossa
campanha pela Lei de Vivi**

A sua oportunidade de ajudar a fazer a diferença

Por Dan Parker, chefe de redação do *Daily Post*

Hoje Vivi Palmer é uma das nossas talentosas jornalistas, mas em criança todos os dias eram uma luta pela sobrevivência porque o seu coração estava a falhar.

Vivi tinha 19 anos e estava a ficar sem tempo quando o milagre de um transplante de coração mudou tudo. Acreditamos que foi este rapaz, Jamie McGraw, quem lhe concedeu a preciosa dádiva da vida. Depois da morte trágica de Jamie num acidente de viação, a mãe, destroçada pelo desgosto, concordou em doar os órgãos do filho. Jamie também ajudou quatro outras pessoas a sobreviver e as suas córneas devolveram a visão a alguém.

Para sempre grata pela sua segunda oportunidade, Vivi luta hoje por ajudar outras pessoas doentes a terem a mesma hipótese. Precisa da sua ajuda para alterar a lei e certificar-se de que não continuarão a ser desperdiçados órgãos saudáveis. Junte-se à nossa campanha pela vida e saiba mais do que Vivi tem a dizer sobre a importância da questão em doarpelavida.co.uk.

Esta é a sua oportunidade de fazer a diferença.

Tinha passado a tarde toda a compor uma mensagem para a Grace McGraw, a apagá-la e reescrevê-la. Dessa vez, imaginei a mulher que ia ler as minhas palavras. Imaginei-a surpreendida ao receber notícias minhas, mas, esperava, contente por saber que o filho era lembrado. Talvez tivesse um marido ao qual pudesse mostrar a minha mensagem, ou talvez o Jamie tivesse tido irmãos e irmãs. Sabia, pela página dela no Facebook, que morava em Oxford, mas a Grace tinha sido muito parcimoniosa no respeitante a outros pormenores pessoais.

Todos os dias, o meu trabalho era sentar-me diante de um ecrã vazio e enchê-lo de palavras. Embora naquele caso se tratasse apenas de algumas linhas, estava a ser muito difícil colocá-las pela ordem exata. Estive várias vezes à beira de premir «enviar», mas então mudava de ideia, passava os olhos pela mensagem e voltava a emendá-la, alterando uma palavra aqui e ali.

*

Querida Grace, espero que não se importe que eu esteja a contactá-la. Vi uma fotografia sua com o seu filho Jamie e estou convencida de que é o coração dele que está a manter-me viva. Ver-lhe o rosto fez-me pensar muito nele. Está tão bonito na fotografia. Lamento muito que o tenha perdido e estou profundamente agradecida por ter concordado com a doação. Tenho a certeza de que todos os outros recetores sentem o mesmo. Salvou as nossas vidas e o que eu mais queria era poder fazer por si qualquer coisa enorme e significativa, mas parece que só posso dizer mais uma vez obrigada, apesar de não ser o suficiente. Quero que saiba que estarei sempre a pensar em si e no Jamie.

Vivi Palmer

*

Demorei a chegar a este ponto. Comecei a teclar no meu telemóvel quando estava sentada num banco em Kensington Gardens. Passado um bocado, mudei-me para um café próximo, onde beberriquei chá e franzi o sobrolho à visão das fontes italianas. Por fim, fui para casa, deitei-me na cama, abri o portátil e voltei a tentar. Nada do que dizia me parecia suficiente. Descoroçoada, pensei em apagar tudo.

Fiz uma pausa e fui ao frigorífico procurar qualquer coisa a que pudesse chamar jantar. Não havia muito que encontrar, como geralmente acontece, a menos que a minha mãe me tivesse enviado há pouco tempo uma encomenda de comida saudável, de modo que abri uma lata de feijão com chili e cozi uma batata no micro-ondas.

Ao sentar-me para comer, voltei a abrir o portátil para ver os cabeçalhos do *Daily Post* e certificar-me de que não perdera nada de especial. Foi então que a encontrei, a história de continuação do Dan para a campanha pela Lei de Vivi. Não fiquei surpreendida ao descobrir que ele tinha avançado sem falar comigo; para ser franca, até já estava à espera. Foi a fotografia no alto da

página que me chocou – o Jamie, de cabelos encaracolados e sorriso feliz, a mesma imagem usada na peça original que o Dan me tinha mostrado naquela manhã. Até tivera o descaramento de usar o meu nome. Nem queria acreditar.

Estava demasiado agitada para ficar quieta, quanto mais para comer, mas andar de um lado para o outro pelo curto pedaço de tapete meio esfiapado do quarto acanhado não era particularmente calmante. Estava furiosa com o Dan e quase tão zangada comigo mesma por não ter previsto que ele ia fazer aquilo. A única coisa que lhe interessava era cabeçalhos e o número de visualizações do *site*. Sabia que ele era assim e isso sempre me tinha incomodado, mais ou menos, mas agora eu estava num cabeçalho, e o Jamie estava na história e eu estava a ferver de raiva.

Todo aquele tempo passado a construir uma mensagem terna e amistosa para a Grace, a tentar conseguir o tom perfeito, e agora já não fazia sentido enviá-la. Em vez disso, ia ter de arranjar uma maneira de pedir desculpa.

Estava outra vez com dores de cabeça. Despejei o jantar para o caixote do lixo, larguei o prato sujo no lava-louça, estendi-me na cama e questionei-me se seria capaz de encontrar palavras para resolver o problema. Adormeci a pensar naquilo.

*

De manhã, tentei convencer-me de que tinha sido só uma pequena notícia e que havia grandes probabilidades de a mãe do Jamie não a ter visto. Talvez fosse uma leitora do *Guardian* a quem nem passaria pela cabeça olhar para o *site* do *Daily Post*. E mesmo que alguém lhe chamasse a atenção para a história, talvez ela apoiasse a campanha da Lei de Vivi, talvez não se importasse muito. Quando cheguei ao trabalho, quase conseguira persuadir-me de que identificar o Jamie não tinha sido assim tão grave, ao fim e ao cabo. Queria acreditar naquilo. A última coisa de que precisava era um confronto com o Dan à frente de toda a gente, de modo que resolvi ficar calada, de momento.

Também o Dan estava a jogar à defesa. Não referiu o artigo para a campanha pela Lei de Vivi que tinha escrito nem a minha saída intempestiva da redação no dia anterior. Em vez disso, entregou-me mais um par de histórias – um romance na Internet que acabara mal e um guia para dormir melhor à noite. Mesmo assim, foi uma luta concentrar-me fosse no que fosse. Sempre tinha gostado de ver o meu nome em letra de forma, associado às peças que escrevia, e gostava da ideia de as pessoas lerem as minhas palavras. Mas nunca pensara muito a sério no impacto que essas palavras podiam ter; agora não conseguia pensar noutra coisa.

A meio da tarde, não estava a chegar muito longe. O ritmo no *Daily Post* é sempre acelerado e eu não podia dar-me ao luxo de ficar para trás muito tempo, mas se conseguisse continuar a fingir que trabalhava mais um par de horas sem ninguém notar, talvez pudesse ir para casa e voltar em forma na manhã seguinte.

O telefone em cima da minha secretária tocou e eu atendi com o habitual

«Sim, fala a Vivi.» A única coisa que ouvi do outro lado da linha foi o som de alguém a respirar. Assumi que era um brincalhão qualquer e desliguei. Aconteceu mais duas vezes e, à segunda, uma voz de mulher disse «estou» e então ouvi o clique quando desligou.

Entretanto, estava a fazer-se tarde. O Dan tinha saído para o *pub* e eu estava a dar mais alguns minutos antes de me escapar também, quando o telefone voltou a tocar. Dessa vez peguei-lhe e não disse nada.

– Estou? – Era a mesma voz da primeira vez. – Posso falar com a Vivi Palmer?

– É a própria – disse eu, muito calma.

– A porcaria do seu jornal usou a fotografia do meu filho sem minha autorização.

– O quê? – Apertei o telefone na mão quando percebi com quem estava a falar. – É a Grace McGraw?

– Quero apresentar uma queixa formal. – A voz dela tinha um timbre estridente. – De certeza que não podem fazer uma coisa dessas. Não é ético.

– Lamento muito – comecei, mas ela não estava interessada em desculpas.

– E agora esse Dan Parker não para de me enviar mensagens – continuou, zangada. – Quer entrevistar-me, convencer-me a aderir à vossa campanha. Pois muito bem, não estou interessada. Não quero, de modo nenhum, fazer parte de uma coisa dessas. Sou uma pessoa muito reservada.

– Lamento muito – repeti, a esforçar-me por parecer calmante quando a minha própria voz tremia. – Vou transmitir-lhe o que me está a dizer, e espero que ele deixe de a assediar.

– Nem sequer apoio a Lei de Vivi. Na realidade, acho que é uma má ideia. É que não se trata só de pessoas precisarem de órgãos, sabe? E nós, os que perderam alguém que amavam?

– Mande-lhe uma carta depois do transplante – disse-lhe, quando ela me deu uma oportunidade para falar.

– Sim, recebi essa carta. Esperava que o facto de ter salvado a sua vida estivesse a ajudar-me a superar a minha perda. Para que saiba, não estava.

O tom era triste e amargo, e eu compreendia porquê, mas fazia-me sentir culpada, como se lhe tivesse roubado o filho, lhe tivesse tirado tudo e a tivesse deixado sem nada. Inspirei fundo, levei a mão ao peito e procurei as melhores palavras.

– Era muito nova – disse. – Não sabia o que escrever, como explicar o que sentia. Mas quando disse que lamentava... e quando disse obrigada... não foram só palavras. Vieram do meu coração, do coração do Jamie.

Houve um momento de silêncio e então a Grace disse, numa voz mais suave, mais baixa:

– Está a bater dentro de si neste preciso momento, enquanto falamos.

– Sim, está.

– Um pequeno pedaço do meu rapaz.

– Está a manter-me viva, todos os dias, deu-me sete anos que, de outro

modo, não teria tido.

– E fez coisas boas com esses anos, Vivi? Porque tenho a certeza de que o Jamie teria feito.

– Tentei – respondi, apesar de não me conseguir lembrar de alguma coisa que tivesse feito que fosse suficientemente impressionante para partilhar com ela.

– Tem filhos? – quis ela saber.

– Não, mas tenho duas sobrinhas encantadoras que adoro. A Farah tem quatro e a Darya quase três.

– É casada?

– Ainda solteira... só namoro.

– Suponho que é nova. Tem muito tempo à sua frente. Anos e anos.

– Esperemos – disse eu, porque me esforçava por pensar assim, tendo crescido com o conhecimento de que a minha vida podia ser interrompida a qualquer momento.

A Grace deve ter notado a dúvida na minha voz.

– Mais tempo, seja como for, o suficiente para realizar aquilo que quer, para conseguir todas as coisas com que sonhou.

– Mais tempo – concordei. – Graças a si e ao Jamie.

Ela expirou um pequeno suspiro.

– Desculpe ter sido rude há pouco. Tive um choque tão grande quando vi aquele artigo com a fotografia do Jamie. Era a última coisa que esperava.

– Grace, eu é que devo pedir desculpa. Não fazia ideia que o meu chefe ia usar o nome e a fotografia dele; caso contrário, teria tentado impedi-lo, se pudesse.

– Ah, tudo bem, está feito e ninguém se magoou, suponho. Pelo menos usaram uma fotografia bonita.

Agora que estava mais calma, a voz era baixa e agradável. Juntei o timbre às fotografias dela que tinha no Facebook e tentei imaginar que espécie de mulher era a mãe do meu doador.

– O Jamie parece ter sido um rapaz adorável – disse.

– Oh, era. Todos diziam isso: os professores, os pais dos amigos, toda a gente que conhecíamos; todos me falavam da sorte que tinha por ter um filho tão bom. E então acabou-se-me a sorte, não foi?

– Oh, Grace...

– Do que eu gostava agora era de voltar a estar perto dele – disse ela numa voz muito baixa. – Perto do seu coração.

Não tive a certeza de ter percebido muito bem o que ela quisera dizer, pelo menos ao princípio, mas então fez-se luz.

– Está a dizer que quer que nos encontremos?

– Sim... podia ir a Londres um dia qualquer que lhe desse jeito.

A ideia era um pouco assustadora.

– Em quando estava a pensar?

– Quanto mais cedo melhor. Tem pausa para o almoço?

– A maior parte dos dias.

– Amanhã, então? – Parecia ansiosa. – Ou está demasiado ocupada? Seria mais conveniente noutro dia?

Como poderia eu estar demasiado ocupada para me encontrar com a mulher que me tinha salvado a vida? Como se qualquer coisa que tivesse planeado fazer com o meu tempo fosse mais importante.

– Amanhã é ótimo – concordei, apreensiva.

Onde íamos fazer aquilo? Teria de ser um lugar informal, não demasiado íntimo, um lugar aonde fosse fácil chegar e sair, cheio de outras pessoas que não nos prestassem atenção. Tive uma branca, mas de repente foi óbvio.

– Que tal o McDonald's na Kensington High Street, talvez à uma? – sugeri.

– Sim, o McDonald's: boa ideia – concordou ela. – Tenho a certeza de que a reconhecerei pela sua fotografia no jornal.

– Certo, bem, então até lá – disse, e o estômago pôs-se-me às voltas só de pensar nisso.

Uma vez combinado, comecei a sentir-me melhor acerca do nosso encontro, e também curiosa e empolgada. Liguei à minha irmã Imogen e ouvi em fundo a habitual banda sonora da família – uma criança a gritar, a música da Porquinha Peppa a tocar, o tilintar da louça a ser tirada da máquina e empilhada em montes.

– Preciso de falar – disse-lhe.

– O quê? Desculpa? Aguenta um minuto. – Fez-se silêncio do outro lado da linha. – Fechei-me na casa de banho: é o único sítio onde consigo ter um pouco de paz. O que foi que disseste?

– Vou encontrar-me com ela, a mãe do miúdo que me doou o coração.

– Raios.

– Eu sei.

Descrevi o que tinha acontecido e a Imogen não se deixou distrair uma única vez, nem pelo som inconfundível de uma criança pequena aos gritos algures do outro lado de uma porta fechada.

– Como te sentes em relação a isso? Vai ser esquisito? – perguntou.

– Sim, provavelmente.

– Queres que vá contigo? Posso arranjar uma *babysitter*.

– Obrigada, mas acho que seria ainda mais esquisito.

– Então liga-me logo a seguir, está bem?

– Não devias ir ver o que está a acontecer lá fora?

Os gritos eram cada vez mais altos. A Imogen suspirou.

– O mais certo é ser só alguém a bater na cabeça da irmã com peças de Lego... mas, sim, é melhor ir ver. Espero que corra tudo bem. Vou estar a pensar em ti.

*

Já não fui capaz de fazer mais nada. Sempre que pensava na mãe do meu doador, a adrenalina corria-me pelas veias e o coração parecia bater mais

depressa. Revi uma e outra vez as perguntas que queria fazer-lhe, as coisas que seria apropriado dizer. Não me lembro de alguma vez ter estado tão nervosa por ir encontrar-me com alguém.

Quando saí, em vez de ir para casa fui ao Selfridges e gastei demasiado dinheiro em roupa nova. Era exatamente igual a todas as minhas outras roupas – um *top* preto justo, calças apertadas. Tenho variações desta vestimenta para verão, inverno, usar todos os dias e sair à noite. Mas vestir roupa nova ia fazer-me sentir bem e queria dar a mim mesma todas as hipóteses que pudesse de causar uma boa impressão.

Era preciso que a Grace McGraw gostasse da rapariga que tinha o coração do filho.

Quando era miúda, a minha mãe não me deixava chegar sequer perto de comida processada. Tudo o que comia era «magro». E depois do transplante deveria supostamente continuar a ter muito cuidado com a alimentação, mas desenvolvi uma paixão louca pelo McDonald's. Sempre que me dá vontade de fazer um disparate, vou até lá e peço sempre a mesma coisa – dois *Big Macs*. Adoro tudo naqueles hambúrgueres: o monte de alface estaladiça, o queijo cor de laranja derretido, o sabor salgado dos pickles, o molho e a gordura, tudo metido num pão com sementes de sésamo. E a verdade é que faço o passeio da redação até à loja na Kensington High Street com muito mais frequência do que deveria.

Naquele dia fi-lo apressada, vestida com a minha roupa nova e depois de ter passado imenso tempo a cuidar do cabelo, que na altura era ralo e seco, enquanto me concentrava no meu reflexo no espelho e dizia a mim mesma que era perfeitamente normal estar assim com os nervos em franja.

Mesmo assim, cheguei ao McDonald's quinze minutos antes da hora. Sentei-me a uma mesa perto da porta e pus-me a observar as caras das mulheres que entravam e saíam, e não havia maneira de esconder o meu nervosismo.

O cabelo da Grace estava mais curto e mais grisalho do que na fotografia de perfil do Facebook, mas reconheci-a logo. Era mais alta do que a maior parte das mulheres, e mais magra também.

Levantei-me da cadeira e sorri-lhe.

– Olá. Sou a Vivi.

Ela deteve-se a metro e meio de distância.

– O seu chefe de redação continua a enviar-me mensagens – disse, num tom acusador.

Amaldiçoei o Dan em silêncio.

– Peço desculpa, ignore-o. Sente-se, por favor. Posso oferecer-lhe um café, ou qualquer coisa que comer?

– Talvez. – Aproximou-se e pousou as mãos no espaldar de uma cadeira. Não tinha anéis nos dedos, nem qualquer outra joia, e vestia uns *jeans* coçados e uma camisa de manga comprida às riscas azul-escuras e brancas. – Não sei muito bem quanto tempo vou ficar.

Parecia preparada para fugir, e eu não queria que o fizesse. Agora que ela estava ali, precisava de saber tudo; todos os pormenores em que durante anos nunca me tinha permitido pensar.

– Sente-se, por favor – repeti. – Fale-me do Jamie.

– Tem a certeza? – Deu um passo em frente. – Não vou fingir que está tudo bem, porque não está. Estou arrependida, sabe? Gostava de não ter feito a doação. Mas não é isso que quer ouvir, pois não? Que a recordação me assombra?

– Também me teria assombrado a mim – disse-lhe.

Com um suspiro baixo, ela tirou um pacote de lenços de papel da mala,

pousou-o em cima da mesa e sentou-se à minha frente.

– Choro – explicou. – E fico zangada porque o meu filho foi levado muito cedo e não é justo. Sempre que falo nele... e muitas vezes só de pensar...

– Como era ele? – perguntei em voz baixa.

– O meu adorável Jamie...

Inclinou-se para a frente e pousou os braços em cima da mesa. Quando o fez, as mangas subiram e foi então que reparei nas cicatrizes; era impossível não as ver. Sei tudo a respeito de cicatrizes, a maneira como se tornam prateadas quando envelhecem, e as linhas curvas que lhe riscavam ambos os pulsos eram salientes e vermelhas, não eram antigas. Fizeram-me ter medo por ela.

– O meu Jamie era divertido, inteligente, um bom escritor como a Vivi, tão talentoso. E era um rapaz tão bom, tão afetuoso, sempre aos abraços. Não estou a dizer que era perfeito; fazia asneiras, como todos os rapazes, mas nunca nada muito mau. Sei que se teria tornado um homem encantador...

Algumas pessoas querem contar-nos as suas histórias; serem ouvidas ajuda-as. Mas aquela mulher, Grace, estava mesmo à beira do precipício, e eu tinha medo de lhe fazer mais perguntas, de pressionar demasiado, não fosse tornar tudo ainda pior. Por isso, esperei enquanto ela inspirava fundo e se recompunha.

– O mais terrível é ter sido eu a comprar-lhe aquela bicicleta. Toda a gente me diz que não devo culpar-me por isso; mas, se não lha tivesse comprado, ele estaria a salvo no autocarro com os outros miúdos. Foi a minha prenda de aniversário quando fez dezasseis anos e foi uma surpresa. O Jamie adorava as minhas surpresas, e aquela era para ser a melhor de todas.

Segui a direção do meu olhar e puxou as mangas para tapar os pulsos magros e marcados, recostou-se nas costas da cadeira e baixou as mãos, escondendo-as.

– Suponho que quer saber o que aconteceu?

– Só se quiser dizer-me.

Lançou-me um olhar vazio, a deixar muito claro que já não queria coisa nenhuma, e então começou a falar numa voz baixa, átona. Percebi que já tinha contado aquela história da mesma maneira noutra ocasião.

– Foi numa tarde tão vulgar. O Jamie tinha montes de amigos e depois das aulas costumava ficar com eles, de modo que só comecei a preocupar-me quando anoiteceu. Ia sair para ver se o via, quando o carro da polícia parou mesmo em frente do meu portão. Dois deles apearam-se, um homem e uma mulher. Disseram que tinha perdido os sentidos ao ser derrubado da bicicleta.

– Alguma vez houve esperança?

– Eu tive esperança. Claro que tive. No hospital parecia quase perfeito e eu sentei-me junto à cama e falei com ele. Pedi-lhe que não me deixasse. Havia máquinas a mantê-lo vivo e pensei que, se esperássemos o tempo suficiente, o corpo dele havia de sarar e voltaria a ficar tudo bem. Sempre tinha sido tão saudável e forte, está a ver? E só tinha dezasseis anos.

A voz quebrou-se-lhe. Por alguns instantes, ficámos a olhar uma para a outra por cima do tampo da mesa de plástico até que eu estendi a mão para agarrar a dela, a apertá-la com força como ela tinha apertado a do Jamie.

– Disseram-me para deixar de ter esperança – continuou, com as lágrimas a caírem-lhe pela cara num fluxo tão contínuo que me perguntei se o seu pacote de lenços de papel ia ser suficiente para as limpar. – Devo ter entrado em choque, porque foi quase como se estivesse desligada de tudo aquilo, como se não estivesse a acontecer e eu fosse acordar a qualquer momento e descobrir que estava tudo bem. Faz algum sentido?

Assenti com a cabeça.

– Sim, claro.

– Quanto mais pensava no assunto, mais me parecia um desperdício daquele rapaz saudável e encantador. O Jamie teria querido ajudar outras pessoas, era um miúdo assim. Por isso, fui eu que fiz a sugestão, ofereci os órgãos para transplante e eles ficaram muito felizes por os aceitar.

– Depois arrependeu-se?

– Não logo a seguir, só depois de ter lido um artigo a respeito de um rapaz americano que tinha sido declarado em morte cerebral e então voltara à vida. Os pais preparavam-se para assinar os papéis da doação. Gritei e tornei a gritar quando li aquilo. Será que vocês estão a pensar como deve ser quando escrevem artigos daqueles? Têm noção do que eles fazem a mães como eu?

– Provavelmente não – admiti, impotente. – Lamento muito. Se houver alguma coisa que eu possa fazer... uma maneira de a ajudar...

– Há uma coisa, e é por isso que estou aqui. – Olhou-me nos olhos. – Gostaria de o ouvir, o coração do Jamie. Sonhei com ouvi-lo bater. Acha que pode ser? Não se importa?

Levei a mão ao peito e senti o bater abafado, regular, do meu coração.

– Agora?

– Trouxe um estetoscópio. O meu irmão é médico. Emprestou-mo.

Como podia eu recusar? O coração que batia dentro de mim, tão forte e regular, pareceu-me de repente mais dela do que meu. Em tempos tinha estado dentro dela, um pequeno pedaço do filho que deu à luz.

Assenti em concordância e a Grace pegou na mala e pôs-se de pé.

– Não será melhor irmos para a casa de banho?

Foi assim que dei por mim de pé, num triste cubículo num restaurante de hambúrgueres, enquanto uma mulher alta e magra, de olhos escuros, encostava um estetoscópio ao meu peito e escutava atentamente.

Foi muito mais embaraçoso do que comovente. Por uns segundos, ambas retivemos a respiração. Eu tinha consciência do ritmo firme do meu coração e imaginava como devia soar aos ouvidos dela, o suave e lento rufar de um tambor. Ficámos ali enquanto ela escutava e a multidão do almoço entrava e saía, as portas batiam, os autoclismos eram despejados e a água corria das torneiras. Por fim, ela deixou escapar um débil suspiro, afastou o estetoscópio do meu peito e, pela primeira vez desde que nos conhecíamos, esboçou um

sorriso.

– Obrigada... é como se o Jamie não parta completamente deste mundo, compreende, enquanto a Vivi for viva.

Houve outro momento complicado quando saímos juntas da casa de banho e nenhuma de nós sabia muito bem o que fazer a seguir: ficar mais um pouco à conversa, dizer adeus e ir cada qual para seu lado?

– Posso convidá-la para almoçar? – sugeri.

– Sim, porque não? – concordou ela. – Há séculos que não como no McDonald's.

Enquanto esperávamos na fila, fez-me perguntas sobre a minha vida. Estava a descrever o meu trabalho quando chegámos ao balcão e, sem pensar, fiz o pedido do costume.

– Dois *Big Macs*, por favor.

Voltei-me para a Grace e vi que estava a olhar para mim com uma expressão curiosa.

– Um nunca chega – disse-lhe, e, assumindo que estava a pensar que eu tinha mais olhos que barriga, acrescentei: – A verdade é que não são tão grandes como isso.

Ela arquejou.

– Era o que o meu Jamie costumava dizer. Dois *Big Macs*, era o que pedia sempre. E se eu dizia alguma coisa, respondia-me: Não são tão grandes como isso, mãe.

Não acreditei nem por um instante que houvesse qualquer coisa de significativo naquilo. Tinha lido artigos a respeito de pessoas que de repente passavam a gostar dos pratos preferidos dos doadores, ou dos desportos de que eles gostavam – até tinha escrito um par deles –, mas não acredito que ter o coração do Jamie me tenha modificado seja de que maneira for. Continuo a ser totalmente eu. De certeza que teria gostado deste género de comida se tivesse tido oportunidade de a provar. A Grace, no entanto, estava a olhar para mim, pasmada. Para ela, aquilo devia parecer muito mais do que uma coincidência.

– Quero o mesmo – declarou. – Dois *Big Macs*.

Sentámo-nos a outra mesa de plástico. Não estava com muito apetite, mas o cheiro quente e saboroso do hambúrguer quando abri a caixa foi o suficiente para me dar vontade de comer. Peguei-lhe com as duas mãos, dei-lhe uma boa dentada e então reparei que a Grace continuava a observar-me.

– Era assim que o Jamie os comia. Exatamente assim, a pegar-lhes com as duas mãos.

Pousei o hambúrguer e limpei os dedos a um guardanapo de papel. Aquilo começava a assustar-me.

– Se calhar porque é assim que toda a gente come um *Big Mac* – disse, no tom mais ligeiro de que fui capaz.

– Talvez haja outras conexões entre vocês os dois. – Havia uma nota de esperança na voz dela. – Quem sabe? É um coração, não é? Deve tê-la

mudado.

Sentia-a a observar-me, à espera de qualquer outra coisa que me ligasse ao filho falecido. Quando voltei a pegar no hambúrguer, foi só com uma mão. Limitei-me a mordiscá-lo e não me dei ao trabalho de desembulhar o segundo.

Depois, despedimo-nos no passeio, com um abraço desajeitado e a promessa de nos mantermos em contacto. Dei-lhe o meu número de telemóvel, mas mesmo assim, quando dei meia-volta e me afastei, tinha quase a certeza de que não tornaria a vê-la.

Não conhecia a Grace, naquela altura. Não fazia ideia de que ela não me tinha dito o que na verdade queria.

Não gosta de dizer adeus a Vivi Palmer. Quando estão as duas paradas no passeio, com pessoas a passar à volta, tenta prolongar a conversa e retê-la ainda um pouco mais.

Demorou tanto tempo a aceitar a morte do filho. Por vezes, Grace pensava que o entrevia sentado no sofá, pedia-lhe que baixasse o som da televisão, perguntava-se o que lhe agradaria para o jantar, via ou ouvia qualquer coisa que mal podia esperar para lhe contar. Cem vezes por dia lembrava-se com um sobressalto de que tudo tinha mudado. Então, um dia, tudo isso acabou e agora a sombra escura no sofá é sempre só uma almofada, já não tem de se preocupar com o jantar, quase nunca liga a televisão e habituou-se ao silêncio e à solidão.

Para ela, o desgosto é como um oceano; ora agitado, ora calmo, mas há sempre uma corrente contra a qual tem de lutar, e muitas vezes não se sente com forças para isso.

Se ao menos tivesse vestido outra camisa, uma com mangas mais compridas, porque tem vergonha das cicatrizes e não queria que a rapariga as visse. Fora o irmão quem a encontrara naquele dia. Como médico, conhecia os sinais e começara a aparecer de vez em quando, vindo de Didcot sem telefonar a avisar; e como tinha chave, podia entrar mesmo que ela não lhe abrisse a porta.

Grace sentia-se embaraçada por ele a ter encontrado naquela situação. E por ter desejado que surgisse qualquer coisa que o impedisse de fazer a viagem de vinte minutos. Mas agora, enquanto vê a rapariga magra, de cabelos escuros, dar meia-volta e afastar-se pela Kensington High Street, sente o lampejo de uma emoção que não experimenta há muito tempo. Não é exatamente esperança, e não é de certeza excitação, é antes um interesse em descobrir o que vai acontecer a seguir.

A caminho da paragem de autocarro para apanhar o número 27 de regresso a Paddington, cada passo que dá tem o ritmo regular do bater do coração que acaba de ouvir.

O coração é amor, não é? Isto significa que aquela jovem tem dentro de si um pedaço do seu amor. E logo agora, quando lhe parecia que já não restava nenhum.

A minha irmã vive muito perto de mim, geograficamente falando, mas a um mundo de distância em todos os outros aspetos. Tem uma casa elegante em Islington, numa dessas praças com um pequeno jardim no meio. Encheu-a com demasiado de tudo – livros, quadros, velhas cadeiras de couro, plantas envasadas e tapetes persas – e, desde que tem filhos, o espaço está sempre atravancado com projetos de artesanato inacabados e peúgas desirmanadas. A hora do vinho também começa cedo nos dias que correm. Havia uma garrafa aberta em cima da mesa da cozinha quando cheguei.

– Onde estarão as miúdas? – perguntei. As minhas sobrinhas são adoráveis mas barulhentas e a casa parecia estranhamente silenciosa.

– Estão lá em cima na nossa cama a ver televisão com uma embalagem grande de *Milkybar Buttons*. Decidi que vale a pena sacrificar os meus lençóis de algodão egípcio de mil e duzentos fios por alguns instantes de silêncio. Além disso, que estragos pode um pouco de chocolate branco fazer?

– Alimentá-las a açúcar hoje em dia não é quase considerado maus-tratos a crianças?

A Imogen não estava interessada.

– Vão nascer-lhes outros dentes a dada altura, não vão? – argumentou.

Era do encontro com a Grace que a minha irmã queria, na verdade, saber.

– O chocolate não vai mantê-las afastadas muito tempo, de modo que é melhor começas a falar – avisou enquanto servia um copo de vinho para si mesma e um de *Coca-Cola* para mim.

Quando lhe contei a história do estetoscópio, estremeceu.

– Céus, não achaste arrepiante?

– Não... suponho que foi estranho, mas ela estava tão profundamente triste que foi bom poder fazer qualquer coisa simpática.

– A sério? – perguntou a minha irmã, parecendo pouco convencida.

– Não foi nada de especial.

– Vais então escrever outro artigo? Entrevistá-la para o jornal?

– Não, ela está demasiado frágil, nunca tentaria convencê-la a fazê-lo.

– Não é do que esse teu namorado está à espera? O jeitoso em quem não se pode confiar?

Tinha levado o Dan a casa dela numa noite de sexta-feira para umas bebidas e a Imogen parecera ficar encantada, mas mais tarde declarara-o absolutamente inadequado.

– Não é meu namorado, e neste momento nem sequer é meu amigo – disse-lhe. – É só mais um dos meus erros.

A Imogen arqueou as sobrancelhas.

– Eu podia ter-te dito...

– Eu sei, eu sei.

– Posso então assumir que está acabado?

– Oh, sim, mesmo muito acabado.

Houve um barulho por cima das nossas cabeças, como de animais

pequenos mas sólidos a correr. Estrondearam pelo soalho do quarto e desceram dois lanços de escadas, martelaram o *parquet* do vestíbulo com tanta força que parecia impossível toda aquela algazarra ser feita por duas doces criancinhas.

– Aí vêm elas – avisou a Imogen.

Agarradas a mim, a gritarem o meu nome, a encherem-me de beijos húmidos e esborrados de chocolate branco: a Farah e a Darya, as duas criaturinhas que mais adoro em todo o mundo. Tinham apenas um ano de diferença na idade e pareciam tão iguais com os seus cabelos e olhos escuros e corpinhos rechonchudos.

– A tia Vivi fica para o jantar – disse-lhes a Imogen. – O que é que querem comer?

– Não tenho fome – respondeu a Farah, a instalar-se no meu colo.

– Mais *Milkybar Buttons* – exigiu a Darya, empurrando a irmã para arranjar lugar.

A Imogen encolheu os ombros. O mais provável era nem sequer ter comida no frigorífico, de qualquer modo. Da última vez que lá tinha jantado, servira massa cozida borrifada com *ketchup* e chamara-lhe *bolognese*.

– O chocolate branco é rico em cálcio; tenho a certeza de que é o que diz na embalagem – disse-me.

Sempre que vou lá a casa, tenho direito à hora do banho e histórias. A Imogen não quer saber de quanta água é entornada, e não há limite para o número de livros de histórias que me é permitido ler enquanto faço vozes patetas. Quem sabe aonde foi ela buscar o seu estilo parental, mas não foi de certeza à nossa mãe.

– Está bem, mandamos vir – anunciou, pegando no telefone e começando a passar a lista de contactos. – Que tal o Ottolenghi? Beringela assada com tomates picantes, montes de ervilhas e croquetes de hortelã, tempura e batata-doce. Oh, e o Hamid vai querer qualquer coisa suculenta... *kofta* de veado?

– Claro – concordei, grata por ela nunca me pedir para pagar a conta.

Quando acabei de aconchegar a roupa da cama às meninas, o Hamid estava em casa e a comida tinha chegado. A Imogen empurrara a tralha toda para uma ponta da mesa da cozinha e estava a amontoar embalagens de comida, garfos e toalhas de papel no espaço desimpedido.

– Não vale a pena sujar pratos – declarou, e o Hamid sorriu-lhe como se ela fosse uma espécie de deusa doméstica sem paralelo.

De um modo geral, acho o marido da Imogen intimidante. É mais velho do que nós e pode ser difícil perceber o que vê a minha irmã nele. Ela é toda dada à brincadeira, ao passo que o Hamid parece nem sequer saber o significado da palavra. É uma luminária no mundo do Direito, um especialista em imigração e direitos humanos, e tem aquele ar patricio severo. Mas adora a Imogen. Ela – e agora as meninas – estão no centro do seu mundo, e quando está perto delas, ele quase se leva a si mesmo um pouco menos a sério.

– Senta-te, come, bebe, desfruta – instruiu a Imogen enquanto servia

vinho de uma garrafa nova.

Sei que o Hamid me acha a irmã destrambelhada, a que está sempre a gastar demasiado e depois tem de pedir dinheiro emprestado para pagar a renda e não dá sinais de crescer e assentar. Mas tenta esconder estes sentimentos atrás de umas impecáveis boas maneiras.

– Então, Vivi – disse, a empalar uma almôndega de veado com o garfo. – Vejo que estás a pressionar o governo para alterar a lei do registo de doadores de órgãos.

– Hã... eu não, o jornal.

– Penso que é uma boa causa. Talvez esteja na altura de rever a Lei dos Tecidos Humanos.

A Imogen estava a mergulhar os croquetes quentes num recipiente de molho de *tahini* verde e a pingar a mesa toda.

– Conta ao Hamid o que aconteceu hoje – disse, entre dentadas. – Com aquela mulher esquisita e o estetoscópio.

– Ela não é esquisita – argumentei. – A sério que não.

O Hamid fez um ar solene quando descrevi o meu encontro com a Grace, a limpar os lábios com uma tira de toalha de papel e a dizer-me que tivesse cuidado.

– Há boas razões para as diretivas a respeito de contactos. As pessoas podem ter expectativas irrealistas.

– Não me parece que a Grace espere seja o que for de mim.

– Não podes ter a certeza disso – disse o Hamid, num tom cheio de razoabilidade. – A mim parece-me que, no fundo, achas que lhe deves qualquer coisa, de que até te sentes um pouco culpada por estares viva e o filho dela não. Estou certo?

Assenti, relutante.

– Sim, sinto um pouco isso.

– Compreendes então que estás vulnerável.

– Achas mesmo que sim? – A Imogen pareceu preocupada. – Com certeza não é provável que haja problemas.

– Esperemos que não, mas mesmo assim aconselhá-la-ia a não voltar a ver essa mulher.

A minha irmã sorriu.

– Quando foi que a Vivi aceitou algum dos teus conselhos?

*

Depois do jantar, o Hamid tinha uma videoconferência, ou coisa assim, de modo que foi para o escritório preparar-se enquanto eu ajudava a levantar a mesa. Uma vez que só era preciso guardar as embalagens com restos no frigorífico e lavar os garfos, não achei que fosse muito trabalhoso, mas mesmo assim a minha irmã parecia tensa.

– Estás preocupada com o que o Hamid disse – calculei.

– Um pouco – admitiu ela.

– Porquê? Sabes que eu não faria qualquer coisa que fosse

verdadeiramente estúpida.

– Essa mulher, a Grace, passou a estar mais ou menos ligada a nós, à nossa família, não foi? Falaste com o pai e a mãe, perguntaste-lhes o que achavam de te encontrares com ela?

– Ainda não.

Tinha estado a evitá-lo.

– Acho que devias.

– Hmm – disse eu, sem me comprometer, porque os nossos pais estão sempre preocupados, pelo menos no que me diz respeito, de modo que se tornou um hábito para mim censurar o que lhes digo.

– Vais mostrar-nos uma fotografia... do rapaz... do doador?

– O Jamie. – Recuperei o telemóvel do meio da confusão e, em cima da mesa, abri a página da Grace no Facebook e escolhi a primeira fotografia que tinha visto, aquela em que ele aparece despenteado e sorridente.

– Parece muito querido, não parece?

A minha irmã olhou para o ecrã.

– Pobre miúdo. Que idade tinha quando...?

– Dezasseis.

– Céus... e se fosse a Darya ou a Farah?

– Não vás por aí.

– Mas a sério, e se fosse? – Não conseguia livrar-se do pensamento. – Seria como se me arrancassem o coração, a dor nunca mais passaria, pois não? Pobre, pobre mulher.

Abracei a minha irmã, peito contra peito, coração contra coração, passei-lhe os braços à volta dos ombros.

– Estou contente por tê-la deixado ouvir com o estetoscópio – murmurei com a boca encostada aos seus cabelos negros brilhantes. – Apesar de ter sido um pouco estranho.

– Eu também.

*

Mais tarde, quando ia a pé para casa porque não era muito tarde e a Upper Street continuava cheia de gente, senti o telemóvel vibrar na mala e assumi que era a Imogen a perguntar se eu já tinha chegado. Mas afinal era uma mensagem escrita da Grace. Ainda mais tarde, no meu quarto minúsculo e atravancado, olhei para as palavras, a perguntar-me o que queria agora.

*

Vivi, por favor, posso voltar a vê-la? Preciso de uma coisa e é a única pessoa que me ocorre que talvez possa ajudar-me...

Era sábado de manhã e a Paddington Station cheirava a biscoitos quentes e café. As pessoas apressavam-se a comprar bilhetes e apanhar comboios, toda a gente com uma missão, a arrastar chapéus de chuva e gabardinas que pingavam porque lá fora chovia. À deriva no meio delas, eu nem tinha a certeza se devia ali estar. O que fora que me fizera concordar com voltar por um dia a Oxford para visitar a Grace na sua vivenda geminada na Cowley Road?

Embarquei no meu comboio, encontrei um lugar e peguei na revista e nos jornais que tinha comprado pelo caminho. O *Daily Post* estava gordo com os suplementos a cores de fim de semana. Ao folheá-lo descobri mais um cabeçalho a respeito da campanha a favor da Lei de Vivi. Era uma entrevista a uma mãe que tinha perdido o filho vitimado por um ataque de asma e doara o fígado, os rins, as córneas e a pele a recetores agradecidos. Poder salvar vidas e restituir a visão a alguém fora um grande consolo e tinha-lhe dado forças, afirmava. Aquela mulher era uma defensora apaixonada da doação de órgãos e muito mais sintonizada com a campanha do que a Grace, com todos os seus arrependimentos perturbadores.

Ainda chovia quando o comboio chegou a Oxford. No táxi a caminho de casa da Grace, tentei afastar a sensação de que talvez aquilo fosse um erro. Tudo o que planeava fazer era ouvir e descobrir o que queria ela, pois não conseguia sequer começar a adivinhar e estava demasiado curiosa para não ir.

A casa da Grace estava muito limpa e arrumada e cheia de fotografias do Jamie. Havia-as emolduradas nas paredes e espalhadas por cima dos móveis – lá estava ele em bebé e a começar a andar, no retrato da escola, com os amigos, a posar na bicicleta, toda uma galeria a mostrar cada fase da sua curta vida.

– Venha sentar-se – disse a Grace, levando-me para a sala de estar. – Uma chávena de chá?

– Obrigada, estou bem. Bebi uma na estação.

Mais fotografias do Jamie a decorar esta divisão. Quando me sentei na ponta do sofá, não havia lugar onde pudesse pôr os olhos sem ver a imagem da cara dele.

– Eu era uma mãe sozinha – disse a Grace. – Éramos só nós os dois, agora sou só eu. Quer ver o quarto dele?

– Talvez mais tarde.

Aceitou aquilo com um pequeno franzir de sobrolho. Pegou na moldura mais próxima, limpou o pó do vidro com a manga e olhou para a fotografia.

– Esta foi tirada quando ele jogava aos sábados de manhã num clube de futebol. Todas as semanas eu lá estava a aplaudi-lo, por mais frio que fizesse, nunca deixei de ir. Depois fomos almoçar, geralmente ao McDonald's, se fosse o Jamie a escolher... dois *Big Macs*, como a Vivi.

Assenti, sem saber muito bem o que dizer.

– Mas no fim traí-o, não foi? – continuou ela, ainda a olhar para a

fotografia. – Naquele dia, no hospital. Quando lhes disse que podiam dar pedaços dele a desconhecidos. Que género de mãe faz uma coisa dessas ao seu único filho?

– Mas se não o tivesse feito...

– A Vivi não estaria aqui e seriam os seus pais que estariam a sofrer. – Ergueu os olhos para encontrar os meus. – Sim, sei isso tudo.

– Não só os meus pais; deve ter sido igual para todos os outros recetores. Se não tivesse tomado aquela decisão, as coisas teriam sido diferentes para todos nós.

Ela pousou a fotografia e olhou em redor para todas as outras versões do Jamie a sorrir-nos.

– Em vez disso, sou só eu a sofrer.

– Disse que havia uma coisa que eu podia fazer para ajudar...

Voltou-me as costas e olhou pela janela para a rua movimentada e encharcada em chuva.

– Há uma coisa – disse, hesitante. – O Jamie ajudou cinco outras pessoas. Há alguém que vê o mundo através dos olhos dele, alguém que respira com os seus pulmões. Quero conhecê-los a todos.

– Porquê agora? – perguntei. – Porquê passados sete anos?

Ela voltou-se e saiu da sala sem uma palavra. Quando voltou, trazia uma carta que me estendeu.

– Encontrei isto não há muito tempo. Ele tinha ganhado uma bolsa de estudo e eu nem sequer sabia que se tinha candidatado. Ia fazer coisas espantosas com a vida dele, e então desapareceu. Por isso, agora tenho de saber que valeu a pena. Que a vida do Jamie não foi totalmente desperdiçada. Quero ter a certeza de que vocês estão a tirar o máximo partido da segunda oportunidade que tiveram graças a ele.

– E se conseguir encontrá-los a todos e ficar desapontada?

Encolheu os ombros.

– Ouvi o coração do Jamie e senti-me melhor durante algum tempo. Agora gostava de olhar para os olhos dele e ouvir a sua respiração e ver como é a pessoa que tem o fígado dele, e a que recebeu o rim, e a que recebeu o pâncreas.

Foi sentar-se ao meu lado no sofá. Tinha as faces coradas e de repente a sala pareceu-me sufocante. A recordar as palavras de aviso do Hamid, senti que devia argumentar com ela.

– O marido da minha irmã é advogado e não me parece que a aconselhasse a tentar procurar os outros recetores.

– Oh, não vou fazê-lo – interrompeu-me ela. – Não saberia por onde começar. Mas a Vivi é jornalista, deve ser boa a encontrar pessoas. É o que faz todos os dias, não é?

– Não exatamente.

– Vai ajudar-me, não vai?

– Não sei... lamento, Grace...

Foi então que ela insistiu em que eu fosse ver o quarto do Jamie. Era pequeno e sem nada de especial, alguns cartazes nas paredes, uma secretária a que tinha sido limpo o pó, roupas ainda penduradas no armário, uma mochila de escola vazia em cima da cama.

– As pessoas estão sempre a dizer-me que é mais do que tempo de me desembaraçar das coisas dele – disse Grace, em pé, ombro a ombro comigo no apertado espaço. – Mas mais ninguém precisa deste quarto.

Não havia fotografias do Jamie naquelas paredes, mas, mesmo assim, sentia-me mais perto dele ali, no lugar onde dormia todas as noites.

– O que acha que ele queria? O que lhe diria neste momento? – perguntei.

Ela inclinou-se para alisar a colcha da cama.

– O Jamie detestava ver-me triste, por isso acho que esperaria que me ajudasse.

Eu não tinha a certeza de saber como ou sequer por onde começar. Alguns dos veteranos do *Daily Post* costumavam falar de como era muito mais difícil descobrir pistas antes do aparecimento da Internet e das redes sociais. Achavam que nós, os mais novos, éramos moles porque no tempo deles passava tudo pela criação de redes, conhecer polícias, oficiais de diligências, advogados, cobradores de dívidas. Uma pessoa dependia da qualidade dos seus contactos, e, se tudo o resto falhasse, era mandada escavar nos registos eleitorais na biblioteca local. Todos os mais antigos já estavam reformados, ou tinham morrido, ou ido trabalhar para empresas de comunicações. Foi então que me ocorreu um pensamento inoportuno: ia precisar da ajuda do Dan para fazer aquilo.

– Vou pensar nisso. Está bem assim?

Estava desesperada por sair daquele quarto, daquela casa, de Oxford.

– Sim, suponho que sim. Mas antes de ir tenho de lhe dar todas as cartas.

– Deve ter reparado no meu ar de incompreensão. – As cartas de agradecimento, a sua e as dos outros recetores que se deram ao incómodo de escrever.

Tinha-as numa velha caixa de sapatos, guardada no armário do Jamie. A minha era a de cima, embora eu mal reconhecesse a letra cuidadosamente desenhada.

– Quer que eu as leve, de certeza?

– Vai precisar delas. São as únicas pistas que tenho. Oh, e este mandou uma fotografia. Não é grande coisa, pode ser qualquer pessoa.

Entregou-me a fotografia. Um homem, olhos azuis, cabelo curto, bastante bem-parecido, mas a Grace tinha razão, não era muito nítida.

– Respondeu a algum deles?

Ela abanou a cabeça.

– Durante muito tempo não tive cabeça para pensar nisso, e depois achei que era demasiado tarde e pensei que vocês não haviam de querer saber de mim, ocupados com as vossas vidas.

– Se contactar o Registo de Doadores, eles ainda devem poder reenviar cartas.

– Posso tentar, mas vai ser tudo anónimo, não vai? E eu quero conhecer essas pessoas, vê-las com os meus próprios olhos, falar com elas como deve ser, e para isso vou precisar da sua ajuda, seja como for. Por favor, pense nisso e diga-me qualquer coisa.

Peguei nas cartas e enfiiei-as nas páginas da revista que tinha na mala, para não ficarem muito amarradas.

– Direi – prometi.

*

No resto do fim de semana fiz as coisas do costume. Dei um grande passeio pela margem do Tamisa, preguiceei num café, levei as minhas sobrinhas ao parque e comi outra refeição confeccionada pela minha irmã via *takeaway*. Tagarelei com os meus pais pelo telefone e tive uma longa conversa com o Hamid a respeito de ética dos *media*. Não falei da minha visita a Oxford e evitei trazer à baila qualquer tema relacionado com a Grace, sabendo que se sentiriam tentados a dizer-me o que devia fazer.

Também sabia o que provavelmente diriam. Tem cuidado, tem cuidado; era o mantra que ouvira durante toda a minha vida e começava a dar comigo em doida. Ter cuidado ocupava uma grande parte do meu tempo, mas o meu coração dependia disso, de modo que fazia tudo o que os médicos me diziam e era o mais cuidadosa que se pode ser.

Aquilo, no entanto, era completamente diferente; não havia perigo de me fazer mal ao coração. E eu queria ajudar a Grace, saldar a minha dívida para com ela, fazer o que pudesse para atenuar a sua tristeza.

No domingo à noite, já tarde, procurei histórias de recetores que tinham conhecido as famílias dos doadores. Acontecia sobretudo na América e parecia ser uma coisa boa, um final feliz. Cheguei a uma decisão a ver no YouTube vídeos de encontros carregados de emoção.

Também eu estava agora curiosa a respeito daqueles desconhecidos ligados a mim por pequenos pedaços dos nossos corpos. Quem eram eles e o que tinham feito com a sua segunda oportunidade? Podia não saber ainda muito bem como ia fazer aquilo, mas ia tentar.

Na segunda-feira, logo de manhã cedo, estava sentada à minha secretária a procurar *online* grupos de apoio aos doadores e a fazer uma lista das opções que valia a pena explorar. Era uma lista muito pequena. Tinha as cartas da Grace e a fotografia na minha mala, mas tudo o que elas me diziam era que dois dos outros recetores tinham ficado tão agradecidos quanto eu.

O Dan apareceu meia hora mais tarde, com um copo de café descartável e qualquer coisa gordurosa num saco de papel. Fez alguns comentários bastante acerados acerca do pouco que eu tinha produzido na semana anterior e revirou os olhos quando eu lhe disse que as dores de barriga que inventara deviam ter prejudicado o meu rendimento.

– Trabalhei muito no fim de semana, para compensar. – Não queria falar-

lhe a respeito da Grace, mas precisava da ajuda dele e não estava muito confiante nas minhas probabilidades de encontrar qualquer dos outros recetores do Jamie sem ela. – Contactei com a mãe do meu doador.

Agora estava interessado.

– Falaste com ela?

– Na realidade, encontrei-me com ela.

– A sério? Bom trabalho, Vivi. – Pousou o café e deu uma dentada na sanduíche de *bacon* e ovo que tirou do saco de papel manchado de gordura. – Que disse ela? Aceita participar no artigo?

– Não me parece. Com todas essas mensagens que estás a mandar-lhe, sente-se pressionada.

– Certo. Quer isso dizer que até agora não tens nada? – perguntou ele com a boca cheia de comida.

– Só um par de cartas que ela recebeu há anos de outros recetores e a fotografia de um deles.

– A sério? – Os olhos dele brilharam. – Pó de ouro!

– Não sei muito bem até que ponto poderão ser úteis.

– Mostra. – O tom foi impaciente.

Procurei na mala e tirei de lá as folhas de papel e a foto tipo passe.

– Uma é do homem que ficou com o rim do Jamie e a outra da mulher que recebeu os pulmões – disse.

– Portanto, as córneas, o pâncreas e o fígado não entraram em contacto. Mal-educados.

– Acho que para algumas pessoas é demasiado difícil, demasiado emotivo, e não sabem o que dizer.

– Hmm. – Começou a passar os olhos pelas cartas e assentia com a cabeça, a murmurar entre dentes. – Bem, é interessante.

– O que é que é interessante?

– Esta, da Fiona, a mulher dos pulmões. Montes de orações e de graças a Deus, de modo que é uma beata, certo?

Aquela expressão não me caiu bem. Os meus pais frequentam a igreja e, embora eu não seja religiosa, irrita-me ouvir depreciar os que são.

– Quanto ao fulano do rim, o Tommy, é ferrenho dos triatlos – continuou o Dan. – Diz que espera poder voltar a competir, agora que deixou a diálise. Pergunto-me se terá conseguido.

– Muitas pessoas são religiosas ou desportistas – fiz notar. – Não é uma ajuda por aí além.

– Do que precisas é pôr-te *online* e começar a fazer ligações; talvez não seja tão difícil como pensas. – Enfiou o resto do pequeno-almoço na boca e bebeu um gole de café. – Ei, queres ir beber um copo mais logo? Talvez passar por minha casa esta noite?

Ergui os olhos para ele.

– Não, acho que não.

– Como queiras.

Não ia de certeza passar muito tempo antes que ele partisse para outra. Havia uma nova assistente editorial, uma rapariga fina cheia de *sex-appeal* e cabelos brilhantes; ou então talvez reatasse o romance intermitente com a redatora da secção social da revista de fim de semana. Disse a mim mesma que não queria saber.

– Faz pesquisa, está bem? E, Vivi – acrescentou quando chegou à sua secretária –, vê se há eventos especiais para atletas transplantados. Eu começaria por aí.

– Sim, obrigada, é o que vou fazer.

Como sempre, o Dan acertou em cheio. Não precisei de ficar muito tempo *online* para encontrar os Jogos da Dádiva da Vida, um acontecimento desportivo anual para recetores que queriam desfrutar da vida em pleno.

Com um entusiasmo discreto, verifiquei o *site*. O último evento decorreria em Manchester e, sim, tinha sido um triatlo. Um sujeito chamado Tommy Moran ganhara a medalha de ouro. Uma busca rápida do nome levou-me a um cabeçalho no *Liverpool Echo*.

23 de agosto de 2016

Doente renal triunfa

Triunfo na corrida para homem-milagre local

Por Ron Deakins

Um homem de Merseyside nadou, pedalou e correu para a vitória nos Jogos da Dádiva da Vida deste ano. Há seis anos, fazia diálise e a sua saúde corria perigo. Hoje, depois de um bem-sucedido transplante de rim, Tommy Moran, 34 anos, de Wallasey, voltou a competir como triatleta de elite.

«Faço isto porque posso e é graças ao meu doador», diz Tommy, que bateu o seu recorde pessoal no evento e promete continuar a praticar o desporto que adora. «Depois de um transplante de rim, nunca se sabe quanto tempo temos. Por isso, estou a tentar fazer com que cada momento conte.»

*

Na fotografia que acompanhava o artigo, Tommy Moran corria por uma rua da cidade. O seu corpo parecia musculoso e vestia um equipamento desportivo de licra brilhante. Era irreal, a ideia de eu partilhar qualquer coisa com aquele desconhecido.

Olhei com mais atenção para o rosto na imagem. Podia com facilidade ser o mesmo que me olhava da foto de passaporte em cima da minha secretária. A cor dos cabelos era a mesma, o queixo quadrado igual.

A primeira coisa que decidi foi não dizer nada à Grace, por enquanto. Sabendo como ela estava frágil, pareceu-me sensato encontrar-me primeiro com aquele homem, explicar a situação, ver como ele era e averiguar se tinha, de facto, recebido o rim do Jamie. Não que já tivesse encontrado o Tommy Moran. Parecia não ter conta no Facebook e não estar sequer no Instagram. Ao experimentar todos os outros caminhos possíveis, esbarrei em mais becos

sem saída.

– Alguma coisa? – perguntou o Dan, de regresso da reunião matinal das segundas-feiras.

– Nem por isso, mas vou continuar a procurar.

Dava-me jeito mais ajuda, mas não queria pedir-lha pela segunda vez. Em vez disso, comecei a procurar eventos desportivos na área onde o Tommy vivia. Ia haver uma meia-maratona em Liverpool e, se ele era assim tão empenhado, talvez se inscrevesse para participar. Mesmo assim, o mesmo fariam milhares de outros; encontrar um homem no meio de uma multidão não ia ser fácil.

O Dan apanhou-me a não conseguir disfarçar totalmente um bocejo.

– Esta história é maior do que nós, sabes, Vivi? – disse ele, com ar sério. – A *London Life* não a larga. Se não encontrares essas pessoas, alguém o fará, e poderá não as tratar tão bem.

É o género de coisa que os chefes de redação estão sempre a dizer, mas se fosse verdade? Detestava pensar num monte de jornalistas à porta da Grace, a aproveitar ao máximo o seu desgosto. A encontrar o Tommy Moran e a intrometer-se na vida dele. Se fosse eu, podia ao menos estar certa de que o faria com gentileza.

À minha volta, outros jornalistas martelavam os respetivos teclados, a produzir conteúdos para alimentar a fogueira que era o *site* do *Daily Post*, todos aqueles artigos diariamente, atualizações constantes e notícias, mas nunca era o suficiente. Se eu não escrevesse aquilo, quase de certeza um deles escreveria.

– A verdade é que encontrei uma pista – admiti. – Chama-se Tommy Moran e palpita-me que vai estar na meia-maratona de Liverpool. Apareço por lá e vejo se consigo descobri-lo?

– Pede acreditação como jornalista – sugeriu ele. – E uma lista dos participantes. Marca entrevistas para depois da prova, diz-lhes que estás interessada em alguém que tenha vencido todos os obstáculos para correr.

Devia ter sido eu a sair-me com aquela ideia. Talvez os veteranos tivessem razão e os jovens jornalistas como eu dependessem demasiado das redes sociais.

– Ei, bom trabalho. – Sorriu-me. – Agora já me deixas oferecer-te uma bebida? No Prince of Wales daqui a meia hora?

– Claro – disse eu, apesar de saber muito bem ao que a bebida com o Dan me ia levar.

*

No *pub*, fui recordada de como o Dan podia ser divertido. Bebeu cerveja de garrafa e eu um copo de vinho e ele fez-me rir. Naquela luz atenuada só reparava nas coisas boas, os cabelos louros que se encaracolavam sobre o colarinho da camisa e lhe caíam para a testa, os olhos suaves cor de avelã, o encanto do sorriso.

A minha irmã tinha razão: o Dan era totalmente inadequado. Nunca iria

dar-me uma casa encantadora e um futuro estável, nem seria o pai dos nossos adoráveis filhos. Mas que importava isso, se o mais provável era eu não poder ter qualquer dessas coisas, fosse como fosse?

Para quem se ponha a investigar as estatísticas da esperança de vida depois de um transplante de coração, os números constituem uma triste leitura. Isto não é uma cura, não estou completamente consertada, estou em recuperação. A maior parte dos transplantados de coração pode dar-se por muito feliz se conseguir quinze anos de tempo emprestado. E não há um momento em que a pessoa possa deixar de trabalhar para se manter viva.

Tudo o que sempre quis foi ser normal, e a realidade é que nunca poderei ser. Há sempre o risco de o meu corpo rejeitar este coração alheio, e é por isso que tenho de ser tão cuidadosa. O meu organismo está debilitado por causa dos medicamentos imunodepressores que tenho de tomar duas vezes por dia. O que significa que cheiro sempre a gel desinfetante e tenho de me manter afastada de pessoas doentes. Nem sequer é suposto comer *sushi*, para prevenir intoxicações alimentares. Depois há os comprimidos para combater os efeitos secundários dos outros comprimidos e todos exames médicos regulares para despistar sinais de rejeição, que podem surgir de um momento para o outro, sem qualquer razão aparente e sem quaisquer sintomas. Isto significa viver no fio da navalha, esperar e especular, com o medo sempre por perto. E também significa inquietações intrusivas da parte das outras pessoas que me amam, incluindo a minha irmã.

De um modo geral, a Imogen foi extraordinária durante a nossa infância e juventude. Nos dias em que a minha mãe fazia questão de me manter em casa – porque o tempo estava demasiado quente, ou demasiado frio, ou demasiado húmido, ou demasiado ventoso, ou só porque não estava a gostar da minha cor – ela, com o seu coração perfeitamente fiável, ficava em casa também. Pintávamos retratos uma da outra, víamos desenhos animados, líamos os mesmos livros juntas.

É por isso que agora somos tão chegadas. A nossa proximidade é daquelas que significam que gostamos de falar uma com a outra várias vezes por dia, mesmo quando não há nada de importante para dizer. Tem sido mais difícil, nestes últimos tempos, com as meninas a exigir a atenção dela, mas está sempre a enviar-me mensagens e emojis. E tenho a certeza de que se preocupa, ainda que na minha presença se mostre alegre e despreocupada.

Sentia-me mal por não lhe ter contado do meu encontro com a Grace nem ter referido que encontrara um rim do mesmo conjunto do meu coração. Nem sei quantas vezes peguei no telefone e mudei de ideias.

Não é que a Imogen não saiba guardar um segredo, mas genuinamente não vê qualquer razão para que o Hamid e os nossos pais não saibam de tudo. A privacidade pessoal não é o forte dela. O que não consegue compreender é que, muitas vezes, as pessoas são mais felizes se não souberem. Não terem nada com que se preocupar poupa-lhes uma série de inquietações desnecessárias.

Um transplante de coração é um milagre apenas temporário; continua a haver muita coisa que pode correr mal, e afeta a maneira como vivo a minha vida, as coisas que escolho fazer e as que escolho não fazer. Depois do meu, disseram-me que talvez fosse possível ter um bebé – desde que fosse cuidadosa, sempre cuidadosa, claro –, mas como podia eu ser mãe tendo tanta coisa suspensa sobre a minha cabeça, sabendo que a minha vida seria sempre curta? Além disso, podia passar a um filho a doença cardíaca que herdei do lado da família da minha mãe, e então como conseguiria suportar a culpa? Por isso, a Imogen estava a viver essa vida pelas duas. Tinha os filhos adoráveis e um marido com quem podia contar. Eu ia para a cama com homens inadequados.

O Dan era apenas a mais recente de uma longa linha de escolhas erradas. Nunca deixo as coisas tornarem-se sérias com nenhum deles; nem sequer escolho o género de homem que poderia querer algo sério. Mas quando o medo nos acorda e nos persegue à noite, quando levamos a mão ao peito e sentimos o lugar onde eles o racharam ao meio para arrancar de lá o nosso antigo coração doente, quando contamos o tempo emprestado e nos perguntamos quanto mais teremos pela frente, quando este pensamento faz o nosso coração novo bater mais depressa... ajuda ter alguém deitado ao nosso lado, um corpo quente contra o qual possamos aninhar-nos, o som de uma respiração, o bater de outro coração ao lado do nosso. É só isso.

Foi a razão pela qual concordei em ir beber um copo com o Dan e a razão por que disse também que sim quando ele sugeriu um caril no restaurante indiano ao virar da esquina da rua onde tem o apartamento. Enquanto comíamos frango *madras* picante e quiabos com molho de tamarindo, ele fez-me um discurso de motivação.

– És boa nisto, Vivi, tens um futuro brilhante pela frente. Olha só para a resposta a esta história. Até é possível que venha mesmo a acontecer, uma mudança da lei, e isso seria enorme para ti; trar-te-ia de verdade para o primeiro plano. Portanto, procura essas pessoas, os teus irmãos e irmãs recetores, e poderemos sacar daqui uma série de peças magníficas que vão chamar a atenção.

– Talvez – disse eu, porque era verdade que gostava de ser boa no meu trabalho, apesar de ter cada vez menos certeza de gostar de mim mesma por esse motivo.

– Tenho estado a pensar na beata com o problema de pulmões; tem de haver uma maneira de a encontrar. Os outros vão ser mais difíceis. É chato não terem enviado cartas. Essa Grace pode escrever-lhes, ou é demasiado tarde?

– Pode tentar. O Registo de Doadores há de ter os pormenores, mas não tenho a certeza de que farão seguir as cartas. E preciso de avançar com cuidado, porque ela ainda está muito fragilizada.

– Se eu tivesse uma conversa com ela, poderia ajudar?

– Não, absolutamente.

Não o queria sequer perto da Grace.

Ele sorriu-me por cima da borda do copo.

– Tens a certeza? Consigo ser muito persuasivo.

– Sim, sei tudo a esse respeito.

Enquanto caminhávamos em direção ao apartamento, passou-me o braço por cima dos ombros. Mal transpusemos a porta da frente, empurrou-me contra a parede, encostou o corpo ao meu e levou-nos para o quarto.

*

Em nenhum outro lugar a autoconfiança do Dan era mais evidente do que quando estávamos os dois na cama. Ele gostava de assumir o comando, despir-me depressa e marcar um ritmo urgente. Era quase um alívio deixá-lo moldar o meu corpo ao seu e esvaziar a mente de tudo exceto do prazer, pelo menos durante alguns momentos. Tudo o que eu sempre quisera fora ser normal e instantes como aquele eram o mais perto do normal a que podia chegar.

Depois, o corpo do Dan encaixou no meu e senti-o esfregar-me o nariz no pescoço.

– Portanto, agora estamos bem, tu e eu – disse ele. – Já não estás chateada comigo.

A minha resposta foi um murmúrio que a nada me comprometia.

– Isso é bom... porque eu gosto mesmo de ti, Vivi...

Gosta quando ela adormece primeiro, os cabelos finos espalhados pela almofada, os olhos fechados com força. Ouve a respiração tornar-se-lhe mais suave e mais lenta, e deixa ficar o braço dobrado por cima dela.

Vivi Palmer não é o tipo habitual de Dan, pelo menos não no aspeto: bonita, mas sem nada de especial. Teria talvez dificuldade em destacá-la numa linha de outras raparigas morenas e pequenas se não fosse a cicatriz, a comprida crista que tem gravada no peito e que normalmente fica escondida debaixo de *tops* de gola alta ou camisas abotoadas até acima. Dan ficou fascinado da primeira vez que a viu. Pensou que parecia quebrada e mal remendada. Ainda gosta de lhe tocar e pensar no que todos aqueles cirurgiões tinham feito ao corpo dela.

Gosta de a ter aqui. Vê-se a si mesmo com mais clareza através dos olhos das outras pessoas e tem a certeza de que Vivi o admira. A partir do momento em que ela chegou ao *Daily Post*, uma estagiária nervosa, começou a acarinhar o seu talento, porque ela podia ser boa, com um bom empurrão.

Ajudar Vivi a ser bem-sucedida tornou-se uma espécie de autogratisificação. Vê como por vezes se esforça por levar uma história tão longe quanto ela precisa de ir e dar aos leitores aquilo que querem. O jornalismo de tabloide é duro e nem toda a gente compreende como é empolgante, mas acha que Vivi sim. É boa a chegar perto das pessoas, a fazer-lhes as perguntas certas, a escutar de verdade as respostas e, melhor do que tudo o mais, é capaz de alinhar uma frase, que é onde muitos deles se vão abaixo.

Dan certificou-se de que ela tinha uma possibilidade de brilhar, deu-lhe algumas histórias com potencial e uma série de boas campanhas, mas acha que esta última é a melhor. A perspetiva pessoal é o grande trunfo. E a possibilidade de influenciar uma alteração da lei: bem, isso seria ótimo para as carreiras dos dois, e também para o jornal. A Lei de Vivi foi um golpe de génio: que mulher não gostaria de ter uma lei com o seu nome?

Vê-a quente e pequena deitada ao seu lado, vulnerável. Sabia que não ia ficar zangada muito tempo. Foi óbvio para toda a gente que ela ia escrever aquela primeira peça, e que ia fazer um trabalho decente. Depois de ele lhe ter dado um jeito, injetado mais emoção, eliminado alguns factos médicos, tinha ficado magnífica, capaz de transmitir a ideia de qual era a sensação de ter no peito o coração de um rapaz morto. Dan está muito orgulhoso do seu trabalho.

Vivi não é de facto o seu tipo, mas ele gosta da maneira como ela o faz sentir-se. Quanto melhor a conhece, mais sentido isto faz.

Antes de derivar para o sono, retira o braço e chega-se para mais longe, com a certeza de que de manhã ela se terá chegado para mais perto, a cabeça na almofada dele, o peito marcado contra as suas costas. Dan decidiu gostar dela; acha que foi uma das suas decisões mais inteligentes.

Havia bandeirolas a esvoaçar, música a sair de altifalantes, pessoas de todos os tamanhos e feitios usavam peitilhos com números e distendiam quadríceps e jarretes. Num dia fresco de primavera no Pier Head de Liverpool, era assim que a meia-maratona começava. Para lá das filas para as latrinas portáteis e dos participantes que sugavam géis energéticos, havia um larga faixa de rio e edifícios antigos, imponentes, alinhados ao longo da margem, mas os milhares ali reunidos estavam mais interessados na competição iminente e pairava no ar uma crescente nota de excitação.

Mostrei a minha credencial de jornalista a um homem que vestia um colete refletor e me deixou passar a barreira. Os organizadores tinham ficado agradados com o meu pedido de acreditação. Agora tinha acesso a todas as áreas e uma lista de potenciais entrevistados, pessoas que concorriam porque eram praticantes da modalidade, outras para angariar fundos destinados a obras de beneficência, um atleta cego e, sim, um transplantado de rim chamado Tommy Moran. Fora um golpe de sorte com que não estava a contar e, embora não estivesse a planear entrevistá-los a todos, estava equipada com o meu gravador digital e um bloco de notas.

Ainda era cedo e eu esperava encontrar algures um café decente assim que a corrida começasse. Era uma corrida de mais de 21 quilómetros, que os competidores principais não demorariam muito a percorrer, de modo que não tardaria assim tanto antes que tivesse de voltar à linha da meta.

Ao que parecia, Tommy Moran teria muito prazer em trocar algumas palavras depois do fim da prova. Uma tentativa de obter pormenores pessoais a respeito dele não me levava a parte nenhuma e ainda não tinha decidido muito bem como ia abordar aquilo quando estivéssemos cara a cara. O Dan fora todo a favor de completar a entrevista antes de lhe revelar a verdadeira razão porque ali estava; talvez achasse que, desse modo, as citações seriam mais fortes. Mas a mim parecia-me melhor ser totalmente honesta desde o início e esperar que o Tommy não ficasse tão surpreendido que me voltasse costas e se afastasse.

Ninguém se torna jornalista a menos que seja do género curioso. Os que são bons neste trabalho interessam-se verdadeiramente pelos pormenores das vidas das pessoas, façam elas o que fizerem e sejam elas quem forem. Eu teria querido ouvir o Tommy Moran mesmo que não houvesse a possibilidade de estarmos ambos vivos graças à morte de um adolescente. Por que razão corria, o que o movia, como o fazia sentir-se – teria tido toda uma lista de perguntas. Mas agora, por causa da pessoa que suspeitava que ele era, queria saber tudo.

Ao estridente apito de uma corneta, os corredores partiram. Procurei o rosto do Tommy entre o primeiro grupo, mas não descortinei ninguém que se parecesse com as fotos que tinha visto. Quando o último desapareceu, dirigi-me a uma banca de café e depois afastei-me da multidão e caminhei alguns metros ao longo da margem do rio, onde um *ferry* sulcava as águas cinzentas e agitadas. Quanto mais pensava naquilo, mais me perguntava se, bem vistas

as coisas, o Dan não teria razão. Avançar devagar com o Tommy talvez fosse a tática mais inteligente.

Os primeiros corredores começaram a reaparecer, o vencedor a erguer os braços ao passar por baixo da faixa de chegada. Louro e esgalgado, não era definitivamente o Tommy Moran. Nem os quinze seguintes, ou cerca disso. Então pareceu-me vê-lo, a correr com passadas poderosas sobre os paralelepípedos arredondados pelo uso, o corpo bem musculado, o cabelo escuro cortado curto, a sorrir ao cruzar a meta.

«E chegou neste instante Tommy Moran, que conseguiu o tempo muito competitivo de uma hora, trinta minutos e treze segundos», anunciou uma voz pelos altifalantes.

Enquanto a multidão aplaudia, vi-o seguir os outros corredores pela manga de chegada para ir entregar o peitilho, receber a sua medalha e recuperar forças com *Powerade* e bananas. Abri caminho por entre os espectadores e acabei por conseguir encontrá-lo do outro lado, sentado no chão, sozinho, a massajar os músculos das pernas e a mastigar uma barra de granola.

A minha primeira impressão foi de alguém muito masculino: queixo quadrado, barba bem aparada, olhos azuis e brilhantes e, num braço musculoso, uma elaborada tatuagem com flores, aves e folhas. Estava em excelente forma.

– Olá, sou a Vivi Palmer, do *Daily Post*. Parabéns. Parece que fez uma boa corrida.

– Não foi má. – A voz era baixa, com um marcado sotaque de Liverpool.
– Mas foi uma corrida fácil.

– A mim não me pareceu fácil.

Sorriu.

– Suponho que tudo é relativo.

– Gostava muito de conversar consigo a esse respeito. Estou a trabalhar numa peça sobre maratonas.

– Oh, sim, disseram-me que talvez um jornalista quisesse entrevistar-me.
– Deu uma última massagem aos músculos das pernas e pôs-se de pé. – O que é ao certo que quer saber?

– Gostava de ouvir a sua história. Mas não acha que seria melhor sairmos daqui? Encontrar um lugar mais sossegado.

– Sim, também preferia.

Deixámos as multidões para trás, caminhámos um pouco para lá do museu na direção de Albert Dock e sentámo-nos num banco voltado para o rio.

– Que género de artigo está a escrever? – perguntou o Tommy. – É sobre maratonas em geral?

– Procuro mais um ângulo de interesse humano sobre as pessoas que participam nelas – disse-lhe.

– E quer incluir-me por causa do transplante renal?

– Isso mesmo.

– Há muitos outros transplantados que participam em competições desportivas. Não sou excecional.

– Talvez, mas acho que não é uma coisa que toda a gente saiba. Os nossos leitores vão ficar interessados.

– OK, tudo bem – concordou. – Pergunte o que quiser.

Comecei com perguntas sobre a vida dele antes do transplante, quando os seus rins funcionavam como deve ser. Como muitos entrevistados, uma vez embalado, pareceu feliz por falar de si mesmo.

– Estava em boa forma e era saudável, muito forte. Por isso, foi um choque tão grande quando adoeci, porque julgava ser à prova de bala. Começou com uma dor de cabeça que não me largava. Toda a gente me dizia que devia ir ver o que se passava e, quando finalmente fui ao médico, aconteceu que a minha pressão arterial andava nos píncaros. Não demoraram muito a diagnosticar-me uma doença renal, glomeluronefrite, um nome tão estúpido.

– Os seus rins estavam a falhar?

– Basicamente, estava a morrer, e depressa. Então, de repente estou a fazer diálise e mal posso sair de casa, quanto mais correr uma maratona. Estava exausto, agoniado, com os pés inchados, o cérebro baralhado. Sentia-me uma merda, e isso foi difícil para todos os que me rodeavam. Várias pessoas ofereceram-me rins... amigos, família, até um colega de trabalho que eu mal conhecia... mas nenhum deles era suficientemente compatível, de modo que tive de esperar que alguém morresse.

– E, por fim, alguém morreu.

– Era um miúdo, a começar a vida, uma coisa horrível. Morreu num acidente de viação, foi o que me disseram. – Tinha estado a olhar para o rio, mas naquele momento baixou os olhos para o chão. – É por isso que corro. Nada de ficar sentado a sentir-me deprimido por causa de toda a merda que aconteceu. Puxo por mim, treino, tento ganhar, porque posso fazê-lo e aquele rapaz já não pode.

– Sim, compreendo – disse-lhe. – Além do mais, é bom para si, não é? Mantenha-se saudável e o seu rim durará mais tempo.

– Quero todos os minutos que puder ter. A ideia de voltar à diálise... Deus... – Semicerrou os olhos e abanou a cabeça. – Mas fazer triatlos e maratonas tem que ver com muito mais do que manter-me saudável. Estas corridas são assim como a minha única maneira de dizer obrigado àquele rapaz e à família.

– E se houvesse a possibilidade de dizer obrigado de outra maneira? Queria fazê-lo?

Olhou para mim.

– O que quer dizer com isso?

– Se pudesse conhecer a família do doador?

– Seria estranho, ao fim de tanto tempo, mas sim, queria fazê-lo. Mas não vai acontecer. Na altura escrevi uma carta, até mandei uma fotografia

quando me disseram que era permitido, mas não tive resposta.

– Pode ser que as coisas tenham mudado.

A expressão dele foi desconfiada, de modo que me apressei a acrescentar:

– Ouça, devo-lhe uma explicação.

Quando lhe falei do *Daily Post* e da campanha a favor da Lei de Vivi, a desconfiança desapareceu.

– Ah, então é daí que a conheço. Não me saía da cabeça que a sua cara me era familiar. Li aquele artigo que escreveu sobre o seu transplante de coração, na semana passada, gostei muito. Esperemos que faça a diferença.

– Temos tido um enorme *feedback* – disse-lhe. – E teve uma consequência inesperada. Contactei a família do meu doador pela primeira vez.

– Uau! E como foi?

– Oh, sabe como é, estranho e triste.

– E então, quem foi o seu doador?

– Bem, é por isso... que estou aqui. Pergunto-me se não terá sido o mesmo rapaz que lhe doou o rim.

Ele abriu muito os olhos.

– Está a brincar!

– Não tenho a certeza absoluta, claro, mas parece muito possível.

– Que diabo.

Dei-lhe alguns instantes para digerir aquilo e então comparámos notas, o que lhe tinha sido dito a respeito do seu doador, o que eu sabia sobre o meu. Agora mais convencida de ter razão, tirei da mala a carta e a fotografia que ele enviara à Grace tantos anos antes.

– É você, não é?

– Onde arranjou isso?

A desconfiança tinha voltado.

– O nosso doador chamava-se Jamie McGraw. Também tenho uma fotografia dele, no telemóvel. Quer vê-la?

Ao olhar para o ecrã, o Tommy pareceu atordoado.

– O que quer de mim, na verdade? Não está a escrever um artigo sobre maratonas, pois não?

– Não – admiti. – Mas não sou eu quem quer qualquer coisa, é a mãe do Jamie. Meteu na cabeça que tem de conhecer todos os recetores de órgãos do filho. O Tommy foi o primeiro que tentei procurar.

– Ela quer conhecer toda a gente que tem um pedaço do filho? – O tom foi calmo e não consegui perceber o que achava da ideia.

– Bem, sim, eu sei que parece um pouco arrepiante...

– Não, não parece – disse ele, pensativo. – Tenho dois filhos, consigo compreender. Nós somos tudo o que resta do rapaz dela, não somos?

– De certo modo, sim.

Então o Tommy olhou para mim, fitando-me intensamente, como se estivesse a ver-me como deve ser pela primeira vez.

– Há uma palavra para o que talvez sejamos? Correcetores? Irmãos de

doação? Agora temos um pouco do mesmo ADN, certo?

– Acho que sim... Mas isso importa? Continuamos a ser nós.

– Talvez... – Voltou a olhar para o rio. – Perdi montes de pessoas quando estive doente. A culpa foi minha, era um idiota chapado, não os censuro por não terem conseguido aturar-me.

– De que maneira era um idiota? – perguntei.

Encolheu os ombros, embaraçado.

– Quando pensamos que vamos morrer, deixamos de querer saber de uma série de coisas. Eu não queria saber das pessoas. Era uma porcária de marido, uma porcária de pai, uma porcária de amigo. A única coisa que importava era estar perto de um telefone para o caso de alguém telefonar a dizer que tinha um rim para mim. Então recebi o transplante e recuperei a saúde, o que pareceu um milagre. Mas a vida não voltou a ser como era dantes. As coisas tinham mudado... O meu casamento desfez-se, para começar...

– Deve ter sido duro.

– Sim. – Assentiu com a cabeça. – Por isso, compreendo por que razão aquela mãe quer conhecer-nos: é o que estou a tentar dizer.

– Também gostaria de as conhecer, todas essas pessoas que têm órgãos do nosso doador?

– Acho que sim.

Falei-lhe um pouco mais da Grace, de como o desgosto parecia ter-lhe avivado as arestas e a tinha desgastado. Descrevi a casa, a galeria de memórias fotográficas, tentei prepará-lo para a franqueza perturbadora dela.

– Quando nos encontramos?

– Vou ter de falar com ela sobre si... mas em breve, suponho.

– Está bem.

– Se for a Oxford, talvez o melhor seja encontrar-se com ela noutro sítio sem ser a casa. É um bocado avassalador.

– Não vai lá estar? – perguntou, com uma nota de ansiedade na voz.

– Se quiser.

– Por favor.

– Tire muitas fotografias para lhe mostrar – sugeri. – De si a competir em triatlos, da sua família, fale-lhe da sua vida.

– E os restantes, os outros corretores, vai continuar a procurá-los?

– É o que parece.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...?

Voltou à linha de chegada, comigo a tentar acompanhar-lhe as passadas rápidas e largas. Ainda havia corredores a chegar e a maior parte parecia em pior estado do que ele estivera: estendidos no chão, de cabeça apoiada nas mãos, os corpos quebrados pela exaustão.

– É difícil perceber porque é que alguém faz isto – disse-lhe.

– Nenhuma outra coisa nos faz sentir tão vivos. E começa a assumir o controlo: comer bem, treinar, dormir o suficiente, dá-nos estrutura.

No meu trabalho conhecemos montes de pessoas diferentes e habituamo-

nos a avaliá-las rapidamente. Perguntei-me se o Tommy seria um desses tipos intensos, apaixonados. Porque era essa a sensação que estava a ter. Os seus olhos eram de um azul surpreendente, e havia qualquer coisa na maneira como os fixava na minha cara quando eu falava, como se estivesse a prestar muita atenção para mais tarde poder remoer cada palavra.

– Ei, apetece-lhe comer qualquer coisa? – perguntou. – Oferecia-me para a levar a um café, mas preciso de mudar de roupa. Talvez pudéssemos ir para minha casa. Faço uma omeleta bastante decente.

– Obrigada, seria ótimo.

Estava curiosa para dar uma vista de olhos ao sítio onde ele vivia. A maior parte das pessoas gosta de refletir a sua personalidade na maneira como decora a casa e eu queria ver o que a do Tommy me diria acerca dele.

Um táxi levou-nos por um túnel que passava por baixo do rio e desembocava num bairro suburbano. Era mais frondoso e verde do que a cidade que tínhamos deixado para trás, mas nada que sugerisse riqueza. Passámos por uma fila de casas e várias lojas entaipadas e então o táxi parou diante de uma vivenda de paredes incrustadas de seixos com um relvado bem tratado e um tapete coçado a dar as boas-vindas na soleira da porta. O interior da casa era semelhante, usado mas limpo. Tommy parecia não ter muita mobília. Levou-me para a sala de estar, dominada por um sofá de veludo dourado, uma mesa de café baixa e um armário com portas de vidro.

– Importa-se que tome um duche rápido? – perguntou ele. – Esteja à vontade. Se quiser uma chávena de chá, ligo a chaleira.

– Estou bem, obrigada.

Fiquei contente com a oportunidade de fazer uma pequena exploração. Mal ouvi correr a água do duche, fui dar uma vista de olhos às outras divisões. Uma pequena cozinha com alguns pratos no escorredor, um quarto de hóspedes com duas camas de solteiro e uma caixa de brinquedos, o quarto do Tommy com uma grande cama de casal muito bem feita, uma sala de jantar que dava a impressão de nunca ser usada. De novo na sala, inspecionei o conteúdo da vitrina. Estava cheia de medalhas e troféus de corridas em que ele tinha participado.

– A casa é arrendada – disse o Tommy, ainda a secar a cabeça com uma toalha quando voltou. – Mudei-me para cá quando o meu casamento acabou e não me dei ao trabalho de alterar fosse o que fosse porque estou sempre a pensar que não vou ficar aqui muito tempo. Mas dá jeito, sabe? Fica perto dos meus miúdos, e não é longe do emprego.

– Em que é que trabalha?

Tinha-me esquecido de perguntar.

– Sou marceneiro, faço sobretudo cozinhas chiques. Tinha o meu negócio no Sul, mas isso acabou quando adoeci, de modo que voltei para cá e agora trabalho para um amigo.

O Tommy devia ter gozado anos como uma pessoa saudável, construíra um negócio, apaixonara-se, tivera uma família sem nunca suspeitar que os

seus rins iam falhar. Teria sido mais duro ou melhor do que a maneira como as coisas me tinham corrido a mim? Não tinha a certeza.

Mas era verdade que fazia uma omeleta espetacularmente boa. Montes de ovos temperados com pimenta e mexidos com a batedeira, espinafres salteados e salsa migada, tudo enrolado com um rápido movimento do pulso e posto num prato que tinha aquecido no forno.

Comemos sentados em bancos altos, diante da bancada da cozinha, e dessa vez foi ele quem fez as perguntas todas. Era uma coisa que me acontecia muito poucas vezes. Mesmo em situações sociais, costumava ser eu a ouvir as histórias dos outros, guardando silêncio a respeito da minha. Mas devia àquele sujeito alguns pormenores, de modo que o levei numa visita guiada pela minha vida – miúda doente, o milagre do transplante de coração, um futuro novinho em folha, etc.

– Por vezes é uma sensação estranha saber que temos um pedaço de um desconhecido dentro de nós – admitiu o Tommy quando acabei. – Não acha?

– Sim... mas não tão estranha como a sensação de estar morta.

Esta fê-lo rir.

– E o Jamie já tinha partido, não tinha? – continuei. – Não havia nada que alguém pudesse fazer para alterar isso. Por isso, o facto de eu ter o coração dele não faz diferença.

– Faz diferença para ela, a mãe – disse o Tommy, com uma ruga a cavar-se-lhe na testa. – Se assim não fosse, não quereria conhecer-nos.

– A Grace precisa de saber o que aconteceu a toda a gente, ver se estamos a singrar na vida e provar a si mesma que valeu a pena. O filho perdeu os seus sonhos e ela quer saber o que fizemos dos nossos, acho eu.

– É justo, devolveu-nos a vida.

– Mas é um pouco arriscado para ela, não é? – Aquilo era uma coisa em que tinha estado a pensar no comboio. – É natural que fique satisfeita consigo... tem filhos, está a manter-se saudável. A recetora dos pulmões parece ser religiosa, esperemos que isso signifique que é boa pessoa. Mas e os outros, os que receberam o fígado, o pâncreas e as córneas, se forem bebedores habituais ou fumadores inveterados, ou não forem boas pessoas, se a Grace achar que não merecem um pedaço do filho?

– Não pode fazer nada quanto a isso – respondeu o Tommy. – Só pode encontrá-los.

– Gostaria que também ela encontrasse um pouco de paz. Caso contrário, para que serve tudo isto?

– Pelo menos está a ajudá-la a ter uma possibilidade de encontrar essa paz.

Passou os pratos por água e enfiou-os na máquina. Lavou a frigideira da omeleta e passou a bancada a pano.

– Qual é o próximo passo? – perguntou-me enquanto procedia à meticulosa limpeza. – Está mesmo a pensar escrever um artigo sobre mim?

Fiz uma careta.

– É o que o meu chefe espera. Não vou de certeza envolver a Grace,

porque ela está demasiado frágil. E também preferia não me meter noutra história, para ser franca. Mas se nós os dois fizéssemos qualquer coisa juntos, poderia ajudar a desencantar os outros.

– Eu disse que faria o que pudesse para ajudar e estava a falar a sério.

Lá estava outra vez aquela intensidade, a seriedade da expressão, o brilho dos olhos.

Ao acompanhar-me à saída, inclinou-se para abrir o portão e eu detetei o cheiro a limpo da sua pele, com uma nota base de almíscar. Quando se despediu com um abraço, e me reteve por um instante, apanhou-me de surpresa.

– Até depois, então – disse.

– Sim, até breve – respondi, e enfiei-me no táxi que esperava.

*

No comboio a caminho de casa, tomei algumas notas e pensei no Tommy. Os meus instintos são bons; tinha saído com patifes suficientes para reconhecer um tipo às direitas quando o encontrava, e o Tommy era sem dúvida um deles. Tê-lo descoberto dera-me aquele entusiasmo que sinto quando estou a trabalhar numa história e sei que tenho entre mãos uma coisa mesmo boa.

A Grace ia gostar do Tommy; isso era o mais importante. Não conseguia deixar de recordar as cicatrizes que lhe marcavam os pulsos. Se fosse capaz de encontrar os suficientes de nós, poderíamos evitar que algo tão horrível voltasse a acontecer? Seríamos um tampão bastante entre ela e o seu desespero? Esperava que sim. Tínhamos a obrigação de tentar, por ela e pelo Jamie.

*

Tinha sido surpreendentemente fácil encontrar o Tommy e, animada pelo meu triunfo, esperava que todas as restantes peças encaixassem no lugar com a mesma facilidade. Mas depois daquela primeira vitória, não fiz mais progressos durante séculos. Passei dias e dias a rebuscar nos arquivos do jornal e a seguir o rasto a desconhecidos nas redes sociais. Afixei pedidos esperançosos em quadros de mensagens, fóruns e grupos de Facebook, e nada, nem sequer uma pista.

O Dan tinha descoberto um deputado disposto a apoiar publicamente a Lei de Vivi, de modo que a história continuava a ter pernas para andar. A Grace soube do Tommy e estava desejosa de o conhecer. No entanto, ambos queriam mais do que isso, e competia-me a mim consegui-lo.

Detestava desapontar as pessoas; é algo de que ninguém gosta, não é? Mas aquela busca estava também a tornar-se uma coisa pessoal. Tendo encontrado o Tommy, e tendo gostado dele, queria conhecer as outras pessoas que tinham aquela estranha ligação comigo. As vidas de todos nós tinham mudado no mesmo dia; estávamos a morrer devagar e então, de repente, já não estávamos, e tudo graças a um rapaz chamado Jamie. Sentia que já sabia muito a respeito daqueles desconhecidos.

Redobrei os meus esforços, enviei *emails* que nunca tinham resposta, tentei os canais oficiais só para ouvir o que já sabia. Os recetores podiam escrever cartas, os familiares e amigos também, as fotografias eram autorizadas desde que não mostrassem características identificadoras, podíamos contar à família do nosso doador o que tínhamos sofrido antes do transplante e como a nossa vida mudara, podíamos exprimir a nossa gratidão tanto quanto quiséssemos, mas tínhamos de permanecer anónimos.

Era frustrante estar constantemente a esbarrar nas mesmas paredes de tijolo. Até o Dan parecia ter ficado sem boas ideias para me dar. E sempre que ligava à Grace era para lhe dizer que não avançara nada. Ela mostrava-se compreensiva, agradecia-me por tentar e manifestava a esperança de que em breve tivesse sorte, mas eu sentia o seu desapontamento.

Quando me apareceu a Laura Bria, voltei a sentir-me empolgada. Encontrei-a pela primeira vez no Instagram, onde publicava fotos de si mesma com roupas desportivas e biquínis em que mostrava a cicatriz em forma de anzol que lhe marcava o abdómen superior e dizia aos seus seguidores: «*Amo o meu corpo, amo a minha cicatriz, é uma ferida de batalha, não há vergonha #transplantefigado.*»

Depois vi-a num vídeo do YouTube, a contradizer-se descaradamente ao partilhar dicas sobre maquilhagem para cobrir cicatrizes e sobre os seus produtos preferidos. Li um artigo dela numa revista feminina em que dizia montes de coisas sobre positivismo corporal e estilos de vida saudáveis e quase nada acerca de cancro do fígado ou do seu transplante. Nada disto me dava grande coisa com que trabalhar; mesmo assim, tinha a sensação de que era ela. Batia certo.

Enviei mensagens através das redes sociais na esperança de que as aceitasse. Disse-lhe que era jornalista e que suspeitava que tínhamos o mesmo doador. Estava a contar com uma resposta rápida porque os *influencers* das redes sociais não costumam ser tímidos, de modo que fiquei surpreendida pelo silêncio dela.

– Descobre a morada no registo eleitoral – disse-me o Dan. – Vai bater-lhe à porta.

Aparecer assim, sem mais nem menos, à porta de alguém nunca foi a minha parte preferida do trabalho. Alguns jornalistas adoravam – havia um que se vangloriava de ter estado na soleira de tantas portas que lhe chamavam a garrafa de leite –, mas a mim parecia-me má educação. Se pudesse evitá-lo, evitava.

– É bonita, não é? – O Dan estava a olhar para o perfil da Laura no Instagram. – Todo esse cabelo louro: haviam de ficar as duas ótimas em vídeo. Talvez pudesses mostrar também a tua cicatriz?

Sem me dar ao trabalho de responder, fui até ao registo eleitoral, fiquei a saber que a Laura Bria era eleitora e, como o seu sotaque sugeria, morava em South London. O apartamento dela ficava a pouca distância da estação de metro de Clapham South, numa fila de prédios um pouco recuados em relação

à rua. Fui até lá mesmo ao fim do dia, uma parte de mim a esperar que não estivesse em casa e fosse possível arranjar outra maneira menos intrusiva de estabelecer contacto.

A Laura não parecia tão bonita em pessoa, com os cabelos puxados para trás, a maquilhagem já gasta e a cara franzida em vez do deslumbrante sorriso-Instagram.

– O que é que quer? – perguntou. – Está a tentar vender-me qualquer coisa? Lamento, mas não estou interessada.

Quis fechar a porta, mas eu espalmei a mão contra a madeira e dei um passo em frente para a impedir.

– Não, espere, sou jornalista; tenho estado a tentar contactar consigo.

– Ah sim? – Parecia mais interessada. – De onde é?

– Chamo-me Vivi Palmer e trabalho para o *Daily Post*.

Estava a tentar entregar-lhe o meu cartão quando ela começou a rir.

– É isso, vi uma coisa mesmo esquisita vinda de si. Tem estado a enviar-me mensagens?

– Sim, porque fiz um transplante de coração e penso que talvez partilhemos um doador...

– Veio bater à porta errada – disse ela, num tom abrupto. – A minha doadora foi a minha mãe, e está viva.

Recuei um passo.

– Oh, estou a ver, peço desculpa, foi um engano...

– Se quiser fazer uma entrevista, procure-me daqui a uns meses. Estou a planear uma gama de óleos para curar cicatrizes, tudo natural e biológico. – Tirou-me o cartão de visita da mão. – Se calhar o melhor é ser eu a telefonar-lhe quando estiver pronta para fazer um pouco de publicidade?

– Certo – concordei, e dessa vez não a impedi de fechar-me a porta na cara.

Ao menos havia o Tommy. Tínhamo-nos mantido em contacto e ele estava disposto a ajudar-me. No ponto em que estávamos, a nossa única esperança de desencantar mais alguém era escrever um artigo e publicar um apelo. O plano era ele viajar para sul, fazermos umas fotografias juntos e aproveitar a oportunidade para lhe apresentar a Grace. Mas não estava a ser fácil para ele, escapar à família, roubar tempo ao trabalho e comprometer-se com uma data. Começava a recear ter avaliado mal o Tommy e que, na realidade, ele fosse um pouco inconstante, quando uma tarde recebi mais uma mensagem.

*

Ei, Vivi. Disseste que a recetora dos pulmões é religiosa. Tenho andado a pesquisar um pouco. Há um serviço de ação de graças para as famílias de recetores e doadores na Abadia de Westminster dentro de duas semanas. É possível que ela apareça.

*

Havia um *link* ao fundo da mensagem. Cliquei nele e entrei numa página cheia de pormenores a respeito de serviços especiais da Abadia de Westminster. A maior parte era para celebrar as vidas de sacerdotes, missionários e políticos, ou assinalar um aniversário, mas encontrei aquele a que o Tommy se referia. Não havia muito mais pormenores, apenas uma data e uma nota a dizer que as entradas eram gratuitas e mediante pedido.

Respondi-lhe no mesmo instante.

*

Ótimo, obrigada. Acho que descobriste qualquer coisa. Vou lá estar, de certeza.

*

Eu é que era a jornalista e devia ter sido eu a descobrir aquele serviço de ação de graças. Não que não tivesse tentado, mas, fosse pelo que fosse, escapara-me por completo. A imaginar o que o Dan diria se soubesse, uma sensação doentia de fracasso instalou-se em mim e enrolei-me em cima da cama. Sentia-me inútil. Quando o Tommy me contactou pelo FaceTime, quase não respondi.

– Olá, Vivi. – Estava sentado no sofá, com uma camisa de cambráia que lhe realçava o azul dos olhos, a segurar uma chávena de chá e a sorrir. – É bom ver-te.

– Também a ti. – E era verdade, era agradável ter a cara dele ali no ecrã, a olhar para a minha. – Foi um golpe de génio, descobrir o serviço de ação de graças. Como conseguiste?

– Sabia que faziam isso de vez em quando, porque fui convidado para um aqui; mas não me dei ao trabalho de ir porque não sou muito de religião, pelo menos desde que os meus pais deixaram de me obrigar a ir à catequese.

Sorri-lhe. Parecia ser mais uma coisa que tínhamos em comum.

– Como eu.

– Mesmo assim, este é um serviço religioso onde estarei de boa vontade – disse ele.

– Tencionas vir?

Estava surpreendida e agradada.

– Sim. Ia pedir três bilhetes, para o caso de a Grace querer juntar-se a nós. Pensei que seria um bom lugar para a conhecer.

Não me pareceu que fosse uma ideia brilhante. Um serviço de ação graças tinha tudo para ser uma coisa emotiva e a Grace, com as suas cicatrizes recentes e o seu desgosto em carne viva, talvez não se sentisse confortada. Mas o Tommy deu-me a volta, fazendo notar que aquele serviço se dirigia precisamente a pessoas como ela, e estando nós presentes, duas das pessoas que o filho salvara, seria extraespecial, mesmo que não encontrássemos nenhum dos outros recetores do Jamie.

O Tommy não conhecia a Grace. Tinham falado ao telefone, e trocado mensagens, mas nunca a olhara nos olhos, nunca vira toda aquela dor. Eu devia ter considerado isto, mas não considerei. Nem pensei nas doutorais

palavras de aviso do Hamid, nem nas diretivas ou em como estávamos a preparar-nos para as infringir. Era bom ter o Tommy do meu lado; era um alívio tão grande que expulsei tudo o mais da minha mente.

– Encontramo-nos na igreja, então – disse-lhe.

O que é que uma pessoa usa para ir a um serviço na Abadia de Westminster? Por mim, escolhi o preto básico, o uniforme que me leva a todo o lado. A Grace esforçou-se mais. Vestia um *blazer* creme, os cabelos compridos e lustrosos tratados com secador, base na cara e batom de brilho nos lábios.

Estava nervosa, de olhos muito abertos, quando nos encontrámos junto ao relvado de Parliament Square, com a abadia gótica a erguer-se a nosso lado e o Tommy prestes a aparecer a qualquer momento.

Ele tinha-lhe levado uma prenda. Pelo feitio pareceu-me um livro, e quando a Grace a guardou na mala, sem a desembulhar, vi que as mãos lhe tremiam.

– Mal consigo acreditar que estou aqui com os dois – admitiu. – Só gostava de poder dizer ao Jamie.

Tremia, à beira das lágrimas. O Tommy puxou-a para um abraço e ficaram os dois quietos e silenciosos, enquanto outras pessoas passavam por nós e entravam na abadia.

Eu começava a perguntar-me se devíamos mesmo estar ali, mas era demasiado tarde porque o Tommy sugeria que fôssemos para dentro e a Grace tinha passado o braço pelo dele e acompanhava-lhe o passo estugado, comigo a segui-los um pouco atrás.

A música de um órgão enchia o majestoso espaço, ecoava nos pilares de pedra e nos tetos altos. Detivemo-nos os três, avassalados por um instante, e então continuámos a atravessar o chão de mármore em busca de um lugar onde pudéssemos sentar-nos juntos, eu de um lado da Grace e o Tommy do outro.

As vozes do coro erguerem-se enquanto nos sentávamos. Era um salmo cantado e foi como se tudo o que sentíamos estivesse a ser expresso por aquelas vozes puras, perfeitas: tristeza, esperança, gratidão. Quando a Grace tirou da mala um maço de lenços de papel, aceitei um, pelo sim, pelo não.

A Grace murmurou qualquer coisa que não consegui ouvir, de modo que me cheguei para mais perto.

– Desculpe?

– Acha mesmo que ela está cá, a mulher que tem os pulmões do Jamie? Não sei como podemos saber.

– Eu também não. Lamento. Acho que vamos ter de esperar para ver, e entretanto tentar apreciar a cerimónia.

Não havia maneira de saber se as pessoas que nos rodeavam eram família de doadores ou recetores. Havia uma grande mistura de idades e etnias, a maior parte a ouvir o coro, alguns a mexerem-se desconfortáveis nos bancos. Estudei-lhes os rostos, a perguntar-me se alguma delas era um dos recetores do Jamie e reparei que o Tommy estava a fazer o mesmo.

Ouvimos uma série de discursos. Um oficiante falou a respeito de sacrifício e de fé, e então alguns dos presentes partilharam as suas histórias,

fazendo-se eco uns dos outros enquanto exprimiam profunda tristeza ou enorme gratidão. Uma mulher disse-nos como o seu coração começara a falhar quando estava grávida do segundo filho e como, com um coração novo, todos os dias eram dias bons. Um homem agradeceu ao anjo anónimo que lhe dera um rim. Uma mãe contou a história do transplante de rim de um filho doente e de como ele estava agora cheio de energia e alegria. Olhei para a Grace e vi as lágrimas correrem-lhe pela cara.

Foi um alívio quando o coro começou a cantar. Não tinha a certeza de conseguir suportar ouvir histórias de entes queridos que tinham morrido, de vidas que tinham sido salvas e sentir a mistura de desgosto e alegria que emanava de todos aqueles desconhecidos.

Quando era pequena, a igreja era um lugar aonde podia ter a certeza de que a minha mãe me deixaria ir. Há qualquer coisa que nos afeta quando estamos numa igreja; luz filtrada pelos vitrais, grãos de pó no ar, pedra antiga e madeira polida, música e orações; o cheiro dos livros de cânticos; é uma língua que compreendo. Normalmente, acho muito calmante, mas naquele momento parecia-me tudo demasiado.

Havia uma leitura para ser feita, claro; há sempre. A mulher que a leu era muito magra e já bem passada da meia-idade. Tinha cabelos grisalhos puxados para trás e usava um vestido preto liso, muito simples, com um colar de pérolas ao pescoço.

A voz tremeu-lhe, nervosa, quando se apresentou.

– Chamo-me Fiona e há sete anos recebi pulmões novos de um jovem que tinha morrido num acidente de viação. Estou grata por cada instante de vida que ele me deu.

A Grace agarrou-me a mão.

– Acha que é ela? – perguntou, entusiasmada.

– Não tenho a certeza – respondi, cautelosa para não lhe dar demasiadas esperanças.

– Há sete anos, e foi um jovem, um acidente de viação. – Apertou-me a mão com força. – É ela, tenho a certeza.

A mulher começou a ler, as faces ruborizadas, a voz ainda trémula; todos os olhos postos no seu rosto. Reconheci o versículo com que ela iniciou a leitura:

*

Há um tempo para todas as coisas, e uma estação para todas as atividades debaixo do céu: um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para plantar e um tempo para arrancar o que se plantou, um tempo para matar e um tempo para curar, um tempo para destruir e um tempo para edificar, um tempo para chorar e um tempo para rir, um tempo para lamentar e um tempo para dançar...

*

– Temos de falar com ela – disse a Grace, num murmúrio alto.

– Depois do serviço, não há pressa – respondi.

Ela assentiu em concordância, mas continuou agarrada a mim, com a mão a irradiar calor e a pressão dos dedos a revelar o seu nível de tensão.

Então, o oficiante convidou todos os recetores presentes a aproximar-se e acender uma vela. O Tommy olhou para mim, mas eu abanei a cabeça. Não ia mostrar-me em frente de ninguém.

Fiquei no meu lugar e vi-o percorrer a coxia com aquele seu passo longo e elástico como o de uma pantera, entrar na fila e esperar pela sua vez, a destacar-se de todos os outros. Pouco depois, havia filas de velas a tremeluzir e pessoas de rosto sério de pé na luz suave a rezar silenciosas orações de graças; reparei na Fiona no meio delas.

A seguir, foi a vez de os familiares dos doadores serem convidados. Avançaram mais devagar pela coxia, alguns a precisar de encorajamento antes de se levantarem, um homem a apoiar a esposa que lutava para conter as lágrimas. A Grace surpreendeu-me ao levantar-se também. Seguiu os outros familiares e a cada um foi dada uma prenda, uma pequena camélia envolta em papel de seda e atada com uma fita.

Quando voltaram aos respetivos lugares, as folhas verdes e brilhantes distinguiam-nos: eram os que choravam a perda de uma vida.

O oficiante encerrou o serviço com uma bênção:

– Ide com uma paixão por viver e amar; com humildade para aprender, com ternura para compreender, com força para suportar, com confiança para acreditar.

A Grace agarrava-se à sua camélia; tinha os olhos fixos na Fiona, que se sentava agora do outro lado da coxia, a mexer nas pérolas com dedos nervosos, ao que parecia sozinha; sem um marido, filho ou amiga a seu lado.

– Tem um ar elegante – comentou a Grace.

O vestido liso da Fiona tinha um corte impecável, as pérolas eram lustrosas.

– Sim, tem – concordei.

– Cada vez que respira é graças ao meu Jamie – disse a Grace, num tom maravilhado. – Este ar está a encher os pulmões dele.

A Fiona estava a pegar na mala, a pôr-se de pé, a preparar-se para sair. Senti a Grace ficar rígida a meu lado.

– Esta é a nossa oportunidade, devíamos ir falar com ela – disse o Tommy.

– Tens a certeza? – perguntei. – Será o momento certo?

– Claro que é. Se quiseres, vou eu primeiro trocar uma palavra. Antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, o Tommy pôs-se de pé e avançou, todo ele graça animal, cada passo uma explosão de energia.

Estava a observar a Fiona quando ele se aproximou e vi as emoções refletidas no rosto dela. Primeiro surpresa delicada, depois confusão quando o Tommy começou a falar, um arredondar dos olhos, um descair do queixo, uma mão apertada contra o peito e a outra a subir para tapar metade da cara.

Esprei que ele estivesse a ser gentil; tinha a certeza de que estava.

Quando começaram a andar em direção a nós, fiz à Fiona um sorriso encorajador. Era parecida com todas as amigas que a minha mãe me tinha apresentado. Mulheres bem vestidas, bem falantes, cujas vidas giravam à volta da igreja e de obras de caridade, visitas à cidade para fazer compras, longos almoços e festivais literários. Foi assim que a classifiquei; parecia encaixar perfeitamente no género.

Estava a dizer qualquer coisa ao Tommy, e fosse o que fosse parecia preocupá-lo. Ele tocou-lhe no braço, e apesar de ela não o ter afastado, notei que a sua postura se tornava um pouco mais rígida. Ele começou a falar e os olhos da Fiona estavam fixos no seu rosto, atraídos pelo brilho azul. Estaria a convencê-la de qualquer coisa? Era o que parecia.

A Fiona estava a assentir. Sacudi uns grãos de pó do vestido, ajeitou as pérolas, alisou os cabelos e voltou a assentir. Recomeçou a avançar para nós, atrás do Tommy.

– Vá – disse eu à Grace. – Fale com ela.

– Não quer conhecê-la?

– Não há pressa. Posso esperar. E não queremos avassalá-la.

A Grace assentiu, a morder num gesto nervoso a unha do polegar, como se não tivesse muito a certeza.

– Está bem, se acha que é o melhor.

Quando chegou junto deles, o Tommy passou-lhe um braço pelos ombros. Vi-o apresentá-la à Fiona e houve um momento de constrangimento, uma espécie de impasse silencioso antes de as duas começarem a falar. Eu estava demasiado longe para ouvir o que diziam, mas a Fiona sorria e, apesar de a Grace estar de costas para mim, não havia nada na sua postura que indicasse uma tensão especial.

Reparei que o Tommy se afastava para lhes dar espaço. Esperou alguns instantes antes de vir pôr-se a meu lado.

– Merda, foi difícil – disse em voz baixa.

– Que aconteceu?

– Ao princípio estava bem, mas quando lhe disse que a Grace estava aqui, assustou-se um pouco. Então pareceu recompor-se. E olha para elas agora, a conversar como duas velhas amigas.

Não era bem assim que eu descreveria a cena. A Grace tinha um lenço de papel na mão e limpava a cara com ele quanto ouvia a Fiona falar. Então reparei que os seus ombros começavam a estremecer e percebi que estava a soluçar. O som chegou até mim, primevo e terrível, a Grace a chorar e a arquejar. A Fiona parecia preocupada. Voltou a levar a mão à boca e olhou em redor, como que a pedir ajuda.

Apareceram duas mulheres. Havia nelas qualquer coisa de enérgico e eficiente. Depois de uma rápida troca de palavras, uma agarrou um braço da Grace e encaminhou-a para junto de nós, enquanto a outra se afastava com a Fiona.

Eram enfermeiras, trabalhavam numa unidade de transplantes e conheciam de uma ponta à outra as regras sobre contactos. Não o disseram expressamente, mas deixaram bem claro que tínhamos cometido um erro. Entretanto, a Fiona desaparecera e a Grace continuava perturbada.

– Só queria falar com ela – disse. – Penso que tem os pulmões do meu filho.

– A iniciativa de promover um encontro deve partir do recetor. – A enfermeira estava a falar num tom severo com o Tommy como se, sendo o homem, devesse ter controlado a situação. – Acontecem muito raramente, e antes de ser organizada uma visita há cartas, talvez um telefonema, as pessoas têm tempo para se prepararem e pensarem muito bem em tudo.

– Ela está viva porque o meu Jamie morreu – disse a Grace, uma sombra de tristeza a velar-lhe o rosto.

– Havemos de voltar a encontrá-la – prometi.

Uma das enfermeiras lançou-me um olhar duro.

– As regras foram criadas para proteger as pessoas.

– Talvez não compreenda, mas tenho tantas saudades dele – disse a Grace. – Tenho saudades de ouvir a voz dele quando chega a casa depois da escola e entra porta adentro a perguntar o que é o jantar. Tenho saudades do cheiro do cabelo dele quando me abraça. Tenho saudades dele e dos amigos a ver futebol na televisão espalhados pela minha sala, e a pôr a música demasiado alta, e do som do seu riso. O que há de tão errado em eu querer conhecer as pessoas que ele ajudou? Porque é que precisamos de proteção?

O Tommy passou-lhe um braço pelos ombros e eu vi como ela inclinava a cabeça para o seu peito e esperei que a força dele a tranquilizasse.

Era tempo de sairmos dali. Sorri às duas enfermeiras e murmurei delicadas palavras de agradecimento.

– Foi um serviço muito bonito, e foram ambas muito amáveis ao virem ajudar-nos, mas penso que é melhor irmos andando.

Com a Grace entre os dois, eu e o Tommy passámos pelas poucas pessoas que ainda ali estavam e deviam ter assistido à cena e saímos da abadia. Duas ou três olharam, mas ninguém nos deteve nem tentou dizer qualquer coisa.

– Bem, correu mal – disse o Tommy. – Peço desculpa, devia ter-te dado ouvidos; não foi a altura certa.

– O que foi que ela lhe disse que a perturbou tanto? – perguntei à Grace.

– Nada de horrível, a culpa não foi dela: fui eu, sempre a pensar no Jamie e estar aqui rodeada por todos vocês, sabendo que de certa maneira ele está aqui connosco... mas, na verdade, não está.

– Céus, peço desculpa, não devíamos tê-la trazido aqui, foi uma insensibilidade. – O Tommy deteve-se à porta da abadia e olhou para a cara da Grace. – A culpa foi minha, não me apercebi de como seria para si.

– Eu queria vir – insistiu a Grace. – Palavra que sim. Foi uma cerimónia muito bonita e gostei de ouvir aquelas pessoas falar. Foi... foi quase como voltar a respirar o mesmo ar que ele...

O Tommy apertou-lhe os ombros com mais força. Quando saímos da abadia, vimos a Fiona. Estava em Parliament Square, um pouco mais adiante, junto da estátua da sufragista Millicent Garrett Fawcett.

– Fiquem aqui – disse eu aos outros. – Não vão a lado nenhum.

A Fiona viu-me aproximar. Parecia mais velha à luz clara da tarde, uma mulher franzina com um vestido preto e uma *pashmina* pelos ombros. A sorrir enquanto me aproximava, estendi a mão para apertar a dela.

– Chamo-me Vivi Palmer.

– Fiona Lambert.

Até a voz era parecida com a da minha mãe, rica e culta.

– Fizemos uma baralhada de tudo isto, Fiona. Peço desculpa.

– A culpa foi toda minha. Não estava preparada e só disse coisas que não devia e perturbei-a. Como posso corrigir o meu erro?

Olhou para onde o Tommy e a Grace estavam, na sombra da abadia e a olhar para nós.

– Talvez fosse melhor ir devagar – sugeri. – É o que toda a gente aconselha. Começar com um *email*, ou uma carta.

– Só não quero voltar a perturbá-la.

– A Grace é... bem, é... Ouça, podemos encontrar-nos as duas noutra ocasião? Se o filho dela foi, de facto, o seu doador, há certas coisas que precisa de saber.

Dei-lhe o meu cartão de visita e vi a desconfiança perpassar-lhe pelo rosto.

– É jornalista. Oh, o *Daily Post*... Acho que nunca o li.

– Tenho um envolvimento pessoal neste assunto. Não estou aqui para escrever quaisquer artigos – prometi.

– É amiga dela?

– De certa maneira, sim.

– Estava a tentar agradecer-lhe. – Voltou a olhar na direção da Grace. – Queria que ela soubesse como me sinto abençoada, mas quando lhe disse que falo com o meu doador todos os dias e como agradeço a dádiva que ele me deu, ela começou a chorar e... parecia inconsolável.

A Fiona aconchegou melhor a *pashmina* à volta dos ombros. Olhou para a estátua da sufragista que empunhava um pendão com as palavras «A coragem chama a coragem em todo o lado». Parecia mais tensa e ansiosa do que nunca.

– Sim – disse –, vou mandar um postal, será o melhor, não lhe parece? Lamento muito.

– Um postal seria perfeito.

Ela recuou alguns passos e tornou a dizer que lamentava muito.

– Gostaria muito de ter uma oportunidade para lhe agradecer como deve ser, mas preciso de um pouco de tempo. Por favor, diga-lhe que entrarei em contacto. Espero que ela compreenda.

Fiquei a vê-la afastar-se, uma figura frágil que avançava com passos curtos e lentos até que se confundiu com a multidão de turistas e a perdi de vista. Tinha guardado o meu cartão de visita na mala e perguntei-me quanto

tempo iria ali ficar junto dos batons, das chaves, do telemóvel ou fosse o que fosse que ela carregava consigo.

– Deixou-a ir – disse a Grace, e parecia desapontada.

– Sim, lamento. – Também eu estava desapontada. – Mas disse que ia entrar em contacto consigo. Tenho a certeza de que terá notícias, quando ela se sentir preparada.

A Grace continuava a olhar na direção para onde a Fiona tinha desaparecido.

– Parece ser simpática, não parece? Bastante idosa... sempre imaginei que, sendo o Jamie tão novo, iriam dar os seus órgãos a outras pessoas jovens. Espero que ela me contacte.

– Também eu – disse o Tommy. – Mas ainda nos tem a nós.

Tinha bilhete para o comboio da noite de regresso a Liverpool e a ideia sempre fora ele e a Grace estarem algum tempo juntos depois da cerimónia. Quaisquer esperanças que eu tivesse de passar o resto do dia com as minhas sobrinhas desvaneceram-se quando ao voltar-se para mim, os olhos azuis a prenderem os meus e a tornarem-se maiores, o Tommy deixou claro que queria que eu ficasse.

– E se fôssemos comer qualquer coisa juntos? – sugeriu.

– Sim, boa ideia – concordou a Grace, mais animada.

– Aonde lhes apetece ir?

– Ao McDonald's? – sugeriu a Grace.

O Tommy pareceu chocado.

– Está a brincar, não está? Não acredito que coma aquela porcaria?

– Eu como, de vez em quando – admiti, um tudo-nada envergonhada.

– É o preferido da Vivi – interveio a Grace. – E também era o do Jamie.

Sentia-me exaurida depois de todas as emoções sentidas na igreja, para não falar da cena desconfortável que ocorrera depois, e não estava capaz de comer outro *Big Mac* diante da Grace, com os olhos a perfurarem-me como verrumas enquanto procurava sinais do filho falecido na maneira como eu atacava o hambúrguer.

– Que tal a Pizza Express, para variar? – propus.

A Grace inspirou por entre dentes.

– Era o outro preferido do Jamie. Costumávamos partilhar uma American Hot.

– Bem, vamos lá então comer uma. – O Tommy enfiou o braço no da Grace. – Gostava de saber mais a respeito dele.

– Era um miúdo maravilhoso. – A Grace não precisou de mais encorajamento. – Adorava desporto; ia de certeza querer fazer maratonas e triatlos, como o Tommy.

Mais uma vez, pensei que era bom tê-lo do meu lado, mais alguém para tomar conta da Grace, para ajudar a compor as coisas. A responsabilidade já não era só minha; agora éramos dois. E, depois de a Fiona ter tido tempo para reconsiderar, esperava muito que em breve fôssemos três.

Não tem ninguém a quem contar. Fiona está habituada, porque é assim que as coisas têm sido nos últimos tempos. Houve uma altura em que a mãe e o irmão mais velho teriam sido os seus ouvintes, mas infelizmente ambos tinham já partido. E durante todos aqueles anos a cuidar de outras pessoas e estar ela própria doente, muitos amigos afastaram-se. A culpa não foi deles; tinham famílias, empregos, vidas atarefadas, os seus próprios problemas. Nunca gostou de os incomodar. Conseguiu desenvencilhar-se sozinha.

Ainda bem que decidiu levar a *pashmina*, pensa enquanto abre, a tiritar um pouco, a porta do edifício alto onde tem o seu pequeno apartamento. Sobe a escada devagar, apoiada ao corrimão, a fazer mais do que uma pausa para descansar.

É bom transpor a porta e entrar em casa. Liga a chaleira, faz chá. Tira a *pashmina* dos ombros e dobra-a no espaldar de uma cadeira. Tira o colar de pérolas e pousa-o em cima da mesa, ao lado do telefone que já quase nunca toca. Fiona tem pessoas: antigas colegas, amigas com quem troca algumas palavras nos lugares onde trabalha como voluntária, mas nunca ninguém lhe liga para uma conversa a sério.

A vida é preenchida, e Fiona é feliz. Há livros para ler e concertos para ir e documentários que quer ver. Acorda todas as manhãs com um plano e nunca se aborrece. Mas sentada na cozinha, a bebericar chá, a recuperar o fôlego depois dos acontecimentos inesperados do dia, está um pouco abalada. Seria simpático ter alguém com quem falar.

Todos os anos vai ao serviço na Abadia de Westminster, anseia-o como uma oportunidade para agradecer do fundo do coração ao rapaz que lhe salvou a vida. Esta foi a primeira vez que aceitou dizer algumas palavras. Estar ali de pé em frente de todas aquelas filas de bancos cheias de desconhecidos foi assustador, mas Fiona fez o melhor que pôde e, quando a voz parou de lhe tremer, até nem correu muito mal.

Então veio o homem, de olhos cravados nos dela e a falar com um forte sotaque nortenho. Enquanto tentava perceber o que ele dizia, viu a mulher, muito alta e terrivelmente triste, e a cena perturbadora logo a seguir, no meio daquilo tudo.

Põe-se de pé com esforço, fecha as cortinas, acende as luzes, faz uma torrada e barra-a com mel. São coisas que faz todas as noites. Nesse dia, porém, está mais cansada do que é costume, e ansiosa. Tem saudades das pessoas a quem costumava contar coisas.

Come a torrada, limpa as migalhas, põe o prato e a chávena de chá na máquina de lavar. Então encosta-se à bancada da cozinha, baixa a cara, esconde-a nas mãos e respira o mais profundamente que é capaz. Há uma pessoa com quem ainda fala. Embora ele não a possa ouvir, diz-lhe quase tudo.

– Hoje conheci a tua mãe – começa Fiona, a voz a ecoar na divisão vazia.
– Agora sei que te chamas Jamie...

O dia não estava particularmente quente, mas a Imogen não ia permitir que isso lhe estragasse os planos. Pedira-me que a ajudasse a levar bidões cheios de água até ao parque ali perto e naquele momento estávamos sentadas juntas num banco de madeira enquanto as meninas enchiam copos e latas de água e se encharcavam uma à outra no meio de gritos e risos, a adorar a brincadeira e a patinhar na relva transformada em lama.

– Não vão apanhar uma constipação? – disse eu, preocupada.

– Tu sabes quem pareces agora – avisou a Imogen.

Nunca havia brincadeiras com água quando éramos miúdas, nem sequer no pino do verão. A minha mãe não ia arriscar. Felizmente eu gostava de ficar em casa a ler, uma coisa que fazíamos muito.

– Sou uma mãe divertida – continuou a Imogen, vendo as filhas brincar. – Estamos a ter aventuras juntas. Não estou constantemente a dizer-lhes que não.

Comecei a ter a sensação familiar de culpa; era eu quem estragava tudo com a minha infundável e aborrecida necessidade de ser cuidadosa.

– Nem tudo foi sempre assim tão mau para nós, pois não?

– Não, mas não foi uma infância muito descuidada. É o que quero para a Farah e a Darya. Montes de recordações felizes.

Quando se empenha, a Imogen consegue ser altamente bem-sucedida em tudo. Foi brilhante nos estudos, formidável na carreira e agora tudo indicava que ia ser excelente como mãe de filhas felizes.

– E a tia Vivi tem de ter um papel maior nessas recordações – continuou. – Por isso vens connosco este ano, não vens?

Ela e o Hamid tinham arrendado uma casa algures no sul de Itália. Tinham-na arrendado para o verão, ainda que o Hamid só fosse poder largar o trabalho durante uma ou duas semanas, na melhor das hipóteses. O plano da Imogen era eu ficar os três meses com ela e com as meninas, enquanto ela bebia montes de vinho local e trabalhava para o bronze. Parecia não ter incluído o meu trabalho na equação, ou no mínimo não o achar importante.

– Tu sabes que não posso largar o emprego durante tanto tempo.

– Para de arranjar desculpas. É um emprego horroroso. E tu nem gostas assim tanto dele.

– Paga a renda; quase sempre.

Havia alturas em que tinha de recorrer à Imogen para tapar um buraco, por muito que detestasse pedir.

– Não consigo perceber porque é que não aceitas ajuda da mãe e do pai. Sabes muito bem que adorariam comprar-te um lugar onde viver e, se precisasses de dinheiro, eles davam-te o que pedisses. Podem bem fazê-lo.

Era o refrão familiar. A Imogen ficava exasperada por eu passar tanto tempo amarrada a uma secretária quando todo aquele belo dinheiro da família podia tornar tudo mais fácil. Eu estava sempre a explicar a minha relutância em aceitá-lo, mas ela recusava compreender.

– Se os deixasse pagar a minha vida, tinha de os deixar entrar nela... estás a imaginar? A mãe a passar por cá, dia sim dia não, a encher-me o frigorífico de superalimentos e a medir-me a febre. Iam interferir; não poderiam evitá-lo. E eu preciso de ser independente, é importante para mim. Além disso, não odeio o meu trabalho. Gosto de contar histórias.

– Só um verão, Vivi, numa maravilhosa *villa*, a ver as tuas sobrinhas todos os dias, a estares mais perto delas – atirou-me, em jeito de engodo. – Podes deixar o teu emprego e arranjar outro quando voltarmos. E se entretanto precisares de dinheiro, eu trato disso.

– Vou pensar no assunto, está bem? – disse eu para a calar.

– É uma *villa* enorme, espantosa, com tantos quartos. Podes convidar amigos, quem quiseses... vamos divertir-nos.

– A altura pode não ser a melhor, é só isso.

A Imogen abanou a cabeça, impaciente, os cabelos escuros a dançar-lhe sobre os ombros. Vi-os a caírem-lhe pelas costas em mechas espessas e brilhantes. Em tempos, os meus também tinham sido assim; agora estavam a tornar-se ralos, mal cobrindo o couro cabeludo.

Sempre que olho para o espelho, tenho de recordar a mim mesma que outros doentes transplantados sofrem efeitos secundários muito piores causados pelos medicamentos antirrejeição que todos temos de tomar. Têm tremores, diarreia ou náuseas, os braços e as pernas incham-lhes, basta uma pequena pancada para lhes ferir a pele, não conseguem dormir. Perder o cabelo é pagar um preço bem mais baixo, mas mesmo assim não consigo evitar a vaidade. Gasto uma fortuna em produtos para manter os fios de cabelo no lugar; estou sempre a aplicar um novo gel ou champô miraculoso. E quando olho para a Imogen, com tanto cabelo tão bonito, é difícil não sentir uma pontinha de inveja.

– Vais, eu sei que sim. – Ainda estava a olhar para as filhas. – Não podes perder todas aquelas delícias.

– O que se passa é que está qualquer coisa a acontecer. Pode ser uma coisa grande.

– Uma história?

– Mais do que isso.

A Imogen desviou os olhos das meninas, pôs a cabeça de lado e esperou.

– Então? – incitou, quando eu não adiantei mais.

– Tens de prometer não dizer nada a ninguém, nem sequer ao Hamid. Hão de acabar por saber, mas não já.

Esta prendeu-lhe a atenção.

– Que se passa, Vivi? Tem que ver com a tal mulher, não tem? A mãe do teu doador.

A Imogen é inteligente e conhece-me o suficiente para saber o que me vai na cabeça mais vezes do que eu talvez gostasse.

– Eu conto-te, mas acho que devíamos levar as meninas para casa e secá-las. Está a ficar frio.

– Ótimo, mas quero saber tudo.

A minha irmã ouviu-me como a advogada que em tempos tinha sido, a sua expressão quase sempre impenetrável, a apanhar todos os pormenores, a gravá-los na memória. Assentiu um par de vezes, mas não me interrompeu. Continuei a falar enquanto dávamos banho às meninas, as secávamos com toalhas, as embrulhávamos em roupões felpudos e aquecíamos latas de sopa de tomate. A Imogen abriu uma garrafa de vinho, claro, e sentámo-nos junto à janela por onde entrava o sol do fim da tarde, enquanto eu lhe falava da Grace, do Tommy e da Fiona.

– Bem, caramba – disse ela, quando acabei.

– Eu sei.

– Qual é então o plano? O que é, ao certo, que estás a tentar conseguir?

– Estou a ajudar a Grace.

– Mas é mais do que isso, não é?

– Sim, talvez – admiti. – Há qualquer coisa que nos faz querer conhecer outras pessoas que passaram por tanto do que nós passámos. Apesar de serem estranhos, estamos ligados. E o facto de partilharmos o mesmo doador...

– Mas tens a certeza disso? Tiveste alguma confirmação oficial?

– Ainda não... A Grace vai escrever ao Registo de Doadores, mas é possível que eles não aceitem divulgar qualquer informação. Há um monte de regras a respeito de contactos e parece que as infringimos todas.

Ri-me ao dizer isto, mas a Imogen não respondeu com um sorriso.

– Há de haver boas razões para essas regras, sabes? – Estava séria. – Foram instituídas para proteger as pessoas, e ao não as respeitar podes ter-te exposto a todo o género de complicações. Talvez estejas preparada para correr esse risco, mas os outros? Estão emocionalmente preparados... e psicologicamente?

– A última coisa de que preciso é de um sermão.

Ela fez uma careta.

– E eu preferia não ter de to dar. Mas preocupa-me aquilo em que estás a meter-te. Não vou fingir que está tudo bem quando não está.

Nunca fomos irmãs de estar sempre a discutir. Mesmo quando éramos pequenas, não havia nada dos puxões de cabelos e beliscões que podem acontecer entre raparigas. Éramos da mesma equipa e cuidávamos uma da outra.

– Essa mulher, a Grace, pode estar a manipular-te – disse ela.

– Estás a ver isto da perspetiva da advogada... – comecei.

– Eu diria que é mais da perspetiva da irmã – interrompeu-me ela. – Não precisas de outra família, Vivi, tens-nos a nós.

As meninas tinham acabado a sopa. Estavam sentadas debaixo da mesa da cozinha a jogar a um jogo com tigelas vazias que envolvia muitas gargalhadas. Distraída pelo barulho que elas faziam, a Imogen limitou-se a sorrir.

– Não estou a tentar substituí-las – disse-lhe eu. – O que te leva a pensar

tal coisa?

– Andas muito ocupada a procurar os teus gémeos de doação – murmurou –, os que te compreendem de verdade; tão ocupada que estás disposta a perder umas férias em Itália connosco. Essas pessoas são a razão pela qual dizes que não é a melhor altura; não é o teu emprego, admite-o. E são estranhos, seja o que for que penses que têm em comum.

Não estava totalmente enganada, mas eu não ia admiti-lo.

– Não é nada disso – insisti.

– Então prova-o, indo connosco para Itália.

– Vou lá estar convosco durante algum tempo.

– Pelo menos um mês – pressionou ela. – E vais desistir dessa procura de outros recetor do doador, não vais? Receio que conduza a problemas. Não gastes mais energia nisso.

Não havia maneira de eu poder fazer tal promessa. Estava comprometida, e não podia desiludir a Grace. Além disso, queria conhecer também aquelas outras pessoas, descobrir onde estavam e o que tinham feito das suas vidas.

– Gostava muito que conhecesses o Tommy. É encantador – disse, porque era mais fácil distrair a Imogen do que mentir-lhe.

– Ai sim? Encantador de que maneira?

– É uma pessoa simpática, mais nada.

– Não encantador como «uma brasa», então?

Invoquei uma imagem mental do Tommy; aquele corpo compacto e musculoso, aquele graça animal.

– Não tinha pensado nele desse modo, mas sabes uma coisa?... Talvez...

A Imogen sorriu.

– Bem, isso parece um pouco mais promissor.

*

Por vezes, o meu coração bate com tanta força que não me deixa dormir. Deitada na cama do Dan, mais tarde nessa noite, com o peito colado às costas dele, pensei que também ele devia senti-lo, embora, a julgar pelo ligeiro ressonar, isso não o impedisse de dormir.

Não tinha intenção de o ver depois de sair de casa da Imogen. Mas então, relutante em voltar ao meu pequeno quarto, e a querer mais companhia do que a minha, ligara-lhe num impulso. O Dan atendera no mesmo instante e fora fácil levá-lo ao habitual das nossas noites de domingo. Caril de borrego e depois, no apartamento dele, sexo rápido, suado, de esvaziar a mente, antes de adormecermos juntos.

Só que eu não adormeci. O quarto era arejado, a cama completamente confortável, não havia o barulho de um relógio a tiquetaquear alto, só o zumbido do trânsito lá fora. Portanto, a culpa devia ser do bater do meu coração e dos pensamentos que cada batimento trazia consigo: Jamie e Grace, Tommy e Fiona.

Virei-me de barriga para baixo, com a cara apertada contra a almofada, contorcei-me e voltei-me para o outro lado, tentei deitar-me de costas, tornei a

apertar-me contra o Dan.

– Bolas, Vivi – queixou-se ele, sonolento. – Não és capaz de ficar quieta um minuto?

– Desculpa, não consigo dormir. Talvez seja melhor ir para casa.

– Espera... que se passa? – Voltou-se para mim, com a cara ao lado da minha na almofada, o hálito quente na minha face. – Estás preocupada com alguma coisa?

– Mais ou menos – admiti. – É esta coisa de procurar as outras pessoas que receberam órgãos do meu doador. Estou encravada.

– Mas tens o triatleta? Estás em contacto com ele?

– Sim.

– Nesse caso, escreve uma peça com ele, como parte da campanha pela Lei de Vivi.

A ideia não me agradava por aí além, mas parecia não ter outra opção.

– Estamos a perder embalagem – continuou o Dan. – Vamos conseguir qualquer coisa esta semana.

– Está bem... Vou falar com o Tommy a esse respeito.

– Ótimo. Podes criar a tua reputação com estas histórias. Se não quiseses escrevê-las, irá escrevê-las outra pessoa qualquer. A Suzy Ambridge está desesperada por uma oportunidade e é bastante boa. Mas a Lei de Vivi precisa de um pouco mais de Vivi.

O objetivo daquelas palavras era acicatar-me, e eu sabia que ele tinha razão; havia sempre jornalistas mais novos dispostos a vender a avó para conseguir uma boa história. O que o Dan não compreendia era que aquelas pessoas significavam mais para mim do que isso: o Jamie e a Grace, o Tommy e a Fiona não eram só grandes citações e uma perspetiva fatal.

Fingi um bocejo, enterrei a cara na almofada e consegui ficar quieta. O sono demorou algum tempo a chegar. E naqueles minutos vazios continuei a ouvir o bater do coração ecoar-me no peito, a acalmar-me com o seu palpitar suave e regular.

A vantagem de me vestir sempre de preto é que me resolve o problema da mesma roupa na manhã seguinte. Ninguém podia afirmar que eu tinha vindo direta do apartamento do Dan e, para ter a certeza, parei para um café a caminho da estação de metro, de modo que cheguei ao trabalho dez minutos depois dele. Talvez as pessoas calculassem que se passava qualquer coisa, mas, se havia rumores, não me chegaram aos ouvidos. Para dizer a verdade, o nosso caso não era, nem de longe, o único na redação – as pessoas estavam sempre a ir para a cama umas com as outras –, mas uma vez que o Dan queria manter a discrição, eu também era cuidadosa.

Em qualquer jornal, as segundas-feiras são frenéticas. Toda a gente vê as histórias que surgiram no fim de semana, os jornalistas preocupam-se com as que perderam, as equipas de conteúdos tentam decidir quais são de seguir. Tudo isto significava que o Dan estava ocupado durante a maior parte da manhã, deixando-me livre para perder o meu tempo *online*.

A deambular pela Internet, encontrei outro fórum para recetores de transplantes e perdi-me na sala de conversação. Havia outras mulheres afligidas pela perda de cabelo, pessoas a falar sobre as dietas mais seguras e a defender os respetivos regimes. Era uma janela para mundos iguais ao meu. Comecei então a ler uma longa série de publicações a respeito dos sentimentos das pessoas em relação aos seus falecidos doadores e, com lágrimas a arderem-me nos olhos, apressei-me a mudar para outra coisa.

Por essa altura, tinha começado a ver o Jamie. Estava em todo o lado aonde eu ia. Um empregado da pastelaria onde comprava o meu café para levar tinha um sorriso igual ao dele, um rapaz ao meu lado na passadeira tinha a mesma mata de cabelos negros de cigano, um rosto entrevisto através de uma janela podia ter sido ele, só que alguns anos mais velho. E eu ficava sem respiração sempre que isso acontecia.

Por volta do meio da manhã, o Dan voltou à sua secretária e eu voltei ostensivamente ao meu trabalho. Supostamente deveria estar a escrever um artigo sobre os prós e os contras das novas dietas da moda e tinha várias longas entrevistas com especialistas que precisava de transcrever. Sabia que quando tinha os auscultadores postos e teclava animosamente, era menos provável que o Dan me interrompesse.

Transcrever é aborrecido e eu ficava grata por qualquer distração, de modo que, cada vez que o computador anunciava um *email*, fazia uma pausa para o ler. A mensagem da Fiona Lambert chegou por volta da hora do almoço. Tinha escrito a palavra «transplante» na linha de assunto. Abri-a no mesmo instante.

*

Cara Vivi,

Como talvez tenha adivinhado, não fazia a mais pequena tentativa de a contactar. O que aconteceu há dias na Abadia de Westminster deixou-me muito abalada, e quando vi que era

jornalista de um tabloide fiquei naturalmente desconfiada. Mas devo ter ficado também intrigada porque ontem à noite fui ver o site do Daily Post e vi que também é recetora de um transplante.

Não tenho a certeza de me sentir preparada para voltar a encontrar-me com a Grace, mas se quiser falar comigo, em privado e off the record, estou disposta a isso. É sempre bom conhecer pessoas que passaram pelas mesmas coisas que nós. E além disso, talvez a Vivi possa dizer-me alguma coisa a respeito do meu doador. É que, sabe, falo com ele quase todos os dias, conto-lhe o que estou a fazer e agradeço-lhe a dádiva que me fez. E agora tenho um nome, Jamie. Sinto que devia saber um pouco mais a respeito dele.

Por favor, não conte isto à Grace. Poderia perturbá-la mais uma vez, e isso é a última coisa que quero. Mas se quiser conversar, envie-me um email ou ligue para o número abaixo, quando lhe for conveniente.

Obrigada,

Fiona Lambert

*

Não perdi tempo. Peguei no telemóvel, marquei o número e dirigi-me ao extremo mais distante da redação, na esperança de que ela não atendesse antes de eu estar a salvo, longe dos ouvidos do Dan.

– Sim? – disse a voz elegante e suave.

– Olá, fala a Vivi Palmer. Acabo de receber o seu *email*.

– Oh! – não escondeu a surpresa. – Foi muito rápida.

– Quero muito que conversemos – disse-lhe. – Há coisas que preciso de lhe explicar. Mas acha que podemos encontrar-nos, em vez de fazer isto pelo telefone?

– Suponho que sim.

– Onde está? Vai ter tempo hoje?

– Na verdade não, estava a preparar-me para sair. É que, sabe, trabalho como voluntária no Chelsea Physic Garden. Vou conduzir uma visita guiada, às duas.

– E se eu acompanhasse a visita e falássemos depois?

– Bem. – Hesitou. – Sim, pode ser.

– Ótimo. Até já, então.

Nunca tinha ouvido falar do Chelsea Physic Garden. Procurei no telemóvel no caminho de regresso à minha secretária e vi que ficava à distância uma curta viagem de táxi, de modo que peguei no casaco e gritei ao Dan que ia sair para almoçar.

– Traz qualquer coisa para mim, está bem? – pediu. – Mas não quero uma salada para anoréticos. Arranja-me uma sanduíche decente.

Uma vez na rua, fiz sinal a um táxi e, instalada no assento de vinil, pensei na Fiona. Ia ser importante avançar com cuidado quando nos encontrássemos.

As mulheres como ela, todas polimento e boas maneiras, não gostam que lhes ericem as penas, e nós tínhamos feito tudo mal naquela primeira abordagem na abadia. Daquela vez ia ser muito, muito cuidadosa.

O Chelsea Physic Garden fica escondido atrás de altos muros de tijolo. Devo ter passado por ele imensas vezes sem me aperceber de que estava ali, do outro lado de um portão estreito, debaixo de um dossel de árvores. Comprei o meu bilhete de entrada num pequeno quiosque e foi-me dito que esperasse pela visita guiada junto à estátua no centro do jardim. Havia algumas pessoas por perto, a maior parte turistas de mochila às costas e mulheres de meia-idade. Misturei-me com elas e olhei em redor. Era um lugar encantador, tranquilo, não obstante o barulho do trânsito e dos aviões que passavam lá em cima. No meio de altos blocos de apartamentos, uma profusão de plantas, salgueiros esculpidos e estufas rústicas.

Vi então a Fiona encaminhar-se apressada para nós, parecendo ligeiramente afogueada. Usava um casaco *Burberry* bege já um pouco gasto e uns sapatos confortáveis. Consegui captar-lhe o olhar e ela fez-me um sorriso tenso.

– Peço desculpa por chegar um pouco atrasada – disse ao pequeno grupo.
– Por favor, juntem-se. Conseguem todos ouvir-me? Digam-me se não conseguirem.

Lançou-se num longo discurso acerca da história daquele hectare e meio no centro da cidade e das plantas medicinais que os boticários tinham começado a divulgar há quase quatrocentos anos. Enquanto falava, conduziu-nos pelos caminhos de tijolo e saibro que cruzavam o jardim. Eu dava uma atenção intermitente ao monólogo dela, distraída por pensamentos da conversa que íamos ter e como lidaria com aquilo.

Depois da visita, toda a gente tinha perguntas. Uma mulher falou durante vinte minutos, a tagarelar sobretudo acerca do seu próprio jardim enquanto a Fiona conseguia, não sei como, resistir a interrompê-la. Esperei, impaciente, a pensar no Dan na redação ainda à espera da sua sanduíche.

Por fim, foi toda a gente embora e chegou a minha vez.

– Obrigada, foi ótimo – disse à Fiona. – Acho espantoso nunca ter ouvido falar deste sítio.

– Tal como muitas outras pessoas. É uma joia escondida – disse ela.

– Faz esta visita guiada há muito tempo?

– Oh, ofereci-me para trabalhar aqui há séculos. Tenho coração de jardineira, mas agora faço isto. É muito gratificante, mas tenho saudades de meter as mãos na terra.

– Tem jardim em casa?

Abanou a cabeça.

– Infelizmente não, vivo num pequeno apartamento. Mas tenho montes de plantas; estou sempre a levar mais uma para casa.

– A minha mãe tem um jardim, e vive completamente obcecada com ele – contei-lhe.

– Que género de plantas tem?

Não ia admitir que o jardim da minha família se estende por dezasseis hectares rodeados por bosques e que há pelo menos quatro homens empregados a tempo inteiro para cuidar dele.

– Uma mistura, todos os géneros.

– Um pouco como este, então. Uma miscelânea com montes de tesouros para encontrar, dispersa e um pouco descuidada. As plantações uniformes são monótonas, não acha? A mistura é muito mais encantadora.

A minha mãe tem um jardim rebaixado inspirado na Renascença italiana e uma área ao estilo japonês destinada à contemplação. Há um prado com flores silvestres inglesas e uma alameda de tílias entrelaçadas em homenagem às paisagens da escritora Edith Wharton.

– Suponho que se pode dizer que o jardim da minha mãe é um pouco uma mistura – concordei.

A Fiona levou-me até ao café; na realidade, apenas um pequeno toldo com algumas mesas de jardim.

– Não vai ser muito frio para si se nos sentarmos ao sol? – perguntou. – Prefiro o ar livre.

Pedimos chá e *scones* de alfavaca e conversámos um pouco mais sobre o jardim, com os seus milhares de espécies de plantas, pequenos lagos e estufas tropicais.

– Peço desculpa, era capaz de falar disto para sempre, mas não foi para ouvir falar de plantas que veio até cá, pois não? – disse ela por fim.

– Não – admiti. – Em parte, vim pedir desculpa pelo nosso último encontro.

– Não há necessidade... – murmurou, delicada.

– Eu e o Tommy não devíamos ter aparecido daquela maneira... E também não devíamos ter levado a Grace.

– Continuo a perguntar-me por que razão lá foram. Qual poderia ser a ligação entre os três. – Olhou para mim, fitando-me por instantes e respondeu à sua própria pergunta: – É o Jamie, não é?

– Sim.

Expliquei tudo enquanto ela reduzia a migalhas os *scones* de alfavaca e deixava arrefecer o chá. Mordeu o lábio quando descrevi como a Grace precisava de conhecer as pessoas que tinham uma parte do filho, o que isso significava para ela.

– Está tão perdida no desgosto que esta busca parece ser uma forma de terapia – expliquei. – E talvez conhecer todos os recetores a ajude a aceitar que o Jamie partiu. Pelo menos é o que espero, que seja curativo, porque penso que as coisas têm estado desesperadas... desesperadas de verdade. Estou preocupada com ela.

– Oh, Deus. – Empurrou para o lado o prato cheio de *scone* esmigalhado. – Talvez ela possa vir aqui ao jardim um dia. É um lugar muito curativo; pelo menos tem sido para mim.

– É uma boa ideia.

– Ali, junto às árvores, em especial, é o meu lugar de paz.

Precisava de me escapar. Voltar à redação, de preferência na posse de uma sanduíche gigante de qualquer coisa capaz de apaziguar o Dan. Tinha a certeza de que ele estivera a tentar ligar-me porque ouvira o telemóvel zumbir dentro da mala, e não ia ficar bem impressionado pelo facto de eu ter desaparecido durante metade da tarde sem uma explicação.

O problema era que a Fiona não parecia pronta para ficar sozinha. Estava sentada muito quieta, a respirar de uma maneira que achei laboriosa.

– Está bem? – perguntei.

Houve um quase impercetível abanar de cabeça e reparei num ligeiro tremor das mãos.

– Fiona?

Ela começou então a falar da sua doença, hesitante ao princípio, descrevendo a fibrose pulmonar diagnosticada numa fase já tardia da vida, a dificuldade em respirar, a tosse e a exaustão, o medo do que estava a enfrentar.

– Não achava que estivesse suficientemente doente para um transplante – admitiu. – Há tantos outros à espera, pessoas mais novas, mães com famílias para cuidar, maridos que são necessários. Eu já tinha tido uma vida longa, ninguém depende de mim e não posso impedir-me de perguntar... e se a Grace achar que eu não merecia os meus novos pulmões? Se for uma desilusão para ela? É isso que me preocupa de verdade.

Eu nunca tinha tido um pensamento daqueles a meu respeito. Claro que merecia o meu coração, merecia uma oportunidade de viver, de ser saudável como qualquer pessoa normal.

– Se não fosse uma boa candidata, eles não teriam avançado com o processo – disse-lhe. – E penso que a Grace ficará mais desapontada se não puder voltar a vê-la. Mas não há necessidade de nos apressarmos. Não ia escrever-lhe, enviar-lhe um postal?

As mulheres como ela têm sempre uma reserva de postais prontos a receber mensagens de agradecimento ou condolências. Também têm uma bela caligrafia e sabem as melhores coisas para dizer.

– É isso – disse ela. – É o que vou fazer. Talvez possa mandar-me o endereço dela por *email*, mais logo?

Insisti em pagar a conta e seguimos juntas pelos caminhos de saibro em direção ao quiosque-bilheteira junto ao portão. A Fiona tinha pressa para ir a uma reunião sobre um qualquer programa escolar em que estava envolvida, mas as boas maneiras ditavam que me acompanhasse até à saída.

Quando fizemos uma pausa para nos despedirmos, dei-lhe mais um dos meus cartões de visita, para me certificar de que tinha todos os meus contactos em caso de necessidade. Além disso, gostava de distribuir aqueles cartões e ver as palavras que tinham impressas, *Vivi Palmer, redatora de conteúdos, Daily Post* – era quem eu era, quem tinha lutado tanto para ser.

Ela olhou para o cartão e franziu ao de leve a testa.

– Pareceu-me um pouco familiar, e agora percebo porquê. É parente de Sir Lance Palmer. Não estou enganada, pois não?

Também eu franzi a testa, mais fundo, porque Sir Lance Palmer, rico industrial e conhecido filantropo, é meu pai, e eu tendo a preferir que isso seja o menos divulgado possível.

– Como soube? – perguntei.

– Sou uma grande admiradora dele. Li há pouco tempo a autobiografia que escreveu: muito inspiradora. O capítulo a respeito dos problemas de coração da filha causou-me uma impressão especial, o facto de nem todo o seu dinheiro poder ajudá-la, e como toda a experiência o transformou. Ecoou dentro de mim.

Não fiquei surpreendida por saber que a Fiona tinha lido o livro do meu pai – parece que toda a gente leu. Sempre que viajava de comboio ou de autocarro, via alguém com o nariz enfiado num exemplar. Continha algumas fotografias minhas; mas nada muito recente, tinha insistido nisso. Não era, portanto, possível que a Fiona me tivesse reconhecido dessa maneira.

– E, claro, estive em Harefield ao mesmo tempo que eu. Falou-se muito nisso. Sempre me perguntei se partilharíamos um doador.

Fazia sentido termos tido os nossos transplantes na mesma altura, no mesmo hospital. Era muito possível que tivesse encontrado a Fiona na ocasião, ou que até a tivesse visto numa das clínicas de acompanhamento, mas ela era uma pessoa reservada e eu não estava interessada em fazer amigos naqueles lugares, por isso não me lembrava dela.

Sorriu-me.

– É aquela Vivienne Palmer.

– É verdade, sou.

O dinheiro muda sempre a maneira como as pessoas nos tratam. Com a Fiona não foi assim tão óbvio, mas ouvi-o na inflexão da voz, nos tons mais quentes e suaves, e vi-o no seu súbito sorriso.

– Deve estar muito orgulhosa do seu pai. Ele tem feito tanto bem. E a sua filosofia de vida, a sua fé... bem, parece ser um homem excecional.

– Sim, é – foi a minha resposta sucinta.

A Fiona olhou para o relógio que tinha no pulso.

– Oh, céus, é melhor apressar-me ou vou chegar atrasada. Gostei muito de a conhecer, Vivi.

– Voltamos a falar? – perguntei.

– Sim, sim, absolutamente, espero que sim. E vou mandar um postal à Grace, como sugeriu. Logo à tarde.

*

A maior parte das pessoas não faz a ligação entre mim e a minha família. Com todas as camadas de roupa preta que uso, os sapatos de armazém, a ausência de joias, nada em mim fala de dinheiro. E é assim que eu gosto.

Durante muito tempo nem sequer me apercebi de que éramos ricos. A

mansão, os grandes jardins, o pessoal; passou algum tempo antes que me ocorresse que nem toda a gente tinha aquelas coisas, mas quando somos criados assim, e a nossa vida é abrigada e pequena, isso parece normal.

Não que os meus pais nos tenham educado para sermos extravagantes. As lições acerca do valor do dinheiro eram muito importantes em nossa casa. E não valia a pena apegarmo-nos a posses, uma vez que elas estavam constantemente a ser metidas em caixas e dadas aos necessitados.

Não falo da minha família porque o dinheiro complica tudo; cria expectativas, muda relacionamentos. Além disso, não sou eu que sou rica, são eles. Por isso, tenho sempre o cuidado de separar as pessoas que conheço. Os meus colegas no jornal não fazem a mínima ideia, apesar de ter havido algumas vezes em que estive perto de ser descoberta. Houve um momento particularmente mau, quando o livro do meu pai saiu e pareceu que podia ser-me atribuída a tarefa de escrever uma história a respeito dele. Por sorte, o Dan escolheu um redator mais velho, mais antigo, para fazer o trabalho.

Nesse artigo, o meu pai fartava-se de falar de mim; sendo a filha com um transplante de coração, faço sempre parte da história porque a minha doença mudou tudo. Mas, tirando isso, não dou nas vistas. Tenho o cuidado de não ser fotografada ao lado dele, mantenho-me afastada dos *cocktails* e galas de beneficência e cerimónias, e até à data tinha a certeza de que ninguém fizera a ligação... até à Fiona.

Enquanto o meu táxi avançava a passo de caracol a caminho do jornal, apanhado no trânsito, soube que a minha ascendência era o que ia mudar tudo para ela. Agora confiava em mim. Ia conseguir convencê-la a fazer quase tudo. Era pouco provável que dissesse que não à filha de Sir Lance Palmer.

*

Qualquer esperança de que a baguete de salame e *cheddar* que tinha comprado aplacasse o Dan foi despedaçada pelas primeiras palavras que lhe saíram da boca.

– Que diabo, Vivi, onde te meteste? – disse a avançar para a minha secretária e a elevar a voz.

– Desculpa, estive a seguir uma pista para uma história.

– E não podias atender o telefone?

Estava de pé à minha frente, a dominar-me com a sua estatura.

– Estava na minha mala... devo tê-lo deixado em silêncio.

– Preciso dessa peça. Disseste que não estava muito longe.

– Não está. Já transcrevi todas as entrevistas e redigi-la não deve demorar muito tempo.

– Quero-a ao fim da tarde.

Eu tinha a certeza de que o artigo sobre as dietas não estava na calha para ser publicado. Era uma daquelas peças para qualquer altura, útil para encaixar nas páginas num dia morto, um bom «caça-cliques» no *site*, mas nada de importante. Se o Dan ia obrigar-me a ficar sentada à secretária até o acabar, era para marcar uma posição: continuava a ser o meu chefe.

– Não há problema – disse eu. – Vou tratar disso.

– O que era aquela pista que andavas tão ocupada a seguir, ao fim e ao cabo? Era para a história da doação de órgãos?

O meu primeiro instinto foi mentir. Tinha agora uma boa razão para não aparecer em futuros artigos. Quanto mais me destacasse, maiores eram as probabilidades de outras pessoas somarem dois mais dois, como a Fiona fizera. E passariam todos a tratar-me de maneira diferente; passaria a ser a menina rica, a filha de Sir Lance, deixaria de ser eu. E eu gostava de ser eu.

Uma vez que não conseguia inventar uma mentira com rapidez suficiente, refugiei-me na verdade.

– Foi a Fiona, a mulher que recebeu os pulmões do Jamie. Fui encontrar-me com ela.

– Brilhante. – O rosto do Dan mudou, o ar zangado desapareceu. – Aceitou falar connosco, certo?

– Bem, não exatamente... não...

– Sabes o que é que eu acho? Fazemos um grande artigo de fundo com vocês os três: coração, pulmões e rim. Então temos um primeiro encontro com a mãe. Fazemos montes de vídeos, talvez a *London Live* queira filmá-los... talvez até consigamos levá-los todos ao *This Morning*.

O Dan estava naquele estado quase febril em que fica quando sabe que uma história vai ser grande. As faces coradas, os olhos demasiado brilhantes, a voz demasiado alta. Não valia a pena tentar meter-lhe travões. Na realidade, não havia travões. Ia acontecer e o mais que eu podia fazer era lutar por manter a Grace fora de tudo aquilo.

– A Fiona ainda não passou para o lado de cá – avisei.

– Mas tu vais trazê-la, certo? E o triatleta, esse está pronto para arrancar?

Assenti com um movimento de cabeça.

– Bom trabalho, Vivi. Ei, e continuo a precisar daquela outra peça, sim?

– Certo.

O Dan voltou à sua secretária. Fiquei a vê-lo morder a baguete e ver os *emails*. Apanhou-me a olhar, fez-me um sorriso arrapazado fugaz e voltou a concentrar-se no ecrã. Era estranho pensar que tínhamos estado juntos na cama poucas horas antes. Agora voltava a ser o meu chefe, a obrigar-me a trabalhar até mais tarde, a empurrar-me para histórias que eu não queria cobrir. Ocorreu-me que talvez a minha irmã tivesse razão; aquele emprego não valia mesmo a pena, e ele provavelmente também não.

Mas o que seria eu sem tudo aquilo? Era essa a pergunta que me mantinha ali, sentada à secretária, a trabalhar fora de horas, a escrever sobre o jejum intermitente e a dieta *keto* enquanto o zumbido de colmeia da redação esmorecia, as outras secretárias ficavam vazias, as pessoas iam beber uma cerveja ou voltavam para junto da família. Era o que me prendia sempre ali.

Lei de Vivi ganha impulso

Deputados apoiam campanha para salvar vidas

Por Suzy Ambridge, jornalista do *Daily Post*

Um plano para alterar as regras de consentimento na doação de órgãos está a merecer o apoio de cada vez mais parlamentares. Impulsionado por uma campanha que os leitores do *Daily Post* adotaram como sua, o novo sistema de exclusão explícita vai salvar centenas de vidas todos os anos.

Há milhares de doentes à espera de um transplante e muitos deles estão a ficar sem tempo. Diana Brown, de Manchester, que sofre de fibrose cística, está na lista de espera para uns pulmões novos e reza para que a Lei de Vivi faça a diferença de que precisa.

«Quero agradecer aos leitores do *Daily Post* por acarinharem esta campanha», diz Diana, de 30 anos. «Mesmo que a mudança chegue demasiado tarde para mim, sei que muitos outros beneficiarão dela.»

Atualmente, em Inglaterra, os órgãos só podem ser usados para doação se a pessoa estiver inscrita no Registo de Doadores ou revelar a um membro da família o seu desejo de doar.

«Não é o suficiente», diz Rowan Stuart, deputado trabalhista. «Podemos fazer melhor.»

Lançada pela jornalista do *Daily Post*, Vivi Palmer, que só está viva hoje graças a um transplante de coração doado pelo jovem Jamie McGraw, tragicamente morto num acidente de viação, a nossa campanha está determinada a fazer a diferença.

Ajude-nos a mudar a lei, inscrevendo-se em www.doar-pelavida.co.uk.

O Tommy era ótimo a manter o contacto com a Grace. Era raro o dia em que não trocavam meia dúzia de mensagens. Infelizmente, as notícias que dava dela nunca eram muito boas. Não houvera resposta do Registo de Doadores. Aproximava-se o aniversário da morte do Jamie e ela sentia-se muito em baixo. Por isso, quando soube que eu me tinha encontrado com a Fiona, o Tommy quis logo dizer à Grace; mas eu convenci-o a esperar.

– A Fiona enviou-lhe um postal – expliquei.

– Tenho a certeza de que a Grace não recebeu postal nenhum; ter-me-ia dito, se tivesse.

– Talvez esteja no correio.

– Porque é que a Fiona manda seja o que for pelo correio? – O tom foi impaciente. – Ninguém lhe disse que já foram inventados meios de comunicação mais rápidos?

– Há pessoas que gostam de enviar postais.

– Se tu o dizes.

Estava deitada na minha cama a olhar para o teto. Tinha todas as janelas abertas porque estava calor e o quarto tornara-se abafado. Ouvia os ruídos da vizinhança – a música de alguém, e depois a televisão de alguém, o grito penetrante de uma criança, os passos pesados da pessoa que morava por cima de mim a andar de um lado para o outro. Olhei para as paredes nuas – nem sequer me dera ao trabalho de lhes espetar fotografias – e pensei no Tommy na moradia onde não se sentia em casa.

– Gostava muito de voltar a falar com a Fiona – disse ele. – Meti os pés pelas mãos no nosso primeiro encontro e devo-lhe um pedido de desculpa. E não, não vou mandar um postal.

– Ela ia adorar, se o fizesses.

– Nem pensar. – Ouvi o sorriso na voz dele. – Agora a sério, não seria bom encontrarmo-nos os três? Temos tanto em comum.

– Só o Jamie – respondi, e aquela fotografia dele perpassou-me pelo espírito.

– Mais do que isso – rebateu o Tommy. – Todos nós estivemos doentes. E todos nós pensámos que não íamos aguentar e então recebemos aquele telefonema que mudou tudo... o meu foi às duas da manhã.

– O meu também. – Lembrei-me de a minha mãe me acordar, a dizer que eu tinha um coração novo, a repetir as palavras uma e outra vez enquanto acendia a luz e me ajudava a sair da cama. E depois o trajeto até ao hospital, o meu pai ao volante a limpar as lágrimas dos olhos enquanto dizia à minha mãe: «Não chores, querida, não chores.» E, durante todo o caminho, eu de olhos muito abertos de excitação por a minha vida ir mudar, mas também aterrorizada porque iam abrir-me o corpo... e se eu não sobrevivesse àquilo?

– Nunca se esquece aquele telefonema, pois não? – disse o Tommy em voz baixa.

Sempre tinha evitado amigos transplantados, mantivera-me afastada dos

grupos de apoio e fora dos fóruns *online*, refugiara-me na família, como sempre tinha feito, porque parecia mais seguro. Há habitualmente uma cadeira vazia naqueles grupos de apoio, porque morreu alguém que, como nós, tinha começado com tanta esperança. Se temos amigos transplantados, vai sempre haver funerais, órgãos rejeitados, corações que param de bater, corações destroçados, e eu não queria que isso acontecesse ao meu. Agora conhecera o Tommy e a Fiona e começava a perguntar-me o que tinha perdido.

– Pois é, temos muito em comum – concordei.

– Então vamos juntar-nos.

A alegria que me causou a ideia de voltar a vê-lo apanhou-me de surpresa.

– Quando?

– Vou até aí logo que possa roubar um par de dias ao trabalho. Infelizmente, vai ser difícil na próxima semana, ou à volta disso. Temos dois ou três trabalhos importantes para acabar e não posso pedir ao patrão que me dispense nesta altura.

– Tommy, gostas do teu trabalho? – perguntei.

– Não posso dizer que o adore, mas paga as contas, sustenta a família e significa que posso fazer outras coisas. Porquê?

– Nunca pensas que tivemos esta segunda oportunidade de viver para podermos fazer qualquer coisa mais importante?

– Como descobrir a cura para o cancro ou negociar a paz mundial?

– Talvez não tão importante.

– Não sei. – De súbito, a voz dele tornou-se pensativa. – Não podemos viver sempre as nossas melhores vidas, pois não? Por vezes temos só de chegar ao fim do dia, como toda a gente.

– A Fiona disse-me que não tem a certeza de merecer os pulmões do Jamie.

– Fico triste por ela. Mas tu não sentes isso, pois não? Em relação ao teu coração?

– Não sentia, mas agora começo a duvidar. Que fiz eu de tão especial? Vou trabalhar, dou-me com a minha família. Não devia haver mais qualquer coisa?

– Treina para o triatlo – sugeriu ele. – Ou para a maratona.

– Não me parece.

– Faz o que for a tua versão disso – aconselhou. – O que tornar a tua vida digna de ser vivida.

– Acho que não tenho nada desse género.

– Deve haver qualquer coisa que sempre sonhaste fazer.

– Nada de especial.

Tudo o que sempre quisera parecia trivial, mas mesmo assim fora do meu alcance. Parecia mais fácil deixar de querer.

– E tu, Vivi, gostas do teu trabalho? – perguntou o Thomas.

Pensei naquilo por um momento.

– Pode ser divertido, excitante... Quase nunca é aborrecido, mas por vezes

pergunto-me porque é que o faço.

– Parece mais interessante do que fazer armários de cozinha.

O Tommy era tão bom a manter contacto comigo como era com a Grace. Se tinha os filhos a dormir em casa, ligava à noite depois de eles terem adormecido. Por vezes ficávamos uma hora a falar, ou mais; eu deitada na minha cama, ele estendido no seu sofá. Ríamos das mesmas coisas, descobríamos que tínhamos visto as mesmas séries na Netflix e que partilhávamos uma preferência pela música dos anos 80. Uma noite, ele pôs os Queen e o David Bowie muito alto e eu ouvi pelo telefone. Um par de vezes vimos futebol juntos; ele na sua sala a quinhentos e sessenta quilómetros de distância, a berrar sempre que o Everton marcava. Nas noites que passava com o Dan, tinha saudades das conversas com o Tommy.

– Quando vieres a Londres, podes ficar em minha casa – ofereci.

– Pensava que só tinhas um quarto.

– E tenho, mas posso dormir em casa da minha irmã.

– Deixa-me então falar com o chefe, a ver se arranjamós umas datas.

– Ótimo. Entretanto falo eu com a Fiona, vejo se chegou a mandar o tal postal. Talvez sugira que nos encontremos.

Ouvi-o bocejar do outro lado da linha.

– Desculpa, é melhor ir para a cama. Amanhã tenho de me levantar cedo para uma corrida.

– Está bem, boa noite, então.

– Boa noite, Vivi, falamos em breve... vemo-nos em breve.

*

Foi assim que cortejei a Fiona. Primeiro um *email*, com fotografias das partes mais icónicas do jardim da minha mãe, como a estufa de vidro cheia de palmeiras subtropicais, o lago na primavera orlado por manchas de narcisos e o parque salpicado de esculturas. A seguir, uma sugestão de que talvez ela pudesse ir lá e ver tudo pessoalmente, em breve. Embora o jardim não esteja aberto ao público, na primavera e no verão os meus pais autorizam certas obras de beneficência a leiloar um número limitado de bilhetes para visitas exclusivas. E depois há as *garden parties*, as óperas ao ar livre, os piqueniques e quase sempre uma ou outra exposição de arte – tudo com o objetivo de angariar fundos para causas que a minha família apoia. Eu evito essas ocasiões, e a Imogen também. Passámos por um número mais do que suficiente delas. Mas os meus pais são os anfitriões e fazem sempre ato de presença, o que significava que talvez a Fiona tivesse ocasião de os conhecer.

Ficou tão entusiasmada com o *email* que telefonou logo a seguir.

– Pode mesmo fazer isso por mim?

– Sim, claro, seria um prazer.

– Nem sei dizer-lhe quantas vezes me candidatei a um bilhete, mas nunca tive sorte. O jardim de Sir Lance Palmer: seria maravilhoso. – Estava a falar mais depressa do que era habitual. – Gostaria de ir em breve, enquanto o prado das flores silvestres está a desabrochar. Será possível? Claro que

qualquer altura seria adorável.

– Vou verificar. E vou pedir dois bilhetes, para o caso de querer levar alguém.

– Só um bilhete será perfeito. Oh, Vivi, não sei como lhe agradecer.

– Nem é preciso. Os meus pais estão sempre a perguntar-me se tenho amigos que queiram visitar o jardim. Vou pedir-lhes um bilhete de convidado especial.

– É a melhor coisa que me acontece desde há séculos... palavra, a melhor.

Estava tão entusiasmada que me fez ter menos remorsos por ser manipuladora. Falámos um pouco mais sobre o que poderia ver em plena floração e então ela contou-me tudo a respeito do programa para as escolas no Chelsea Physic Garden enquanto eu fingia estar interessada.

– Não me esqueci do postal para a Grace – disse-me. – Já escolhi um e agora só estou a tentar decidir o que dizer.

– Tudo bem, não há pressa – respondi. – Mas o Tommy vem outra vez a Londres e gostava muito de a ver, e eu pensei que talvez pudéssemos encontrar-nos naquele pequeno café onde tomámos chá da última vez.

– Oh... compreendo... – gaguejou, surpreendida, e então recompôs-se. – Sim, claro. Vou marcar na minha agenda.

– Ainda não sei ao certo quando é que ele vem. Depois digo-lhe. Não seria ótimo se coincidisse com uma das suas visitas guiadas?

– Terças e quintas às duas da tarde, chova ou faça sol – disse ela. – Avise-me para eu poder organizar as coisas de modo a não terem de pagar a entrada. São só algumas libras, mas mesmo assim.

Perguntei-me como seria a vida dela. Parecia não haver ninguém importante – nem companheiro nem filhos. Talvez houvesse um irmão ou irmã a quem fosse chegada, ou um círculo restrito de amigos, mas nunca referia ninguém. Estivera sozinha no serviço em Westminster, fora categórica a respeito de só querer um bilhete para a visita ao jardim. A sensação que tinha era de uma pessoa solitária a manter-se ocupada.

Não que eu tenha toneladas de amigos. A Imogen e as meninas são o meu círculo mais íntimo. E os meus pais também, Sir Lance e Lady Deborah Palmer, que têm vidas muito ocupadas, mas não deixam quaisquer dúvidas de que não há um único dia em que não largassem tudo por mim. O amor deles é ilimitado, por vezes sufocante. A verdade é que não os vejo tanto como devia. É uma coisa de que me sinto culpada, mas que parece mais fácil do que a alternativa. Todas aquelas perguntas, sempre as mesmas, e eu a sentir a ansiedade a emanar em vagas da minha mãe. Estou com febre? Sinto-me involuntariamente cansada? Tenho urinado o suficiente? Culpa-se do meu problema cardíaco, uma vez que vem do lado da família dela; a irmã tinha a mesma coisa e morreu nova, de modo que a minha mãe está sempre preocupada comigo.

Os meus pais tiveram anos de preocupação e eu também me sinto culpada por isso, apesar de não ter tido culpa de ser doente. A história que o meu pai

conta na sua biografia é a de como a minha doença mudou a vida dele. Toda a riqueza para que tinha trabalhado, todo o êxito e *status*, tudo pareceu irrelevante quando foi confrontado com a perda de uma filha. Rezou muito, e afirma que Deus lhe disse que havia uma razão para ser tão bom a ganhar dinheiro. Devia usá-lo para aliviar o sofrimento de outras crianças; era essa a sua verdadeira missão na vida.

A nossa família sempre fez doações para obras de caridade, mas depois do que me aconteceu juraram doar a maior parte da sua fortuna. Criaram uma fundação para financiar tudo e mais alguma coisa, desde a pesquisa médica à vacinação de crianças nos países em desenvolvimento. Perdi a conta a todas as boas obras que fazem, e se calhar eles também. Há pessoas para cuidar desse aspeto, agora toda uma equipa, enquanto os meus pais circulam por infundáveis eventos, a sorrir e a apertar mãos.

A Imogen chama-lhe «espalhar o bem» e revira os olhos quando usa as palavras em frases como «A mãe e o pai estão a pensar em ir a Itália este ano, se não estiverem demasiado ocupados a espalhar o bem durante todo o verão».

«Espalhar o bem» é o que fazem desde que me lembro e já não parece nada de especial, mesmo que pessoas como a Fiona tendam a ficar impressionadas. Volta e meia aparecem fotografias dos meus pais – o pai muito elegante, de fato; a mãe esplendorosa com um dos seus habituais vestidos com motivos florais – juntamente com pormenores acerca de mais uma estonteante quantidade de dinheiro que acabaram de doar. Aqueles grandes números parecem desprovidos de significado. Além disso, nada muda na vida deles. Continuam a ter a casa de campo e a propriedade no Oxfordshire, o *chalet* de esqui em Val D’Isère, o apartamento em Nova Iorque, os carros, o barco e até um helicóptero.

Eu e a Imogen perguntamo-nos muitas vezes o que fariam eles com todo aquele dinheiro se não houvesse tantas boas causas a precisar de ajuda. Talvez continuasse a amontoar-se até que nós acabássemos por herdar tudo e tivéssemos de decidir onde o meter.

– Não fui talhada para espalhar o bem – dizia a Imogen com um estremecimento sempre que o assunto vinha à baila. – Ter de ouvir todos aqueles discursos e as pessoas sempre a bajulá-los. Não sei como aguentam.

Eu também detestava a ideia. Mas os meus pais são relativamente novos e muito saudáveis. Têm anos e anos pela frente para continuarem a distribuir a sua riqueza. O mais provável é até terem muito mais anos do que eu.

É por isso que a minha mãe se preocupa. É a razão por que está sempre a ligar à minha irmã para saber da minha saúde. É por isso que me envia fruta biológica e caixas de vegetais, apesar de saber que eu quase não cozinho, e paga a mensalidade do ginásio que, na maioria das vezes, sou demasiado preguiçosa para frequentar. E o motivo pelo qual me obriga a prometer que serei cuidadora.

Todos os sinais de rejeição de órgãos nos foram metidos na cabeça. Se

pudesse, a minha mãe mandava-os plastificar e pendurava-mos ao pescoço. Eu tento não me deixar apanhar na preocupação, mas ao mesmo tempo tenho consciência de que pode não haver quaisquer sinais de que o nosso corpo está a rejeitar um órgão doado. Mesmo assim, detenho-me muitas vezes para sintonizar o meu coração, para verificar que está a fazer o que deve, para me certificar de que fui suficientemente cuidadosa.

Será que a Fiona costumava encher os pulmões de ar e reter a respiração? Poderia o Tommy sentir o seu rim a funcionar? Fosse o que fosse que pudéssemos ter em comum, nenhum deles tinha o que eu tinha, aquela fiel palpitação para me tranquilizar, o bater do coração do Jamie.

Tommy corre. É sempre mais fácil pensar quando o corpo está em movimento. O caminho habitual leva-o a passar ao lado do campo de golfe e ao longo do paredão e das praias batidas pelo vento onde o rio Mersey se funde no mar da Irlanda. Ali o ar que lhe enche os pulmões parece sempre mais fresco, o horizonte distante, e tem quilómetros à sua frente.

É em Vivi que Tommy pensa enquanto os seus pés martelam o asfalto e os seus músculos trabalham. Vivi tem estado muito presente nos seus pensamentos, nos últimos tempos.

Gostou dela logo da primeira vez que se encontraram, quando ela foi procurá-lo no fim da maratona. Da sua curiosidade aguçada, da maneira como o ouviu com tanta atenção, do seu rosto, do seu sorriso. Gostou muito dela e agora, cada vez que falam, gosta um bocadinho mais.

Falar com Vivi é muitas vezes a melhor parte do seu dia. Aguarda com ansiedade o momento em que larga o trabalho, os miúdos estão tratados e tem enfim tempo para relaxar e ligar-lhe. Espera não estar a exagerar, a fazer demasiada pressão. Por vezes pensa em não pegar no telefone, mas ela parece sempre tão contente por o ouvir.

Tommy não se ilude. Sabe que Vivi pertence a outro campeonato. Para começar é chique e um bom pedaço mais nova do que ele. Porque estaria uma rapariga como ela interessada num tipo mais velho com dois filhos, uma ex-mulher e sem dinheiro? Gostaria de ter mais para oferecer, mas não está a ver como isso será alguma vez possível.

Gosta de falar com Vivi, gosta de a fazer rir. Desde que o seu casamento se desfez, Tommy não se deu ao trabalho de sair com outras mulheres. Prefere manter a vida simples. E há sempre uma prova para a qual treinar, estradas para correr, águas para nadar, pesos para levantar. Gosta de se sentir em forma. É a única coisa por que se tem interessado.

Ultimamente, no entanto, enquanto o seu corpo se move, Vivi ocupa-lhe os pensamentos. Anseia voltar a vê-la. Não tem ilusões, mas mesmo assim seria agradável estar com ela, rir um pouco e conhecê-la melhor.

Chegou ao comprido troço de paredão em frente das docas de Liverpool. Sente-se bem e podia com facilidade ir mais longe, mas há coisas que precisa de fazer. Mete por Vale Park, passa pelo quiosque e inicia o regresso a casa.

Continua a pensar em Vivi, a desejar que as coisas fossem diferentes e ele tivesse mais para lhe oferecer. Não é habitualmente homem para desistir. Não é a desistir que se acaba uma maratona ou se vence um triatlo. Mas não pode mudar aquilo que é.

Nessa manhã, os filhos estão com a mãe, de modo que a casa está silenciosa e vazia. Toma um pequeno-almoço apressado – uma banana, dois ovos cozidos e uma torrada integral – e, depois do duche, está pronto para trabalhar. O dia vai ser longo e Tommy afasta Vivi dos seus pensamentos. Vê-la-á em breve.

O Tommy estava a dormir na minha cama. Por mais que estivesse a quase um quilómetro de distância, em casa da Imogen, não conseguia parar de pensar nele deitado debaixo do meu edredão, com os meus livros empilhados na mesa de cabeceira, as minhas roupas penduradas no varão na parede mais afastada, a confusão na bancada da minha *kitchenette*.

Tínhamos jantado em casa da minha irmã, que se esforçou mais do que o habitual. Cozinhou um *risotto* com uma receita que tinha recortado de uma revista e até limpou a mesa e pôs guardanapos de pano. Enquanto ela pairava sobre o fogão, a empunhar uma colher de pau e a franzir o sobrolho às instruções, nós sentávamo-nos à volta da mesa com as nossas bebidas e fazíamos conversa de circunstância.

Sempre que está perto de mim, o Hamid faz aquele ar de ligeira desaprovação. A minha irmã insiste em que estou a imaginar coisas, mas eu sei que não estou. O Tommy pareceu não reparar. Conversou acerca de política e artes, temas sobre os quais eu nem sequer imaginava que soubesse tanto, e quando o *risotto* foi servido era evidente que estava a conquistar o Hamid.

A Imogen estava mais interessada em saber coisas a respeito dos filhos dele, a Ava e o Liam. Muito orgulhoso, o Tommy mostrou fotografias e descreveu as proezas de ambos – como a Ava tinha estado bem no dia do desporto na escola, como o Liam, o mais novo, era divertido, como se esforçavam por ter boas notas, o futuro brilhante que previa para os dois.

– Assumo então que o seu problema renal não é hereditário? – perguntou o Hamid, direto como sempre.

– Podia ser, mas felizmente não é o meu caso – disse o Tommy. – Detestaria que os meus filhos passassem pelo que eu passei. Transmitir-lhes tudo aquilo.

A Imogen estava a dispor queijos numa bandeja. Interrompeu-se para olhar.

– Suponho que é por isso que parecem os dois tão à vontade juntos: tiveram as mesmas experiências, sabem como é.

– Ajuda muito, sim – concordou o Tommy. – Há muita coisa que não precisamos de explicar um ao outro.

– Vai ser interessante ver se sente o mesmo com a outra recetora, amanhã.

– A Fiona... sim, ainda não sei nada dela. Mas aceito as pessoas como as encontro.

A Imogen trouxe a bandeja para a mesa, sentou-se e sorriu ao Tommy. Percebi que o sorriso era genuíno. Quando não tem a certeza a respeito de alguém, a minha irmã mostra-se um tudo-nada exageradamente delicada. Faz imensas perguntas e revela muito pouco sobre si mesma. Ao princípio tinha sido assim com o Tommy, mas agora estava a relaxar; espalhava queijo sobre uma bolacha de água e sal enquanto o fazia rir com uma história sobre aquela vez em que a Farah encontrou uma tesoura e decidiu brincar às cabeleireiras.

– Ficaria espantado se visse a rapidez com que uma miúda consegue cortar a maior parte do seu próprio cabelo e começar no da sua melhor amiga – disse.

– Oh, não, posso garantir-lhe que não ficaria – respondeu o Tommy, a sorrir.

A minha irmã gostava dele, isso era evidente, mas mesmo assim apanhou-me de surpresa quando perguntou:

– A Vivi já lhe disse que vamos passar o verão no sul de Itália? Arrendámos uma *villa* por três meses. Devia ir também e ficar connosco.

– Bem, eu... – começou o Tommy.

– A sério, vá nas férias escolares e leve os seus filhos; não falta espaço e seria bom para as minhas meninas terem outras crianças, mesmo sendo mais velhas. Além disso, a Vivi precisa de alguém que a leve a passear enquanto eu me bronzeio.

– Tem piscina? – perguntei.

– Sim, uma piscina natural de rocha onde se pode nadar... e uma praia quase privativa... oh, e uns jardins encantadores. O proprietário é paisagista. Foi a minha mãe que me pôs em contacto com ele.

– Se é assim tão perfeito, porque não passa ele lá o verão? – indaguei.

– Está a trabalhar num grande projeto algures. A minha mãe disse-me... talvez Palm Springs... não estava interessada, de modo que não me dei ao trabalho de fixar. O que importa é que arrendámos a casa e agora precisamos de a encher com pessoas divertidas. Então, Tommy, vai?

– É uma oferta extremamente generosa. – Ainda parecia surpreso. – Mas primeiro tenho de falar com a minha ex-mulher, falar com o meu patrão, contar os tostões e ver se posso dar-me a esse luxo.

– Vai ser superbarato – prometeu a Imogen. – Toda a gente diz que a comida e o vinho são muito acessíveis em Itália. Quase não vai ter de gastar dinheiro.

Tive de sorrir ao ouvir isto. Como se a Imogen soubesse alguma coisa a respeito de viver em contenção. Gasta generosamente e sem pensar, sempre o fez, e não compreende de verdade que outras pessoas tenham de ser mais cuidadosas.

– Nunca fui a Itália – disse o Tommy, pensativo. – E seria ótimo ir para fora com os miúdos. Uma pausa fazia-lhes bem.

– Então pense nisso. Não há necessidade de nos comprometermos já com datas, mas temos a casa arrendada a partir de junho. – A Imogen pegou no telemóvel e começou a bater no ecrã. – O fulano enviou-me algumas fotografias. Tem um aspeto encantador. Mal posso esperar para me ensopar de sol.

A maior parte das casas que a Imogen arranjava noutros anos era para o extravagante. Certa vez, foi um pequeno castelo em França, e no ano anterior uma *villa* grega com uma piscina infinita e colunas dóricas. Aquele lugar era diferente, apercebi-me ao olhar para as fotografias no ecrã. Uma simples casa

de quinta com montanhas em fundo, paredes cor-de-rosa e jardins a descer em socacos até ao litoral rochoso.

– Villa Rosa – disse a Imogen. – Um autêntico sabor da vida no sul de Itália e acessível para nós porque o proprietário conhece a nossa mãe.

– Parece bastante pequena – comentei.

– Sim, mas faz parte de um complexo – explicou a minha irmã. – Há outra casa mesmo ao lado, que também podemos usar. Os nossos convidados terão o seu próprio espaço, o que é perfeito.

– Agora está a tentar-me de verdade – disse o Tommy quando ela lhe passou o telefone. – Mas se eu fosse, teria de contribuir para a renda.

– Não, não, isso está tudo resolvido, não está, Hamid?

– Julgo que sim – disse o marido da minha irmã, que não devia fazer a mais pequena ideia. Todos os anos ia de férias para onde ela escolhia e parecia perfeitamente feliz com isso.

– Oh, sim, parece ser um lugar especial. – O Tommy estava a olhar para as fotografias. – Gosto muito.

– Ótimo, então está decidido – declarou a Imogen com um sorriso. – Ora bem, quem mais podemos convidar?

*

Se a Fiona alguma vez se cansava de fazer o mesmo discurso, tinha o cuidado de não o mostrar. Segui-a pelos caminhos do Chelsea Physic Garden, a ouvi-la falar com entusiasmo das plantas e das respetivas histórias e mantendo-me perto do Tommy, que parecia genuinamente interessado. No fim, até fez algumas perguntas.

A Fiona mantinha o habitual tom de elegância descontraída com o seu casaco bege, *jeans* justos e botas robustas pelo tornozelo. Assim que ficou livre, veio direita a nós, beijou-me ao de leve na cara e apertou a mão ao Tommy.

– Bem, aqui estamos – disse, como que surpreendida mas encantada com a situação.

O Tommy começou a pedir desculpa pelo episódio da Abadia de Westminster, mas ela varreu as palavras com um gesto, insistindo em que não precisava de se preocupar, que estava tudo esquecido.

Dirigimo-nos ao café, comigo um pouco atrás para que eles pudessem falar, mas suficientemente perto para me juntar à conversa, se quisesse.

– Recebi uma carta da Grace – dizia a Fiona. – Acho que durante algum tempo vamos continuar a corresponder-nos assim. Conhecermo-nos melhor dessa maneira.

No café, pedimos chá e *scones* enquanto recontávamos as nossas histórias: a doença de rins do Tommy, o meu coração deficiente, os pulmões disfuncionais da Fiona. Contámo-las depressa, numa espécie de stenografia, e uma ou duas vezes rimo-nos de coisas a que mais ninguém teria achado graça.

– Há mais de nós por aí – disse o Tommy à Fiona. – Um recebeu o fígado,

outro o pâncreas e outro as córneas do Jamie. É tudo o que sabemos de momento, mas prometemos à Grace que havíamos de descobrir mais.

– E como planeiam consegui-lo? – perguntou ela.

– A única ideia até agora é fazer um artigo para o jornal da Vivi e esperar que faça vibrar uma corda em alguém. Talvez tenham feito os seus transplantes ao mesmo tempo que nós, ou lhes tenham dado pormenores semelhantes aos que nos deram. Vale a pena tentar, em todo o caso. Parece ser a nossa melhor hipótese.

– E querem que eu participe nesse artigo?

– Idealmente, sim... A Grace ficaria muito agradecida.

A Fiona franziu as sobrancelhas.

– Nesse caso, suponho que sim... desde que seja a Vivi a escrevê-lo... Prefiro não lidar com um estranho.

Se o Tommy estivesse a prestar atenção, talvez se perguntasse por que razão a Fiona já não me considerava uma estranha; ao fim e ao cabo, mal nos conhecíamos. Mas ele estava concentrado em ser persuasivo.

– Absolutamente, será ela a escrevê-lo. Não é verdade? – Voltou-se para mim. – É uma coisa que a Grace deseja muito, e é para isso que estamos a fazê-lo, para a ajudar.

– Assim sendo, não posso recusar – disse a Fiona em voz baixa. – Ela deu-me tanto.

Nenhum de nós conseguia dizer que não à Grace e eu começava a ver o potencial para um problema. Ela era uma enorme incógnita. Quem poderia dizer que encontrarmo-nos todos com ela seria o suficiente? E se não a ajudasse nada? Que mais poderia ela querer a seguir?

– Pergunto-me como terá sido a Grace antes de o Jamie morrer – disse eu.

– Um desgosto, seja de que género for, deixa sempre uma marca em nós. – A Fiona estava a demolir mais um *scone*, a reduzi-lo a migalhas com dedos rápidos e nervosos. – Pelo menos é essa a minha experiência.

Quando se está a entrevistar uma pessoa, o mais difícil de tudo é deixar um silêncio para ela preencher. A tentação é sempre saltar para outra pergunta. Desde que me tornei jornalista, treinei-me a estar calada. É nessas alturas que os segredos são revelados, nos espaços em branco; é nessas alturas que as coisas importantes são ditas.

O Tommy era um bom ouvinte; parecia saber tudo isto de maneira instintiva. Ficámos ambos a ver como a Fiona brincava com os pedaços do *scone* que não tinha comido, e nenhum de nós falou.

– O meu irmão morreu de cancro, e pouco depois a minha mãe – explicou ela, por fim. – No final já estava muito frágil e cuidei dela até que fiquei eu própria demasiado doente e não pude continuar. Quando morreu, deixou um grande vazio. Dizem que há fases de desgosto, mas para mim isso é um disparate. O desgosto é apenas desgosto, e muda-nos.

Não sou muito de tocar nas pessoas. Na realidade, sou desajeitada a dar abraços, exceto à minha família mais próxima. A Fiona parecia tão magoada

que senti que devia tocar-lhe no ombro magro ou sossegar-lhe a mão com a minha. Mas não o fiz; deixei essa parte para o Tommy que, com uma facilidade que invejei, estendeu a mão para ela e disse:

– Lamento muito.

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

– Era muito velhinha, e todos temos de morrer um dia, mas isso não torna as coisas mais fáceis quando somos nós a ficar para trás. O que torna tudo pior é que ela se preocupava comigo. Quem me dera que tivesse vivido o suficiente para saber que tive o meu transplante.

– Deve ter sido uma altura terrível – disse o Tommy.

– Não foi a melhor. Mas estou aqui, e tenho estes jardins que têm sido um consolo tão grande, e estou muito agradecida por este tempo e por ser outra vez saudável, porque nunca pensei que seria. O facto de ser graças à perda de outra pessoa... vai ser sempre difícil, não vai? Sobretudo quando sabemos o que é perder alguém.

Quando estou em cafés, ponho-me muitas vezes a observar as outras pessoas e a pensar em qual será a relação entre elas. Aquilo é uma mãe com as filhas; um grupo de amigas ou colegas; uma reunião de trabalho? Pergunto-me o que pareceremos vistos do exterior, três pessoas tão diferentes envolvidas em conversa. De certeza nunca ninguém conseguiria adivinhar o que nos ligava.

– Acham que vai ajudar a Grace, conhecer-nos a todos? – perguntei.

– Ela acha que sim, e suponho que isso é a única coisa que importa – respondeu o Tommy.

– E se esquecêssemos o artigo? Agora a Grace está em contacto com nós os três. Acham que é mesmo preciso continuar a procurar os outros? – insisti.

– Não queres fazê-lo? – perguntou o Tommy.

– Para ser franca, não.

– Porquê?

– Tornei-me jornalista para contar as histórias de outras pessoas, não a minha. Não queria que nada disto acontecesse. Prefiro manter-me na sombra.

Antes do nosso encontro, tinha ligado à Fiona para lhe pedir que não falasse ao Tommy da questão da minha família. Como seria de esperar, ela compreendera a minha necessidade de ser discreta, e naquele momento estava a olhar para mim e a assentir, com tácita compreensão.

– Ver os pormenores da minha vida espalhados nas páginas de um tabloide também não me agrada muito – concordou. – Suponho que também vão querer fotografias. Detesto ser fotografada.

O Tommy encolheu os ombros.

– A mim não me parece nada de especial. E talvez ajude a Grace, que é o mais importante. Passou por muito, e para ela ainda não acabou.

– Nesse caso, parece que temos de o fazer – admitiu a Fiona.

– Pode não nos levar a parte nenhuma, mas pelo menos teremos tentado – disse o Tommy. – E temos de apoiar a campanha que o jornal está a

promover, a Lei de Vivi, não é verdade?

A Fiona era da mesma opinião.

– Sim, absolutamente, é uma boa causa.

*

Dois dias mais tarde, tivemos uma sessão de fotografia juntos nos jardins. O fotógrafo era um profissional com quem eu já tinha trabalhado em várias peças e sabia o que fazia. Agrupou-nos, com o Tommy no meio a passar um braço pela cintura de cada uma de nós; mandou-nos sorrir, fazer um ar solene, olhar para a objetiva e uns para os outros.

A Fiona estava encantadora. Tinha vestido uma saia estreita e um casaco curto com um padrão de peónias cor-de-rosa. Era uma indumentária que podia ter saído do guarda-roupa da minha mãe e o fotógrafo adorou-a. Eu tinha-me deixado convencer a largar o uniforme preto e usava um vestido emprestado num tom de rosa que, segundo o Tommy, me ficava bem. Ele vestia *jeans* e uma T-shirt que se lhe colava às linhas tensas do corpo e lhe realçava a cor dos olhos.

Além das fotografias, gravámos alguns vídeos, todos nós a falar do laço especial que nos unia, de como estávamos gratos pela dádiva que nos fora feita e, de um modo geral, a verbalizar os chavões que são a matéria-prima do *Daily Post*.

Já tinha escrito a maior parte do artigo. Ia sair no jornal de domingo, numa página dupla. Também estaria no *site* e seria partilhado nas redes sociais. Durante um dia, ou cerca disso, não haveria maneira de não sermos vistos.

– OK, vamos fazer alguns bonecos de vocês a andarem e a falarem uns com os outros – gritou o fotógrafo.

– Falta muito para acabar? – perguntou o Tommy, dando mostras de impaciência.

Era mais difícil adivinhar os sentimentos da Fiona, que encarava a objetiva com um sorriso radiante. Tendo decidido fazer aquilo, estava a dar o seu melhor, revelando o género de força de espírito que sem dúvida aprendera em muitos anos de colégio interno.

Sabia agora um pouco mais sobre ela, e nada do que descobrira me surpreendia. Vinha de uma família com algum dinheiro, mas não montes dele. Trabalhara durante anos como coordenadora de livros de cozinha e gostava da precisão que o trabalho exigia. Mas a doença prolongada da mãe, e depois a dela própria, pusera fim a tudo isso e agora estava reformada, a viver de um modesto rendimento que era o suficiente para se governar, desde que tivesse cuidado.

Parecia ser uma vida tranquila, arrumada. Na fotografia que me mostrou, de uma versão muito mais jovem de si mesma sentada ao lado da mãe, não estava assim tão diferente. Bem vestida, bem arranjada, com menos rugas e não tão magra.

Tinha concordado com aquela sessão de fotografia e estava determinada a assegurar-se de que corria bem. Estava a sugerir que nos mudássemos para

outro lugar do jardim e o Tommy abanava a cabeça, cada vez mais impaciente.

– Quantas páginas vai ter o artigo, afinal? Já devemos ter fotografias mais do que suficientes.

– Só mais algumas, para termos a certeza de que cobrimos todos os ângulos – disse-lhe eu. – Não queremos voltar a fazer isto, pois não?

– Definitivamente não – concordou ele.

Eu sabia que ia ser um bom artigo, de que as pessoas fariam enquanto comessem os ovos com *bacon* do fim de semana, mas não estava convencida de que ajudasse a nossa busca. E era bem capaz de me arranjar problemas, se mais alguém fizesse a ligação entre mim e a minha família. Os meus dias enquanto vulgar Vivi estariam contados, e nesse caso o que seria de mim? Não era uma dessas raparigas ricas com as suas malas de mão caríssimas e hábitos de cocaína ainda mais dispendiosos. Mas também não pertencia ao mundo de que queria fazer parte.

– Bem, não foi assim tão mau – disse a Fiona quando a sessão finalmente acabou.

O Tommy tinha partido a correr para apanhar um comboio de regresso a casa, mas eu não estava com especial pressa de voltar ao escritório, de modo que aceitei a sugestão dela de tomar uma retemperadora chávena de chá. Parecia cansada, mas dessa vez comeu um pouco do *scone* que eu comprei para partilharmos. Partiu-o em quadradinhos minúsculos, pôs-lhes uma coisinha de nada de manteiga e mastigou-os com cuidado.

– Demasiada alfavema – disse, pensativa. – Devia sugerir-lhes que acrescentassem um pouco de limão, para equilibrar o sabor.

Magra a raiar o ossudo, a Fiona não parecia ser do género de se preocupar com um bolo.

– Gosta de fazer bolos? – perguntei.

– Quando a minha mãe era viva, eu costumava fazer umas guloseimas para nós aos fim de semana. Agora não me dou ao trabalho, porque a quem havia de dar todos aqueles bolos e biscoitos? Mas tenho saudades do processo, o medir e misturar, a alquimia de tudo aquilo, ver a massa transformar-se numa coisa maravilhosa leve e fofa.

A mim parecia um enorme desperdício de tempo; não só o cozinhar em si, mas todo o trabalho de compra e limpeza envolvido. Se uma pessoa pode comprar numa loja coisas perfeitamente boas e já feitas, para quê dar-se ao incómodo?

– E a Vivi... gosta de fazer bolos? – perguntou ela. – Talvez costumasse fazê-lo com a sua mãe?

– Deus, não, ela está sempre demasiado ocupada.

– Mesmo quando estamos muito ocupados, é bom abrandar a vida pelo tempo de uma receita. E depois fica com aquele cheiro delicioso a açúcar a encher-lhe a casa e uma travessa de coisas boas para partilhar. Era a minha maneira preferida de relaxar nas manhãs de domingo.

O tom dela foi melancólico.

– Não me parece que a minha mãe relaxe muito – disse-lhe. – Andava sempre num corupcio, já antes de todo aquele «espalhar o bem» se ter descontrolado.

– Desculpe... todo aquele quê?

– As obras de caridade. Acabaram por dominar a vida dela. Isso e o jardim, que não para de crescer.

– Parece ser uma mulher fascinante – disse a Fiona. – Tal como o seu pai, conseguiu tanto.

O que se passa com a minha mãe é que não liga nenhuma a ser admirada, não é por isso que faz seja o que for. Do que mais se orgulha é de mim e da Imogen. Podia ter tido muitos mais filhos, se eu não fosse tão doente. Em vez disso, tinha o jardim e o «espalhar o bem» para se distrair.

– Tenho de falar com os meus pais antes que o artigo apareça – disse à Fiona. – Ainda não sabem que conheci a Grace. Nem a si ou o Tommy.

– Como acha que se vão sentir? Talvez um pouco preocupados com aquilo em que se vai meter?

– Talvez. – Agora era eu quem estava a brincar com a comida, a fazer bolinhas com pedaços de *scone*. – Na realidade, sim, sem dúvida.

– Compreendo. Porque também eu tive a minha quota-parte de preocupações – admitiu ela. – Nunca imaginei que estaria nesta situação. Mas tendo tido tempo para pensar, vejo que é uma coisa boa tê-la conhecido, e ao Tommy. É como honrar o Jamie, não acha?

– Sim, suponho que sim.

– Mas não tenho tanta certeza em relação aos outros recetores. E se não forem pessoas simpáticas? Não me ralaria muito se nunca conseguisse encontrá-los. Suponho que tem continuado a tentar?

– A Grace quer-o muito. Penso que anda à procura de razões para viver. Ela franziu a testa.

– E nós somos essas razões?

Assenti, sem uma palavra.

– É uma grande responsabilidade para descarregar sobre os nossos ombros, não lhe parece? – disse a Fiona, como que a escolher as palavras com muito cuidado. – Quero ajudar a Grace, mas não quero que ela dependa de mim. Não seria bom para nenhuma de nós.

Percebi pela sua expressão como estava preocupada, e compreendi, ou pelo menos foi o que julguei. Porque a Grace estava muito presente nos meus pensamentos naqueles dias, e eu devia-lhe tudo. Tinha-me dado o futuro que devia ter sido do filho, mais sete anos de vida, tempo para estudar e arranjar um emprego e ter sobrinhas e viajar e perder a virgindade. Mas sempre que pensava na Grace e no muito que ela tivera de perder para eu ter todas aquelas coisas, sentia que lhe devia ainda mais. Era uma sensação desconfortável, e eu não parecia capaz de me desembaraçar dela.

O mais recente projeto da minha mãe era uma série de jardins de fantasia povoados por figuras de topiária com oito metros de altura, flores gigantescas, fontes e lagos de nenúfares. Há séculos que não falava de outra coisa e nos últimos tempos andava a enviar-me fotografias por *email* e a manifestar a esperança de que eu aparecesse para verificar os progressos.

Os fins de semana com os meus pais são sempre mais divertidos quando a Imogen e as meninas também vão, embora isso signifique conseguir que a minha irmã se organize, ajudá-la a fazer as malas e preparar-me para a condução dela. Têm um velho *Range Rover* em que todas as superfícies estão riscadas ou amolgadas, uma coisa que aparentemente só acontece no parque de estacionamento do supermercado e não tem nada que ver com a maneira de conduzir da Imogen.

Em todo o caso, as viagens de carro com ela até ao Oxfordshire são divertidas. Há sempre montes de música e cantigas, doces de outros tempos, como pingos de pera, e loucos atalhos que nos levam na direção errada durante quilómetros até chegar ao *pub* perfeito para almoçar ou à mais encantadora das casas de chá.

Os meus pais estão aturdidos de amor pela Darya e a Farah, não se fartam delas, mas a minha mãe é uma polivalente assumida e mesmo assim consegue arranjar tempo para se preocupar comigo.

«Andas a alimentar-te como deve ser? Como te sentes? De certeza que não estás em baixo e deprimida? Tens tido o cuidado de te manteres afastada de constipações e gripes? Já pensaste em comprar aquelas máscaras que os asiáticos costumam usar quando viajam de autocarro ou no metro?»

Fez todas estas perguntas no espaço de meia hora enquanto caminhávamos pelo jardim, com as meninas em motas elétricas a explorar os caminhos à nossa frente e, ao que tudo indicava, alheias aos arbustos esculpidos fantasmagóricos que se erguiam à nossa volta.

– Podias ao menos mandar-me uma mensagem todos os dias para eu saber que estás bem, Vivi. Basta uma cara sorridente ou um polegar a apontar para cima. Sei que não queres que me preocupe.

– Detesto preocupá-la.

– Então está combinado.

Para lá das esculturas de topiária havia um grande relvado onde estava a ser construído um anfiteatro. Iria servir para espetáculos de beneficência, pequenos concertos e aparições exclusivas de nomes muito famosos. Tinha sabido tudo isto através do meu jornal.

– Está a ficar com bom aspeto – disse. – Mas como é que vai trazer o piano da Lady Gaga até tão longe?

– Tudo é possível com o planeamento certo.

– Ela não vem cá de verdade, pois não? – perguntou a Imogen.

A nossa mãe sorriu e puxou a aba larga do chapéu, de modo a esconder a cara.

– É tudo *top secret*. Não posso dizer nada.

A minha mãe, Lady Deborah Palmer, é uma beldade famosa. Tem o cabelo brilhante e negro que ambas herdámos; o dela continua tão denso como o da Imogen, e usa-o comprido. Adora padrões florais e a indumentária daquele dia era típica: um grande chapéu de aba mole estampado com girassóis, uma blusa com aplicações de malmequeres e calças pretas largas salpicadas de rosas amarelas. Penso que o simples facto de ela conseguir parecer bem com estas roupas diz tudo.

– Se a Lady Gaga vem, quero bilhetes – declarou a Imogen.

– Podes candidatar-te, como toda a gente.

A minha irmã ficou tão espantada que arquejou.

– Não me obrigaria...

– Obrigaria, sim. E olha que não vão ser baratos.

Do outro lado do jardim surrealista havia uma ruína gótica com hera a trepar pelas paredes. Foi ali que encontrámos um piquenique preparado, com um cesto de verga, mantas aos quadrados estendidas no chão e uma garrafa de champanhe a arrefecer num balde de gelo. A Farah e a Darya guincharam de alegria, largaram as motas elétricas e correram, a ver qual era a primeira a chegar ao cesto e descobrir o que estava lá dentro.

– Queques! – gritou a Farah. – Com os nossos nomes escritos com açúcar.

– Obrigada, mãe – disse a Imogen, e sorriu-lhe.

– Está um dia tão bonito que achei que seria um desperdício não comer cá fora. Também há alguma comida a sério. Mandeï fazer aquelas sanduíches de frango pequenas que tu adoras, Imogen; as que levam pó de caril.

A nossa mãe quer conservar-nos a salvo e manter-nos felizes. Está tudo bem no seu mundo, desde que sinta que está a conseguir fazer as duas coisas.

– Adoro queques – disse eu às miúdas. – Quero a minha parte.

Instalámo-nos nas mantas e a Imogen serviu o champanhe enquanto o resto de nós se servia da comida.

– O vosso pai esperava poder estar connosco, mas acho que surgiu uma crise qualquer que ele andava a tentar evitar.

A minha mãe não se interessava por aí além pelas minúcias dos negócios do meu pai. Confiava na habilidade dele para resolver fosse o que fosse, porque sempre tinha resolvido.

– Mas virá juntar-se a nós mais tarde, não é verdade? – confirmei. – Há uma coisa importante de que preciso de falar aos dois.

Como sempre, as antenas da minha mãe estavam prontas para detetar o mais pequeno sinal de que se passava qualquer coisa de errado.

– Porquê? Que aconteceu?

– Nada de mau.

– Tens de me dizer, não vou esperar. – O sorriso tinha desaparecido da voz dela. – O que se passa, Vivi?

E foi assim que eu inspirei fundo e expliquei: falei do Jamie e da Grace, da Fiona e do Tommy. Foi uma longa explicação, sobretudo porque ela não

parou de me interromper com perguntas. A minha irmã beberricou champanhe a manteve-se calada, enquanto as minhas sobrinhas devoravam queques sem quererem saber de que nomes lá estavam escritos com açúcar.

Quando acabei, a minha mãe continuava a parecer preocupada.

– Não sei o que vai o Lance pensar de tudo isto. Quando fizeram o transplante, disseram que havia regras, e parece-me que tu estás a infringi-las todas. – Olhou para a Imogen. – Achas que é boa ideia?

Como sempre, o instinto da Imogen foi pôr-se do meu lado.

– Até agora só conheci uma dessas pessoas, o Tommy, mas pareceu-me simpático.

– Também havias de gostar da Fiona – disse eu. – É do género decente.

– E a mãe do doador? Que quer ela de ti?

– Só a minha ajuda.

– Tens a certeza de que é só isso?

– Não sabe quem nós somos – tranquilizei-a.

Os meus pais podiam não gostar de ostentar a sua riqueza, mas tinham consciência de todas as maneiras como ela nos tornava vulneráveis. O dinheiro tende a fazer-nos desconfiar dos motivos das outras pessoas; torna-nos mais cautelosos.

– Tens então a certeza absoluta?

– A única pessoa que sabe é a Fiona, e não consigo imaginá-la a aproveitar-se seja de quem for. É religiosa. E faz trabalho voluntário... num jardim.

– Oh.

Houve muita coisa naquela palavra. Alívio. Aprovação. Interesse.

– E o jardim é em Londres?

Assenti.

– Um lugar chamado Chelsea Physic.

– Sim, sim, conheço, é encantador. É então jardineira?

A minha mãe acredita que ninguém que faça buracos na terra e plante coisas pode ser inteiramente mau.

– Foi. Agora faz visitas guiadas. A verdade é que lhe prometi um bilhete para vir ver o seu jardim. Não quando a Lady Gaga cá estiver, claro...

– Oh, sim, absolutamente, tem de vir – disse a minha mãe. – Serei eu própria a mostrar-lho.

– E é possível que o Tommy, o recetor do rim, esteja connosco em Itália – disse a Imogen. – Esperemos que sim. Teremos uma oportunidade de o conhecer melhor.

Por vezes pode ser sufocante ter uma família tão protetora, mas para mim sempre foi assim, e embora eu me irrite de vez em quando, estou sempre a dizer a mim mesma que o mais provável era ter saudades, se não fossem.

– Foi por isso que convidaste o Tommy? – perguntei à Imogen. – Para poderes investigá-lo mais a fundo?

– Claro que sim. Se ele está na tua vida, então gostaria de o conhecer

melhor. Mas, como disse, pareceu-me uma pessoa simpática... nada como esse Dan – concluiu ela, e fez uma careta.

– Que Dan? – perguntou a minha mãe, alternando o olhar entre uma a outra, confusa.

– A Vivi não lhe falou dele? Oh, bem, não é caso para nos preocuparmos, já saiu da imagem – disse a Imogen.

Não corrigi a minha irmã, não referi que tinha estado na cama com o Dan na noite anterior depois de um copo para festejar o facto de eu ter finalmente entregado a história que ele queria.

– Parece que houve todo o género de desenvolvimentos na tua vida sobre os quais não sabemos nada.

A minha mãe não estava feliz.

– Tem estado tão ocupada...

– Não demasiado ocupada, Vivi, nunca demasiado ocupada.

Houve mais perguntas, as mesmas que o meu pai havia de fazer-me quando o encontrássemos à hora dos *cocktails*, para o jantar, ou para beber qualquer coisa quente antes de irmos para a cama, se a tal crise tivesse demorado mais tempo a ser evitada. Com ele examinaríamos a situação de todos os ângulos, à procura do que podia correr mal.

– Suponho que o que estás a fazer é uma coisa boa – disse a minha mãe, cautelosa. – E apoiar a mudança para um sistema de exclusão explícita para a doação de órgãos parece, sem dúvida, a ideia certa. Mas... Vivi?

– Sim, eu sei, vou ter cuidado. Tenho sempre cuidado – disse eu, tentando não parecer tão impaciente como toda aquela preocupação estava a fazer-me sentir.

– Não acham que a brisa está a refrescar um pouco? – perguntou a minha mãe, a olhar para os arbustos esculpidos que começavam a agitar-se. – Não será melhor irmos para dentro?

Pusemo-nos de pé e deixámos o piquenique para trás, as mantas amarrotadas ainda no chão, o cesto com a tampa aberta, os copos sujos, a garrafa de champanhe vazia de gargalo para baixo no balde de gelo, sabendo que alguém apareceria em breve para limpar tudo aquilo.

Atravessámos os jardins, a minha mãe alguns passos à frente, nós as duas a ficar mais para trás à espera de que as meninas nos alcançassem nas motas elétricas.

– Correu bem, pareceu-me – disse a Imogen.

– Sim... e obrigada.

– Obrigada por quê? Por ter dito bem do Tommy? É verdade que o achei simpático, não estava a inventar.

– Não estás a tentar juntar-nos, pois não? – perguntei, porque parecia a explicação lógica para o inesperado convite para ele se juntar a nós em Itália.

– Claro que estou. – Encolheu os ombros. – Ora vamos, Vivi, alguém tem de o fazer.

A minha irmã quer que eu tenha tudo aquilo que ela mais valoriza na vida:

um lar feliz, um marido apaixonado, filhos adoráveis. Está sempre a tentar emparceirar-me com homens que acha adequados, e tem havido jantares constrangidos, almoços, festas e piqueniques carregados de tensão. Eu teimo em repelir os tipos simpáticos, ela teima em insistir. Não sei porque é que a Imogen se recusa a compreender que não vai resultar. Estou muito melhor com homens inadequados, homens como o Dan, que não corro o risco de magoar, que posso sem remorsos deixar para trás um dia, quando este coração parar de bater.

– Eu e o Tommy somos amigos, irmãos de transplante, nada mais – disse-lhe. – Nada de me arranjar namorados, está bem?

A Imogen sacudiu a cabeça.

– Sim, pois, havemos de ver.

*

Os meus pais vivem numa mansão georgiana que parece imponente vista do exterior. Por dentro, não tem nada de particularmente majestoso. Há montes de cadeirões estofados e lareiras acesas no inverno, papéis de parede desirmanados com motivos florais e antiguidades que mais parecem velharias.

Quando estamos com eles, arranjam sempre tempo para o pequeno-almoço na sala de paredes apaineladas a madeira que dá para um jardim murado com uma piscina rodeada de ciprestes. A piscina é aquecida, de modo que mesmo nos dias mais frescos a Farah e a Darya podem chapinhar nela enquanto nós descontraímos com canecas de café e as mantemos debaixo de olho. É como o meu pai se sente mais feliz: a Radio 4 em fundo, os cães deitados a seus pés e a família à volta.

Sir Lance Palmer é mais velho do que a esposa. Chegou a essa fase da vida em que as sobranceiras se espetam em todas as direções se ela não lhe lembrar que tem de as aparar, e os seus cabelos são brancos como a neve. Sempre foi calmo, a força da família, a pessoa para quem todos nos voltamos em busca de conselhos, apesar de muitas vezes ele não os dar, porque acredita na importância de cada um tomar as suas próprias decisões.

Não me disse que não continuasse a procurar os outros recetores, mas fez perguntas suficientes para eu poder ver por mim mesma onde podiam estar as armadilhas. Por fim, pareceu ter dito tudo o que tinha a dizer e leu a minha peça no *Daily Post* sem demasiados comentários.

– Uma roupa muito bonita – observou a minha mãe a propósito da indumentária da Fiona. – Tens de perguntar-lhe onde a comprou.

– Provavelmente numa loja de roupa de uma marca ecológica.

– Parecem já ser bons amigos.

Estava a olhar para a fotografia em que o Tommy tinha um braço à volta da cintura de cada uma de nós.

– Suponho que somos; gosto dos dois.

– Nesse caso, adorava conhecê-los.

A Imogen parecia não estar a dar atenção. Folheava um suplemento a cores, mastigava uma torrada com marmelada e vigiava as meninas. Mas, tal

como a nossa mãe, era perita em fazer várias coisas ao mesmo tempo.

– Não percebo porque é que não havemos de juntar-nos todos na casa em Itália no verão – disse. – Essa Fiona também, se é tão encantadora como dizes... É obviamente a melhor ideia. A oportunidade perfeita para nos conhecermos uns aos outros.

– De certeza que já toda a gente tem compromissos – disse eu, no tom de quem tem de estar sempre a repetir-se.

– Eu não tenho compromissos, e vou lá estar o verão inteiro, de modo que gosto de pensar que a minha família e alguns amigos vão arranjar tempo para me fazerem companhia.

– Claro que vamos, querida – disse a minha mãe, apaziguadora. – Vamos decidir as datas e marcar os voos, não vamos, Lance? E a Vivi também vai lá estar.

– Mas a Imogen quer que eu fique o verão todo.

Estava sentada no chão, junto às pernas do meu pai, a fazer festas a um dos cães. Depois do transplante, os meus pais tinham realojado todos os animais de companhia, preocupados com o risco de infeção. Mas o meu pai adorava os seus cães e, desde que eu tivesse cuidado, eles não representavam uma ameaça. Uns anos antes, tinha-o convencido a comprar dois ternurentos *labradores* pretos.

– Lava as mãos – foi a recomendação automática da minha mãe enquanto se levantava para ir buscar mais café, e eu revirei os olhos, de cara voltada para ela não ver.

O meu pai pousou o jornal, pôs-se de pé e espreguiçou-se. Os cães ergueram os olhos para ele, expectantes.

– Estes dois precisam de ir dar um passeio – disse. – Vivi, porque é que não vens comigo?

Pareceu uma sugestão, mas o que na realidade significava era que havia coisas que queria dizer-me em privado. Estava à espera de um alerta em relação à Grace ou uma discussão a respeito das minhas finanças, de modo que fiquei surpreendida ao descobrir que era sobre a minha irmã que ele queria falar.

– Como te parece ela, de momento? – perguntou, enquanto os cães trotavam à frente por entre as esculturas do jardim.

– Ótima... como de costume, acho. Porquê?

Nos últimos tempos tinha andado embrenhada na minha própria vida e não reparara em muito mais.

– Tem sido difícil para ela, é só isso, pôr de lado a carreira para ter uma família. Penso que deve haver alturas em que se debate com isso.

Sorriu ao ver o cão, *Boston*, levantar a perna e urinar numa escultura prateada de Anish Kapoor que provavelmente tinha custado milhões.

– Com certeza que a Imogen pode voltar a trabalhar quando quiser – disse eu.

– E talvez o faça quando as meninas forem mais velhas. Mas por enquanto

quer que elas tenham aquilo que vocês tiveram, uma mãe presente. E nós devemos fazer tudo o que pudermos para a apoiar.

– Claro.

O meu pai pegou num pequeno pau e atirou-o na vã esperança de que a cadela, *Betty*, corresse a apanhá-lo e voltasse com ele.

– Podias começar por passar o verão com ela em Itália. E, sim, sei o que vais dizer...

– O meu emprego...

– Admiro a tua ética de trabalho, Vivi, mas não te parece que já chegaste o mais longe que podias nesse tabloide? Estrelas de *reality shows*, dietas da moda, membros da realeza; és capaz de muito mais. Provaste-o com a tua peça desta manhã, que está muito bem escrita.

– Também produzem coisas maiores, conteúdos *premium*.

– Meia dúzia de jornalistas mais antigos vão ficar com esses trabalhos, enquanto vocês, os mais novos, são relegados para a rotina do dia a dia.

O meu pai tinha razão. O género de jornalismo que eu gostava de fazer era as peças mais suculentas, mas no *Daily Post* a nossa missão era atrair cliques no *site*. Queriam que fizéssemos *podcasts* e peças faladas, não que passássemos meses a seguir pistas para uma história que podia nunca acontecer. Se não tivesse sido a campanha para a Lei de Vivi, nunca me teriam dado tempo para fazer aquela.

– Que sugere que faça em vez disso? – perguntei, porque não se podia dizer que andasse a ser assediada por ofertas de emprego.

– Aproveita o verão para pensar no que verdadeiramente queres e como lá chegar. Entretanto, podias fazer alguns trabalhos como *freelance*, artigos de viagens, talvez, ou criar um blogue...

– Os blogues já eram – argumentei.

– Talvez, mas seria uma oportunidade para explorar um estilo de escrita diferente. Já provaste que tens o que é preciso para trabalhar num tabloide; é tempo para um novo desafio. Arrisca, faz qualquer coisa diferente, em vez de te repetires.

Tinha sido esta a filosofia do meu pai na sua própria carreira. Estava sempre a avançar, a aprender coisas novas e a correr riscos que outros achariam estonteantes. Admirava-o por isso, mas não me parecia que fosse capaz de viver assim.

– E seria também uma oportunidade de fazer uma coisa simpática pela tua irmã – concluiu.

Para lá do parque das esculturas, há hectares de bosque atravessados por trilhos. Tínhamos chegado ao meu lugar preferido: uma clareira de fadas cheia de fetos e rochas cobertas de musgo e atravessada por um riacho coleante. Parámos por um instante enquanto os cães bebiam ruidosamente e o meu pai procurava mais paus que eles seriam demasiado preguiçosos para perseguir.

– Está bem, vou pensar nisso – disse eu.

– Enquanto estiveres em modo de pensar, há outra coisa que gostaria que

considerasses. Porque é que não largas aquele quartinho horroroso e te mudas para casa da tua irmã por uns tempos?

– O Hamid ia detestar – disse eu, muito depressa.

– Mas a sugestão foi do Hamid.

– Está preocupado com a Imogen?

– Cuida dela, e preocupa-se contigo.

O meu pai passou-me um braço pelos ombros e continuámos a andar. O casaco dele cheirava aos charutos que fumava cá fora, convencido de que a minha mãe não ia notar, e o seu passo era lânguido. Era um homem muito ocupado e tinha todo o tempo do mundo para mim.

– Nunca tentei pressionar-te a fazer fosse o que fosse, Vivi. A vida é tua. Mas também quero o melhor para ti e para a Imogen. E, neste momento, isto é o que espero que escolhas fazer. Passar o verão em Itália com a tua irmã. Não vai ser exatamente um tormento, pois não?

– Não sei se vou largar o quarto. E ia precisar de ajuda para pagar a renda, se estivesse fora todo o verão. – O meu pai assentiu. Se ficou surpreendido por eu lhe pedir dinheiro quando durante anos tinha recusado terminantemente fazê-lo, não o mostrou. – E, como disse, posso tentar fazer algum trabalho como *freelance*. Até pode ser que o *Daily Post* aceite uma ou outra peça. Quem sabe, talvez esteja de férias na mesma aldeia alguma estrela da TV que eu possa espiar.

– Sim. – O meu pai sorriu. – Ou ainda melhor, um membro da família real.

*

Procurei com muito cuidado quaisquer sinais de angústia na minha irmã enquanto devorávamos o assado de domingo e ela nos levava de regresso à cidade a passo de caracol no meio do trânsito do fim da tarde. Com as meninas em segurança nas cadeirinhas e a brincar com o meu telemóvel, consegui sondar um pouco, fazendo perguntas acerca do trabalho e de se ela tinha saudades desses tempos. A Imogen fez alguns comentários pouco generosos e muito divertidos sobre os sócios principais da sua antiga firma e mudou de assunto. Parecia absolutamente ela própria.

Se o Hamid estava a sugerir que eu fosse morar com eles, era de certeza apenas por estar convencido de que eu não era capaz de cuidar de mim mesma. Não estava preocupado com a Imogen, que estava ótima como sempre.

Enfia-se na cama ao lado do marido, que já está a dormir, a cara enterrada na almofada e uma ruga cavada na testa. Trabalha muito e está sempre meio distraído. Quando ambos tinham carreiras, Imogen não se importava muito. Mas agora, afastada da vida que costumava fazer, tudo parece diferente.

Imogen finge muitas vezes que é uma atriz, a desempenhar um papel o melhor que pode e sabe, o mesmo papel todos os dias, boa esposa e mãe divertida. A sua casa é um palco, montado com o cenário encantador da vida familiar, e ela é quase perfeita.

Não se arrepende de ter tido as meninas; nunca poderia arrepender-se. Mas há momentos, quando um dia se funde no seguinte, em que se pergunta se elas não estariam melhor com uma mãe diferente. Por isso, faz a única coisa que sabe; trabalha com empenho, tenta e volta a tentar.

Quando esteve grávida, estudou para aquilo; leu todos os livros. Aprendeu tudo sobre como educar crianças felizes e saudáveis, sobre como ser uma mãe inteligente e criar um lar tranquilo e alegre. Pensava que estava preparada.

Tem quase a certeza de que ninguém reparou em como as coisas na verdade são. Hamid está embrenhado no seu trabalho, os pais têm o seu bem que espalhar, as meninas ainda são muito novas e Vivi preocupa-se com os seus próprios problemas.

A lição mais importante que Imogen aprendeu foi como fazer uma boa representação. O esforço é esgotante. Sabe que tem de mudar qualquer coisa. Talvez o longo verão fora de casa faça a diferença. Talvez em Itália, com o sol na pele e a nadar no mar, com boa comida e pessoas à sua volta, se sinta diferente. Do que precisa é de se afastar, precisa de uma festa para a distrair, cor e vida, diversão genuína em vez do género que inventou.

Imogen deita-se ao lado do marido e apaga a luz. Ainda tem ao lado da cama os monitores de bebés, apesar de as meninas já não serem bebés. A casa é alta e estreita e as miúdas têm quartos no piso de cima. E se Darya a chama e ela não ouve? E se Farah tem um pesadelo?

Quando conheceu Hamid, dormia sempre nua. Era livre de cuidados, naquele tempo. Agora Imogen só consegue adormecer se tiver um plano. Um pijama sobre o qual possa enfiar à pressa um casaco, chinelos ao alcance da mão, as chaves do carro na mesinha junto à porta. Imogen está preparada, ainda que não saiba para quê.

Também a mãe devia estar preparada em todos aqueles anos quando Vivi era pequena e estava muitas vezes doente. Ali deitada durante as horas mais longas e mais solitárias da noite, a ouvir a respiração regular do marido, Imogen recorda aqueles tempos e pergunta-se como conseguiram aguentar.

Vivi está agora a viver a sua própria vida e aquelas novas pessoas entraram nela; os gémeos de transplante, estranhos que têm algo a ligá-los. Imogen está a ser cuidadosa. Ao cabo de uma vida inteira a ser ela a que se preocupa, atenta a problemas e a tentar proteger, aquilo tornou-se um hábito. Imogen precisa de um plano; precisa de estar preparada.

Parecia que meio mundo tinha lido o meu artigo durante o fim de semana. Passei a maior parte da manhã de segunda-feira a lidar com reações. Mensagens de amigos e desconhecidos e centenas de comentários no Facebook, alguns *emails* de outros transplantados que queriam partilhar as suas experiências, vários de chalados a dizer que os transplantes de órgãos não eram éticos e até um a informar-me de que o tom de rosa que usava na fotografia não me ficava bem, mas infelizmente nenhum de alguém que achasse poder ser um dos recetores do Jamie.

Só uma pessoa telefonou: a Lynda, a minha coordenadora de transplante. Sete anos antes, tinha sido ela a telefonar para dizer que havia um coração para mim e a partir de então esteve comigo em cada passo do caminho, a preparar-me para a cirurgia, a ajudar-me a adaptar-me à vida depois da cirurgia. Reconheci-lhe a voz no mesmo instante, um rolar de erres escocês, claro e animado.

– Vivienne Palmer, que tens tu andado a fazer?

– Lynda, é tão bom ouvir-te!

A Lynda tinha sido a minha jangada salva-vidas durante muito tempo. Nunca toldada pela preocupação como a minha família, sempre calma e munida dos factos que eu precisava de conhecer. Tinha-me agarrado a ela.

– Esta manhã só se fala de ti cá pelo sítio – disse-me.

– Porque eu desrespeitei todas as diretivas?

– Ah, bem. – Baixou a voz. – A verdade é que não há grande coisa que possamos fazer para impedir que isso aconteça, com todas essas redes sociais que há por aí. Está toda a gente ligada, não está? E a publicidade que estás a conseguir não tem preço. As pessoas falam de doação de órgãos, de mudar finalmente o sistema, de modo que um pouco de desrespeito é bem capaz de valer a pena.

Também eu baixei a voz, apesar de na redação do *Daily Post* estarmos todos ombro a ombro e as pessoas poderem escutar se quiserem.

– Lynda, podes ajudar-me a encontrar os outros?

– Sabes que não, pelo menos oficialmente.

– E se for oficiosamente?

– Vivi, adoro-te, mas...

– Podemos ao menos encontrar-nos? Há séculos que não te vejo.

– É porque tens estado bem; ter-me-ias visto num instante se as coisas tivessem corrido mal.

– Só um café. Com certeza que tens tempo.

– Certo, está bem – concordou ela.

– E não no hospital. Encontremo-nos num sítio mais simpático.

– Há um novo café na rua principal. Fazem uns pãezinhos de leite deliciosos.

– Ótimo. Digamos amanhã de manhã, então?

– Amanhã? – pareceu surpreendida. – Deves estar mesmo com muita

vontade de me ver.

– Ou então quero muito um pãozinho de leite delicioso.

Ela riu-se e foi um som tão bom, caloroso e tranquilizador; se a Lynda se ria, então devia estar tudo bem; era o que eu sentia sete anos antes e foi exatamente o que senti naquele momento.

– Se queres um pãozinho, querida, é o que vais ter – disse-me.

Houve tanta gente envolvida no processo do meu transplante, tantos médicos, enfermeiras, assistentes sociais, toda uma equipa, até um psiquiatra, mas sempre só uma Lynda.

– Vamos vencer isto, querida – dizia de cada vez que a minha coragem falhava. – Nós as duas vamos vencer isto, e vai ficar tudo bem.

Eu acreditava que ela nunca o diria se não fosse verdade. Estava sempre à procura do seu sorriso, atenta às suas gargalhadas, e eles ajudavam-me a sentir-me mais segura.

As pessoas tendem a pensar que o transplante de um órgão é um final feliz. A culpa é, em parte, de jornais como o meu; é a maneira como contamos a história. Mas quando o meu velho coração se foi embora e o saudável começou a bater, foi o início de uma coisa nova – chamamos-lhe o caminho da recuperação – e nem sempre foi fácil.

O meu corpo estava fraco. Nunca tinha corrido depressa ou levantado nada que fosse pesado; nunca tinha subido uma montanha, quase não tinha caminhado pela encosta de uma colina. A Lynda ajudou-me a acreditar que seria capaz de fazer todas essas coisas. Era esperança e bondade. Durante as longas noites em que os esteroides me roubavam o sono, pensava no bem que ela fazia e em todas as pessoas que ajudava, e ficava imensamente grata por a ter do meu lado.

Talvez a Lynda soubesse para onde tinham ido os outros pedaços do Jamie – o fígado, o pâncreas e as córneas. Talvez houvesse registos a que pudesse aceder ou administradores com quem pudesse falar. Nunca lhe tinha pedido que infringisse as regras por mim, e não me sentia bem ao fazê-lo, mas agora as regras atravessavam-se no meu caminho. Tudo o que queria era contactar com aquelas pessoas. Não ia obrigá-las a ser minhas amigas nem a entrar em contacto com a Grace. Que mal podia isso fazer?

Senti-me um pouco mais leve sabendo que ia ver a Lynda. Tive-a nos meus pensamentos durante o resto da manhã. Lembrei-me dela a segurar-me a mão antes da cirurgia, quando eu estava quase incapaz de respirar, tal era o medo. A encorajar-me nos dias que se seguiram, quando eu estava deitada na cama, tão fraca e cansada que queria fechar os olhos e deixar o meu corpo desfeito afundar-se no colchão e mergulhar no oblívio em vez de me levantar e passear pela enfermaria como todos queriam. A explicar-me com uma paciência infinita os muitos medicamentos que tinha de tomar, e a telefonar-me todos os dias durante semanas depois de eu ter tido alta. Voltar a ouvir a voz da Lynda tornava sempre aquelas recordações muito mais vívidas.

Ir a Harefield encontrar-me com ela ia custar-me meio dia, de modo que

tive de falar com o Dan. Ele sorriu ao ouvir a novidade, como sempre a pensar no potencial para uma nova história.

– Tira algumas fotos de vocês as duas juntas e meia dúzia de boas frases em apoio da Lei de Vivi – recordou-me. – Usá-las-emos no *site*, ou talvez numa peça mais comprida.

– Não sei... é capaz de ser contra as regras.

– É só uma fotografia e uma quantas citações. Não vai haver problema. Faz isso, está bem?

O Dan achava aceitável infringir regras, desde que isso conduzisse a um exclusivo e não se fosse apanhado. Por vezes, no *pub*, as pessoas embebedavam-se a inventar patranhas, e as dele eram sempre as mais escandalosas. Mentir, aldrabar, bisbilhotar, e eu ria com os outros, apesar de nem sempre me sentir muito confortável com isso.

A razão pela qual me tornei jornalista é que adoro escrever. É a minha parte preferida de qualquer trabalho, quando a pesquisa está feita, a entrevista transcrita e só falta ordenar as palavras. Costumava escrever outras coisas, poemas e contos, mas eram horríveis, diga a minha família o que disser. O meu talento reside em pegar na vida real e dar-lhe um princípio, um meio e um fim. É por isso que estou aqui no *Daily Post*; foi o que me conseguiu o lugar. Sou capaz de pegar em praticamente qualquer assunto e transformá-lo numa leitura agradável. O problema são todas as outras coisas que tenho de fazer: descobrir a história, procurar e entrevistar as pessoas, dar-lhes a volta... nada disso é natural para mim.

É possível que o meu pai tivesse razão e eu estivesse a chegar a um beco sem saída neste trabalho. Era, sem dúvida, o que sentia naquele dia enquanto compunha algumas centenas de palavras a respeito dos segredos parentais da Kate Middleton, citando-me a mim mesma como uma «observadora da realeza», na ausência de qualquer material genuíno.

– Queres ir almoçar?

A pergunta do Dan surpreendeu-me, porque ele não costuma fazer pausas a meio do dia.

– Não queres que acabe esta peça?

– Não há pressa. Vamos a um sítio simpático, ofereço eu.

Levou-me à The Ivy Brasserie e sentámo-nos lado a lado num banco e pedimos *shepherd's pie* e tigelas de batatas fritas cortadas grossas. O Dan falou sobretudo de trabalho, uma reestruturação qualquer que estavam a pensar para o *site*; mas havia sempre mudanças e aquela parecia não me afetar, de modo que ouvi só com meio ouvido a rápida tagarelice dele.

Estávamos quase a acabar de comer quando o Dan fez uma pausa, esboçou o seu sorriso arrapazado, tocou-me no braço e disse:

– Em todo o caso, não é para falar disso que estamos aqui.

Olhei para ele sem perceber.

– Não?

– Com toalhas brancas e copos de espumante da casa... estás a brincar?

Claro que não. – Voltou a sorrir. – Quero falar de uma coisa muito mais importante... nós.

– Nós?

– Sim, Vivi, tu e eu.

Abri muito os olhos; aquilo nunca tinha acontecido.

– O quê exatamente a respeito de nós?

– Bem, quando estas mudanças no *site* entrarem em vigor, deixarei de ser o teu chefe direto, de modo que achei que era a altura ideal para começarmos a viver juntos.

Eu estava tão estupefacta que não disse nada.

– Estás sempre a ficar em minha casa, seja como for. Mais vale lebares para lá as tuas coisas.

Fiquei a olhar para ele, ainda muda de surpresa.

– Gosto de ti, Vivi. – Pousou a mão na minha coxa e fez deslizar os dedos para cima. – E tu gostas de mim. Portanto, faz sentido, não faz? Além disso, esse lugar onde estás a viver é um buraco.

O Dan tinha curvado a mão à volta da face interior da minha coxa e parecia não se ter dado conta de que eu não reagira. Estava a falar de fazer uma boa limpeza às coisas dele para arranjar lugar para as minhas. A dizer que não esperava uma grande contribuição para a renda, uma vez que ele ganhava mais, mas que podíamos dividir a eletricidade e as contas de supermercado. A sugerir que podia pedir uma carrinha emprestada a um amigo e ajudar-me a fazer a mudança no fim de semana.

– Este fim de semana? – disse eu, num fio de voz.

– Porque não? Não faz sentido perder tempo, agora que tomámos a decisão.

Talvez fosse por estar tão habituada a fazer o que o Dan me dizia no trabalho, mas tinha dificuldade em dizer que não. Além disso, ele tinha razão: a casa dele era muito melhor do que a minha e eu já lá passava uma boa parte do tempo.

– Suponho que talvez seja boa ideia – disse devagar, apesar de saber que a minha irmã ia matar-me e nem sequer queria pensar no que os meus pais iam dizer.

Nunca o Dan me tinha beijado em público. Contudo, naquele momento, segurou-me a cara com uma mão e voltou-a para a dele. Senti uma pontada de desejo quando os seus lábios tocaram os meus e a outra mão me apertou a perna. Ele também a deve ter sentido.

– Oh, Vivi – disse, num gemido.

Beijou-me e tocou-me enquanto os empregados levavam os pratos e nos levavam o café, e eu deixei a excitação varrer todas as dúvidas do meu espírito.

Queria mesmo ir viver com ele? Não seria uma coisa assim tão má ter oportunidade de o descobrir. Adormecermos juntos à noite, acordar com ele todas as manhãs, misturar tudo, desde os nossos planos para o futuro ao monte

de roupa para lavar. Mesmo que a minha irmã tivesse razão e o Dan fosse inadequado, eu nunca tinha tido uma relação de intimidade com outro homem. No fundo, sabia que não ia durar, mas não seria bom viver como uma pessoa normal? Saber como era, ainda que fosse só por algum tempo?

– Vamos então dizer a toda a gente e conhecer os amigos um do outro? – perguntei mais tarde, no caminho de regresso ao trabalho.

– Sim, a seu tempo, tudo isso. – Parecia divertido. – Creio que é tradicional.

Deu-me a mão durante todo o trajeto e só a largou quando chegámos às portas giratórias que nos sugaram para dentro das instalações do *Daily Post*. Ao longo de toda a tarde apanhei-o a olhar para mim e a sorrir, como se estivesse contente por partilharmos um segredo.

*

Foi ao Tommy que enviei a primeira mensagem com as notícias, talvez por achar que era o menos propenso a julgar-me.

*

O meu namorado acaba de me pedir que vá morar com ele!

*

A resposta foi quase imediata.

*

Assumo que disseste que sim?

Parece que sim.

*

Perguntou quais eram os meus planos para a mudança, onde morava o Dan, como era o apartamento, mas não tardou muito que voltássemos à Grace. Parecia estar sempre ali, no meio de nós, a arranjar maneira de entrar nas nossas mensagens e conversas; não conseguíamos escapar-lhe por muito tempo.

O Tommy receava que o artigo que eu tinha escrito pudesse ter agitado mais emoções difíceis.

*

Falaste com ela desde que apareceu? Se não, um de nós devia ligar-lhe.

Amanhã vou estar com a minha coordenadora de transplante. Ligo depois, talvez haja mais para dizer.

OK, diz-me como correu.

*

Enviei-lhe um rosto sorridente e um polegar voltado para cima e ele respondeu com um coração. Era assim que encerrava todas as nossas trocas de mensagens – com o meu símbolo, brilhante e vermelho e alegre.

*

Não demora muito a chegar a Harefield de táxi, é apenas uma curta corrida pela A40, e normalmente eu passo a maior parte desse tempo a tentar não ficar ansiosa. Análises ao sangue, eletrocardiogramas, raios-X ao tórax,

biópsias: tudo para ter a certeza de que o coração do Jamie está em boa forma e que o meu corpo não começou a rejeitá-lo; é o que Harefield significa para mim. Ir lá só para um café e uma conversa parecia quase uma extravagância.

A Lynda esperava-me no café na rua principal. Envolveu-me num abraço caloroso e apertado e então recuou e mirou-me da cabeça aos pés.

– Um bocadinho magra de mais – declarou. – Sem dúvida a precisar de um pãozinho de leite.

Queria saber tudo: a minha saúde, a minha vida, os meus planos; pediu para ver a fotografia do meu namorado inadequado e perguntou como estavam a correr as coisas no trabalho, se estava a comer como deve ser e a fazer exercício suficiente. Quando falámos da verdadeira razão porque eu estava ali, os pãezinhos de leite já tinham sido comidos e o café bebido.

– És uma menina crescida, Vivi, não vou dar-te um sermão, mas... – começou ela.

– Achas que não devia procurar os outros recetores?

– Não compreendo porque queres fazê-lo.

– Sobretudo para ajudar a mãe do doador.

A Lynda arqueou as sobrancelhas.

– É mais do que isso – apressei-me a acrescentar. – As pessoas que encontrei até agora... é como se não tivéssemos nada em comum, mas ao mesmo tempo tivéssemos tudo. Percorremos o mesmo caminho. Será que isto faz sentido?

– Podias sentir a mesma coisa mesmo que não partilhasses um doador – observou ela. – Podias juntar-te a um grupo de apoio e conhecer pessoas que pensam como tu.

– Não seria o mesmo.

– Impuseste-te então um novo desafio.

– É o que toda a gente me diz. É tão frustrante. A informação está toda no Registo de Doadores, mas eles não a partilham por causa da política. Até conseguir que confirmem o que já sabemos tem sido um drama. Compreendo as razões, é para proteger toda a gente. Mas eu, o Tommy e a Fiona não precisamos de ser protegidos uns dos outros. Porque é que não podemos ser amigos?

A Lynda suspirou.

– É-nos martelado na cabeça, isso do anonimato, e por isso o aceitamos. É claro que as pessoas se encontram e nunca soube que tivesse acontecido qualquer coisa de mal em resultado disso, mas não posso dizer-te nada, lamento.

– Isso quer dizer que sabes alguma coisa? Ou que tens contactos que poderiam ajudar?

Ela agitou-se na cadeira.

– Desculpa, minha querida, mas vais ter de continuar a tentar pelos canais oficiais.

– Só uma sugestão – implorei. – Pode beneficiar a campanha a favor da

Lei de Vivi.

Esta fê-la sorrir.

– Parece estar a ir muito bem por esse lado sem a minha ajuda. Estás a fazer um grande trabalho. Ajudar-te-ei em tudo o que estiver ao meu alcance, obviamente.

Aceitou posar para uma fotografia. Foi o dono do café quem a tirou, eu e a Lynda de braço dado e a sorrir. Então ela prometeu pensar em algumas frases para eu citar. Depois disto, era tempo de dizer adeus e ir cada qual à sua vida, mas eu prolonguei o momento, mantive-a a tagarelar mais dez minutos paradas no passeio, a mostrar-lhe fotografias das minhas sobrinhas e a falar dos nossos planos para passar o verão em Itália.

– É ótimo ver-te saudável e feliz. – A Lynda deu-me um último abraço. – Continua a cuidar bem de ti, sim? E diverte-te em Itália.

Fiquei a vê-la afastar-se, uma figura robusta, de ombros largos. Não se voltou para olhar para trás. Havia agora outras pessoas que dependiam dela, pacientes transplantados com mãos que era preciso segurar, famílias que enfrentavam o medo ou ainda pior. Nem sempre tudo corria tão bem como corraera comigo.

*

Um par de dias mais tarde, a Lynda voltou a telefonar-me. Tinha algumas citações oficialmente aprovadas para acompanhar a fotografia no *site* do *Daily Post*, palavras previsíveis a respeito da necessidade desesperada de órgãos doados e da maneira como muitas vidas podiam ser mudadas para melhor.

– Há aí o suficiente para ti? – perguntou. – Vai ajudar?

– Sim, sem dúvida.

– Ótimo... continua a trabalhar, então.

– Obrigada, Lynda. Depois aviso-te quando aparecer no *site*.

– Faz isso... Oh, Vivi, há mais uma cisa.

– Sim? – disse eu, esperançada.

– Estava a pensar na tua viagem a Itália no verão e há um lugar de que ouvi falar e que devias visitar, se tiveres oportunidade.

Eu queria mais da Lynda do que dicas para as minhas férias, mas pareceu-me ingratidão dizê-lo.

– Oh, sim, bem, vamos para o Sul e...

– Este lugar fica no Sul, embora não saiba a que distância do sítio onde vais ficar. Produzem *mozzarella* biológico e criam búfalos-asiáticos. Há lá um fabricante de queijos inglês que talvez aches interessante.

– *Mozzarella?* – exclamei, suficiente alto para que as pessoas das secretárias mais próximas voltassem a cabeça.

– Sim, chama-se Masseria Perretti e parece que vale bem uma visita. Uma vez que vais estar em Itália, lembrei-me de falar nisso. Há uma visita guiada que podes fazer para ver os fabricantes de queijo a trabalhar.

– Já lá foste?

– Eu? Não.

– Mas achas que eu devia ir?

– É isso mesmo, Vivi, acho.

– Para conhecer o fabricante de queijos?

– Não foi bem isso que eu disse, pois não? Só que talvez achasses interessante.

Depois de desligarmos, voltei-me para o Google e teclei o nome: «Masseria Perretti». A página oficial oferecia pormenores sobre visitas à quinta, um restaurante e provas, e dizia que era aconselhável fazer marcação, mas nada a respeito de um fabricante de queijos em particular.

Mais uma vez, o meu primeiro instinto foi enviar uma mensagem ao Tommy.

*

Tens um instante para conversar? Acaba de acontecer uma coisa.

Dá-me dez minutos e já te ligo. Também preciso de falar contigo.

*

Enquanto esperava, impaciente, que o telefone tocasse, entretive o tempo a especular. Se a Lynda falara de fabricantes de queijo, tinha de haver uma boa razão para isso. Talvez fosse finalmente a pista de que estava à espera, mesmo quando eu já pensava que a minha pesquisa estava a chegar ao último e definitivo beco sem saída. Senti uma pontada súbita de entusiasmo e mal podia esperar para contar ao Tommy.

Tínhamos um problema, complicado e com a forma da Grace, e agora o Tommy estava a tentar arranjar maneira de o resolver. Tal como ele previra, o artigo e a fotografia de nós os três juntos criara comoção.

– Penso que a Grace está a sentir-se excluída – explicou o Tommy. – Deve parecer-lhe que tu, eu e a Fiona estamos a tornar-nos amigos sem ela.

– Mas ela não quis ter nada que ver com o artigo – objetei. – Estava a tentar protegê-la deixando-a de fora.

– Sim, eu sei. Mas seja como for, se é isso que a Grace sente, temos de fazer qualquer coisa.

Ouvia vento e ruídos de trânsito, de modo que o Tommy devia estar na rua. A nossa conversa tinha provavelmente interrompido a instalação de uma cozinha.

– Mas o quê?

– E se nos juntássemos em Oxford este fim de semana? – sugeriu ele. – Seria uma oportunidade para a Grace conhecer a Fiona como deve ser, e podíamos fazer qualquer coisa gira.

– Não sei se a Fiona está preparada para isso.

– Fala com ela, descobre.

– E tencionava mudar de casa este fim de semana. – Recordei-lhe. – Está tudo combinado.

– Não podes adiar?

– Suponho que sim... se for mesmo preciso.

Era difícil não sentir uma pontinha de ressentimento. Fosse o que fosse que a Grace precisasse, devíamos entrar em ação. Tínhamos as nossas vidas graças a ela; devíamos-lhe tudo, de modo que mesmo que eu não quisesse ir a Oxford, mesmo que não fosse nem um bocadinho conveniente, pouco importava.

– Não temos de ir a casa dela, se isso te incomoda – tranquilizou-me ele. – Só um almoço agradável algures, um passeio junto ao rio. Vai ser bom.

– Está bem, então – concordei, e que outra coisa podia ter dito? – Vou falar com a Fiona; convencê-la, se for necessário.

O meu fim de semana tinha contido toda a esperança nervosa de um novo começo. Mudar-me para casa do Dan era um risco que me roubara um par de noites de sono, mas até ao momento tinha corrido tudo bem. O Dan dera-se ao trabalho de pedir emprestada a carrinha de um amigo e arranjava espaço para mim no apartamento; estava tudo pronto e receava que se tentasse mudar os planos agora, ele desistisse da ideia. Parecia-me um mau começo para uma nova vida.

Só que não tinha contado com o empenho do Dan em que eu não largasse aquela história; se queria passar um fim de semana com os meus amigos transplantados, por ele tudo bem. Até sugeriu que tirasse a tarde de sexta-feira para empacotar as minhas coisas e ele encarregar-se-ia da mudança.

– Assim podes ir diretamente para minha casa no domingo à tarde – disse.

– E estará lá tudo à tua espera.

– De certeza?

Estava grata por o Dan resolver o problema.

– Não custa nada. Peço ao meu amigo que me ajude. Na realidade, até é capaz de ser mais fácil se não estiveres lá a atrapalhar.

Era um alívio, mas mesmo assim não podia relaxar porque ainda havia a questão da Fiona. Ela e a Grace tinham andado a trocar postais e cartas, um delicado ritual que parecia preparado para se arrastar indefinidamente, e agora tinha de ser eu a fazê-lo avançar.

Achei melhor lidar com aquilo cara a cara, de modo que enviei uma mensagem à Fiona a sugerir que nos encontrássemos mais tarde para uma chávena de chá, e ela aceitou ir ter comigo ao sítio do costume.

*

Um chá à tarde seria encantador. Devemos ter muita conversa para pôr em dia.

*

Vim a saber que a Fiona se tinha sentido como uma celebridade durante toda a semana. Imensas pessoas a tinham visto no *Daily Post*, outras voluntárias do jardim e a congregação da igreja dela, pessoas que nunca imaginara leitoras de tabloides. No todo, o *feedback* ao meu artigo tinha sido muito positivo. Um par de amigas das quais nada sabia há anos tinham-na contactado, de modo que a agenda dela estava agora a encher-se de encontros para beber café e almoçar. Era tudo muito empolgante.

– Fez um trabalho excelente, como eu sabia que faria – disse-me com um sorriso. – Que espécie de resposta teve?

– A minha mãe adorou a sua roupa – informei-a. – Pediu-me para descobrir onde a compra.

– Oh. – Corou de prazer. – Tenho uma modista que trabalha para mim. Terei muito gosto em dar-lhe o contacto, se acha que a sua mãe pode estar interessada.

Pedimos bules de chá e *scones*, porque são as únicas coisas na ementa de um café que podemos comer sem perigo. Todas as bactérias capazes de nos deixar doentes espreitam nas sanduíches e nas saladas, e talvez até no *cheesecake*. As pessoas normais não se detêm a pensar nisso e comem o que lhes apetece. Eu e a Fiona escolhemos *scones*.

Enquanto bebericávamos e mordiscávamos, pu-la ao corrente das reações ao meu artigo. Até lhe falei do estranho caso da Lynda e do fabricante de queijo italiano. Debatemos o assunto durante algum tempo sem conseguirmos decidir se ela me tinha dado uma dica extraoficial ou se fora apenas uma sugestão de férias genuína.

– Normalmente a Lynda é muito direta – expliquei. – Não é nada do género de largar sugestões acerca do que quer que seja. Mas suponho que se o fulano é um dos recetores do Jamie, isso significa que está a infringir as regras, portanto...

– Mas vai de férias para Itália, em todo o caso, não vai?

– Ainda não marquei os voos, mas devo ir, e isto dá-me mais uma boa razão. Seria bom ter alguma notícia positiva para a Grace, agora que o Tommy diz que ela não está muito bem.

Expliquei então o plano dele para o nosso fim de semana juntos em Oxford, e o rosto da Fiona mostrou sinais de tensão, os cantos dos lábios descaíram, a testa franziu-se. Murmurou qualquer coisa indistinguível e seu olhar desviou-se da minha cara para a janela.

– Sabe, acho que é capaz de chover – disse, numa tentativa desajeitada de mudar de assunto. – Olhe para a cor do céu, lilás descolorido. Muito bonito agora, mas começa a escurecer.

Eu não ia deixá-la safar-se com tanta facilidade.

– Fiona, por favor, não quer ir?

– O fim de semana inteiro?

– O Tommy vem de Liverpool, de modo que suponho que faz sentido.

– Não posso juntar-me a vocês só para o almoço?

– Acho que sim, se é o máximo que pode fazer.

Lá fora tinha começado a chover. As pessoas abriam chapéus de chuva e corriam para o abrigo do café. A Fiona continuava a olhar de testa franzida para a janela que as gotas de chuva turvavam.

– Os meus pulmões foram uma dádiva tão grande, o meu cabo salva-vidas, mas... – Começou a tossir e precisou de várias respirações para conseguir voltar a falar. – Não posso ser amiga da Grace; não sou a pessoa certa para a ajudar. Os pulmões transplantados não duram muito; provavelmente sabe disso, não sabe? Considerando a minha idade, estou bastante bem. Sete anos e, como digo sempre, grata por cada momento. Tento não me preocupar com o que aí vem, manter-me positiva.

– Também eu – disse-lhe.

Remexeu na mala. Como tudo nela, parecia cara e bem usada. Tirou dela um lenço, dobrou-o num quadrado muito certinho e limpou ao de leve as faces.

– Quando não conseguimos respirar, nada mais importa – disse. – Nunca esquecerei o alívio de não precisar de oxigénio, de voltar a ter energia, poder cozinhar uma refeição ou dar um passeio. Devo tudo isso à Grace.

– Sim – disse eu, a encorajá-la.

– Por isso, irei e agradecer-lhe-ei pessoalmente. Mas penso que depois disto a Vivi deve parar com a sua busca. Não ponha outros recetores na mesma situação. Deixe-os continuar com as suas vidas e deixe a Grace prosseguir com a dela. É o meu conselho, e vale o que vale. Penso que seria o melhor.

Talvez tivesse sido má ideia escrever os artigos, entrar em contacto com toda a gente, mas tinha-o feito e agora não via maneira de voltar atrás.

– Considere tudo isto da perspetiva da Grace – continuou a Fiona, e havia uma aresta mais dura na sua voz. – É ótimo quando todos nós estamos bem,

mas isso vai acabar por mudar, pelo menos para um de nós, e então haverá mais razões para desgosto. Detesto dizer isto, mas é a realidade.

Engoli em seco, porque era mais do que provável que ela tivesse razão, e eu também não gostava de pensar nisso.

– É só um almoço, mais nada.

– Sim, claro. – Conseguiu esboçar um sorriso. – Um almoço, uma vez, isso posso fazer.

A chuva continuava a cair e nenhuma de nós estava com vontade de se molhar. Eu nem sequer tinha gabardina, de modo que, quando conseguisse encontrar um táxi, estaria ensopada até aos ossos. Ficámos no café e bebemos mais chá. A Fiona respirava com os pulmões do Jamie, eu sentia o coração dele bater-me suavemente no peito, enquanto falávamos de outras coisas; filmes que queríamos ver, lugares aonde gostaríamos de ir, como as outras pessoas fazem.

Por fim, o céu clareou e o aguaceiro reduziu-se a um chuvisco.

– É melhor ir andando – disse eu. – Antes que comece a chover a sério outra vez.

– Em breve estará em Itália, com todo aquele maravilhoso sol mediterrânico.

Pensei na bonita casa cor-de-rosa que a minha irmã tinha arrendado para o verão, na quantidade de quartos que tinha e em como a Fiona ficaria encantada por ocupar um deles. Devia convidá-la para se juntar a nós, como a Imogen sugerira? Considerei a possibilidade por um instante e então lembrei-me da Grace; a rebarbativa e triste Grace, com a sua capacidade de induzir sentimentos de culpa. Aonde quer que fôssemos juntos, com os respetivos pequenos pedaços do Jamie dentro de nós, ela havia de querer ir também.

*

Marcámos à pressa quartos em Oxford, e uma mesa para almoçar, e eu passei o resto da sexta-feira a guardar tudo o que tinha em caixas que o Dan levaria para o apartamento dele durante a minha ausência, a sentir-me ridiculamente triste com a ideia de deixar o meu cubículo. Tinha sido o meu primeiro cheiro a independência. Enchi um saco de viagem com as coisas essenciais que vão comigo para todo o lado – o monitor de pressão arterial, o registo onde todos os dias anotava as leituras juntamente com o ritmo cardíaco, a temperatura e o peso, todos os meus vários comprimidos, e há montes deles – recordei a excitação de me mudar para o meu próprio espaço, atrás da minha própria porta, onde podia viver como quisesse.

Fechei com fita adesiva a última caixa e pensei em quando voltaria a abri-las em casa do Dan, em Bethnal Green, e começaria a instalar-me. O apartamento era pequeno, mas tinha quartos a sério e esperava que ele me deixasse comprar umas coisinhas para o tornar mais acolhedor: almofadas para o sofá, vasos com plantas, quadros e gravuras para as paredes, coisas para as quais olhar sem ser a enorme televisão. Talvez até aprendesse a cozinhar um ou dois pratos para poder convidar amigos para jantar. A vida

parecia cheia de novas possibilidades, e isso tornou um pouco mais fácil dizer adeus ao meu quatinho.

Despojado de todas as minhas posses, o lugar parecia ainda mais triste. Dormi uma última noite na cama grande de solteira e no dia seguinte fechei a porta da frente pela última vez, na esperança de estar preparada para o meu futuro.

Estava uma manhã dourada de sol e eu sentia-me contente por ir a qualquer lado. Enquanto carregava o meu pesado saco de viagem ao longo da Grosvenor Avenue, pensei no Tommy e apercebi-me de que queria muito voltar a vê-lo, estar com ele em Oxford. Até dei por mim a desejar que pudéssemos ser só nós os dois, a passar um agradável fim de semana, a divertirmo-nos sem as complicações da presença dos outros.

Tínhamos feito reservas num *pub* à beira-rio para passar a noite. Parecia ser um bom lugar para a Grace se juntar a nós para o almoço: tinha mesas no exterior com uma bela vista e a ementa não era muito cara.

Fui a primeira a chegar e, uma vez que era demasiado cedo para fazer o *check-in*, pedi um café e sentei-me ao sol, a ver os patos no rio. O Tommy procurou-me logo que chegou. Foi bom ver o seu sorriso, ser abraçada com força e competência.

– Muito bem – disse, enquanto se instalava no banco de madeira à minha frente –, que conversa temos os dois de pôr em dia antes de os outros chegarem? Como vão as coisas: o trabalho, o namorado, a saúde, tudo?

– Pelo melhor – disse-lhe. – Vou mudar para casa do Dan este fim de semana, como estava planeado.

– Vais então em frente com isso? Tens a certeza de que é a jogada certa?

– Não – admiti. – Mas acho que vale a pena tentar.

O Tommy estava a olhar para mim com uma expressão inquisitiva, a prender-me no brilho azul dos seus olhos.

– Não dás bem a impressão de estar loucamente apaixonada.

Encolhi os ombros, porque as pessoas dão tanta importância a estar apaixonada, e estar apaixonada não é garantia de coisa nenhuma, como de certeza ele sabia.

– Vou dar-lhe uns meses, e se não resultar também não vai ser o fim do mundo.

Ele abanou a cabeça e pareceu estar a preparar-se para se lançar num debate, mas então olhou por cima do meu ombro e fez um grande sorriso de boas-vindas.

– Fiona, olá! – chamou, e ergueu um braço para lhe chamar a atenção.

Momentos mais tarde, a Fiona estava junto de nós, muito elegante com os seus *jeans* azul-escuros e um lenço leve de lã de merino posto à volta do pescoço com aquele toque artístico que eu pareço ser incapaz de dominar. Estava um pouco ofegante, como se tivesse vindo a andar depressa.

– A Grace já chegou? – perguntou.

O Tommy olhou para o relógio.

– Não deve tardar.

Achei-a mais pálida do que de costume e notei que as mãos lhe tremiam.

– Sente-se bem? – indaguei.

– Nem por isso – admitiu ela. – Acordei com dor de cabeça. A maior parte das vezes acaba por desaparecer, mas hoje não é um desses dias.

– Sim, conheço essas dores de cabeça – disse o Tommy.

– Costuma tomar alguma coisa?

– Ná. – Fez uma careta. – Mais comprimidos? Não me parece.

– Eu também não. Por vezes dá-me a impressão de que o chá de menta ajuda; pelo menos é o que digo a mim mesma.

– Sente-se e eu trago-lhe um – ofereceu o Tommy.

*

Quando chegou, a Grace encontrou-nos a partilhar um bule de chá de ervas e a estudar a ementa. Também ela estava elegantemente vestida, mas mesmo assim parecia agitada. Não devia ter-lhe sido fácil preparar-se para aquele almoço.

– Chegaram há muito tempo? – perguntou. – Não estou atrasada, pois não?

– Nem um bocadinho – disse o Tommy, levantando-se do banco para a envolver num abraço.

Também eu a abracei, de uma maneira muito mais rígida e desajeitada, a sentir-me apequenada pela estatura dela. Foi então a vez da Fiona. Podia não estar a sentir-se no seu melhor, mas era uma mulher que tinha sido devidamente instruída na arte das boas maneiras. Tomou as mãos da Grace entre as suas, roçou a face pela dela, fez-lhe um sorriso caloroso e admirou-lhe o *blazer* creme.

– Está muito bem cortado – disse. – Onde o arranjou?

– Comprei-o num armazém – informou a Grace, e passou os dedos pelo tecido, num gesto depreciativo. – Não é nada de especial.

– A minha mãe costumava dizer que com um bom *blazer* podemos ir a todo o lado – disse a Fiona; voltou a sentar-se no banco e com um gesto fácil sugeriu que a Grace se sentasse a seu lado. – As peças clássicas nunca nos deixam ficar mal.

– É o que uso quase sempre – disse a Grace. – Tinha-o vestido quando nos conhecemos, na Abadia de Westminster. Lamento muito o que se passou. Não sei o que foi que me deu.

– Acabaram-se os pedidos de desculpa. – A Fiona ergueu as mãos. – Penso que todos nós sofremos um choque, mas agora o melhor é esquecer.

Ler as ementas, decidir o que queríamos e encomendar a comida manteve-nos ocupados por curtos instantes. Depois disso, a Fiona continuou a liderar a conversa. Fez perguntas a respeito do Jamie, viu fotografias dele, falou da sua doença e de como estava grata por aqueles anos adicionais de respiração fácil, voltou a agradecer a dádiva que lhe tinha sido feita.

– Quando enchi os pulmões de ar pela primeira vez, fui apanhada de

surpresa. Não queria acreditar que já não precisava de oxigénio. Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente. Nem sequer sei como começar.

– É o Jamie quem merece os agradecimentos – disse a Grace, numa voz rouca.

– Eu sei. – A Fiona hesitou, como se, por uma vez, não soubesse como dizer o que queria. – A verdade é que estou sempre a agradecer-lhe. Tenho tido conversas com o Jamie desde o meu transplante... Acham que é estranho?

– Eu não. Faço o mesmo. – As lágrimas começavam a alagar os olhos da Grace. – Pergunto-me se o Jamie nos ouvirá.

– Gosto de pensar que sim – disse a Fiona. – Tenho esperança de que esteja algures lá em cima, a ver todo o bem que fez.

Senti que o ambiente estava a ficar carregado de emoção, como acontecera na Abadia de Westminster, e receava mais uma cena perturbadora ali na esplanada de um *pub*, rodeados de pessoas que saboreavam os seus almoços.

– Não é ótimo estarmos todos juntos? – interrompi com forçada jovialidade. – Quando a Grace me pediu ajuda, nunca imaginei um dia como este. Duvidava de ser capaz de encontrar alguém.

O Tommy sugeriu um espumante sem álcool para podermos fazer um brinde e, quando todos concordaram, foi ao balcão pedi-lo. Então erguemos os copos, entrechocámo-los um pouco embaraçados e murmurámos «então saúde» e «ao Jamie» e «a nós».

Por fim, pareceu que a Grace estava a recompor-se.

– E os outros? – perguntou. – Mais alguém contactou consigo desde que o artigo saiu?

– Até agora, não – admiti. – Mas não é demasiado tarde, essas histórias ficam *online* praticamente para a eternidade, de modo que há sempre a possibilidade de alguém contactar.

– Espero que sim – disse ela. – Quero conhecê-los a todos.

A Fiona lançou-lhe um olhar preocupado.

– Parece ser muito importante para si.

– Sim, é.

– Posso perguntar porquê?

– Ao princípio foi só uma ideia, mas então... – Passou os olhos pelas nossas caras, enquanto evocava as suas recordações. – Sempre quis uma grande família, montes de filhos. Mas o meu ex-marido era um desperdício de espaço, egoísta e preguiçoso. Até o Jamie era demasiada responsabilidade. Depois de ele nos deixar, éramos só nós os dois e eu vivia feliz com a minha pequena família, não queria mais nada. Então, naquela última noite, quando as máquinas estavam a mantê-lo vivo e eu tomei a decisão de doar os seus órgãos, senti-me completamente perdida. Estavam lá outras pessoas: o meu irmão Tim, coordenadores da equipa de transplantes, enfermeiras, mas de certa maneira parecia que continuávamos a ser só eu e o Jamie. Não sei se percebi que nunca mais ia voltar a vê-lo.

As lágrimas corriam-lhe pelas faces e ela deixava-as cair. Dessa vez, não

tirou da mala uma embalagem de lenços de papel; aquela dor era demasiada para conter ou esconder.

– É muitas vezes assim – disse a Fiona numa voz muito baixa. – Nunca deixei de esperar ver as pessoas que perdi, e também para mim já lá vão anos.

A Grace voltou-se para ela, aparentemente agradecida.

– Pensei que melhoraria com o tempo, mas não melhorou. Todos os aniversários, o dia em que fazia anos, o Natal, o dia em que o Jamie morreu... É suposto seguirmos em frente com as nossas vidas, sarar, é o que toda a gente diz, não é? Mas não para mim. Fiquei no mesmo lugar, encalhada.

– Meu Deus – disse a Fiona. – Tenho tanta pena...

– O meu irmão tem a teoria de que tudo acontece por uma razão. Mas que razão pode haver para um rapazinho morrer, quando ia começar a viver a sua vida? Quando li aquele artigo no jornal e depois conheci a Vivi, pensei que talvez se os conhecesse a todos, se descobrisse o que fizeram com as vossas vidas...

Foi naquele instante, com a Grace a chorar e a Fiona a tentar não fazer o mesmo, que o empregado resolveu aparecer com as nossas refeições. A comida tinha bom aspeto, mas nenhum de nós estava com vontade de comer. Empurrávamo-la à volta do prato enquanto o rio corria e os cisnes passavam a deslizar.

– Vocês são o mais perto que posso agora estar do Jamie – disse a Grace, pousando o garfo. – Ouvi o coração dele bater, vejo que os seus pulmões estão a respirar e sei que o seu rim está a funcionar.

– Vou continuar a procurar os outros – prometi. – Não vou desistir.

– Obrigada. – A Grace sorriu-me. – Preciso de saber que merecem o milagre que obtiveram, que a vida do Jamie não foi desperdiçada. Talvez então comece a parecer que houve uma razão qualquer para tudo o que aconteceu.

Estão os quatro a caminhar ao longo do rio, sob a luz do sol, e por um instante ela está feliz. É uma sensação tão pouco familiar, a leveza e a animação, que Grace quase não a reconhece.

Quando foi a última vez que se sentiu assim? Deve ter sido em qualquer altura nos dias antes de Jamie morrer, mas esses dias são um vazio na sua mente. Tentou recordar, não quer perder nem um dos momentos que tiveram juntos, mas eles parecem ter-se perdido no choque, aqueles últimos e preciosos dias.

Grace deve ter-lhe feito o pequeno-almoço naquela manhã e embrulhado o almoço para ele levar. O apetite de Jamie aumentava à medida que o seu corpo entrava na fase final de crescimento e parecia que ela nunca lhe arranjava comida suficiente. Talvez na noite anterior o tivesse ajudado a fazer os trabalhos de casa, apesar de começarem a tornar-se muito complicados – matemática, computadores, arte e design – e Jamie parecer já não precisar tanto da sua ajuda: era inteligente. Grace não consegue sequer lembrar-se se tinham algum plano para aquele fim de semana.

A vida tinha-se tornado um grande espaço vazio; não havia nada que valesse a pena recordar. Assinara os formulários de doação, despedira-se cem vezes, arrancara-se de junto dele, e depois disso o melhor que conseguira tinha sido sobreviver a cada dia. Ia trabalhar, sobretudo como secretária e nada muito exigente porque lhe faltava a concentração. Aos domingos ia almoçar a casa do irmão, Tim, mas só porque ele insistia. Não lhe dava grande alegria sentar-se ali a comer frango assado com a mulher dele e os três filhos – os primos mais novos de Jamie – a tentar encontrar qualquer coisa de que falar que não levasse de imediato a ele. Falar de escolas, desporto, passatempos, fosse o que fosse que estivessem a ver na televisão, tudo lhe recordava o filho, e tinha de lutar para não o dizer.

Agora com aquelas pessoas, na verdade quase estranhos, a passear pela margem do rio, sente-se um pouco mais livre. Fiona quer saber coisas sobre o rapaz cujos pulmões lhe permitem respirar. Caminham lado a lado e Fiona escuta as histórias que Grace conta a respeito do que ele costumava fazer. Como daquela vez em que estava a brincar com fósforos e quase pegou fogo à arrecadação do quintal. O acampamento de férias na Cornualha, quando ele tentou fazer *surf* e o instrutor disse que tinha um jeito inato para o desporto. O bolo que ele lhe fez no Dia da Mãe, cenoura com cobertura de queijo creme. Rebusca nas suas recordações e conta a Fiona coisas de que há anos não falava.

Grace apercebe-se de que está feliz, um pouco, e só por aqueles poucos instantes, mas a sensação é boa; aceita-a com prazer.

A Grace emocionou-se durante aquele fim de semana em Oxford, mas ter conhecido a Fiona pareceu animá-la um pouco. Demos um longo passeio junto ao rio, através de prados e a ver as equipas de remo que treinavam nos seus barcos, e as duas conversaram imenso. Então ao jantar, comigo e com o Tommy, a Grace contou montes de histórias acerca do Jamie, os sarilhos em que se metia, as coisas que fazia que a enchiam de orgulho. Os lenços de papel lá estavam, prontos a ser usados, ao lado do copo de vinho; mesmo assim, algumas das recordações fizeram-na sorrir.

Não foi fácil para mim ouvir aquelas histórias enquanto o coração do Jamie batia no meu peito. Quando a Grace falou de como ele era bom aluno, de como tinha ganhado uma bolsa de estudo e dos planos que tinha para o futuro, foi como se eu lhos tivesse roubado; eu tinha sobrevivido, e ele tinha morrido.

– Sou só eu que estou a falar – disse ela, ao cabo de alguns copos de vinho –, quando o que na verdade queria era conhecê-los melhor.

O Tommy começou a contar-lhe dos filhos, das esperanças que tinha de um dia voltar a montar o seu próprio negócio, de comprar uma casa. Falou das provas em que esperava participar, triatlos e maratonas, e do muito treino que exigiam. A Grace ouvia-o com atenção e assentia; via-se que estava impressionada. Achava que o Tommy merecia o rim do Jamie; disso não havia a mínima dúvida.

Quando ele acabou, voltaram-se ambos para mim, expectantes, e eu não consegui lembrar-me de nada que valesse a pena mencionar.

– Conte-me por que razão quis ser jornalista. Era a sua paixão? – perguntou a Grace.

– A ideia foi do meu pai – expliquei. – Sempre tive jeito para escrever e depois do transplante, quando fiquei suficientemente bem para estudar qualquer coisa, ele sugeriu jornalismo.

– Mas porquê o *Daily Post*? – disse ela, e fez uma careta, como se o vinho que estava a beber tivesse de repente azedado.

– Só porque eles me deram um estágio, quando acabei a licenciatura, e depois me ofereceram um lugar.

– Gosta de lá estar?

– Não estou exatamente a viver o meu sonho, mas tudo bem.

– Qual é então o seu sonho? – quis a Grace saber. – O que é que quer verdadeiramente da vida?

– Não sei – disse, e a voz quebrou-se-me, porque me senti como se a minha resposta fosse importante, como se fosse ser julgada com base nela. – Ser saudável e feliz, como qualquer outra pessoa.

– Mas o *Daily Post*... um tabloide... com certeza podia ter conseguido melhor?

– É um dos grandes jornais a nível nacional, imensa gente sonha trabalhar lá – argumentei, na defensiva.

– Acaba de dizer que não é o seu sonho – recordou-me a Grace. – É uma escritora cheia de talento, tem todo esse brilho e potencial, porquê desperdiçá-los?

O meu pai tinha dito qualquer coisa parecida, a Imogen também, mas ouvi-lo naquele momento da boca da mãe do meu doador foi como um murro no estômago.

– Quer dizer, o *Daily Post*. – Voltou a fazer uma careta. – É lixo.

– É o meu trabalho e sou boa a fazê-lo. Claro que adorava escrever peças mais sérias, jornalismo de investigação, mas o mesmo acontece com tantas outras pessoas...

– Isso não é razão para não tentar, pois não? Teve uma segunda oportunidade de viver; não devia aproveitá-la ao máximo? – A Grace não estava disposta a largar o assunto. – De certeza que o meu Jamie nunca se contentaria com uma segunda escolha.

Mais uma vez, as palavras dela deixaram-me quase sem respiração.

*

Mais tarde, depois de ela ter partido, eu e o Tommy bebemos chocolate quente no bar. A lareira estava acesa porque havia um friozinho no ar e recostámo-nos juntos num velho Chesterfield, eu um pouco trémula por dentro depois de as palavras da Grace me terem abalado.

– Era mais fácil quando o nosso doador era um desconhecido, não era? – disse ao Tommy, um pouco enrustecida.

– Ela apertou um bocadinho contigo, mas não foi com má intenção.

– E se ela achar que não mereço o coração do Jamie? E se for eu o desapontamento?

Tinha sido a preocupação da Fiona, e agora era a minha.

– Não sejas tonta. – O Tommy segurou a caneca de chocolate quente com as duas mãos e aspirou o aroma. – Bebeu uns copos de vinho, foi só isso.

– Achas que ter-nos conhecido está a ajudá-la?

– Sim, acho... No mínimo, está a dar-lhe outra coisa em que pensar.

– Parece sentir que a vida do Jamie continua através de nós, de certa maneira.

– Fá-la sentir-se melhor. Isso é um problema?

– Não sei... talvez. – Compreendia agora porque fora a Fiona tão cautelosa; estava a ver ali potencial para todo o género de problemas. – E se a Grace começa a querer mais de nós? Digamos que pede para passar o Natal contigo, ou ir de férias contigo, ou conversar contigo todos os domingos, tornar-se parte da tua família. Deixa-la interferir na tua vida? Em que ponto é aceitável dizer não?

A expressão do Tommy fez-se pensativa. Em vez de responder de imediato, olhou para a lareira, para as chamas que dançavam e crepitavam.

– Suponho que vai ser diferente para cada um de nós – disse por fim. – Por exemplo, eu não me importaria se ela quisesse passar o Natal, mas para ti pode ser mais complicado, e não há mal nenhum nisso.

– Com o Natal talvez fosse capaz de lidar, mas não queria que fosse de férias comigo.

Ele riu-se e olhou para mim de soslaio.

– O que achaste então de a tua irmã me ter convidado para me juntar a vocês em Itália?

– Não é nada a mesma coisa – disse eu. – Adorava conhecer os teus filhos e estar contigo; ia ser divertido. Mas com a Grace há sempre tanto mais a acontecer, tanto desgosto e culpa. É demasiado para aguentar.

– Como disse, somos todos diferentes. Se tudo o que consegues é arranjar tempo para uma conversa com ela de vez em quando, não vai ser o suficiente.

– Preocupa-me ter-te posto a ti e à Fiona numa posição difícil – admiti.

Ao ouvir isto, ele voltou a sorrir.

– Não precisas de te preocupar comigo, Vivi, sei cuidar de mim mesmo.

Era tão fácil estar com ele. Sentados lado a lado no velho sofá de couro, pensei na sorte que tínhamos tido por o rim incólume do Jamie ter sido dado a alguém tão bom e generoso. À luz da lareira, os olhos dele pareciam mais escuros e as finas rugas que os rodeavam suavizavam-se. Estava a gostar de estar ali com ele. Era uma pena não podermos ficar mais tempo.

– Achas que vais mesmo poder ir a Itália? – perguntei.

– Gostava muito, mas não sei muito bem se a tua irmã estava a falar a sério quando fez o convite.

– A Imogen não é nada do género de dizer o que não sente.

– O teu namorado também vai?

– O Dan? Não lhe perguntei. É possível que apareça por lá, suponho, mas a Imogen não é grande fã.

– Nesse caso, que acha ela de ires viver com ele?

– Ainda não sabe... não lhe falei nisso – admiti.

– A sério? – O Tommy abriu muito os olhos. – Vais mudar-te para casa desse fulano amanhã e ainda não disseste nada à tua irmã?

– A minha família gosta de interferir na minha vida – expliquei. – Por vezes é mais fácil fazer as coisas primeiro e dizer-lhes depois, quando já está tudo resolvido. Poupa a toda a gente um monte de preocupações.

– Não consigo imaginar essa abordagem a resultar comigo. Mas é mais difícil quando se tem filhos, claro, a vida é mais complicada.

Éramos tão diferentes, eu e o Tommy. Os nossos antecedentes, as nossas famílias, a nossa vida quotidiana, parecia não haver pontos onde qualquer destas coisas se tocassem, e no entanto dávamo-nos tão bem. Nunca me sentia constrangida com ele; tínhamos sempre assuntos de que falar.

Estávamos ambos relutantes em dizer boa noite. Pedi outro chocolate quente e o Tommy ficou comigo enquanto o bebia. Quando começámos a bocejar, o pessoal do bar estava a recolher copos e a limpar as mesas.

– Não te preocupes demasiado com a Grace – disse-me ele. – Podes ter o coração do filho dela, mas continua a ser a tua vida e tens o direito de fazer as tuas escolhas.

Quando nos despedimos, eu rocei-lhe a face com um beijo e o Tommy deu-me um abraço vigoroso.

– E gostava muito de ir a Itália – disse-me, antes de se afastar. – Se puder fazer com que aconteça, lá estarei. Mas não digas nada à Grace, está bem? Não queremos que ela volte a sentir-se excluída.

Fiquei um pouco mais no bar depois de ele ter ido para o quarto, a ver as brasas ardentes da lareira começarem a perder o brilho, enquanto o pessoal apagava as luzes à minha volta. Precisava de tempo para deixar assentar o que a Grace me tinha dito.

Durante muito tempo não me tinha dado ao trabalho de fazer planos para o futuro; nem sequer estava certa de ter um. A minha filosofia era aproveitar as oportunidades à medida que surgiam, e até ao momento tinha funcionado bastante bem; pelo menos achava que sim. Os homens que conhecia, os trabalhos que me ofereciam, eram opções fáceis na altura e parecia não fazer sentido preocupar-me com aonde qualquer delas podia levar-me.

Agora não conseguia livrar-me da ideia de que devia apontar mais alto e fazer melhor. Perguntava-me se outras pessoas pensavam em mim dessa maneira, se toda a gente o fazia, e não era um pensamento agradável.

Estar ao pé da Grace fazia-me sempre sentir pequena, mas naquela noite tinha-me feito sentir minúscula.

*

Dormi até tarde na manhã seguinte e perdi vários comboios que podiam ter-me levado de regresso a Londres. Quando cheguei ao apartamento do Dan, ele tinha começado a abrir as caixas empilhadas na sala de estar e as minhas coisas estavam espalhadas por todo o lado.

– Toneladas de livros – comentou ele ao ver-me entrar. – Roupas pretas, claro, montes delas. Oh, e velas perfumadas.

– Foi a minha irmã quem mas deu – disse-lhe.

– Mas tu guardaste-as.

– Guardo tudo o que a minha irmã me dá. É uma espécie de brincadeira; ela sabe que as acho ridículas.

– Onde estão então as tuas verdadeiras coisas? As tuas coisas bonitas? – Apontou para uma das caixas. – Aqui não há grande coisa.

– Que queres tu dizer com as minhas verdadeiras coisas? – perguntei, assumindo que ele estava a brincar.

– Isto não pode ser tudo o que tens. Deixaste o resto guardado em casa dos teus pais, ou coisa assim?

– Não, isto é o que há.

Nunca lhe tinha falado com um mínimo de pormenor acerca dos meus pais, só que viviam no campo. E ele não parecera particularmente interessado em saber mais. Estudei-lhe o rosto, com a semente de um pensamento a florescer. Ele já sabia tudo; quem eu era, o que a minha família tinha.

– Porque pensas que tenho coisas melhores do que isto?

– Ora vamos, Vivi, para de te armar em modesta. – Cheirou uma vela com

aroma a baunilha, franziu o nariz e voltou a atirá-la para a caixa. – Sou jornalista, o meu trabalho é descobrir coisas. Não seria grande jornalista se, por esta altura, ainda não tivesse percebido quem são a tua mãe e o teu pai.

– Todos sabem, na redação?

– Provavelmente. – Encolheu os ombros e assentiu. – Sim, claro... mas todos nos perguntamos por que razão andas a brincar aos pobrezinhos connosco. Não devias estar muito ocupada a divertir-te com todo esse dinheiro?

– Não tenho dinheiro, Dan.

– Sim, pois.

– Os meus pais são ricos, é verdade, mas dão o seu dinheiro a obras de caridade, não a mim.

– Não vão de certeza dá-lo todo, pois não?

– Assumo que não, mas na verdade não sei.

É exatamente por isto que não falo sobre a minha família. As pessoas fazem suposições, e isso altera o que sentem a nosso respeito. Algumas têm inveja, algumas gostam menos de nós, outras gostam mais. Não sabia muito bem em qual destas categorias o Dan se enquadrava.

– Lamento, mas não há tesouros escondidos – disse em tom de brincadeira. – É só o que está à mostra; montes de livros e de velas.

Comecei a fechar as caixas que estavam mais perto de mim. Parecia não haver pressa em desempacotar.

– Raios, ia sugerir um lugar mesmo chique para jantar. – Fez-me o seu sorriso arrapazado, o tal que é quase irresistível. – Bem, se não há um cartão de platina, acho que vai ter de ser o caril do costume.

– O caril é ótimo. Pago eu, se quiseres.

No restaurante indiano do bairro, encomendámos os nossos pratos preferidos – *makhani* de frango, *biryani* de borrego e montes de pão *naan* – e falámos das coisas habituais. Uma grande história que um dos nossos concorrentes revelara durante o fim de semana, e que na manhã seguinte ia haver perguntas a respeito de quem a deixara passar, e que alguém ia ser assado no espeto mas esperava que não fosse ele. Durante um bocado, foi como se nada tivesse mudado.

Então, ele começou a falar do que as pessoas diziam sobre mim. De como o redator de finanças dizia que as pessoas ricas como os meus pais descobriam que o seu dinheiro crescia mais depressa do que conseguiam oferecê-lo. De como o editor perguntara por que razão eu não estava a fazer mais uso dos meus contactos. E de como ninguém compreendia porque é que eu não tinha um apartamento a sério, um bom carro, uma mala de mão mais cara e roupas mais elegantes.

Eu ouvi-o e na altura não disse grande coisa, mas durante toda a noite, deitada na cama, repassei aquelas conversas na minha cabeça. Como ia enfrentar as pessoas no trabalho que me julgavam uma menina rica a brincar aos jornalistas? E, mais importante, seria esse o motivo porque o Dan me

convidara para ir viver com ele? Voltei a cabeça na almofada. A luz dos candeeiros da rua que se filtrava através das finas cortinas permitia distinguir-lhe a cara, os olhos fechados, os lábios franzidos num ligeiro ressonar, os cabelos louros despenteados. Conhecia-o o suficiente para ter a certeza. O dinheiro tinha mudado tudo, como sempre. Era dele que o Dan gostava, não de mim.

Fiquei ali estendida, bem acordada, a ouvir o bater do meu coração, mas dessa vez o seu ritmo regular não me acalmou. Quando o dia nasceu e antes que o despertador do Dan tocasse, rebolei para fora da cama, voltei a enfiar tudo no saco de viagem e escapuli-me do apartamento sem o acordar. Ia ter de voltar mais tarde para ir buscar as minhas caixas, ou melhor ainda, mandaria alguém. De momento, havia só um sítio onde queria estar.

*

A Imogen ainda estava de roupão, o peludo do Bugs Bunny, com orelhas. Cheirou-me a café quando ela abriu a porta da rua e ouvi a música da Porquinha Peppa.

– Vivi, porque é que estás aqui... o que aconteceu?

Afastou-se para me deixar carregar o saco para dentro.

– Acho que fiquei sem-teto – disse-lhe.

– O quê, largaste o cubículo?

– Sim... embora não seja só isso.

– Anda beber um café e conta-me tudo. Estás bem? – Olhou para a minha cara. – Nem por isso, pois não?

– Não – admiti. – Preciso de um sítio onde ficar.

– Vivi, podes ficar aqui todo o tempo que quiseres. As meninas vão ficar contentíssimas... E eu também.

Pegou no saco e pousou-o no chão do *hall*. Puxou-me para um abraço.

– Mas qual é a história, como foi que ficaste sem casa?

– Deixei o apartamento e mudei-me para o do Dan.

– Merda, não acredito.

– É verdade, e não ficarás surpreendida ao saber que foi um grande erro.

Ela não pediu todos os pormenores. E também não se deu ao trabalho de referir que bem me tinha dito. Em vez disso, deu-me café feito na sua belíssima máquina e fatias de pão de massa lêveda torradas com mel.

– Mais uma coisa – disse eu, com a boca cheia de torrada e doçura –, sou capaz de precisar de te pedir algum dinheiro emprestado porque parece que também vou deixar o emprego.

– A sério, despediste-te?

– Ainda não, mas é o que vou fazer. Não posso voltar àquele lugar.

A Imogen aplaudiu. Começou a dar saltinhos com tal energia que as orelhas de coelho do roupão batiam à sua volta.

– Farah, Darya, venham cá – gritou. – A tia Vivi vem viver connosco!

Ainda estava a dançar pela cozinha quando as meninas apareceram a correr para ver o que se passava.

– Boas notícias. A tia Vivi deixou aquele emprego horroroso e o imprestável do namorado – disse-lhes –, e agora vamos todos juntos para Itália!

A dar mais uma dentada na torrada que estava só um nadinha queimada, olhei para ela e abanei a cabeça.

*

Por uma vez, resolvi deixar que o dinheiro fosse útil. Pedi ao meu pai que mandasse alguém buscar as minhas coisas a casa do Dan. Deixei-o aconchegar-me a conta bancária e encarregar o advogado de redigir uma carta de demissão em que ficasse bem claro que tinha a haver tantos dias de férias anuais que não voltaria ao *Daily Post* para cumprir o mês de aviso prévio. O dinheiro facilitava-me a fuga e tentei não ter problemas em aceitá-lo.

Ao longo dos dias seguintes, recebi várias mensagens de colegas de trabalho a perguntar por que razão tinha desaparecido e respondi o mesmo a todas; que queria tirar um tempo para estar com a família. Com o Dan foi mais complicado. Ao princípio tentou o charme, depois zangou-se. A última mensagem, quase de certeza composta após uma longa noite no *pub*, dizia que eu era uma cabra sem coração e não ia ter saudades minhas.

A Imogen riu-se quando leu esta.

– O jogo de palavras é intencional, assumo?

– Esperemos que sim.

Não lhe confessei que sentia falta do trabalho, nem que sem ele já não sabia muito bem quem era. E também não lhe disse que tinha saudades do Dan, que me sentia pequena e esmagada pela desilusão. À noite, acordada na cama, ouvia o relógio tiquetaquear no vestíbulo enquanto mais tempo passava e eu não estava a fazer grande coisa com ele, e lutava contra o pânico.

Mas não disse nada disto à Imogen. Todas as manhãs ela e as meninas irrompiam-me pelo quarto adentro e acordavam-me dando saltos em cima da cama, tão felizes por me encontrarem ali como tinham estado na manhã anterior. Puxavam-me para a brincadeira dos seus dias: pintar com os dedos e dar de comer aos patos, construir fortalezas e fazer bolos; jogos em que nos escondíamos umas das outras, procurávamos tesouros, seguíamos o líder. Parecia não haver fim para as diversões que a minha irmã sonhava para todos nós.

Todos os dias me dizia como estava feliz por eu estar lá em casa.

– Por muito que adore os monstinhos, é um alívio ter um adulto com quem conversar – dizia enquanto as vigiávamos a andar de balouço no parque, ou a comer gelados cobertos de palhetas de chocolate, ou a fazer festas aos cordeirinhos no zoo infantil.

O problema era que aquela era a vida da Imogen, não a minha. Por mais bem-vinda que ela e a família me fizessem sentir, tudo me parecia emprestado.

Era com o Tommy que falava acerca disto, em chamadas pelo Skype ou pelo FaceTime feitas do silêncio do meu quarto já tarde de noite, quando os

filhos de toda a gente estavam na cama. Começava a depender destes diálogos, do leve sotaque liverpooliano do Tommy a chegar até mim através do telefone ou do portátil, o sorriso dele a encerrar o meu dia, as suas palavras a fazerem tudo parecer um pouco melhor.

– Acho que falhei em toda a linha – disse-lhe.

Ele riu-se, uma gargalhada seca.

– Ah, sim, conheço essa sensação. É merdosa.

– Que devo fazer agora? Arranjar outro emprego... procurar outro namorado?

– Vais de férias em breve, não vais? – perguntou. – Porque é que hás de fazer seja o que for? Aproveita enquanto podes. Deves estar desejosa de ir. Preguiçar ao sol, tomar banho no mar, comer coisas deliciosas.

Nos últimos tempos, eu tinha andado a olhar sobretudo para trás. Só conseguia ver os passos em falso.

– Vai ser bom ir para longe – disse ao Tommy, porque pelo menos essa parte era verdade.

– Aproveita o verão, Vivi. Alimenta-te bem, faz montes de exercício, sê saudável. – Terminou a chamada com as palavras que muitas vezes dizia: – Cuida do teu coração, está bem?

Descubra os gémeos de transplante de Vivi

A busca continua, pode ajudar?

Por Dan Parker, chefe de redação do *Daily Post*

Enquanto mais Membros do Parlamento apoiam a Lei de Vivi, trazendo esperança a milhares de pessoas doentes nas listas de espera de transplantes, a mulher que deu o nome à campanha procura os outros recetores cujas vidas foram salvas pelo seu doador, o jovem Jamie McGraw.

Vivi recebeu a dádiva da vida ao receber o coração de Jamie. Conhecer os recetores dos pulmões e do rim foi um sonho tornado realidade. Agora Vivi anseia conhecer os desconhecidos que receberam o fígado, o pâncreas e as córneas, para poderem criar um laço especial.

Assine a petição para apoiar a Lei de Vivi, leia a história dela e contacte-nos se lhe parecer que pode ajudar com qualquer informação que a leve a encontrar os seus gémeos de transplante.

Deixei tudo para trás: o jornal que continuava a publicar cabeçalhos a meu respeito apesar de eu já não trabalhar lá, o homem que só me queria pelo dinheiro da minha família, a mulher que me tinha feito sentir que não era suficientemente boa. Meti-me num avião e fugi para uma casa em Itália.

A Villa Rosa era tão bonita que o simples facto de lá estar me fazia sorrir. Era muito mais do que eu alguma vez tinha imaginado. O que as fotografias não mostravam era a maneira como as paredes cor-de-rosa brilhavam à luz do fim da tarde. A decoração era sobretudo à base de brancos suaves e azuis marinhos, mas as paredes do *hall* de entrada ostentavam um fresco vibrante e o jardim era uma loucura. Não era o género de arranjo paisagístico que a minha mãe preferia, com a sua cuidadosa paleta de textura e cor. O proprietário daqueles socalcos que desciam até à linha de costa rochosa optara por deixar as plantas ser o que eram. Uma profusão de buganvílias cobria uma pérgola, grinaldas de glicínias engalanavam o terraço, arbustos de alcaparra alastravam pelas paredes de pedra. Havia um pequeno grupo de citrinos e um pomar de romãzeiras, e um sinuoso trilho que descia até uma piscina de água salgada que a natureza tinha escavado na rocha.

– É o melhor lugar do mundo para passar o verão – declarou a Imogen, que insistira em largar as malas e começar a explorar imediatamente.

Era toda a favor de um banho de mar sem mais demoras, mas experimentámos a água com a ponta do pé e achámos que estava demasiado fria.

– Vamos primeiro escolher os quartos e desfazer as malas – sugeri.

– Está bem, e hoje vamos jantar fora – decidiu a Imogen, estendendo os braços e voltando a cara para o sol. – Estou tão feliz por estar aqui. É um alívio tão grande estar longe de Londres.

Deve ter-me apanhado a olhar para ela com um ar inquisitivo, porque encolheu os ombros e sorriu.

– Tanta gente, tanto barulho, o Hamid a trabalhar demasiado, toda a gente stressada. É bom fugir a tudo isso, não é?

No caminho de regresso à casa pelo trilho íngreme vimos esquilos furtivos deslizarem pelos ramos das árvores, e o canto das cigarras era quase ensurdecedor. Tive dificuldade em fazer a subida, o que me lembrou que precisava mesmo de me pôr em forma, cuidar do meu coração como o Tommy estava sempre a dizer. No topo, a *villa* surgiu de novo à nossa vista, maravilhosa com as suas paredes de um cor-de-rosa suave e o seu telhado de terracota desgastado pelo tempo, toda a vida do jardim a crescer à sua volta. Por vezes tenho momentos destes, em que a gratidão como que rebenta sobre mim com uma onda e me sinto inundada por ela. Tive um naquele instante, a caminhar com a minha irmã e as meninas, a olhar para toda aquela beleza e ao compreender que só estava ali para a ver porque um miúdo chamado Jamie nunca poderia estar.

– Imagina se tinha perdido tudo isto – disse eu, detendo-me por uns

segundos para recuperar o fôlego.

A Imogen interpretou-me mal.

– Sim, estou muito contente por teres largado o Dan e saído daquele emprego.

– Não saí, fugi o mais depressa que pude. Agora arrependo-me; podia ter resolvido melhor as coisas.

– O Dan não prestava para ti; e o emprego também não – declarou a minha irmã, num tom definitivo. – Quantas pessoas por esse mundo estão presas a situações erradas e a desejar poder fugir-lhes? Tu conseguiste. E és uma boa escritora, Vivi. Estar ali era um desperdício do teu talento. És melhor do que o *Daily Post*.

– Talvez. – Não tinha a certeza de aquilo ser verdade. – Foi um bom emprego. Aprendi muito enquanto lá estive.

– Sim, está bem, mas estava mais do que na hora de saíres.

– Podia ter feito uma saída mais graciosa.

– Agora estás aqui comigo, e é só isso que me importa – disse a Imogen. – Lembras-te de quando éramos miúdas e eu queria dar-te o meu coração? Não percebia que para que isso acontecesse teria de estar morta, pensava que podíamos partilhar.

Claro que me lembrava. A minha irmã tinha chorado quando lhe explicaram por que razão o seu plano não podia resultar.

– Continuo a querer partilhar coisas contigo, Vivi. – Voltou-se para mim e sorriu. – Estou muito feliz por teres fugido comigo.

*

O meu quarto era pequeno, mas tinha varanda, e depois de me ter instalado fui para lá ver o céu enrubescer enquanto o sol se punha. Atrás de nós havia montanhas, por cima uma imensidão de céu e o ar cheirava a fumo de lenha. Se havia um lugar melhor onde estar, não me ocorria.

– Tia Vivi, despacha-te, temos fome – gritou a Farah do pátio lá em baixo.

Espreitei por cima da balaustrada e vi-a à espera com a Darya, ambas a segurar pequenas malas de contas, aperaltadas e prontas para a sua saída noturna, e juro que senti o coração encher-se de amor por elas.

– Vou já descer, tiranazinhas – gritei em resposta.

Fomos de carro até à marina e jantámos num restaurante mesmo à beira da água, a ver os iates elegantes e os velhos barcos de pesca. No pico da estação de férias aquele lugar estaria apinhado, mas naquele momento, com o verão ainda tão jovem, tínhamo-lo quase só para nós. As meninas brincavam aos adultos bebendo água gaseificada por copos de vinho, enquanto a Imogen escolhia demasiados pratos da ementa.

– Encomendar comida é capaz de ser o meu superpoder – disse enquanto o empregado aturdido se retirava para a cozinha.

– Achas que aqui têm *takeaway*? – perguntei, a provocá-la.

– O que não têm de certeza é McDonald's – ripostou ela. – Mas não te preocupes, pensei em tudo. Tenho o número de telefone de uma senhora daqui

que virá cozinhar. Não todas as tardes, porque tenho a certeza de que até nós as duas somos capazes de cozer um pouco de *pasta*, mas de certeza quando os nossos convidados começarem a chegar.

– Quem foi exatamente que convidaste? – perguntei. – A malta do costume?

Tal como eu, a Imogen não tem muitos amigos, só uns poucos com quem andou na escola e nunca deixou, mais um punhado que fez no trabalho. A nossa infância foi tão intensa, sobretudo quando eu não estava bem, que só queríamos saber uma da outra.

– Os meus têm sido uma porcaria – respondeu, parecendo desapontada. – Têm todas coisas marcadas para este verão, de modo que me parece que não vai aparecer ninguém. E tu?

– Só o Tommy. Esperemos que venha.

– Fui eu que o convidei – fez ela notar. – Portanto, tens de escolher outra pessoa. Porque é que não juntamos toda a família do transplante... o Tommy, a Grace e a Fiona?

– Tenho estado a pensar na Fiona. Ia ficar maluca com o jardim, mas não sei se terá orçamento para umas férias no estrangeiro.

– Pergunta-lhe. E a Grace?

– A Grace não – respondi no mesmo instante.

– De certeza? Gostava de a conhecer.

– Suponho que hás de conhecê-la, a dada altura, mas não agora.

Havia culpa no pensamento de deixar a Grace de fora, mas agora havia sempre culpa em tudo o que lhe dizia respeito. E depois daquela noite em Oxford, quando ela dissera palavras que ainda doíam, tinha relutância em deixá-la entrar demasiado fundo na minha vida. E de certeza não a queria naquele lugar.

A Imogen não tentou argumentar.

– Como queiras, por mim tudo bem.

Serviram-nos pratos cheios do género de comida que nós nunca cozinharíamos. *Gnocchi* envoltos em saboroso *pecorino* ralado e pimentão-doce frito, um escaldante prato de beringelas assadas e *mozzarella* derretido, salsichas picantes numa cama aveludada de molho de ervilhas, uma salada de funcho assado e folhas de rúcula, montes de azeite espesso e limão. Como sobremesa, as meninas partilharam uma tarte açucarada de queijo de cabra com cobertura de bagas silvestres, e a minha irmã um último copo de vinho. Foi um autêntico festim, e ali sentada, a saboreá-lo e a olhar para a baía, tive a sensação de que a minha coluna vertebral amolecia e os ombros descaíam. Fugir para longe tinha sido uma coisa boa.

– O que é que fazemos amanhã? – perguntei à minha irmã.

– Absolutamente nada.

Pensei na fábrica de *mozzarella*. Tínhamos passado pelo entroncamento que ia lá dar naquela manhã no caminho para a *villa*, mas, ao contrário do que é costume, a Imogen não se mostrara interessada em fazer um desvio. Era

tentador esquecer toda aquela história, parar de procurar e limitar-me a relaxar. Mas estava cheia de curiosidade. Queria saber se aquele fulano que a Lynda me sugerira que procurasse estava, de facto, ligado a nós; se tinha um pequeno pedaço do Jamie.

– Não estás a planear andar por aí à procura de mais gémeos de transplante, pois não? – perguntou a Imogen, a adivinhar-me os pensamentos.

– Amanhã não, mas vou ter de o fazer mais cedo ou mais tarde. É a minha única pista e o mais certo é não dar em nada.

– Não consegues então esquecer esse assunto? Ficar só aqui connosco.

– Também vou fazer isso – prometi. – Vamos passar montes de tempo juntas, montes e montes.

*

Consegui aguentar um par de semanas muito tranquilas. Acordava cedo todos os dias e fazia um pouco de exercício, a pensar em como o Tommy ficaria contente comigo enquanto percorria as colinas, o coração a bater-me aerobicamente no peito. Quando voltava à *villa*, o sol começava a amaciar a aresta do frio do começo da manhã e podíamos sentar-nos no exterior a beber o nosso café e a comer torradas estaladiças com manteiga.

A Imogen não queria explorar muito além da cidade mais próxima. Felizmente, Triento parecia ter a maior parte das coisas de que precisávamos. Lojas que vendiam queijo e azeite escondidas nas voltas e reviravoltas das suas vielas, um azafamado mercado na *piazza*, um bar para mais café e, claro, *gelato* para as meninas. Íamos lá quase todos os dias meter o nariz em lojas que vendiam artigos de couro, roupa de cama e lenços caríssimos, ou para observar a população local.

Na colina por cima de nós havia uma estátua, uma enorme estátua branca do Cristo Redentor de braços abertos, e para onde quer que nos voltássemos havia igrejas, graciosos edifícios antigos feitos de pedra cor de mel.

– É adorável – decidiu a Imogen, e eu esperei que ela se cansasse de andar perdida pelas ruas estreitas e íngremes ou a deambular pela *piazza*, mas não aconteceu.

Embora não estivesse propriamente aborrecida, abrandar era uma luta. Da parte da tarde, quando a Imogen puxava uma cadeira de repouso e dormitava ao sol, eu brincava com as miúdas e tentava sacudir a sensação de que havia qualquer coisa mais importante que devia estar a fazer. A Darya e a Farah estavam obcecadas com os lagartos verdes que corriam pelos muros de rocha e o seu jogo preferido era tentar apanhar um, embora nenhuma delas fosse suficientemente rápida. Também adoravam ajudar-me a colher flores silvestres e pô-las em jarras. E passámos imenso tempo a olhar para os azulejos brilhantes pintados do pátio, comigo a inventar histórias a respeito das cenas que mostravam – camponeses felizes a dançar com grinaldas de flores. Não havia muito mais para uma criança pequena fazer e a Imogen parecia ter-se esquecido da sua suposta função de inventora de divertimentos. Aquela era uma versão da minha irmã que eu nunca tinha visto – uma Imogen

mais calada, mais sonolenta, mais vagarosa.

Quando a cozinheira apareceu para nos fazer o almoço de domingo, fiquei contente ao descobrir que falava um inglês bastante razoável. Era uma senhora já de alguma idade, que entrou pelos portões abertos da Villa Rosa num velho e amolgado *Fiat*, anunciando a sua chegada com uma fanfarra da buzina.

– Sou a Raffaella – disse enquanto nos carregava com os cestos de comida que levava consigo e foi direita à cozinha, onde se moveu com o à-vontade de quem já ali tinha trabalhado.

Não tardou que nos tivesse todas ocupadas, as meninas a amassar a massa para a *pasta*, eu a cortar legumes, a Imogen encarregada dos molhos que começavam a ferver no fogão.

Se não estivesse a usar um vestido preto tão informe, se os seus cabelos não fossem grisalhos e apanhados num tão descuidado carrapito, se a sua pele morena não fosse tão enrugada, a Raffaella podia ter sido bonita. Na realidade, ainda era quase bonita. Havia qualquer coisa no seu porte, mexia-se como uma mulher mais nova.

Apanhou-me a olhar e sorriu.

– Trabalhei aqui nesta casa, quando tinha mais ou menos a sua idade, a fazer limpezas e a cozinhar.

Imaginei-a como devia ser então, com a pele esticada sobre os pómulos altos, os lábios mais cheios, os cabelos soltos, brilhantes e negros. Envelhecer era cruel, mas era melhor do que a alternativa, e se alguma vez eu chegasse a ver-me assim, grisalha e cheia de rugas, sentir-me-ia muito feliz.

– Não era chefe de cozinha num restaurante? – perguntou a Imogen. – Foi o que me disseram.

– Sim, também fui, e agora estou reformada. Mas se alguém me pedir e eu estiver com disposição, cozinho.

– Espero que este verão esteja muitas vezes com disposição – disse a Imogen. – Eu e a minha irmã somos péssimas cozinheiras.

– Acho que estão a sair-se bastante bem – observou ela, com um sorriso, e só então me apercebi de que até ao momento não tinha pegado numa faca ou numa colher de pau. O seu estilo de cozinhar era puramente supervisiório.

A verdade é que até foi divertido. Com as meninas, fiz pastéis de massa recheados com queijo azul picante e nozes. Os resultados foram variados na forma e no tamanho, mas a Raffaella limitou-se a encolher os ombros e disse que saberiam igualmente bem. Manteve a Imogen ocupada a fazer uma sopa de peixe de um vermelho profundo, temperada com salsichas picantes e tomate, e riu-se quando ela espalhou molho pela parede com um desastrado movimento da colher. Uma salada rápida e um cesto de pão, parmesão gratinado, e o almoço estava quase pronto.

A Raffaella encontrou as tigelas e tirou quatro para servir os *ravioli*.

– Precisamos de mais uma – disse a minha irmã. – Vai almoçar connosco, não vai?

- Não, não, não quero intrometer-me no vosso almoço – disse a Raffaella.
- Vou lavar os tachos e deixo-as a saboreá-lo.

A Imogen não estava pelos ajustes.

– Mas nós gostávamos muito da sua companhia. E podia contar-nos tudo acerca desta zona. Os melhores lugares para visitar, onde fazer compras, as praias mais bonitas.

Com um encolher de ombros, a Raffaella tirou mais uma tigela.

– *Va bene*, há fartura de comida, porque não? E eu estou sempre pronta para comer.

Na verdade, falou tanto como comeu. Contou-nos uma parte da história da Villa Rosa e das pessoas que ali tinham vivido. Falou do artista que tinha pintado o fresco nas paredes, da família rica que deixara a casa cair em ruínas, do arquiteto paisagista que a recuperara mas estava demasiado ocupado a criar jardins na Austrália para desfrutar dela.

– Foi uma sorte podermos arrendá-la por tanto tempo – disse a Imogen.

– Não se aborrecem? Acontece muito pouca coisa em Triento.

– Céus, não, o que queremos é desconstrair, não é verdade, Vivi?

Assenti em concordância, apesar de já me sentir irrequieta. Por muito bonito que tudo aquilo fosse, não conseguia imaginar o que faríamos ali durante um verão inteiro. Não parecia muito provável que a ideia da Imogen de encher a Villa Rosa com montes de amigos viesse a acontecer. Os meus pais tinham tanto «bem» que «espalhar» que planeavam ficar muito pouco tempo connosco. E quem sabia quando poderia o Hamid deixar o trabalho para se juntar a nós? Restava então o Tommy, se ele conseguisse safar-se, e a Fiona, se eu decidisse convidá-la.

– Vivi aqui toda a minha vida – disse a Raffaella. – Estou habituada ao ritmo desta vida. Se vou a uma cidade, chego a casa exausta e durmo uma semana inteira.

Olhei para o canto do terraço que a Imogen tinha colonizado. Lá estava a cadeira de repouso rodeada pela confusão dos pertences dela: chapéu, livro, chinelos, garrafa de água vazia, protetor solar, lima das unhas, gancho do cabelo. Era como se tivesse estado a dormir e a acordar naquele sítio desde há dias.

– Aqui vão ter oportunidade para relaxar – continuou a Raffaella. – E nadar, passear, brincar na praia, comer coisas boas...

– Virá cozinhar para nós outra vez? – perguntou a Imogen, esperançada.

– Tenho a certeza de que posso ser persuadida.

Talvez por estarmos a almoçar no terraço, à luz do sol e rodeadas por toda aquela cor – o azul do mar e do céu, os rosas da casa e das buganvílias, o lilás das glicínias –, cada garfada que provávamos sabia ridiculamente bem. Pensei nas coisas que comia em casa, as sanduíches gordurentas de carne picada do McDonald's, os infundáveis *scones* farinhentos, e saboreei os *ravioli* que tínhamos feito juntas e olhei para as pessoas que amava, de cabeças inclinadas para os pratos, e a gratidão voltou a inundar-me, quente como o sol na minha

pele.

Tinha tudo aquilo, era afortunada, e este conhecimento fez-me lembrar a Grace, que parecia não ter nada. Não lhe fizera uma promessa? E agora não devia ela estar a pensar que eu estava a abandoná-la?

– Sou capaz de ir à tal fábrica de *mozzarella* esta manhã – disse à Imogen, e vi-a franzir o sobrolho no mesmo instante.

– A sério? Pensava que tinhas decidido esquecer esse assunto.

A Raffaella olhou para a minha irmã e depois para mim.

– Que fábrica de *mozzarella*? – perguntou,

– Chama-se Masseria Perretti – disse-lhe eu.

– Ah, sim, é famosa. O produto é biológico, de altíssima qualidade. – Começou a contar-nos alguns grandes escândalos da indústria do queijo. *Gangsters* locais que tinham despejado ilegalmente lixo tóxico nos campos da Campânia, contaminando o queijo *mozzarella*, quintas onde os búfalos eram maltratados, tantos problemas, um enorme desastre. – Mas na Masseria Perretti o *mozzarella* é puro e os animais são bem cuidados. É um bom sítio para visitar.

A Imogen continuava a franzir a testa, mas aparentemente devido aos seus próprios pensamentos, não às palavras da Raffaella.

– Quer isso dizer que vais levar o carro e deixar-nos aqui sozinhas todo o dia?

– Podiam vir também. Parece que há uma visita guiada. É capaz de ser divertido.

– Isto é divertido, estarmos aqui juntas, a comer e a conviver.

– É só um dia, Imogen.

– Eu sei, mas...

– Eu levo-a no meu carro – ofereceu a Raffaella. – Não me importava de comer um bom *mozzarella*.

Pensar nas amolgadelas no velho *Fiat* dela encheu-me de dúvidas em relação à perspetiva.

– E se fôssemos todas? Uma excursão com queijo – sugeri.

– Também lá há *gelato*, uma loja de artigos de couro e um restaurante para almoçar – acrescentou a Raffaella. – E talvez conseguíssemos ver os búfalos.

As meninas estavam cheias de perguntas. Os búfalos eram grandes e assustadores? Que sabores de *gelato* havia? Havia algum parque de recreio?

– Isso não sei – disse-lhes a Raffaella. – Há muito tempo que não vou lá. Mas o *gelato* é de certeza muito bom, e talvez as deixem fazer uma festinha aos búfalos.

As meninas guincharam: queriam fazer festinhas aos animais da quinta e comer doces. Também podiam ir, por favor, por favor?

– Está bem, então – cedeu a Imogen, com um suspiro. – Amanhã de manhã, pode ser?

– Está combinado – concordei, o meu cérebro já a tiquetaquear com

outros pensamentos. Iria encontrar o meu fabricante de queijo? E, se sim, como o reconheceria? Ansiava por mais uma vitória, tanto por mim como pela Grace. Queria provar que era boa naquilo.

Terminámos a refeição com biscoitos de amêndoa finos como hóstias e pequenas chávenas de café muito forte e doce. Depois a minha irmã voltou à sua cadeira de repouso, tapou-se com um *sarong* dobrado e fechou os olhos logo a seguir.

Eu e as meninas ajudámos a levantar a mesa e a arrumar a cozinha. Tínhamos feito uma bagunça espetacular, de modo que foi um trabalho prolongado, e durante todo esse tempo a Imogen pareceu não se mover um centímetro.

– Acho que ela precisa de descansar – disse a Raffaella, seguindo a direção do meu olhar através da janela. – Ter filhos pequenos é muito cansativo.

Mas o problema era que, normalmente, ela não precisava de descansar. A Imogen era como a minha mãe, toda cheia de energia efervescente e propósito. Nunca dormia uma sesta ou ficava a preguiçar uma tarde inteira, a menos que estivesse doente, e era muito raro isso acontecer.

– Também devia descansar – aconselhou a Raffaella. – Deve haver mais dessas cadeiras de jardim.

– Não encontrei nenhuma – respondi.

– Já viu na divisão pequena ao fundo do casa? É lá que fica tudo guardado: cadeiras de repouso, jogos para as crianças.

Sabia de que divisão ela estava a falar. Tínhamo-la descoberto no primeiro dia, quando andávamos a explorar, mas não tínhamos conseguido abrir a porta.

– Está fechada – disse-lhe. – Julgo que está cheia de coisas que o proprietário não quer que usemos.

A Raffaella insistiu em que ia encontrar a chave e começou a procurar ao longo das prateleiras e a enfiar a mão dentro de jarras, recusando desistir, por mais que eu lhe dissesse que não tinha importância e que nos governaríamos sem o que quer que estivesse escondido atrás da porta fechada. Por fim, vi-a sorrir.

– Cá está.

Abrir a divisão revelou uma gruta do tesouro. Montes de coisas para agradar às miúdas: jogos antigos e insufláveis, além de uma escada para quando quiséssemos ir nadar para lá das rochas, uma coleção de cadeiras de jardim e um grelhador a gás.

– Tudo o que precisam para o vosso verão aqui – disse a Raffaella, enquanto me ajudava a arrastar as cadeiras para o terraço.

Ficou um pouco mais, a ver-me brincar com as meninas, e acabou por dormir à medida que a tarde se alongava.

– Porque é que está toda a gente a dormir? – sussurrou a Farah. – Ainda é de dia.

– Não querem fazer também uma sesta, tu e a Sarah? – perguntei cheia de esperança, porque começava a ficar ofegante.

As minhas sobrinhas abanaram a cabeça, afirmando que já eram demasiado crescidas para dormir durante o dia. O que queriam era que todos acordassem e brincassem com elas.

– Os adultos precisam de descansar muito – disse-lhes eu. – Na verdade, é o que vou fazer agora mesmo.

Quando se tem um coração emprestado, ele nem sempre se comporta como pensamos que vai comportar-se. De manhã, o meu parece precisar de um pouco de tempo para chegar à velocidade de cruzeiro. E por vezes preciso de interromper o que estou a fazer e dar-lhe oportunidade de encontrar um ritmo repousado.

As minhas sobrinhas têm corações fortes – pelo menos espero que sim. Murmuraram a sua desilusão quando me deixei cair na cadeira de jardim que tinha colocado junto à da mãe delas.

– Continuem vocês a brincar e eu fico a ver – disse-lhes.

Sem mim não tardaram a perder o interesse e iniciaram uma brincadeira qualquer que tinham elas próprias inventado à volta das flores de buganvília caídas. Mantendo-as debaixo de olho, deixei a minha mente derivar de volta à busca pelos recetores do Jamie. Se viéssemos a descobrir que o tal fabricante de queijo era um de nós, não seria maravilhoso juntar toda a gente naquele magnífico lugar, longe da complicação adicional da Grace? Quanto mais pensava nisso, mais a ideia me agradava.

Acordei a minha irmã.

– Ei, Imogen.

Ela virou-se para mim de olhos semicerrados.

– Hmm?

– Queres mesmo que o Tommy venha? E se eu convidasse a Fiona?

– Claro, precisamos de montes de pessoas, fazemos uma festa.

– Pensava que querias descansar.

– Não durante o verão todo, só agora – disse, com um grande bocejo. – E talvez por mais alguns dias, para ser franca.

– Imogen, está tudo bem? – perguntei. – Não parece nada teu querer estar sempre a dormir.

Ela rebolou para o meu lado e olhou para mim.

– Mostra-me uma mãe de crianças pequenas que não esteja exausta... – começou, e, como se aquilo fosse uma deixa, a brincadeira em que as minhas sobrinhas estavam envolvidas tornou-se barulhenta. Houve alguns gritos e a Darya começou a chorar e a Farah a protestar que a culpa não era dela. – Vês? – continuou a Imogen, tapando a cabeça com o *sarong* enquanto os soluços da Darya subiam de tom.

A Raffaella estava acordava e já saltara da cadeira antes que eu conseguisse levantar-me e ir ver o que se passava. Não sei o que foi que lhes disse, mas o choro cessou com uma rapidez surpreendente.

– Essa mulher é um tesouro – disse a Imogen. – Achas que podemos ficar com ela?

– Devíamos sem dúvida tentar – concordei.

Depois daquilo, a minha irmã esforçou-se um pouco mais. Levantou-se da cama de repouso e obrigou-nos a descer o trilho até à pequena praia, onde chapinhámos nas ondas minúsculas que se desfaziam em espuma nos seixos e tentámos convencer-nos de que a água estava quase suficientemente quente para se poder tomar banho. A saltitar e a brincar, a Imogen parecia outra vez mais ela, e eu fiquei aliviada. Não queria que a minha irmã fosse outra coisa qualquer.

Na manhã seguinte, quando estávamos a tomar o pequeno-almoço e a prepararmo-nos para a nossa excursão à fábrica de *mozzarella*, chegou uma mensagem do Dan. Pedia-me que o contactasse o mais depressa possível porque tinha uma coisa para me dizer. Enfie o telemóvel na mala e ignorei-o, apesar de ter começado a tocar. Não queria que a minha antiga vida invadisse aquela, e de certeza não havia nada que ele pudesse dizer-me que eu precisasse de ouvir.

Por fim, depois de muitas idas à casa de banho e de uma recolha frenética de tudo aquilo que tínhamos de levar connosco, instalámo-nos no carro e fomos até à marina para apanhar a Raffaella. Não foi fácil encontrar a morada, e então ela insistiu em que entrássemos para tomar um café e as meninas ficaram fascinadas com a casa minúscula, que tinha sido construída contra uma parede de rocha junto à beira do porto e estava repleta de todo o género de bugigangas, de modo que já estávamos atrasadas quando arrancámos e eu só voltei a olhar para o telemóvel quando já estávamos na estrada, com a Imogen ao volante.

Tinha três chamadas não atendidas do Dan e mais uma mensagem escrita a insistir em que eu ia querer ouvir o que ele tinha para dizer. Entretanto, eu estava mais intrigada: tinha de ser qualquer coisa interessante. Mas não havia rede, de modo que não podia ligar-lhe, mesmo que quisesse.

– Está alguém a tentar falar contigo? – perguntou a Imogen, a lançar um olhar ao ecrã do meu telemóvel antes de devolver a atenção à estrada sinuosa.
– É a mãe ou o pai?

– Não, só o inadequado Dan.

– Ah sim? O que é que ele quer?

– Não sei, mas está a ser muito insistente.

No banco traseiro com as miúdas, a Raffaella já dormitava. Naquele dia usava um vestido vermelho berrante, que complementava com um lenço cor de laranja, e tinha arranjado o cabelo.

– Pode ser uma coisa do trabalho. – Baixei a voz, para não a acordar. – Qualquer coisa relacionada com a campanha pela Lei de Vivi.

– Ainda lhe chamam isso?

– Ao que parece, sim.

Não tinha conseguido impedir-me de visitar o *site* do *Daily Post* várias vezes por dia para saber quem estava a escrever o quê sobre que assunto.

– Não vais falar com ele, pois não? – A Imogen estava concentrada na estrada. Seguíamos atrás de um camião que era demasiado largo para as curvas apertadas e avançava a uma velocidade exasperantemente lenta. – Esse tipo é um merdas.

Olhei para o banco traseiro. A Raffaella tinha adormecido de vez e as meninas estavam absortas num jogo qualquer do iPad.

– Totalmente – concordei, mas mesmo assim estava demasiado curiosa para resistir a ligar, logo que tivesse rede suficiente no telemóvel e alguns

instantes sozinha.

Tínhamos optado pelo caminho panorâmico ao longo de uma estrada estreita rasgada no flanco da montanha. Víamos a imensidão refulgente do mar e os azuis de terras e céus distantes, mas também curvas em gancho com menos espaço do que seria necessário para dois carros se cruzarem em segurança. A Imogen não parecia preocupada. O seu estilo de condução encontrara ali plena justificação, e ela fazia soar a buzina como qualquer habitante local de cada vez que entrava numa curva apertada.

Por fim, a estrada tornou-se mais larga e virou na direção das montanhas. Passámos por campos de papoilas vermelhas e povoações antigas e pitorescas com casas cor de ocre a ameaçar ruína e igrejas abobadadas. As miúdas começavam a ficar irrequietas e acordaram a Raffaella, que as distraiu ensinando-lhes uma canção infantil italiana. Eu e a Imogen juntámo-nos ao coro e o carro encheu-se com o som do nosso canto desafinado enquanto acelerava para norte.

*

A Masseria Perretti ficava nas planuras da Campânia. Corpulentos búfalos-asiáticos pastavam nos campos e espojavam-se em charcos artificiais, e havia uma coleção de velhas construções pintadas de cor-de-rosa, como a Villa Rosa, com paredes cobertas de jasmims e rodeadas por hortas em talhões muito bem delimitados.

As meninas queriam comer *gelato* e explorar, mas eu estava desejosa por apanhar uma visita guiada e ver se conseguia descobrir o meu fabricante de queijo. Só sabia que era inglês; não era grande coisa, mas mesmo assim a Lynda estivera a infringir as regras ao dar-me até aquela pequena pista.

Estava nervosa enquanto esperava por uma visita guiada, a perguntar-me como iria arranjar maneira de abordar aquele fulano, o que diria e como podia ele reagir. Havia a possibilidade de nem sequer ali estar e tudo aquilo ter sido uma viagem desperdiçada.

– Inglesas? – perguntou a cicerone da visita guiada, uma mulher morena, *petite*, com uns *jeans* bem justos e argolas de prata nas orelhas. – Posso estar convosco daqui a dez minutos, OK? Há uma charcutaria, se quiserem beber um café rápido, ou podem ir à loja de artigos de couro e ver malas de mão muito bonitas.

– Malas de mão? – A Imogen arrebitou a orelha no mesmo instante. – Mostre-me o caminho.

A minha irmã coleciona malas de mão. É a sua grande extravagância. Tem prateleiras de malas *vintage* e várias com etiquetas de marca que o Hamid lhe ofereceu ao longo dos anos, e trata-as como se fossem peças de arte preciosas.

– Ah, o lugar da minha felicidade – suspirou baixinho quando entrámos na sala onde se alinhavam vitrinas cheias de malas de couro em tons de castanho, de todos os tamanhos e feitios, todas elas lindas.

– Perdi-te, não foi?

Já tinha visto aquela expressão na cara da Imogen – estava distraída por

grandes sacos com largas correias de ombro, bolsas de fechar com cordão e minimochilas. Em breve, uma vendedora estaria a abrir vitrinas para que ela pudesse examinar cada bolsa e cada fecho, apalpar o couro para lhe avaliar a macieza, e provavelmente cheirá-lo também. Era um processo capaz de demorar algum tempo e quase de certeza terminaria com uma compra.

As meninas exigiam os seus *gelati* e a Raffaella sugeriu que fosse ela a levá-las, uma vez que queria comer *mozzarella*, não ver como era feito. O que significou que apareci sozinha para a visita, mas a guia pareceu não se importar.

Fez-me passar por pátios cobertos onde búfalos dormitavam. Falava um tudo-nada demasiado depressa num inglês com um forte sotaque italiano, de modo que só apanhei metade do que ela disse. Parámos para fazer uma festa a um búfalo que ela disse ser amigável e tocar nos imponentes cornos arqueados. Depois disto, deixámos para trás o cheiro quente dos animais e do estrume seco e encaminhámo-nos para a leitaria. Tinha imaginado que seríamos autorizadas a entrar, mas a guia explicou que era impossível devido às regras de higiene, de modo que em vez disso tivemos de olhar através de uma grande janela de observação.

A sala do outro lado do vidro estava cheia de grandes tinas de aço inoxidável. Lá dentro havia quatro homens vestidos de igual, com botas de borracha, macacões e barretes brancos.

Mais uma vez, a guia estava a falar demasiado depressa. Mencionou coalhos e soro, qualquer coisa acerca de níveis de pH e esticar queijos, e eu tentei acompanhar a explicação enquanto dentro da sala a única coisa que os quatro homens pareciam estar a fazer era lavar à mangueira o equipamento e o chão.

– Lamento, mas por hoje acabaram o fabrico de *mozzarella*. É sempre feito de manhã cedo – disse-me a guia. – É pena, porque é muito interessante.

Olhei para os homens que estavam a rir, talvez de uma piada qualquer. O meu seria um deles?

– Se já acabaram, posso falar com um dos queijeiros? – perguntei. – Talvez com um que fale bem inglês?

– Isso não faz parte da visita guiada – disse a guia, num tom definitivo. – Não vai ser possível.

Todos aqueles anos no *Daily Post* tinham-me ensinado a nunca aceitar um não como resposta, de modo que tentei uma abordagem diferente.

– Acontece que trabalho num jornal e acabo de me aperceber de que isto pode ser uma história muito interessante.

– Devia ter telefonado com antecedência para me informar. Tenho um dossiê de imprensa com toda a informação e, claro, podia ter-lhe conseguido uma entrevista e uma oportunidade para ver os queijeiros a trabalhar.

A guia parecia irritada.

– Vim a Itália de férias, não em trabalho – disse-lhe. – Mas estou muito interessada em escrever sobre este lugar, e ajudaria muito se houvesse alguém

com quem pudesse falar.

Ela revirou os olhos, sem se dar ao trabalho de disfarçar a exasperação.

– Vou ver o que posso fazer, mas só há um queijeiro que fala um inglês fluente e pode não estar disponível.

– Obrigada, agradeço.

– Suponho que vai querer também uma prova?

Perguntei-me se o leite que usavam seria pasteurizado. Não parecia muito provável e não é suposto eu comer nada que possa ser remotamente arriscado.

A guia fez um aceno de cabeça resignado.

– *Va bene*. Espere aqui e eu vou ver o que posso fazer.

Esteve ausente bastante tempo. Enquanto eu esperava, os homens vestidos de branco acabaram de esfregar a leitaria e, um a um, desapareceram da vista. Começava a pensar que as minhas hipóteses de conhecer um queijeiro eram muito poucas quando a guia voltou.

– O Stefano já vem ter consigo. Vou ao escritório buscar um pacote de imprensa, OK?

– Muito obrigada.

– Não tem importância – disse ela, no tom de alguém cuja paciência foi posta à prova.

Passaram mais dez minutos antes que o tal Stefano aparecesse. Não era nenhum dos homens que eu tinha visto a trabalhar na leitaria, embora estivesse vestido da mesma maneira. Mesmo com as calças largas e o barrete, era lindo. A pele parecia caramelo derretido, os cabelos e os olhos eram muito pretos e os ângulos da face impecáveis.

– Viva. É a jornalista?

Não havia vestígios de sotaque italiano.

– Eu mesma, Vivi Palmer – respondi, ligeiramente abalada pela visão.

– Stefano Perretti. – Apertou com firmeza a mão que eu estendia. – Em que posso ajudá-la?

Não podia perguntar-lhe se já fizera algum transplante, de modo que mantive a minha história e disse que queria entrevistá-lo a respeito da *masseria*. Não pareceu muito impressionado, a abanar a cabeça enquanto eu falava.

– Como pode escrever um bom artigo sem ver como é feito o *mozzarella*? É a parte mais importante, não é? – disse.

– Sim, teria sido preferível, mas parece que cheguei atrasada, de modo que talvez possa oferecer-lhe um café e conversarmos um pouco – sugeri.

– Está instalada algures aqui perto? – perguntou ele. – Não pode cá voltar?

– Ainda é uma boa distância, mais para sul.

– Mas pode voltar?

– Sim, suponho que sim – concordei. – Mesmo assim, se tivesse tempo para uma pequena conversa agora, seria...

A minha irmã estava a gritar o meu nome e eu voltei-me para a ver aproximar-se com um grande saco de compras em cada mão.

– Já fizeste a visita? – perguntou, e ao olhar melhor para o Stefano, acrescentou: – Oh, olá... quem é?

– Stefano Perretti – disse ele, e estendeu a mão.

– É o fabricante de queijo que eu espero poder entrevistar – expliquei.

– Certo... olá. – A Imogen apertou-lhe a mão e sorriu. – Muito prazer em conhecê-lo.

– Íamos beber um café e conversar um pouco – disse eu. – Só vinte minutos, ou à volta disso.

– Não almoças connosco? – perguntou a Imogen. – As meninas e a Raffaella já estão no restaurante.

– Não, preciso mesmo de fazer esta entrevista...

– Almoce com a sua família – interveio o Stefano. – Volte noutro dia e então poderei passar mais tempo consigo e fazer as coisas como deve ser. O seu artigo será melhor se vir o que fazemos aqui.

Eu estava impaciente por saber se ele era um dos recetores do Jamie e pronta para fazer aquilo já.

– Penso que...

– Acho que tens mesmo de voltar – disse a Imogen, apressada. – Seria loucura não fazer as coisas como deve ser.

– Quando quer que volte, então? Amanhã? – perguntei, não querendo adiar o assunto por mais tempo.

– Tem de vir cedo, sim? – disse o Stefano.

– Ótimo, então está combinado. – A minha irmã sorriu. – Agora vamos almoçar. Stefano, quer fazer-nos companhia? Não? Tem a certeza? Nesse caso, até amanhã.

Perguntei-me se poderia ser aquele o homem que procurava, se uma parte do corpo dele corresponderia a uma parte do meu, e dei por mim a esperar que sim. Com certeza a Grace não ficaria desapontada com o Stefano.

– É absolutamente magnífico – suspirou a Imogen enquanto nos encaminhávamos juntas para o restaurante. – Como é sequer possível ser tão bonito?

– Não faço ideia – admiti. – Parece irreal.

– Achas que ele faz parte da tua família de transplante? Pelo aspeto, não deve ter tido um momento de doença em toda a vida.

– Eu sei, mas isso pode não significar nada.

– Era ótimo se ele fosse um dos teus gémeos de doador, não era? – entusiasmou-se a Imogen. – Nesse caso, terias de conhecê-lo melhor?

Esta fez-me rir.

– Não estavas a tentar emparceirar-me com o Tommy, aqui há dias?

– Estou aberta a alternativas – respondeu ela. – Desde que te mantenhamos longe do inadequado Dan.

Sim, o Dan. Perguntei-me se ainda estaria a tentar contactar-me. Olhei de relance para o telemóvel e verifiquei que não havia novas mensagens ou chamadas não atendidas. Esperava ter, depois do almoço, uma oportunidade

de me afastar durante alguns instantes e descobrir o que queria ele.

- Eu e o Dan acabámos, ponto final – garanti à minha irmã.
- Já disseste isso uma vez.
- Desta vez é a sério.
- Espero que sim.

*

A Raffaella esperava a uma mesa com as meninas e já tinha encomendado a comida, que começou a ser servida quando nos sentámos: fatias de um pão denso e pequenos pratos com manteiga, um salpicado com ervas, outro com grãos de sal marinho.

A seguir levaram-nos lustrosas bolas de *mozzarella* acompanhadas por uma salada de tomate temperado com manjerição e uma travessa de pimentos vermelhos salteados com anchovas e cubos de pão estaladiços embebidos em azeite.

– Isso tem bom aspeto – disse eu.

– Mas devias? – alertou a Imogen, preocupada. – Tem cuidado, o *mozzarella* é bem capaz de estar na lista de proibições.

– Está tudo bem, não te preocupes.

– Não queremos que adoças.

Eu estava incrivelmente cansada de ter cuidado, farta de não poder fazer isto ou aquilo. Que espécie de vida era aquela, se tinha de ter medo de um pedaço de queijo?

– Toda a gente infringe as regras uma vez por outra – disse à Imogen, estendendo a mão para a travessa.

O *mozzarella* abriu-se em fatias macias quando o cortei, a ressumar uma pasta leitosa. Era salgado e tinha uma acidez agradável. Não aconteceu nada de terrível quando o comi e, apesar de sentir a desaprovação da Imogen, isso não me impediu de me servir uma segunda vez. Havia um limite para o cuidado que uma pessoa podia ter.

Depois houve café e uma espécie de sobremesa que envolvia iogurte de búfala que eu dispensei, mas que as meninas pareceram adorar.

– Então, quantas malas compraste? – perguntei à minha irmã.

– Só duas... e uma é para ti.

– Obrigada, mas não devias. Não preciso de uma mala.

– Não é uma questão de necessidade – argumentou a Imogen. – E além disso até precisas, e eu tive muito gosto em comprar-te uma.

Entregou-me uma pequena mochila de usar a tiracolo. Era exatamente o género de coisa que eu teria escolhido para mim, se fosse pessoa de comprar coisas.

– Obrigada, adoro – disse eu, a observá-la quando começou a transferir a tralha que costumo trazer comigo: caneta, bloco de notas, batom, chaves, óculos de sol, telemóvel e, claro, medicamentos.

Enquanto ela estava distraída a enfiar cada uma daquelas coisas na bolsa ou compartimento ideais, aproveitei para enviar ao Dan uma rápida

mensagem.

*

Desculpa, ocupada com a família. Posso ligar mais tarde?

*

A resposta chegou um pouco mais tarde.

*

Não há drama, já resolvi.

Resolveste o quê?

Nada com que tenhas de te preocupar.

*

As raparigas estavam aos pulos para ir ver os búfalos, e a Raffaella queria comprar *mozzarella*, de modo que a tarde ia bem avançada quando iniciámos a viagem de regresso à Villa Rosa. A Imogen tinha bebido vinho ao almoço, o que significou que tive de ser eu a conduzir.

Tinha de me concentrar na estrada, com as suas curvas inesperadas e motocicletas a passar por nós. Não podia dar-me ao luxo de deixar que pensamentos a respeito do Dan me distraíssem. Mesmo assim, enquanto a Imogen dormitava ou olhava pela janela e as meninas conversavam com a Raffaella, a minha mente teimava em voltar a ele.

Tentei ligar quando chegámos a casa, mas não atendeu. Depois disso, fui parar algumas vezes ao *voicemail* e deixei mensagens a dizer que estava livre para falar quando ele quisesse ligar.

Foi ao princípio da noite que o telemóvel deu sinal de mensagem, e era do Tommy, não do Dan. Perguntava se podíamos falar pelo FaceTime.

Posicionei o telemóvel de modo a mostrar a vista, apoiado contra uma resma de livros, e liguei-lhe imediatamente. Foi bom ver a cara dele a olhar para mim desde Londres.

– Tenho boas notícias – disse-me ele, a sorrir.

– Por favor, diz-me que vens para Itália em breve.

– A verdade é que sim, consegui tirar um tempo no trabalho e convenci a minha ex a deixar-me levar os miúdos, de modo que está tudo combinado.

– Isso é mesmo bom. Acho que vais gostar disto aqui.

Falei-lhe da casa e dos jardins, do caminho íngreme que levava ao mar, da Raffaella e dos seus cozinhados fantásticos, dos lugares aonde podíamos levar os filhos dele para comerem *gelato*.

– Parece ótimo. Mal posso esperar que as férias de verão comecem, para variar.

Mas o Tommy tinha mais notícias. Tínhamos, por fim, recebido confirmação oficial de que partilhávamos um doador.

– A Fiona telefonou-me – explicou. – Recebeu a carta esta manhã.

Já estávamos convencidos da existência da ligação entre nós, mas vê-la confirmada parecia importante para a Grace, e quando a Fiona assumira as negociações com o Registo de Doadores, agira com calma determinação. Eu e o Tommy fornecíamos-lhe cartas, e ela atarefava-se a fazer telefonemas. E

agora tínhamo-lo preto no branco: éramos uma espécie de família. Não havia a esse respeito a mais pequena dúvida.

– Grande Fiona – disse eu. – Eu sabia que ia conseguir.

– Sim, é uma velhota engraçada, não é? Achas que os esmagou com boas maneiras e postais de felicitações?

Ri-me.

– Se calhar. Tenho andado a pensar em convidá-la também para vir até cá. O que é que achas?

– Tenho a certeza de que adoraria ser convidada.

Ouvi o toque de outro telefone e vi o Tommy desviar os olhos do ecrã.

– É a minha linha fixa – disse. – Deve ser a Grace. É melhor atender.

Obriguei-o a prometer que me avisaria logo que marcasse os voos e deixei-o ir. Poucos minutos mais tarde, quando estava a meter o nariz no frigorífico para ver se havia o suficiente para improvisar um jantar decente, com a certeza de que a Raffaella seria capaz de transformar salsichas e tomates numa refeição deliciosa mas igualmente consciente de que eu não tinha essa capacidade, chegou outra mensagem dele.

*

Grandes notícias da Grace.

O que foi? Volta a ligar pelo FaceTime.

Ainda estou ao telefone com ela. Aguenta um bocadinho.

*

Comecei a andar de um lado para o outro, impaciente, a perguntar-me o que teria acontecido. Pareceu-me que tinham passado séculos antes que chegasse a mensagem seguinte.

*

Isto vai demorar um bocado, desculpa.

Que se passa?

*

Mais um longo e frustrante intervalo, e por fim:

*

Apareceu mais um dos recetores do Jamie!

O quê? Quem?

Aguenta mais um minuto.

*

Quando o Tommy pôde voltar a ligar-me pelo FaceTime, o sol estava a pôr-se e eu estava deserta por saber o que tinha acontecido.

– Então? – disse, impaciente. – Conta-me. Qual é a história?

– O teu antigo namorado, o tal Dan, contactou a Grace esta tarde e disse-lhe que o jornal tinha sabido de uma recetora de um transplante de fígado que acha que o Jamie pode ter sido o seu doador. A Grace ficou muito empolgada e quer conhecer a rapariga. Estive a tentar convencê-la a esperar até que um de nós possa acompanhá-la.

– Quem é a rapariga?

– A única coisa que a Grace sabe é que se chama Emerald.
– O Dan há de ter mais pormenores – disse eu, confiante. – Se não está a partilhá-los, é porque acha que vai conseguir uma história à custa disto.
– Ligas-lhe?
– Vou tentar.
– Vai ser difícil para ti? – perguntou o Tommy. – Preferes não falar com ele?
– Não, não, tudo bem.
– Conta-me o que ele disser. Vou tornar a ligar à Grace e dizer-lhe que tu estás na jogada.

O Dan estava a evitar os meus telefonemas. Sabendo eu que ele tinha sempre o telemóvel colado à mão, só podia estar a fazer um jogo qualquer. Mais cedo ou mais tarde, ia atender. Entretanto, fiz o jantar, uma misturada de molho de tomate com conchas de massa e montes de queijo gratinado. A Farah e a Darya pareceram gostar, mas a verdade era que estavam habituadas aos cozinhados da minha irmã.

– Temos de chamar a Raffaella – disse a Imogen, depois de provar. – Quer dizer, a comida está ótima, e tudo isso, mas ela é mesmo fantástica com as meninas, não é? Achas que conseguimos convencê-la a mudar-se para cá?
– Desconfio que não.
– Vou perguntar-lhe, em todo o caso – decidiu a Imogen.

Ficou entusiasmada ao saber que o Tommy sempre viria ter connosco e pôs-se animadamente a fazer planos: lugares que podíamos visitar, um kartódromo de que o filho dele havia de gostar, uma pequena pizzaria um pouco mais para sul ao longo da costa, com críticas fabulosas na Net, uma volta de caiaque pelas grutas. Enquanto ela tagarelava, enviei uma curta mensagem ao Dan:

*

Liga-me!

Interessada em falar comigo agora, não é?

Dan, liga e deixa-te de tretas, OK?

Estou no pub, dá-me um segundo.

*

Imaginei-o com a malta do costume, com as suas canecas de cerveja e os seus pacotes de batatas fritas, as vozes a tornarem-se mais altas à medida que a noite avançava. Havia uma parte de mim que tinha saudades de tudo aquilo, mesmo sabendo que estava melhor fora daquela cena.

Quando o meu telefone tocou, saí para atender. A noite estava límpida e estrelada. O ar tépido cheirava a jasmim, e a estátua de Cristo na montanha, iluminada, parecia suspensa por cima de nós.

– Dan, olá.

– Ah, Vivi Palmer. Que tal está a vida para os ricos e famosos?

A julgar pela voz, não estava muito sóbrio.

– Sim, está bem.

– Suponho que queres saber tudo sobre a Emerald, a encantadora Emerald com o seu fígado encantador.

– Quem é ela? Como foi que a encontraram?

– Foi ela quem nos encontrou, porque é leitora do *Daily Post*. Viu uma peça que eu publiquei há dias. Diz que ao princípio não tinha a certeza, mas as datas e os pormenores coincidem, de modo que acho que faz parte do teu grupo.

Sentei-me num banco baixo sob a pérgola coberta por buganvílias.

– Como é ela?

– Uma coisinha bonita... Por acaso estou a beber um copo com ela neste preciso instante.

– Bom proveito.

Não tinha a certeza de acreditar nele.

– Já não preciso da tua ajuda – continuou. – A mãe do doador, a Grace, contactou-me mal soube da Emerald.

– Deixa a Grace em paz, por favor. Ela não quer ser envolvida nas tuas histórias.

– Estão as duas ansiosas por se conhecerem.

– Dan...

Tentei argumentar, mas o Dan faria sempre o que lhe desse melhores cabeçalhos. Se ficasse quieta, ele ia orquestrar um encontro entre a Grace e a Emerald, com um jornalista e um fotógrafo pelo meio, e provavelmente também alguém a filmar. Um circo daqueles não seria justo para qualquer delas.

Despedi-me secamente e tive um momento de pânico porque estava demasiado longe para poder ser útil. Então, aliviada, lembrei-me de que podia sempre contar com o Tommy e a Fiona.

As mensagens que enviei apanharam o Tommy a fazer o jantar para os filhos e a Fiona em casa, em Londres. Seguiu-se uma intensa troca de textos, comigo a alertá-los para o facto de o Dan estar determinado a usar a situação em proveito do *Daily Post*. Ambos concordaram que a Grace não devia ter de enfrentar aquilo sozinha, mas o Tommy estava com demasiado trabalho para conseguir ajudar. Sobrava então a Fiona, que fora demasiado bem treinada a fazer o que era certo para recusar estar ao lado da Grace quando ela se encontrasse com a Emerald, embora devesse ser a última coisa que desejava.

*

Sim, claro que lá estarei. Faz sentido. E não se preocupe, posso certificar-me de que não há envolvimento do jornal.

*

Ler a resposta dela, imaginá-la sentada sozinha no seu pequeno apartamento, pensar em como era boa pessoa, fez-me querer fazer qualquer coisa boa por ela. Uma vez que o Tommy ia estar na Villa Rosa, porque não havia a Fiona de estar também? Podíamos conviver naquele lugar maravilhoso e conhecermo-nos melhor uns aos outros.

Enviei uma nova mensagem a convidá-la, e a resposta demorou algum tempo a chegar. Uma recusa, delicada e pesadosa. Há tanto tempo que não saía para o estrangeiro que nem sequer sabia se o seu passaporte ainda era válido, ou se o médico a deixaria viajar naquele ponto.

*

Não pode verificar tudo isso? Temos aqui uma casa enorme e sei que a minha irmã ficaria muito contente por a ter connosco.

*

Só tinha estado em Itália uma vez, uma viagem com a mãe anos antes, quando estavam ambas bem. Adoraria voltar, mas talvez não fosse o momento certo.

*

Mas a ideia é encantadora, Vivi. É muita bondade sua pensar em mim.

*

O convite deve ter-lhe parecido demasiado casual e impulsivo para ser sincero. Mesmo que estivesse tentada a aceitar, as pessoas como a Fiona têm uma certa maneira de fazer as coisas. Envolve notas manuscritas, no mínimo um telefonema, em vez de uma mensagem escrita rápida e descuidada.

Voltei para dentro e encontrei a minha irmã a beber vinho no meio da barafunda do jantar: migalhas de pão e bolachas, facas a sair de frascos de *Nutella* e de geleia, pratos e frigideiras sujos de molho de tomate, montes de copos com dois dedos de sumo de laranja no fundo.

A Imogen não era propriamente uma fada do lar, mas sabia fazer as pessoas sentirem-se bem-vindas. Expliquei-lhe o que tinha acontecido com a Fiona e no instante seguinte ela tinha o telemóvel na mão, despejava o resto do vinho que tinha no copo e estava a pedir-me o número de telefone da Fiona.

Enchi o lava-louça com água quente e detergente e comecei a lavar os pratos enquanto ouvia o lado dela da conversa.

– Olá, daqui fala Imogen Palmer. A Vivi disse-me que a convidou para vir passar uns dias connosco. Espero que venha, porque estou ansiosa por a conhecer.

Ficou calada por um momento e imaginei a Fiona no outro extremo da linha, surpreendida mas, esperava eu, encantada por a Imogen ter feito um convite como deve ser.

– O Tommy também vem – dizia a minha irmã. – A Vivi vai dar as datas a todos. Seria ótimo tê-los aos dois aqui. Penso que é o que ela espera.

Ficou de novo calada, e então ouvi-a dizer à Fiona que tínhamos imenso espaço na Villa Rosa, um jardim tão grande que uma pessoa quase podia perder-se nele, montes de lugares tranquilos para estar sozinha.

– Encontrámos uma senhora daqui que faz uma comida maravilhosa, de modo que não terá de sofrer muito com os cozinhados da Vivi. – A Imogen

escutou, e então riu-se. – Sim, as duas péssimas, receio, nenhuma de nós faz a mais pequena ideia, somos uma zona de desastre culinária. Cozinha? Oh, cozinha. Bem, nesse caso precisamos de si aqui... precisamos mesmo... Sim, claro que pode ajudar na cozinha, seria maravilhoso.

A minha irmã era persuasiva; conseguia conquistar quase qualquer pessoa. Terminou a chamada depois de arrancar à Fiona a promessa de que ia pensar a sério no assunto, talvez até ver os horários dos voos.

E assim parecia que em breve ia haver ali mais pessoas, mais pratos para lavar, mais caos, mais diversão: dois dos meus gémeos de transplante iam estar connosco na Villa Rosa.

Acabei de lavar a louça e acompanhei a minha irmã num copo de vinho, para celebrar.

Era mais fácil ir a qualquer lado sozinha. Acordei cedo, comi à pressa e saí de casa com um mínimo de espalhafato. Mas a viagem sozinha até à Masseria Perretti não foi nada divertida. Ao menos já conhecia a estrada, mas continuava a ser um desafio fazer aquelas curvas em gancho e atravessar os túneis de paredes rugosas escavados na rocha.

Não podia chegar atrasada, tinha o Stefano à minha espera. Ele ia mostrar-me como era feito o *mozzarella* e eu ia dizer-lhe coisas a seu respeito que nem ele próprio sabia. Já seria o suficiente para me fazer sentir uma grande excitação nervosa, mesmo sem os motociclistas constantemente a ultrapassarem-me em troços perigosos da estrada.

O sol mal começava a aquecer o dia quando parei em frente dos portões da *masseria*. Já lá estavam vários carros estacionados, e até uma camioneta de excursão, e as pessoas tinham-se reunido na charcutaria, algumas a beber café.

Fui direita à leitaria e espreitei pela janela de observação, na esperança de avistar o Stefano. Lá estava ele, de macacão e chapéu branco. Ergui a mão para lhe chamar a atenção.

Dessa vez deixaram-me entrar. Vestiram-me com um macacão e botas brancas, e o Stefano fez-me esfregar as mãos e esconder os cabelos debaixo de uma espécie de touca de duche horrorosa.

– A higiene é importante – disse, num tom profissional. – Por favor, não toque em nada. Está aqui apenas para observar.

Estava calor dentro daquela sala cheia de tinas de aço inoxidável e homens vestidos de branco; quase demasiado calor para respirar.

– Como aguenta trabalhar aqui? – perguntei ao Stefano.

Ele encolheu os ombros.

– Estou habituado. E precisamos do calor para fazer o queijo.

Começou a falar-me de todas as coisas que podiam afetar as características do *mozzarella* – o tempo, a estação, até a idade do animal. O mais importante de tudo era ter o nível de pH certo para esticar e amassar os coalhos granulados em água quente e transformá-los em suave *mozzarella*.

Mostrou-me como enformar o queijo à mão em bolas e tranças de diferentes tamanhos e deu-me um pouco a provar, fresco e sem qualquer sugestão de acidez, macio e cremoso.

– O *mozzarella* é o único queijo feito desta maneira – disse ele –, e o nosso é o melhor dos melhores. Não se esqueça de mencionar isto no seu artigo.

Eu estava ansiosa por sair daquela sala sufocante e despir o feio macacão. Uma película de suor cobria-me a cara e as botas de borracha que me tinham dado eram demasiado grandes: os meus pés dançavam dentro delas, o que tornava perigoso caminhar no chão molhado. O Stefano, porém, parecia pensar que eu devia estar fascinada. Naquele momento, mostrava-me uma máquina que produzia bolas de queijo perfeitas, cuspidendo-as através de pequenos orifícios para a salmoura. Dizia-me que para fazer um bom

mozzarella era preciso estar sempre em movimento, a ver e a verificar. Era como o trabalho de um escultor, e aqueles queijeiros não podiam usar luvas porque elas lhes roubariam a sensibilidade de que precisavam para sentir de verdade o queijo, para o conhecerem intimamente, para o tornarem perfeito.

– Espantoso – disse eu, porque era óbvio que o esperava. – E esta *masseria* é da sua família? Foi por isso que se tornou fabricante de queijo?

– Pertence ao meu tio. Foi ele quem me ensinou.

– Então é italiano, mas cresceu em Inglaterra?

– Sim.

Não parecia muito interessado em falar de si mesmo.

– Há quanto tempo cá está? – insisti.

– Há já algum.

– E de quanto tempo precisou para aprender a fazer *mozzarella*?

– Ainda estou a aprender.

Havia qualquer coisa nele que parecia fria e intocável, uma espécie de beleza pétrea. Tive a sensação de que não estava a gostar de mim, o que me faz sempre esforçar-me ainda mais por conquistar uma pessoa.

– Mostra-me o resto da *masseria*? – Estava cada vez mais impaciente por me livrar daquele macacão que em nada me favorecia, e do calor. – Adorava voltar a ver os búfalos.

– Com certeza – concordou ele. – É nos búfalos que o queijo começa. Há ainda muito que preciso de lhe dizer para o seu artigo.

Lá fora, a brisa pareceu-me fresca e revigorante. O Stefano tinha feito uma graça acerca de eu talvez querer ficar com a touca de banho como recordação da visita, de modo que não era totalmente desprovido de sentido de humor. E à luz mais clara da manhã consegui distinguir traços de imperfeição no seu rosto, as rugas muito finas à volta dos olhos e junto às orelhas.

Enquanto nos encaminhávamos para os pátios cobertos para ver os búfalos, questionei-me como ia abordar a verdadeira razão da minha presença.

– A nossa produção é totalmente biológica – dizia ele. – Não tivemos nenhum dos problemas que surgiram com a contaminação do *mozzarella*. As nossas pastagens são limpas e a nossa manada bem tratada. Somos um exemplo de como as coisas podem ser feitas, e esperamos que outros nos sigam no futuro.

Levou-me até ao redil onde tinham os búfalos bebés, que esfregaram os focinhos nas minhas mãos e as lambeiram como se fossem cachorrinhos. Eram adoráveis, e desejei que a Farah e a Darya estivessem ali comigo. O Stefano continuava a falar, dizendo-me que se afeiçoava aos búfalos melhores e lhes dava nomes; tudo coisas que esperava que eu viesse a incluir na minha história imaginária. Como conseguiria deter aquela torrente de palavras e fazer as perguntas que realmente queria ver respondidas?

Só quando estávamos no café e ele encomendou um pouco de *mozzarella* para eu provar, é que arranjei maneira de entrar na conversa que me

interessava.

– O leite com que o fazem não é pasteurizado, pois não? – perguntei.

– Não, claro que não.

– Nesse caso, e em bom rigor, não devo comer o queijo. Fiz um transplante de coração e é suposto cingir-me a uma dieta muito rigorosa, como uma grávida. Por causa dos imunodepressores que estou a tomar.

Ele encolheu os ombros, como se não pudesse estar menos interessado.

– As instalações são cem por cento assépticas e usamos água a ferver para fazer o *mozzarella*. Penso que é perfeitamente seguro comê-lo.

Não houve mais perguntas a respeito do meu transplante, nem pormenores acerca da saúde dele, e comecei a perguntar-me se teria percebido mal e se a Lynda estivera apenas a sugerir a *masseria* como um lugar interessante para visitar.

– Este *mozzarella* passou um pouco mais de tempo na salmoura, e por isso o sabor é mais salgado – explicou o Stefano. – Mas é importante comê-lo muito fresco. Muitas vezes, quando o compra num supermercado em Inglaterra, foi congelado e a textura é borrachosa. Nunca compre um queijo destes em Londres.

– Foi de lá que veio, de Londres? – perguntei, sentindo uma oportunidade.

– Foi lá que cresci. Mas vínhamos sempre passar o verão com o meu tio.

– E sempre quis ser fabricante de queijo?

– Nem sempre.

– Como foi então que acabou por o fazer?

– Foi a direção em que a vida me levou – disse ele, sucinto.

Tentei a minha tática de deixar um momento de silêncio, na esperança de que ele o preenchesse com mais informações, mas o Stefano não parecia disposto a facilitar-me o trabalho.

– O que foi então que aconteceu? – perguntei. – O que foi que o levou a aprender o ofício?

– Isto não é para o seu artigo?

– Pode ser *off the record*, se preferir.

– Quando era mais novo, tive alguns problemas de saúde. Uma forma muito grave de uma doença dos olhos chamada queratocone. Usava-a como desculpa para não me esforçar muito fosse no que fosse. Tive a sorte de o meu tio ser o proprietário desta fábrica e se ter oferecido para me ensinar o ofício e dar-me um futuro.

Estava finalmente a conseguir qualquer coisa.

– E os seus olhos? Fez um transplante das córneas?

– Exato – assentiu ele. – Agora, com lentes de contacto, a minha visão é boa. Tive muita sorte, como disse.

– Nesse caso, fizemos ambos transplantes – disse eu, tentando dar um significado às minhas palavras.

– Sim, temos isso em comum – concordou ele. – Uma coincidência, embora me pareça que a sua cirurgia foi mais complicada do que a minha.

– Talvez não tenha sido uma coincidência assim tão grande... e podemos ter mais em comum do que pensa.

Ele franziu ao de leve o sobrolho.

– Que quer dizer com isso?

Ouviu-me falar das minhas suspeitas de que partilhávamos um doador com uma expressão que não consegui ler. Então recostou-se na cadeira e disse num tom bastante frio:

– Foi por isso que veio? O artigo... é só uma história, uma mentira?

– Não, ia de certeza escrever qualquer coisa – apressei-me a dizer.

– Como foi que me encontrou?

– Uma dica depois de um artigo que escrevi, um telefonema – respondi, mais uma meia-verdade, mas não havia maneira de ele alguma vez o saber.

– Continuo a não perceber por que razão veio até tão longe.

E então expliquei-lhe. Falei da campanha a favor da Lei de Vivi, da Grace, da Fiona e do Tommy, do Jamie, falei até da nova mulher, a Emerald, que ainda não conhecia. Foi uma longa explicação que ele ouviu sem dizer palavra, num silêncio que me causou algum desconforto.

– O plano é juntar-nos todos, os que fomos ajudados quando o Jamie morreu.

– Mas porquê? – perguntou. – Qual é a vantagem?

– Começou por ser só por causa da Grace, a mãe do Jamie, porque ela queria conhecer-nos a todos. Então também eu me interessei. Se tiver razão, estamos todos ligados, não estamos?

– Somos estranhos – argumentou ele, num tom ainda gélido. – Lamento muito que essa mulher tenha perdido o filho, mas isso não tem nada que ver comigo. Estava na lista para um transplante. Se não tivessem sido as córneas dele, seriam as de outra pessoa qualquer.

Fiquei desconcertada com aquela atitude.

– Ouça, se prefere não ter contacto com a Grace, tudo bem. Ainda não lhe falei de si. Mas talvez gostasse de uma oportunidade de conhecer o resto de nós. O Tommy vem cá passar algum tempo, e a Fiona talvez venha também.

O Stefano lançou-me um olhar, como que a avaliar-me e a tentar decidir se confiava em mim.

– E se eu lhe desse o meu contacto e o deixasse pensar no assunto e decidir? – sugeri.

– Sim, podemos fazer isso – concordou ele.

O meu antigo cartão de visita já não servia, de modo que arranquei uma página do bloco de notas e anotei o número do meu telemóvel e o endereço de *email*.

– Estamos numa *villa* um pouco mais para sul na costa de Basilicata. Talvez possa aparecer para almoçar no seu dia de folga.

Ele olhou para a minha nota rabiscada e guardou-a no bolso da camisa.

– Se decidir ir, entro em contacto.

Enquanto me acompanhava de volta ao carro, falou do muito trabalho que

tinha na *masseria*, e de como estavam sempre a acontecer coisas que exigiam a sua atenção e os seus dias de folga eram raros. A minha sensação foi de que não voltaria a vê-lo.

Entrei no carro, baixei a janela para dizer adeus e fiz marcha-atrás para sair do lugar de estacionamento. O Stefano agitou a mão num aceno desajeitado quando me afastei. Espreitei pelo retrovisor antes de virar para a estrada e ele ainda lá estava, a observar.

Tive mais uma vez aquela sensação de que podia ter lidado melhor com aquilo. Enquanto conduzia e as planícies da Campânia davam lugar às montanhas de Basilicata, revi mentalmente o nosso encontro.

Parei para um café, entrei no *wi-fi* gratuito do bar e procurei no Google o nome da doença do Stefano. Queratocone: parecia coisa grave. Imaginei uma versão mais jovem dele, com a visão a degradar-se à medida que as córneas se afilavam. Talvez tivesse sentido alguns dos sintomas que o *site* listava, dor ou sensibilidade à luz; claro que devia ter receado perder a visão. Como teria sido para ele? Não conseguia impedir-me de sentir curiosidade. Havia tantas perguntas que devia ter feito.

*

Na Villa Rosa tinha havido trovoada. As nuvens pairavam baixo sobre as montanhas, mas o sol tinha rompido e a Imogen estava a usufruir dele, a pele dourada, o biquíni diminuto. Havia no ar o cheiro resinoso dos pinheiros quentes e a doçura do jasmim, havia o canto das aves e o barulho das minhas sobrinhas a brincar alegremente, e havia todos os azuis do mar e do céu. Sim, era uma pena aquilo do meu pouco amistoso fabricante de queijo, mas pelo menos estava ali. E em Inglaterra havia agora a Emerald e talvez a Grace se desse por satisfeita com isso e eu pudesse deixar de procurar e concentrar-me em aproveitar o verão como a minha irmã queria.

A Imogen mexeu-se ao ouvir os meus passos.

– Ei, estás de volta. Bem me pareceu ouvir o carro. Como correu?

– Não muito bem – admiti.

– Ele não quer juntar-se à tua família de transplante?

– Parece que não.

– Anima-te, tenho notícias melhores. A tua amiga Fiona ligou e diz que aceita encantada o meu amável convite. Vai tratar de marcar os voos, de modo que começa finalmente a parecer que vamos ter uma festa a sério.

Parecia contente, e eu também estava. Agora com o tempo mais quente, vislumbra dias longos e preguiçosos, banhos no mar, almoços no jardim, talvez algumas aventuras para lá dele. Não me preocupava a possibilidade de não nos darmos bem; com a Fiona e o Tommy, não conseguia imaginar problemas. Já quanto ao Stefano, era um caso completamente diferente.

– Convidei o fabricante de queijo para almoçar – disse à minha irmã. – Não pareceu muito entusiasmado com a ideia, mas nunca se sabe, pode ser que venha.

A Imogen estendeu a mão para o protetor solar e começou a espalhá-lo

nas pernas já bronzeadas.

– O que achaste dele? Conta-me tudo, sem esquecer nada.

E eu contei tudo, como quase sempre fiz, e a minha irmã recostou-se na cadeira de repouso, fechou os olhos por causa do sol e ouviu.

– Vais ter notícias dele, de certeza – disse ela quando acabei. – Apanhaste-o de surpresa, foi só isso, e é muita coisa para digerir. Vai pensar no assunto e não vai ser capaz de resistir a entrar em contacto, vais ver.

Eu não partilhava a confiança dela. O Stefano não mostrara interesse; não se sentia conectado. Só podia assumir que ter o coração de outra pessoa dentro do corpo criava uma sensação de intimidade maior do que ter apenas a superfície dos olhos.

Do que Stefano mais gosta na produção de queijo é o facto de haver uma maneira certa de fazer as coisas, e um momento certo. Quando se segue as regras, o resultado é perfeito, sempre; tão simples como isso. De volta à leitaria para se certificar de que tinha sido limpa como deve ser depois do trabalho da manhã, deseja que a vida inteira pudesse ser assim.

O equipamento de aço inoxidável foi escrupulosamente esfregado. Stefano tem a certeza de que os homens com quem trabalha são de confiança, mas faz as verificações habituais porque o tio deixou bem claro como são importantes. Foi o tio quem o ensinou, recebendo-o como um rapaz irresponsável, trabalhando a seu lado e mostrando-lhe como fazer melhor. Na leitaria está sempre muito calor e o trabalho é duro e o tio está feliz por se ter reformado, deixando-o assumir o comando e continuar o seu legado.

Stefano termina a inspeção, fecha a porta e vai despir o macacão e tomar um longo duche antes de se encaminhar para o escritório. Há sempre trabalho para fazer. Processar encomendas, encontrar fontes de alimento de inverno para os búfalos, gerir o pessoal. A *masseria* é uma grande operação e muitas vezes Stefano trabalha até tarde, para se certificar de que está tudo a correr sobre rodas.

Faz questão de interromper o trabalho para almoçar com o tio, por muito ocupado que possa estar. É, para os dois, a principal refeição do dia. Comem um prato de *pasta*, um pouco de peixe ou carne, alguns legumes e um pedaço de queijo ou uma peça de fruta enquanto falam acerca do que quer que ocupe os pensamentos de Stefano, problemas relacionados com o negócio ou com a sua vida pessoal.

Hoje vai falar da rapariga que apareceu, Vivi, e na convicção dela de que estão ligados. Haverá várias maneiras de lidar com a situação, mas só uma é a correta, e Stefano quer escolher bem.

O tio é uma boa caixa de ressonância e Stefano aprendeu a deixar-se guiar pelos seus conselhos. É um homem que teve coragem de fazer as coisas de uma maneira diferente, de se erguer acima da corrupção que o cercava por todos os lados e criar um *mozzarella* de que podia orgulhar-se. Podem não ser mais do que bolas de queijo lustrosas, mas são perfeitas, sempre perfeitas, e é isso que importa.

Stefano consegue com frequência prever o que o tio vai dizer a respeito disto ou daquilo, agora já o conhece suficientemente bem. Mas a chegada da rapariga com a sua história inventada e depois a afirmar que o seu coração corresponde aos olhos dele... é diferente; não há modo de adivinhar.

O que Stefano adora na produção de queijo é a certeza. O leite de búfala pode ser diferente consoante a estação, o tempo pode mudar, mas faça-se tudo bem e o resultado é sempre perfeito. Não vê qualquer razão para que o resto da vida não possa ser assim.

O Tommy chegou num dia límpido de julho. Tudo na Villa Rosa pareceu mais brilhante e melhor – os tons rosados das buganvílias mais intensos, o mar com mais matizes de azul, os aromas que emanavam da cozinha onde a Raffaella fazia qualquer coisa para o almoço mais deliciosos.

– Uau – disse ele. – Quer dizer, uau mesmo.

– Não é perfeito?

A Imogen estava a sorrir. Passou o braço pelo dele e levou-o numa visita guiada aos jardins e até ao mar, antes de lhe mostrar os quartos que tinha escolhido para ele e para os filhos. A Ava e o Liam eram crianças pálidas e com um ar sério, mais velhas do que as minhas sobrinhas, não uma escolha óbvia como amigos, e dei por mim a esperar que não se sentissem aborrecidos naquela casa sem *wi-fi* ou televisão. Mas então, dessa maneira fácil que as crianças têm, encontraram coisas em comum e pouco depois estavam os quatro a perseguir lagartos verdes pelos muros de pedra cinzenta e a tentar subir a uma árvore para apanhar limões.

O almoço foi servido na mesa comprida por baixo da pérgola. A Raffaella apresentou um prato de *pasta* cozida no forno incrustada de almôndegas de carne e uma salada de pimentos vermelhos que tinha assado no grelhador.

Enquanto comíamos, o Tommy pôs-me a par das últimas novidades de casa. Sobre tudo, falou da Emerald: de como a Grace a adorara, como estavam a planear encontrar-se de novo em breve, da impressão com que a Fiona ficara dela e da dele próprio depois de um par de conversas pelo Skype. Disse que a Emerald era encantadora e divertida, inteligente, muito bonita, ótima. Segundo parecia, eu ia adorá-la.

Tentei afastar a sensação de que um convidado indesejado se tinha juntado à minha festa. Eram boas notícias e de modo nenhum uma razão para me sentir aborrecida.

– Ela está ansiosa por te conhecer – disse o Tommy. – Pensei que podíamos ligar-lhe juntos a dado ponto, para eu poder apresentar-vos. Talvez mais logo à tarde?

– Logo à tarde vamos nadar – disse-lhe a Imogen. – Há uma escada que pode ajudar-nos a carregar para baixo e que se fixa às rochas. E depois vamos tomar umas bebidas num dos pequenos bares da marina, e depois voltamos para aqui para piquenicar os restos e jogar às cartas.

– Nesse caso, a Emerald vai ter de esperar – concordou o Tommy.

– Tenho a certeza de que não se importará – disse-lhe eu.

*

O mar estava calmo e convidativo. O Tommy foi o primeiro a saltar, nadando em direção a uma abertura nas rochas, a sulcar a água com braçadas vigorosas. Os filhos seguiram-no e eu fiquei para trás com a minha irmã, a encher boias e a exortar as meninas a mergulhar connosco.

Não nos afastámos muito, deixando-nos ficar pela piscina natural delimitada pelas rochas onde a água tinha a profundidade suficiente para não

haver perigo. Com pequenos peixes prateados a saltar e uma gruta para explorar, era ridiculamente perfeito.

– Olhaste bem para o Tommy? – perguntou-me a Imogen.

Quando ele se despira até ficar de tanga e pusera os óculos de natação, tinha havido uns instantes em que o seu corpo ficara exposto antes de mergulhar.

– Aqueles braços... uma obra de arte... Espero que esteja calor enquanto ele cá estiver, para que quase não precise de usar roupa.

Ri-me, a olhar para as miúdas nos seus colchões pneumáticos, demasiado atentas a polvos e outras criaturas assustadoras para conseguirem ouvir o que dizíamos.

– Está em muito boa forma – respondi.

– Não me digas.

– Estou confusa. Não devias estar a tentar emparceirar-me com o fabricante de queijo?

– Mudei de ideias – disse a Imogen. – Voltei ao Tommy.

– Não interessa, em todo o caso. Dois transplantados juntos é uma péssima ideia.

– Porquê?

– Temos partes da mesma pessoa dentro de nós, para começar.

A água começou a parecer-me fria, tinha os dedos das mãos e dos pés entorpecidos e queria voltar para o sol nas rochas aquecidas com uma toalha enrolada à volta do corpo. Bati com os pés e afastei-me dela a guiar o colchão da Darya com uma mão.

A Imogen nadou atrás de mim.

– Talvez estejas a levar toda esta coisa da família de transplante demasiado a sério. Tu e o Tommy não têm qualquer verdadeira relação.

Subi a escada e estendi a mão para ajudar a Darya a seguir-me.

– É meu amigo, só isso.

– É um tipo decente, e é difícil encontrá-los por aí.

– Não ando à procura de um tipo decente.

– Não sejas parva, claro que andas.

A minha irmã não estava a perceber, e por mim tudo bem. Não era o momento de lhe recordar que os corações emprestados não duram para sempre; era muito possível que eu já não estivesse presente para ver crescer a Farah e a Darya; não íamos envelhecer juntas, eu e ela. Este conhecimento estava sempre lá, e embora eu tentasse mantê-lo pequeno e a salvo no fundo da minha mente, era impossível que não afetasse a maneira como eu vivia a vida mais curta que iria de certeza ter.

– Os tipos decentes não são o meu género – disse à Imogen.

O Tommy estava a voltar; ele e os filhos faziam uma corrida, e percebi que estava a abrandar o ritmo das braçadas para os deixar chegar à escada primeiro. Via o ondular dos músculos nos braços tatuados quando saiu da água e vi-o esfregar o corpo molhado com uma toalha, sabendo que a Imogen

estava a fazer o mesmo.

*

De um modo geral, não bebo muito, e a verdade é que nem é suposto fazê-lo. Mas era a hora dos *cocktails* num bar à beira-mar em Itália e toda a gente à nossa volta parecia estar a bebericar *Aperol Spritz*. Por uma vez, quis o mesmo que os outros.

O Tommy pediu uma água mineral com gás e não tocou nos aperitivos salgados que o empregado serviu. Era sempre disciplinado. Acho que nunca o tinha visto pedir qualquer coisa menos saudável.

– Vou beber só um – disse-lhe, a provar a refrescante e ligeiramente alcoólica bebida de laranja. – Talvez até só metade.

– Ei, não estou a julgar-te – respondeu ele.

– Eu vou de certeza beber dois – declarou a Imogen –, portanto, também não me julgue.

Estávamos sentados a uma mesa junto à marina. O proprietário do bar tinha um cachorro, um pequeno maltês branco que parecia gostar de que as miúdas lhe fizessem festas e brincassem com ele. O sol descia devagar no céu, havia música popular italiana a tocar e perto de nós um grupo de velhos tinha-se juntado debaixo de uma árvore a jogar cartas.

– Sinto-me como se estivesse num filme – disse o Tommy.

– E que género de filme seria? – quis a Imogen saber. – Uma comédia romântica?

– Não, um drama policial, com perseguições de carros naquela estrada costeira assustadora e montes de lanchas rápidas.

– Oh, adoro barcos – disse a Imogen. – Penso que se pode alugar um e fazer um passeio de um dia à volta da costa. Vamos fazê-lo?

– Estava a pensar levar a Ava e o Liam numa volta de caiaque pelas grutas – disse o Tommy. – Gostamos de nos manter ativos. É bom para a cabeça e para o corpo.

– Andar de caiaque é demasiado enérgico para mim – declarou a Imogen.

– Mas a Vivi pode ir convosco.

– Podia não aguentar o ritmo.

– Aguentaria, sim – garantiu-me o Tommy. – Os miúdos também não são muito rápidos. Mas não se pode dizer-lhes isso.

Ele era encantador como pai. Não excessivamente protetor, só atento na medida certa. Encorajara a Ava e o Liam a ir ao interior do bar pedir os *gelati* e ensinara-os a dizer «por favor» e «obrigado» em italiano, e quando a Ava deixou no mesmo instante cair o dela em cima do vestido num grande e pegajoso monte, riu-se, limpou-a bastante mal com um par de guardanapos de papel e foi ao bar buscar-lhe outro.

– Que mais gostaria de fazer enquanto cá está? – perguntava-lhe a Imogen. – Há qualquer lugar que gostasse especialmente de visitar?

– Com o tempo como está, satisfaço-me com ficar na *villa*, saborear boa comida e fazer algum exercício. Para quê ir para outro lado quando este lugar

é perfeito?

– Concordo – disse a minha irmã. – Relaxemos juntos.

– Estou muito grato por nos terem incluído nas vossas férias – disse-lhe o Tommy. – Foi duro para os miúdos, com a minha doença e depois a separação dos pais. Esta foi a melhor coisa que nos aconteceu a todos em muitos anos.

– Também é bom para mim – disse a Imogen.

*

Eu não tinha a mínima pressa de conhecer a Emerald. Estava a correr tudo muito bem sem o envolvimento dela. Mas então o Liam pôs-se a brincar com o telemóvel do pai e percebemos que o bar tinha *wi-fi* gratuito, de modo que parecia não haver qualquer razão para não tentar contactá-la pelo FaceTime.

Encostámos o telemóvel ao meu copo de *Aperol* vazio e juntámos as cadeiras. O Tommy ficou desapontado quando ela não respondeu.

– É pena. Mas aqui estamos uma hora adiantados em relação ao Reino Unido, não estamos? Talvez ainda esteja a trabalhar.

– Tentamos outra vez à noite – sugeri. – Não devíamos estar a voltar à *villa*?

A Imogen não estava disposta a privar-se do seu segundo *cocktail*. E o serviço era tão lento que quando a bebida chegou tinham passado vinte minutos e o Tommy estava a tentar de novo a Emerald.

Dessa vez, o rosto dela encheu o ecrã. Olhos verdes, grande sorriso, cabelos louro-palha e um suave sotaque irlandês.

– Ei, Tom-Tom, estás em Itália?

– Sim, e tenho comigo uma pessoa que te quero apresentar. É a Vivi.

– Olá, Emerald. – Acenei para o telefone. – É bom ver-te finalmente.

– Oh, meu Deus, Vivi, é fantástico ver-te, também. – Correspondeu ao meu aceno com ambas as mãos. – É como se já te conhecesse, porque ouvi tanta coisa. A Grace está sempre a falar de ti. Não é uma querida?

– Tens estado muitas vezes com ela?

– Temos passado muito tempo juntas. Tenho andado a tentar encontrar maneiras de lhe agradecer. No fim de semana passado maquilhei-a. Devíamos ter falado pelo FaceTime nessa altura, ficou um espanto.

– É ótimo vocês as duas terem encaixado bem – disse o Tommy.

– É tão especial, não é? Mostrou-me montes de fotografias do Jamie e descobrimos juntas imensas ligações.

– Que espécie de ligações? – perguntei eu.

– Assim do género, eu sei que isto parece estranho, mas depois do transplante comecei a andar de bicicleta e a comer algumas das coisas que o Jamie preferia, até a ouvir o mesmo género de música. É como se as células dele dentro de mim estivessem a recordar.

– Que coisas? – Aquilo começava a parecer-me muito familiar. – McDonald's, por acaso?

– Não, batatas fritas da *Walters* com sabor a sal e vinagre. – Riu-se. – Eu sei: é espantoso, não é? Mas antes nunca lhes tocava. Sempre preferi os doces.

E há o sonho que comecei a ter, com um terrível acidente de automóvel.

– Acreditas que é o acidente do Jamie?

– Talvez... não sei. Mas é um pouco assustador.

Tagarelámos durante meia hora. A Emerald falou da sua doença de fígado e do choque de lhe terem dado cinco anos de vida, quando tinha vinte e um. Contou-me tudo acerca do seu transplante, do seu trabalho como estilista de cabeleireiro e maquilhagem, da família, da sua dieta à base de plantas e até do seu gato. Era encantadora e divertida, como toda a gente dizia. Não havia qualquer razão para não gostar dela.

– Fala que se farta, não fala? – comentou a Imogen quando, por fim, desligámos e estávamos a reunir os miúdos para podermos deixar o bar e voltar a casa.

– É muito viva – concordou o Tommy.

A Imogen olhou para mim de sobranceiras arqueadas, mas graças a Deus não disse nada. A palavra que a minha irmã usou mais tarde para a descrever foi «pateta», o que me fez rir, em parte por ser tão antiquada. Já era tarde quando isto aconteceu e a Imogen tinha-se enfiado na minha cama, para podermos sussurrar debaixo das mantas como costumávamos fazer.

– Não parou de falar de si mesma... A pateta fez-te uma pergunta que fosse? Não me parece – disse ela.

– Há montes de pessoas assim – argumentei. – Encontro-as por todo o lado.

– E aquela coisa da memória das células. Batatas fritas com sabor a sal e vinagre. A sério?

– A Grace há de estar a adorar – disse eu. – E a verdade é que há montes de histórias desse género, de pessoas que adquiriram características dos respetivos doadores. Pode ser que haja aí qualquer coisa.

– Está calada. – Bateu-me nas costelas com o cotovelo. – Detestaste a criatura, sei muito bem.

– Não a detestei.

– Mas...

– Também não fiquei apaixonada por ela.

– Queres mesmo juntá-la à tua família de transplante?

– Não podemos escolher. Ela tem o fígado do Jamie, já faz parte da família. E se a Grace gosta dela... e o Tommy também...

– O Tom-Tom, queres tu dizer.

A Imogen fez um som de sufoco.

– Eu sei, eu sei.

– Essa mulher, a Fiona, que vem ter connosco, é melhor que não seja também uma pateta.

– Não é, vais gostar dela – prometi.

A Imogen aninhou-se contra mim, a sua respiração tornou-se mais profunda e pouco depois estava a dormir. Fiquei deitada de costas a ouvir-lhe o ligeiro ressonar e a esperar que gostasse da Fiona, que não tivesse sido um

erro convidá-la.

A minha família de transplante. A minha irmã revirava sempre um pouco os olhos quando dizia aquelas palavras. Estava a tornar-se maior. Havia agora mais de nós à volta da Grace e eu esperava que isso fosse uma coisa boa.

*

Na manhã seguinte alugámos caiaques, só eu, o Tommy e os filhos dele, e com o Mediterrâneo liso como um espelho, explorámos a costa rochosa. Receava ficar para trás, porque não tenho muita resistência, mas o Tommy manteve-se comigo e remámos lado a lado pelas grutas de rocha calcária até desembocarmos numa baía escondida onde a água tinha o mesmo azul estonteante dos olhos dele.

Eu não queria ir muito mais longe, para o caso de me faltarem as forças no regresso, mas ele encorajava-me, desceu do caiaque para passar os baixios, levou-nos para mar aberto. Os miúdos já se tinham afastado e reparei que ele não os mandava voltar para trás, nem lhes dizia que tivessem cuidado.

– Não há problema, eles sabem o que estão a fazer – disse ele, e então encostou o caiaque ao meu e, a segurar o remo um do outro, derivámos juntos sob a luz do sol, com a pele salgada e quente, e foi bom estar viva.

Queria que a Villa Rosa mostrasse a toda a gente a sua melhor cara, e por isso fiquei desapontada quando acordei para um céu nublado e ventos zangados na manhã da chegada da Fiona. Enquanto o Tommy ia buscá-la à estação, eu e a Imogen tentámos fazer uma tarte de tomate para o almoço. O que fizemos foi sobretudo porcaria: espalhámos farinha pela cozinha toda e conseguimos deixar queimar a tarte, apesar de termos tentado lembrar-nos de ir de poucos em poucos minutos ver se já estava cozida.

– E se espalharmos algumas ervas por cima, para disfarçar? – sugeriu a Imogen, ao examiná-la. – Até é possível que saiba bem.

– Somos uma desgraça – disse-lhe eu.

– Pois somos – concordou a minha irmã alegremente. – Vou telefonar à Raffaella e perguntar-lhe se pode vir fazer o jantar. É assim um pouco à pressa, mas nunca se sabe.

– A Fiona sabe cozinhar – recordei-lhe.

– Não podemos pôr a nossa convidada a trabalhar na cozinha no dia em que chega... Mas talvez amanhã.

O Tommy buzinou quando passou os portões e juntámo-nos todas na área de estacionamento para os receber, eu cheia de esperança de que a minha nova amiga causasse boa impressão. A Fiona estava encantadora, claro, com uma blusa às bolinhas, uma saia de linho larga e uns óculos de sol muito elegantes. Mal se apeou do carro, viu-se cercada de crianças curiosas e envolvida num abraço de boas-vindas da minha irmã. O Tommy levou as malas dela para o quarto, enquanto eu e a Imogen lhe proporcionávamos a visita guiada oficial à Villa Rosa.

A Fiona estava mais calada do que era seu habitual, limitando-se a comentar uma ou duas vezes como era tudo encantador. De pé nas rochas a olhar para o mar lá em baixo, fiquei surpreendida ao ver lágrimas escaparem-se de trás das lentes dos óculos de sol e correrem-lhe pelas faces.

– Está tudo bem? – perguntei.

Ela tirou os óculos e começou a secar os olhos com um quadrado de linho que extraiu do bolso.

– Sinto-me um pouco esmagada – disse, numa voz que tremia. – Estar aqui, somado a tudo o que já fez por mim, ter conhecido os seus pais no mês passado, ver o jardim deles... é... bem, não sei como agradecer-lhe devidamente.

A Fiona já nos tinha transmitido a sua profunda gratidão através de várias mensagens.

– Como lhe disse, a minha mãe adora mostrar os jardins a jardineiros. Tenho a certeza de que também foi um prazer para ela.

– Concedeu-me tanto do seu tempo. E então o seu pai juntou-se a nós e bebemos uma taça de um excelente champanhe e falámos do trabalho de beneficência que eles fazem. – Voltou-se para a minha irmã. – E agora convidar-me para sua casa, sendo eu uma desconhecida para si, e fazer-me

sentir tão maravilhosamente bem-vinda...

– Claro que é bem-vinda. – A Imogen pegou-lhe no braço e começou a encaminhá-la para os degraus. – Mal acaba de chegar; ainda nem sequer começámos a divertir-nos. Vão acontecer tantas coisas boas.

– Muito obrigada.

– Vamos almoçar? Pode não ser uma coisa assim tão boa. Foi a Vivi quem fez o almoço.

– Não é justo. Não podes culpar-me pela tarte.

– Claro que posso. Eu não costumo queimar nada.

– Isso é porque nunca cozinhas – fiz eu notar.

– Tenho a certeza de que o almoço vai ser delicioso – disse a Fiona enquanto iniciávamos a subida íngreme de regresso a casa, com diversas pausas para que ela pudesse recuperar o fôlego.

Nem mesmo a Fiona conseguiu encontrar uma boa palavra para dizer a respeito da tarte de tomate, que parecia ter encolhido desde que a tiráramos do forno. Dirigiu-lhe um olhar de compaixão, como se lamentasse o facto de ter sido deixada nas nossas mãos, e murmurou:

– Oh.

– Peço desculpa – disse a Imogen. – Queria muito que tivéssemos um bom primeiro almoço juntas. Mas a comida é horrorosa e o tempo está uma porcaria.

– Não, não, acho que está a animar um pouco – tranquilizou-a a Fiona. – E podemos fazer outra coisa para acompanhar a vossa tartezinha. Tem ovos? Uma *frittata* é sempre agradável.

Abriu o frigorífico e, pouco depois, estava de avental posto e a cortar cebolas com a perícia de um *chef*. É curioso observar as pessoas na cozinha. A Raffaella parecia abrandar, a conversar enquanto andava de um lado para o outro, parecendo não fazer o mais pequeno esforço e produzindo, apesar disso, refeições deliciosas. A Fiona era uma dessas cozinheiras que limpam tudo à medida que avançam, cuidadosa e eficiente, energeticamente produtiva.

Decidimos correr o risco de almoçar lá fora, de modo que eu e a Imogen tratámos de pôr a mesa, apanhámos flores silvestres para encher vasos e jarras, descobrimos uma antiga toalha de linho e copos de vidro verde facetado. A Fiona apresentou a *frittata*, uma salada de folhas da horta, um molho de meloa madura, queijo e até a nossa tartezinha. O sol voltara a brilhar e estava tudo tão encantador que tivemos de tirar fotografias.

O Tommy tinha saído para uma longa corrida e refrescou-se no chuveiro do pátio. Sentou-se de tronco nu, com uma toalha enrolada à volta da cintura e eu tentei não captar o olhar da Imogen, concentrando-me em ajudar as minhas sobrinhas a encher os pratos de comida.

As crianças não se demoraram muito à mesa. Comeram e voltaram às suas brincadeiras. Mas os adultos ficaram; a Fiona foi buscar uma taça de pêssegos, a Imogen bebeu vinho. Tagarelámos e rimos, e era como se fôssemos velhos amigos e não pessoas reunidas pela tragédia e pelo acaso.

A Imogen estava recostada na cadeira a observar a cena, de copo na mão e um sorriso a iluminar-lhe o rosto.

– Não é maravilhoso?

– Era o que tu querias, não era?

– Sim, era.

– A Imogen tem andado desesperada por uma festa a sério – expliquei aos outros. – Por isso, estamos gratas por estarem aqui e ajudarem a fazer com que aconteça.

– Nós é que estamos gratos – disse o Tommy. – Este lugar é muito melhor do que o parque de campismo para onde eu e os meus filhos costumamos ir.

– E eu há muito que não fazia férias de espécie alguma – admitiu a Fiona. – Tinha receio de viajar, sobretudo sozinha. Parecia demasiado arriscado, com a minha saúde. Não queria adoecer e ir parar a um qualquer hospital desconhecido. Mas com todos nós aqui e no mesmo barco... – Fez uma pausa para aclarar a garganta. – Na realidade, Vivi, sinto que lhe devo um pedido de desculpa. Como sabe, tive as minhas dúvidas acerca de nos juntarmos todos, achava que era um erro; mas estava enganada. Aconteceram tantas coisas boas. Por isso, obrigada, estou muito contente.

Pela primeira vez em muito tempo, senti que tinha acertado em qualquer coisa. Sorri à Fiona.

– Também eu.

A Imogen ergueu o copo que tinha na mão.

– A todos vocês, a tua família de transplante.

– E a si também – disse-lhe o Tommy, e tocou com o copo de água mineral no dela. – Passou a ser membro honorário.

– Ótimo, porque detesto ser deixada de fora.

A Imogen bebeu um longo trago, encheu o copo com *Pinot Grigio* e voltou a beber.

O Tommy estava a olhar para ela com uma expressão de curiosidade, como se acabasse de se aperceber de qualquer coisa.

– Deve ter sido duro para si crescer com uma irmã mais nova doente – comentou.

– Foi duro para a Vivi. Eu só tive de assistir.

– Mas assistir nem sempre é fácil, pois não?

– Agora ela está bem; todos vocês estão bem, graças àquele pobre miúdo. Portanto, também a ele. – Voltou a erguer o copo. – É a ele que estamos todos gratos, de facto.

O Jamie. Como poderia ele estar longe dos nossos pensamentos, especialmente quando estávamos juntos? Ficámos todos em silêncio durante alguns momentos, sentados à volta da mesa coberta pelos rostos do nosso excelente almoço, a ouvir os risos das crianças que brincavam às escondidas no jardim, a cheirar o jasmim, a sentirmo-nos vivos e felizes, e tudo graças a ele.

O sol apareceu e desapareceu naquela tarde. O Tommy foi, como disse, «nadar a sério», a Fiona explorou o jardim, a Imogen retirou-se para a sua cadeira de repouso, afirmando estar de guarda aos miúdos. Entretanto, eu afastei-me para dar o habitual passeio pelo trilho da falésia que passava por outras casas de férias e descí um longo lanço de degraus até uma praia de seixos, onde parei para descansar e ver as ondas desfazerem-se na costa, antes de regressar a casa seguindo uma série de caminhos debruados por moitas de oleandros.

Enquanto caminhava, tentando manter um ritmo decente, era na Emerald que pensava – nas suas ligações perturbadoras ao Jamie, no sonho que tivera, em toda aquela conversa a respeito da memória das células. Quando voltei à Villa Rosa, parecia ter percebido o que me preocupava. Tudo nela era exatamente o que a Grace queria. A ligação tão rápida e fácil entre as duas fazia-me desconfiar.

Fora eu quem iniciara aquilo, aquele juntar de desconhecidos, de modo que me competia fazer com que resultasse. Uma sensação de inquietude andou a morder-me os pensamentos durante toda a tarde, quando tudo devia ter estado perfeito.

A Raffaella apareceu mais para o fim do dia, chamada pela minha irmã para preparar um jantar requintado. A Fiona pegou num avental para ajudar, insistindo em que estava no paraíso. O Tommy jogava um jogo de cartas barulhento com os miúdos, a Imogen pintava as unhas dos pés de um rosa vibrante, as nuvens tinham-se dissipado e o sol brilhava, e os meus pensamentos continuavam a girar em círculos, teimando em voltar à Emerald. Estaria a ser injusta? Era inteiramente possível que aquela mulher fosse tão encantadora como toda a gente achava.

Do que precisava era de falar com outra pessoa que a conhecesse, alguém que visse as coisas com tanta clareza como eu, talvez até com um pouco de cinismo. Por mais que preferisse não ter de contactar com o Dan, não havia mais ninguém e eu queria saber o que achava ele dela.

Deambulei até aos socos superiores e detive-me no meio de um grupo de limoeiros, suficientemente longe dos outros para não ser ouvida. Ao marcar o número já na presunção de que ele não atenderia, fui surpreendida pelo som da sua voz, com aquele sotaque familiar do sul de Londres, um tudo-nada mais alta do que o habitual, o tom provocador.

– Vivi Palmer, a última pessoa que eu estava à espera de ouvir.

– Olá, Dan.

– Porque é que estás a ligar?

– Talvez só quisesse dizer olá.

– Não me parece.

– Tens razão – admiti. – Preciso de um conselho teu.

– Os meus conselhos não são de borla. Há um preço. Queres saber qual é?

Nenhuma conversa com o Dan poderia alguma vez ser descomplicada. A abafar um suspiro, sentei-me num muro baixo.

– Vá lá, então, diz-me.

– Quero um pedido de desculpa, Vivi. Deixaste-me sem qualquer explicação.

– Tinha as minhas razões – disse eu, cautelosa. Por um momento, houve um silêncio quase absoluto, só o crepitar da estática do lado dele e o canto das cigarras do meu.

– Pensaste que eu era um filho da mãe caçador de fortunas.

O tom foi amargo.

Era nem mais nem menos o que eu pensava; não havia no meu espírito a mais pequena dúvida. Mas quem cria o hábito de homens inadequados, escolhendo-os em função do aspeto e do encanto, não pode queixar-se quando eles se comportam como aquilo que são. De modo que, na realidade, só me culpo a mim mesma. O erro residira em ter pensado que poderia levar as coisas mais longe. O Dan sempre fora suposto ser uma coisa a curto prazo e era assim que devia tê-lo mantido, e nesse caso não haveria o mais pequeno risco de desapontamento.

– Desapareceste da minha vida, não voltaste ao trabalho, pelo amor de Deus. Não é justo. Não é sequer normal – fez ele notar.

E tinha razão, não era normal. Não tinha argumentos contra aquilo.

– Tinhas tudo a teu favor... carreira, relação... e deitaste tudo fora.

– Está bem... desculpa.

Sussurrei a palavra; parecia ser a coisa mais fácil de dizer.

– O que é que queres, afinal? – perguntou ele. – Um conselho de carreira, suponho? Não se abandona o *Daily Post* sem que haja consequências. A tua reputação está morta.

– Na verdade, queria falar sobre a Emerald. Estou em Itália e ainda não tive oportunidade de a conhecer como deve ser.

– Estamos então de férias numa das mansões da família, não é?

– Não sejas assim.

– Queres saber o que achei dela? – adivinhou o Dan.

– Basicamente, sim.

– Muito bem, então – cedeu ele.

O Dan sempre teve bons instintos, apurados ao longo de anos a ser jornalista e a contar as histórias de outras pessoas, a sentir quando alguém está a florear a verdade, a desenraizar fraudes, a procurar a realidade dos factos.

– É divertida – disse-me –, muito animada, talvez muito ambiciosa... parece interessada em fazer algum trabalho para o *Post*, mas não pressionou demasiado.

– Achas então que é OK?

– Acho... Porquê? O que é que te preocupa?

– Parece demasiado boa para ser verdade – disse eu.

Ouvi um risinho baixo.

– Ah, ensinei-te bem.

– Achas que pode ser?

– Como disse, gostei dela. Levei-a ao *pub*, bebemos uns copos, pensei que talvez voltasse a vê-la.

– Estiveram em contacto desde então?

– Talvez deva dar-lhe um toque. É isso que estás a dizer?

Hesitei.

– Suponho que sim, se estiveres com vontade de beber uma cerveja com ela...

– Fico sempre feliz por beber umas cervejas com uma rapariga bonita – disse ele, descontraído. – E parece que estou outra vez solteiro, portanto, porque não?

O Dan era inadequado, claro que era, mas eu lembrava-me de montes de bons momentos juntos: os jantares no restaurante indiano, as noites abrigada no apartamento dele, os fins de tarde barulhentos no *pub*. Lembrava-me do seu sorriso contagiante, do seu riso fácil, da maneira como conseguia sempre fazer-me sentir uma rapariga como as outras, normal, vulgar. Por um brevíssimo instante, tive pena; era impossível não ter.

*

O jantar daquela noite foi o melhor que tínhamos tido na Villa Rosa. As nossas cozinheiras devem ter dado largas à veia competitiva na cozinha, porque nos serviram prato atrás de prato. Conchas macias de *pasta* salpicadas com brócolos luzidios salteados e picados e misturadas com *croutons* e um *crumble* de pimentos picantes. Peixe-espada branco num suave molho de tomates-cereja assados. Queijo *caciocavallo* derretido sobre *bruschetta* torrada. Um puré de favas coberto de chicória salteada. Um prato de cogumelos silvestres locais guisados com alho assado. A Raffaella sentou-se connosco para partilhar a refeição, enquanto ela e a Fiona faziam planos. Na manhã seguinte, iriam à igreja e depois a uma povoação nas montanhas que era famosa pelas suas beringelas vermelhas. Falou-se de um restaurante ao qual não podíamos deixar de ir almoçar, de excursões e praias, de mais excelentes jantares.

Compreendi que aquilo chegava – chegava como festa para a minha irmã, tanta felicidade quanto alguém podia esperar, tanta boa sorte. Aquelas pessoas, todas tão diferentes, ligadas por um fio que nos unia, tinham-se juntado naquele lugar maravilhoso; um pequeno grupo, sentado à volta de uma mesa, iluminado por luzes suaves, a desejar os dias e as noites que íamos passar juntos; aquelas eram as pessoas que importavam, e eu não precisava de mais nenhuma.

É muitas vezes quando deixamos de desejar uma coisa que a obtemos. Ao lançar um rápido olhar ao telemóvel antes de ir para a cama, encontrei uma mensagem do Stefano. Dizia que tinha pensado muito. Talvez afinal sempre estivesse interessado em conhecer as outras pessoas de que eu tinha falado, as que partilhavam o mesmo doador. Se o convite para almoçar se mantinha, aceitá-lo-ia. O seu dia de folga era a terça-feira. Esperava que fosse conveniente.

Sentada na beira da cama, com a cabeça inclinada para o telemóvel, comecei a compor uma mensagem.

*

Claro que sim, apareça para almoçar na terça. Traga queijo.

*

A Imogen ficou entusiasmada com a notícia da visita iminente do Stefano. Com ele e o Tommy em cena, imaginava todo o género de possibilidades para os seus planos de casamenteira.

– Detesto desapontar-te, mas estás condenada a falhar; não estou interessada – disse-lhe eu.

– Não acredito. – A minha irmã abanou a cabeça. – Recuso-me absolutamente a acreditar.

Os outros estavam na igreja e nós as duas passeávamos por Triento, explorávamos ruas escondidas, metíamos por azinhagas estreitas, subíamos e descíamos escadas com as minhas sobrinhas a deixarem-se ficar para trás, a queixarem-se do calor e a exigirem *gelato*. A Imogen estivera a entreter-se comparando os méritos relativos dos dois homens. O Tommy era um pouco velho de mais para mim e tinha filhos. Embora fosse encantador, aquela obsessão com a boa forma física podia tornar-se aborrecida. O Stefano parecia mais livre de complicações, mas a sua extrema beleza preocupava-a. Quando os homens são demasiado bonitos, muitas vezes não tentam fazer um esforço para ser mais alguma coisa. Era o que a Imogen descobrira. Qual era a minha opinião?

A minha opinião era que não devia ter qualquer deles como namorado.

– Um deles tem o rim do Jamie, o outro uma parte dos olhos e eu o coração – disse-lhe.

– Não falámos já disto aqui há dias e decidimos que não faz diferença?

– Não é bem assim que recordo a conversa.

– Sim, sim, fiz notar que não são verdadeiros parentes e que o Tommy é um homem decente. Sou muito rigorosa com os pormenores; não tentes argumentar.

– Mas afinal porque é que estás tão empenhada em emparceirar-me com um deles?

– Do que tu precisas é alguém como o Hamid. – Era um refrão familiar. Desde que conhecera o seu fiável e laborioso marido, a Imogen queria que eu tivesse o mesmo. – Penso que o Tommy é o que chega mais perto, mas posso mudar de opinião quando conhecer melhor o Stefano. Logo te digo.

A minha irmã disse estas últimas palavras por cima do ombro, porque entretanto também eu começava a ficar para trás. Subir tantos degraus deixara-me um pouco ofegante e sentia o coração pesado, como se o meu sangue se tivesse tornado mais espesso e ele estivesse a bombeá-lo mais devagar do que o habitual.

A Imogen fez uma pausa para me deixar alcançá-la.

– Estás bem?

– Nem por isso... O Tommy diz que se continuar a fazer exercício vou ficar em boa forma, mas até agora parece não estar a acontecer.

– Vamos voltar àquele bar na *piazza* onde há pouco bebemos café – sugeriu ela. – As meninas estão fartas de pedir *gelato*.

Refizemos o caminho até à *piazza* mais devagar, as minhas sobrinhas a correrem agora à nossa frente, com a mira no gelado, enquanto a Imogen parecia cada vez mais preocupada, a lançar-me rápidos olhares.

Quando chegámos ao bar soube-me bem sentar-me, pousar os cotovelos na mesa e apoiar o peso da cabeça nas mãos.

– Vivi?

– Dá-me só um instante.

– Isso parece-me mais sério do que uma pequena perda de fôlego. O que é que precisas que faça?

– Adorava um copo de água – disse-lhe eu.

Quando a Imogen entrou no bar para pedir a água, recostei-me na cadeira e avaliei a situação. A minha respiração parecia normal, o coração instalara-se num ritmo tranquilizador.

– Talvez estejas a puxar demasiado por ti – disse a minha irmã ao voltar; o tom foi ansioso. – Todos esses grandes passeios que tens feito, andas a exagerar.

– Não, o Tommy tem razão, o exercício faz-me bem – insisti, não querendo preocupá-la.

Instalámo-nos numa das mesas exteriores do bar, as miúdas devoraram os seus pratos de *gelato* coberto de natas batidas e raspas de chocolate e a Imogen fez incursões nas lojas mais próximas, voltando à mesa para me mostrar os tesouros que tinha descoberto. Toalhas de chá de linho, tigelas de cerâmica coloridas, um lenço com um enorme bordado de flores que, tinha a certeza, a nossa mãe ia adorar, uma bandeja de bolos da *pasticceria*. Entretanto, eu beberricava água sentada à sombra.

Quando se tem o coração de outra pessoa dentro do peito, é natural preocuparmo-nos com cada estremecimento, cada momento em que ele parece falhar um batimento ou martelar demasiados, cada sensação de aperto ou dor aguda. Não descartamos estas coisas com um encolher de ombros, assumindo que não há nada com que tenhamos de preocupar-nos, como outras pessoas poderiam fazer.

Por um curto instante durante o nosso passeio, não me tinha sentido nada bem. Mas tinha bebido um par de cafés fortes e não tanta água como devia, estava calor e as ruas eram íngremes; tudo isto podia ser uma explicação; não era uma crise, não havia necessidade de entrar em pânico.

Mesmo assim, durante todo o resto do dia estive atenta, a verificar constantemente os sinais, a descansar depois do almoço em vez de ir nadar com os outros, a sentir cada batimento do coração bombear sangue para todo o meu corpo.

Lembro-me de como, logo a seguir ao transplante, o sentimento era de

euforia, como se me tivesse sido dada uma segunda oportunidade que ia durar para sempre. Não tardara a aprender que embora o coração do Jamie fosse uma dádiva, havia regras a que tinha de obedecer para cuidar do seu músculo e válvulas. O *Aperol Spritz* que bebi, os copos de vinho para festejar, todo aquele queijo cremoso que andara a saborear, as refeições demasiado ricas, os cafés demasiado fortes – estava a infringir as regras, a correr riscos na esperança de me safar. Aquilo parecia ser um sinal de que precisava de ser mais cuidadosa.

A ver os filhos do Tommy jogar pingue-pongue, fiz uma promessa a mim mesma. A partir daquele momento, ia ter juízo. Montes de fruta, tudo com pouca gordura, exercício suave, nada de álcool. Ia obedecer às regras e ia correr tudo bem.

Tínhamos levado a mesa de pingue-pongue para debaixo da pérgola e havia um torneio em curso. A Ava e o Liam jogavam com intensa concentração, o Tommy enfrentava a minha irmã, as raparigas estavam encarregadas de recuperar as bolas perdidas, até a Fiona participou durante uns minutos antes de se sentar, demasiado ofegante para continuar.

Não se passara nada comigo, apenas um par de minutos a não me sentir a cem por cento, e não era verdade que isso acontecia a toda a gente? O coração com que nasci podia ser um desastre, mas o do Jamie ia ser ótimo. Era o que estava sempre a dizer a mim mesma.

O corpo vence sempre. Avisaram-na disso antes de fazer o transplante. Disseram que os pulmões são grandes e que quando não pertencem ao nosso corpo, ele vai combatê-los.

Na enfermaria do hospital, a recuperar da cirurgia, tinha expulsado este pensamento da sua mente. A única coisa que lhe importava era respirar o doce ar, encher-se dele. E depois, mais tarde, havia tantas coisas que podia voltar a fazer: caminhar depressa, cavar um jardim, subir escadas. Foi como se tivesse renascido.

Houve alguns bons anos antes de Fiona reparar que as escadas pareciam outra vez mais íngremes e que era mais difícil revirar a terra com a pá e que não conseguia caminhar até tão longe nem tão depressa. Nada disso foi inesperado. Os médicos ajustaram a medicação e ela seguiu em frente, só que com menos fôlego do que antes.

Tinha-se assustado naquele primeiro dia na Villa Rosa, quando ficara ofegante durante a subida íngreme de regresso à casa. Mesmo andando devagar, cada inspiração era um esforço, ainda que tentasse escondê-lo. Fiona não quer arriscar voltar a ir lá abaixo; recusa convites para ir nadar e deixa-se ficar perto de casa, a mexerica na cozinha ou a explorar o jardim.

Rejeição aguda. Parece muito mau, mas dizem-lhe que pode viver assim anos e anos e que não deve permitir que isso a iniba. Portanto, Fiona pode ter abrandado, mas não parou. Enquanto tiver fôlego suficiente para caminhar e falar, continuará a fazer as suas visitas guiadas no Chelsea Physic Garden. Fará o que puder fazer.

Ao princípio, Itália pareceu-lhe uma aventura demasiado grande e esteve quase para não vir. Agora, no entanto, está contente por ter-se deixado convencer. O sol, a comida, as vistas, beber café na *piazza*, cozinhar e partilhar refeições; tem sido tudo maravilhoso.

Mais do que qualquer outra coisa, Fiona aprecia a companhia de novos amigos. Aqui é útil, e ela gosta de ser útil.

Na próxima ida ao hospital, os médicos vão tornar a medir-lhe a capacidade pulmonar. Fiona não precisa que lhe digam que está a declinar. Sente-o todos os dias, em tudo aquilo que faz. Não vale a pena armar um drama por causa disso.

Fiona já não corre para apanhar autocarros. Usa o elevador em vez das escadas. Nunca tenta subir uma colina. Pouco a pouco, a sua vida está a voltar a ser como era. Trava-se uma batalha dentro dela, o seu corpo luta contra os pulmões de Jamie. E o corpo vence sempre.

A minha irmã estava numa de casamenteira; a ser muito divertida, e eu gostava que me divertissem. Distraía-me do que estava a acontecer no interior do meu corpo. Latejos, era como lhes chamava, porque não gostava da palavra palpitações e, em todo o caso, eram umas coisas muito levezinhas: pequenos momentos em que tinha a sensação de que o meu coração estava a galopar, de uma estranheza que quase podia não estar a acontecer. Dizia a mim mesma que não era nada.

Deixar que a Imogen me distraísse, brincar com ela, sempre adoçara as arestas da minha preocupação. Quando era miúda, antes da cirurgia, e durante aquele crucial primeiro ano de recuperação depois do transplante, a minha irmã esteve sempre presente, a fazer-me sorrir, a proporcionar a ligeireza. Embora os jogos que jogávamos fossem agora diferentes, ela continuava a fazê-lo.

A Imogen esperava que a presença do Stefano no almoço fosse o empurrão de que o Tommy precisava para perceber quanto gostava de mim. Enquanto planeava uma ementa e o lugar onde cada um se sentaria, criava uma fantasia romântica.

– O Stefano vai dar-te imensa atenção e o Tommy não vai gostar – disse, lançada. – E então será só uma questão de acontecer qualquer coisa que vos junte, um momento romântico. Talvez tu tropeces ao descer os degraus até ao mar e ele te agarre o braço...

– A sério, Imogen, andas a ler demasiados romances. – Estava a rir. – Não é assim que as coisas funcionam na vida real.

– Como é então que acontecem os primeiros beijos? Alguém tem de tomar a iniciativa, não?

– Penso que são quase sempre as pessoas que beberam demais – disse eu.

– Mas tanto um como o outro fazem uma vida demasiado certinha para que isso resulte – queixou-se ela.

– Seja como for, pode ser que as coisas aconteçam ao contrário – disse à minha irmã, a entrar no jogo. – Talvez o Stefano venha almoçar e decida que eu sou o amor da vida dele.

– Tens razão. Preciso de arranjar maneira de passares algum tempo com ele. Preciso de fazer um *upgrade* ao meu plano. – Pegou no telemóvel e começou a procurar e a digerir informação em *sites* à velocidade de um verdadeiro advogado. – Tem de haver aqui algures alguns bons conselhos para juntar pessoas.

– Encontrei alguma coisa? – perguntei.

– Este diz que preciso de saber exatamente o que é que procuras. É fácil: alguém que não seja um merdas como o Dan.

– Certo, que mais?

– Sou aconselhada a fazer uma vénia e sair durante algum tempo depois de se terem conhecido, deixando as coisas seguirem o seu curso.

– É um dos teus pontos fortes, fazer uma vénia e sair?

- Talvez tenha de trabalhar um pouco essa parte – admitiu a Imogen.
- E eu tenho de trabalhar a minha habilidade para tropeçar e agarrar o braço de alguém de um maneira atraente.
- Ótimo. Temos um plano.

Os preparativos para o almoço ocuparam a maior parte da manhã, com toda a gente junta e atarefada. A Fiona tinha-se oferecido para cozinhar, e eu ajudei-a na cozinha, cingindo-me a tarefas simples como cortar legumes e mexer panelas. A minha irmã pôs a mesa e escolheu um dos seus vestidos para eu usar, porque o momento não era para uma aborrecida paleta de preto. O Tommy tinha ido ao mercado comprar sacos de pêssegos brancos que estava a espremer à mão para fazer não sei que *cocktail* sem álcool. A dada altura só faltava o Stefano, que tinha prometido chegar ao meio-dia.

Estava atrasado e nós já nos tínhamos sentado à mesa, nos lugares que a Imogen nos tinha atribuído, quando ele apareceu, a pedir desculpa e a culpar problemas de última hora no trabalho e o trânsito. Qualquer constrangimento de um primeiro encontro desapareceu na confusão das apresentações. Pusemo-nos de pé, apertaram-se mãos, beijaram-se faces; então voltámos todos a sentar-nos nos lugares errados, o Tommy e o Stefano juntos, no extremo mais afastado da mesa, o que não fazia de modo algum parte do plano da minha irmã. Mas não podia obrigar toda a gente a mudar mais uma vez.

Para minha surpresa, ao princípio os dois homens pareceram estabelecer uma ligação. Estavam a falar de futebol, e depois passaram para carros, e ocorreu-me que talvez o Tommy tivesse estado a sentir falta de uma companhia masculina.

A Imogen parecia descoroçoada. O guia das casamenteiras não podia ter previsto uma situação daquelas. Comemos tarte de *zucchini* e *gorgonzola* com uma caponata agri-doce, com meio ouvido na conversa deles, beberricámos *cocktails* de pêssego e terminámos com uma salada de sumarentos tomates vermelhos e o *mozzarella* fresco que o Stefano tinha levado.

- É isto que vocês fazem? Férias juntos numa *villa*? – perguntou ele.
- É a primeira vez – disse-lhe o Tommy. – Não nos conhecemos há muito tempo. Mas seria uma boa ideia tornar-se uma tradição.
- Consideram-se uma família de transplante – explicou a Imogen.

Eu esperava que ele tivesse mais perguntas para fazer, a respeito do Jamie ou da Grace, mas parecia mais interessado nos nossos planos para as férias.

- Não saem daqui? – perguntou o Stefano, num tom de desaprovação. – Não querem ver outros lugares? Que tal passar dois dias em Matera ou explorar a Apúlia? Ou podiam seguir para sul atravessando a Calábria.

– Gostamos da calma – disse o Tommy. – Ver as vistas com um monte de turistas não é a minha praia.

O Stefano encolheu os ombros, como se achasse que o sol não era o suficiente para umas férias e considerasse uma ofensa pessoal o facto de não mostrarmos o mínimo interesse pela história, a cultura e a arte italianas.

Ver estes dois homens lado a lado parecia realçar todas as diferenças entre eles: a leve arrogância do Stefano, as arestas mais rudes do Tommy, a sua franqueza e calor humano.

– Há algum objetivo em tudo isto? – perguntava o Stefano. – Estão a planear alguma espécie de memorial ao nosso doador? É para isso que se reúnem, ou é só para estarem uns com os outros?

– Um memorial é uma boa ideia – disse o Tommy. – Talvez devêssemos falar com a Grace, ver o que ela acha.

– E o que faríamos? – A Fiona estava interessada nos pormenores. – Organizar um serviço religioso, talvez. Apesar de não sermos todos religiosos.

– Acho que isso é com a Grace. Pode querer que nos juntemos todos para agradecer.

– Seria simpático fazer qualquer coisa mais duradoura. Talvez pudéssemos plantar uma árvore pelo Jamie, ou doar um banco de jardim em nome dele – sugeriu a Fiona.

O Stefano ficou espantado ao descobrir que nunca tínhamos falado sobre aquilo. Achava que precisávamos de um plano sólido, que o aniversário da morte do Jamie podia ser um ponto fulcral, e que um de nós devia ficar encarregado da organização.

– Um primeiro passo é juntarem todas as vossas ideias – disse ele.

– Há também a Emerald – lembrou-nos a Fiona. – Tenho a certeza de que vai querer contribuir.

Seguiu-se um longo debate ao qual não prestei toda a minha atenção porque fui distraída por uma estranha sensação no peito, alguns batimentos em que o meu coração parecia saltitar antes de voltar a assentar num ritmo tranquilizador. Esperei, inquieta, a concentrar-me na respiração.

Quando voltei a ouvir os outros como deve ser, a conversa tinha avançado. Estavam a falar da Emerald e da sensação que ela tinha de estar a ficar cada vez mais parecida com o Jamie.

– Li qualquer coisa sobre a memória das células – disse o Stefano, num tom depreciativo. – Não há provas científicas. Porque haveria um transplante de fígado de mudar a personalidade de uma pessoa? Para mim não faz ponta de sentido.

– Nem tudo faz sentido – opinou o Tommy. – Há mistérios na vida, e talvez este seja um deles.

– É imaginação dela; acredita porque quer acreditar – argumentou o Stefano. – Mais algum de vocês mudou?

– Estar doente muda-nos – murmurou a Fiona. – É óbvio que sim.

– Mas mais ninguém sente que está a adquirir características do doador? – O Stefano voltou-se para mim. – Vivi, tem estado muito calada a este respeito.

Recordei aquele primeiro encontro com a Grace. Não era um assunto de que eu tivesse falado e tinha relutância em referi-lo naquele momento, mas estavam todos a olhar para mim, à espera.

– Houve um momento estranho... – comecei.

Surgiu de repente, a sensação de que o meu coração estava a bater de uma maneira errática. Arquejei, em parte devido ao choque, e então tive uma tontura e pousei a cabeça na mesa o mais depressa que pude, com receio de perder os sentidos. Momentos mais tarde, tinha passado e eu estava outra vez bem.

– Vivi, que aconteceu?

A voz da minha irmã soou assustada.

– Não tenho a certeza, senti qualquer coisa, talvez uma arritmia, mas muito ligeira.

– O teu coração...

A cor tinha-lhe fugido do rosto.

Continuavam todos a olhar para mim; todos aqueles rostos preocupados virados na minha direção. Até os miúdos tinham captado que alguma coisa se passava e sossegado.

– Durou só uns segundos, não há de ser nada de grave.

A Imogen já estava de telefone na mão.

– Tens de ser examinada. Há um cardiologista a cerca de quarenta e cinco minutos daqui. Verifiquei antes de vir para cá, só por precaução.

– Deixe-me ser eu a fazer o telefonema – disse o Stefano. – Para o caso de o inglês deles não ser grande coisa.

A minha irmã encontrou o número e passou-lhe o telefone. Ouvimo-lo conduzir uma conversa seca em italiano. Tive a sensação de que estavam a discutir.

– Não podem receber-me – calculei, quando ele acabou.

– Foi o que disseram ao princípio, mas eu convenci-os de que estavam enganados. – Pôs-se de pé, pousando a camisola por cima dos ombros. – Vamos? Quanto mais depressa lá chegarmos melhor. Parece que pode precisar de fazer alguns exames.

Foi o mais perto que ele e o Tommy chegaram de competir por mim. Ambos achavam que seriam o melhor acompanhante, e nenhum deles parecia disposto a recuar até que a minha irmã, cada vez mais impaciente com o desperdício de tempo, começou a dar instruções.

– Tommy, importa-se de ficar e olhar pelos miúdos? Eu vou, e é melhor o Stefano ir connosco, para o caso de precisarmos de um tradutor. Telefonamos-lhe a dizer como estão as coisas; e, Fiona, se nos demormos muito, talvez possa dar o jantar às meninas. Muito bem, Vivi, vamos andando.

O Stefano insistiu em ser ele a conduzir, uma vez que estava mais habituado àquelas estradas e poderia pôr-nos lá mais depressa. E conduziu depressa, o carro desportivo a devorar quilómetros, e a Imogen, no banco do passageiro, não lhe disse que abrandasse. Estava silenciosa, a conter toda a sua preocupação, não querendo perturbar-me com ela. Era sempre assim quando alguma coisa corria mal: silenciosa e calma, porque era a irmã forte, a irmã saudável.

– Falta muito? – perguntou. – Mais dez minutos, parece-lhe?

– À volta disso – concordou o Stefano, e voltou a cabeça para me lançar um rápido olhar. – Está bem?

– Estou ótima – tranquilizei-os. – Deve ter sido só uma coisinha de nada.

– Mesmo assim, é melhor ser examinada, certo?

– Absolutamente – concordou a Imogen.

Na clínica falavam um pouco de inglês, mas o Stefano continuou connosco, em todo o caso, não fosse haver qualquer mal-entendido. Era uma presença calmante, sem parecer ansioso ou preocupado, apenas estando ali. Até me acompanhou enquanto eu falava com o cardiologista, ouvindo-me descrever a breve sensação que tinha experimentado, como se o meu coração estivesse a falhar para depois voltar à vida. O doutor disse o que eu esperava: parecia ter sido uma arritmia, e dado o meu historial médico, iam ser necessários alguns exames.

Eu tinha aprendido, ao longo dos anos, a entregar-me aos profissionais médicos e deixá-los fazer aquilo que fazem; tirar-me sangue, ouvir e observar. Eletrocardiogramas, ecografias e provas de esforço, biópsias; o meu coração já tinha passado por tudo isso. Sinto-me à vontade com os cheiros das clínicas, sob as luzes fluorescentes. Reconheço o equipamento que usam e sei o que é provável que digam enquanto fazem o seu trabalho. Podia estar em Itália, mas nada daquilo me parecia assim tão estranho.

No fim, não ficámos a saber muito mais do que já sabíamos. O meu coração estava forte, não havia nada bloqueado, inflamado ou a falhar, não havia problemas óbvios. Por isso receitaram-me mais comprimidos para tomar, deram-me um monitor para levar para casa e usar e disseram adeus, até à próxima.

Não me pareceu que a Imogen ficasse particularmente tranquilizada; teria gostado de um diagnóstico como deve ser, qualquer coisa definitiva. Mas os médicos estavam a dizer o que eu queria ouvir – não se preocupe, tome os seus medicamentos, faça uma vida normal. Se os meus sintomas estabilizassem, não havia necessidade de correr para casa para ser examinada pela equipa de transplantes em Harefield.

– Talvez devesse ir, seja como for – sugeriu a minha irmã no caminho de regresso à Villa Rosa. – Só para jogar pelo seguro. E se tiveres outra arritmia?

– Vamos ver como corre. Neste momento sinto-me ótima.

– Mas vais ter cuidado, certo?

– Não foi bem isso que eles lhe disseram – interveio o Stefano. – Disseram-lhe para fazer uma vida normal.

A Imogen lançou-lhe um olhar fulminante, mas ele tinha a atenção concentrada na estrada e não o viu.

– Se a Vivi vai continuar aqui em Itália, gostaria que tivesse cuidado – insistiu a minha irmã.

– Cabe-lhe a ela decidir o que faz.

– Com toda a franqueza, acho que mais ninguém tem nada com isso – disse a Imogen, seca.

– Exatamente o que estou a dizer – argumentou o Stefano. – O que a Vivi faz só a ela diz respeito, é ela quem decide se tem ou não cuidado. Porque será que toda a gente se acha no direito de assumir o controlo e dar-nos ordens sempre que temos um problema de saúde?

– Sou irmã da Vivi, estou preocupada com ela. – A voz da Imogen soou calma, apesar de ela dever estar furiosa. – E neste momento ela precisa de ter cuidado.

– Só estou a dizer que ela não é uma criança, pode decidir por si mesma.

Falei do banco traseiro:

– Estou aqui, caso não tenham reparado. Não há necessidade de discutirem a meu respeito.

Estávamos na estrada da costa e o Stefano conduzia muito mais depressa do que eu ou a Imogen nos teríamos atrevido. Por alguma razão, foi a fúria que incendiou o mau génio da minha irmã.

– Importa-se de ir mais devagar? – sibilou. – Agora já não há pressa.

– Por acaso até há – respondeu ele, num tom gelado. – Tenho de voltar para casa depois disto, e amanhã levantar-me cedo para trabalhar. Por isso, estou com pressa.

A Imogen ficou calada. O mais provável era estar demasiado furiosa para falar. O resto da viagem fez-se em silêncio e quando o Stefano nos deixou diante dos portões da Villa Rosa, fui eu que lhe agradei a ajuda enquanto a Imogen batia com a porta do carro e se afastava em direção à casa.

– Mais uma vez, obrigada – disse eu.

– Não há problema. Estou contente por estar aqui para ajudar. Cuide de si.

– Claro.

– Ah, e Vivi... – Fez-me um sorriso. – Ter cuidado e ir devagar? A mim parece-me aborrecido.

Devolvi o sorriso.

– Tem razão, parece.

*

A Imogen, toda eriçada, não se cansava de enumerar as muitas maneiras como o Stefano era insuportável: arrogante, controlador, teimoso, insensível e um péssimo condutor.

– Pelo menos parece bem – disse, a andar de um lado para o outro na cozinha, já sem sinais de calma. – Mas *vais* ter cuidado. E é melhor eu ligar à mãe e ao pai e contar-lhes o que está a acontecer.

– Não, não faças isso – pedi. – Não há necessidade de preocupá-los, por enquanto. Estou a usar o monitor, para o caso de ter mais episódios. Se tiver de ir para casa, irei. Mas por agora não podemos continuar como até aqui, divertirmo-nos e tentarmos não pensar muito no assunto?

Os outros estavam a improvisar um jantar. Era óbvio que ambos ouviam a conversa, mas a Fiona era demasiado bem-educada para interromper e o Tommy parecia preocupado. Mal eu entrara pela porta, fartara-se de fazer perguntas acerca do que o cardiologista tinha dito e sobre as palpitações: eram

normais, já as tinha tido antes, a culpa era dele por me ter incitado a fazer exercício? Naquele momento, enquanto eu e a minha irmã discutíamos, ele mantinha-se calado.

– São nossos pais, precisam de saber disto – argumentava a Imogen.

– Não, não precisam, a menos que venha a tornar-se qualquer coisa grave – argumentei eu. – A decisão não é minha? Como o Stefano disse, sou uma adulta.

– *Não* me venhas citar o Stefano. O Dan já era mau que chegue, agora este... argh!

E se eu fosse realmente atraída por homens que não eram bons para mim? Tudo o mais na minha vida era suposto ser tão virtuoso que de certeza tinha direito a uma fraqueza. Os homens inadequados não me faziam subir a pressão arterial ou o colesterol. O meu coração podia ficar destroçado, mas não seria por isso que ia falhar.

– Por acaso até gosto bastante dele – disse, olhando na direção do Tommy e da Fiona. – O que é que vocês acham?

A Fiona limitou-se a observar que o Stefano era jovem e muito bonito, e que talvez isso explicasse muito, ao passo que o Tommy se mostrou evasivo.

– Um brinde à esperança de que não voltes a vê-lo muitas mais vezes – disse a Imogen, e encheu um copo de vinho.

Quando, um pouco mais tarde, vi a mensagem do Stefano no meu telemóvel, não disse nada aos outros. Devia ter encostado à berma no caminho de regresso a casa ou parado para um café e enviara-a.

*

Se a vida ficar demasiado calma, diga-me. Sou capaz de ter algumas ideias para a tornar mais animada.

Estava pegada com a minha irmã. A Imogen teimava em insistir que me sentasse, franzia o sobrolho sempre que eu queria ir dar um passeio e não me deixava tirar o monitor durante dez minutos para nadar um pouco, com medo de que fosse esse o preciso instante que as palpitações escolhessem para voltar a atacar. Dizia que estava a ser a responsável, que alguém tinha de assumir o papel; e eu pensava em como o Stefano podia ter respondido. Tratava-se do meu corpo, ao fim e ao cabo, ainda que o coração tivesse sido uma oferta, e de certeza que as pessoas deviam deixar de me dizer o que fazer com ele.

Por muito encantadora que a Villa Rosa fosse, os nossos dias não eram propriamente empolgantes. De manhã íamos até à aldeia e os outros bebiam café, que eu agora não podia beber porque tinha de ter o cuidado de não fazer fosse o que fosse que pudesse fazer-me subir a pressão arterial e pôr-me o coração aos pulinhos. Depois do café fazíamos quase sempre algumas compras, mas só comida, uma vez que já tínhamos esgotado o potencial das poucas outras lojas. Então voltávamos a casa e eu escolhia um lugar debaixo da pérgola para ter a certeza de que a minha pele não ardia.

A vida parecia limitar-se a andar com cuidado. Continuava a descer até às rochas com os outros pelo menos uma vez por dia, mas agora ficava sentada a ver, em vez de mergulhar com eles.

Não houve mais passeios de caiaque. Em vez disso, à tarde ajudava a Fiona, que parecia ter decidido que era boa ideia ensinar-me a cozinhar. Tínhamos progredido para molhos simples e até tínhamos conseguido um *risotto*. A Fiona era uma presença calmante, conversámos muito enquanto preparávamos uma refeição com um mínimo de espalhafato e eu estava surpreendida pelo muito que apreciava o tempo que passávamos juntas à roda dos tachos e das panelas.

A minha principal atividade era trocar mensagens com o Stefano. Era o que me mantinha mais ocupada e entretida. Fazia segredo daquelas mensagens, sempre com o telemóvel à mão e em silêncio, sempre a verificá-lo, a sentir uma pontada de expectativa sempre que ele vibrava.

Por vezes, o Stefano era irreverente e divertido. Ou podia falar-me do seu dia e enviar fotografias: um pôr do sol, um casaco que andava a pensar comprar, o que ia comer ao jantar, coisas normais desse género. A única coisa que nunca fazia era perguntar-me como estava.

Uma ou duas vezes referiu-se à minha irmã como «a polícia das diversões», o que me fazia sentir desconfortável porque tudo o que a Imogen tinha em vista era o meu bem-estar. Mesmo assim, era bom poder rir. Quando temos elétrodos colados ao peito e um botão que devemos premir se o nosso coração começar a bater erráticamente, a vida pode começar a parecer demasiado séria.

O Stefano continuava a achar que eu precisava de conhecer mais de Itália do que os poucos quilómetros à volta da costa perto de Triento. Falava do muito que eu estava a perder e insistia em dizer que gostaria muito de me

mostrar alguns dos seus lugares preferidos. Havia muita conversa sobre os sítios aonde podíamos ir, sobretudo o extraordinário hotel que o primo geria e cujos quartos eram grutas escavadas na pedra calcária e os hóspedes tomavam as refeições à luz de velas numa antiga igreja esculpida na rocha. Dizia que se eu visitasse aquele lugar me sentiria como se estivesse a caminhar através da História. «Matera é incrível. Tens mesmo de a ver.»

Enredada nas descrições dele, eu gostava de me imaginar lá. Então, uma tarde, quando a Fiona estava deitada com uma dor de cabeça, a minha irmã e os miúdos entretidos a dar de comer a uns gatinhos vadios que tinham encontrado na beira do caminho e o Tommy ocupado a fazer exercício, procurei Matera no Google, e quanto mais lia, mais queria ir.

Porque haveria aquilo de continuar a ser apenas um sonho? Havia tantas coisas que não era suposto eu fazer, e nenhuma razão para que aquela fosse uma delas. Dois ou três dias fora com um tipo bem-parecido; que perigo podia haver?

E assim as minhas mensagens transformaram-se em perguntas:

*

Por quanto tempo iríamos?

Poderias largar o trabalho?

O teu primo teria quartos disponíveis tão em cima da hora?

Quem conduziria?

*

Quase antes que eu desse por isso, tínhamos uma viagem combinada. O Stefano tirou dois dias de folga, reservou quartos para uma noite e declarou que seria ele a levar-nos até lá.

*

Diz à polícia das diversões que teremos o cuidado de ser muito cuidadosos!

*

Era verdade que a Imogen ia precisar de ser tranquilizada. Mas Matera tinha um hospital e o Stefano falava fluentemente italiano. Eu estaria tão segura lá como em qualquer outro sítio. Foi o que lhe disse quando ela voltou de dar de comer aos gatinhos.

– Não me dei ao trabalho de conseguir um coração novo para *não* poder viver a minha vida – recordei à minha irmã, a ver a ruga de preocupação na testa dela.

– Sim, eu sei – suspirou.

– A Fiona e o Tommy ficam aqui contigo – continuei. – E eu estarei de volta antes que percebas que parti.

– Prometes usar sempre o teu monitor cardíaco e ir direita ao hospital ao primeiro sinal de qualquer problema?

– Desde que tu prometas não te preocupares.

– Tenho-me preocupado contigo toda a minha vida, não é muito provável que pare agora.

Abracei-a. O banho da manhã empastara-lhe de sal os cabelos encaracolados, a sua pele cheirava a protetor solar e ela encostou a cabeça ao meu ombro.

– Amo-te, Vivi.

– Eu amo-te mais.

Era o que costumávamos dizer uma à outra quando éramos miúdas. As palavras não eram na verdade necessárias, sabíamos o que sentíamos, mas gostávamos do som delas.

– Não estás a apaixonar-te por esse Stefano, pois não? – Segurou-me à distância dos braços, a olhar-me nos olhos. – O fulano não é boa ideia.

– Nem sequer para dar uma voltinha?

– É só disso que se trata?

– Provavelmente. – Libertei-me das mãos dela e olhei para o telemóvel, a ver se havia mais mensagens. – Quer dizer, porque não?

– Compreendo que queiras divertir-te – disse a Imogen. – Mas não cometas o erro de pensar que ele é o teu homem. Porque não é.

– Não tenho um homem.

– Tens, pois. Tenho a certeza.

*

O Stefano devia ter-se levantado de madrugada, porque quando chegou à Villa Rosa estava toda a gente no processo de acordar e começar o dia. Eu tinha preparado um saco de viagem na noite anterior, comido um pouco de fruta ao pequeno-almoço e estava a fazer café para os outros quando ouvi a buzina de um carro.

– Deve ser ele – disse o Tommy, que parecia amarrotado, ainda com os calções e a camisola interior com que tinha dormido. Um diamante em bruto, fora como a Fiona o descrevera certa vez. Suponho que era a tatuagem, e também o sotaque do Norte, que o marcava como diferente dela. Apesar disso, pareciam dar-se bem.

Eu sabia que nenhum deles tinha gostado do Stefano. A notícia de que eu ia passar uma noite com ele tinha sido recebida com olhos muito abertos e silêncio. A Fiona fora a primeira a falar, expressando delicadamente a esperança de que eu me divertisse e o tempo estivesse bom. O Tommy não disse nada, mas insistiu em levar o meu saco até ao carro, e quando apertou a mão ao Stefano disse-lhe num tom severo que cuidasse de mim.

O Stefano assobiou baixo quando passámos os portões em marcha-atrás e começámos a subir a colina.

– Escapaste aos teus guardas; bem executado.

– Não são más pessoas. Só querem que eu esteja segura.

– Nunca ninguém está seguro – disse ele, num tom factual. – É isso que torna tão importante aproveitar a vida ao máximo.

Como ficara a saber graças à minha pesquisa *online*, também o futuro dele era incerto. As córneas transplantadas, como os corações, não duram para sempre. Era muito possível que, quando chegasse aos quarentas, o Stefano

não estivesse ao volante de um carro a conduzir por aquela estrada costeira um tudo-nada demasiado depressa.

Voltou a assobiar.

– Espera só até veres o sítio aonde te vou levar, Vivi. É fantástico.

O caminho começou com mais montanhas, depois uma longa estrada que corria entre dois lagos artificiais, e finalmente uma autoestrada que era uma corrente de fealdade estendida através dos campos, ladeada por edifícios inacabados. Quando o Stefano me disse que não faltava muito, não consegui imaginar que estivéssemos a chegar a um lugar que pudesse ser bonito.

E então lá estava Matera, camadas de pedras encostadas ao flanco de uma colina, a agulha de uma catedral a apontar para um céu cheio de velozes andorinhas, e o Stefano a abrandar porque aquelas ruas eram estreitas e não tinham sido feitas a pensar em automóveis.

O nosso hotel ficava na parte mais antiga da cidade. O Stefano entregou as chaves do carro a um arrumador e subimos um lanço de escadas, passámos uma pequena cancela metálica e voltámos a descer até um pátio de pedra aquecida pelo sol. Com um pé de videira a trepar pelo arco de uma porta, cadeiras desirmanadas e mesas de madeira rústicas espalhadas um pouco ao acaso, e ninguém à vista, parecia mais uma casa antiga do que um hotel.

O primo do Stefano não estava, mas um dos empregados levou-nos aos nossos quartos. Pareciam na verdade grutas, alumiados por velas e mobilados com simplicidade.

O Stefano parecia satisfeito consigo mesmo.

– Gostas? – perguntou.

– Sim, absolutamente.

O quarto dele ficava a três portas de distância do meu, o que significava que, não obstante toda a sua descontraída autoconfiança, não fizera quaisquer assunções. Em contrapartida, tinha montes de outros planos: o resto do dia a explorar a cidade, jantar no hotel e depois um copo de *prosecco* à luz das estrelas.

– Este lugar é habitado há milhares de anos. Quero que o experimentes, que sintas a história, a intemporalidade.

Avisou-me de que íamos caminhar muito por aquela cidade de ruas íngremes e inúmeras escadas, e disse que não estava a planear perguntar-me de poucos em poucos minutos se estava bem.

– Portanto, se precisares de descansar ou estiveres a sentir-te mal, diz-me; caso contrário, assumirei que estás pronta para tudo.

Por mim tudo bem. Passámos uma tarde descuidada, perdidos no labirinto de ruas estreitas, a visitar a colmeia de cavidades na rocha onde em tempos tinham vivido famílias inteiras e a trepar até aos pontos mais altos à procura das melhores vistas.

O Stefano levou-me a uma padaria onde fabricavam uns pães cónicos de côdea castanha e onde nos deixaram provar fatias regadas com azeite e orégãos. E depois a um restaurante que servia *orecchiete* de *pasta* num molho

cremoso de ervas que foi o nosso almoço. E depois mais degraus até uma igreja que parecia erguer-se da face da rocha.

Não houve descansos. O Stefano queria que atravessássemos a ravina para ver a cidade da vertente oposta. Que nos sentássemos na esplanada de um bar a ouvir músicos de rua, que víssemos os antigos frescos. Era um companheiro irrequieto, sempre em movimento e à espera de que eu o seguisse.

Quando voltei ao meu quarto para tomar um banho antes do jantar, estava suficientemente cansada para me enfiar entre os lençóis macios da cama e deixar-me dormir. Mas isso significaria perder qualquer coisa. Portanto maquilhei-me, preendi os cabelos num rabo de cavalo, decidi que vestido preto usar e então, como toque final, retirei o monitor cardíaco e escondi-o fora das vistas no fundo do saco. Não tinha lugar na noite que eu esperava.

Quando emergi do meu quarto-gruta, o Stefano já estava no pátio, sentado a uma mesa com vista, a bebericar vinho e a morder trecoços em conserva e gordas azeitonas verdes.

– Foi uma tarde estupenda, obrigada – disse eu enquanto ocupava a cadeira em frente.

– E vamos ter uma noite igualmente estupenda.

Jantámos os dois sob o teto abobadado de uma antiga igreja que fora escavada na pedra calcária séculos antes. Era tarde quando de lá saímos, mas o Stefano queria acabar a noite com um copo de *prosecco* no pátio.

– Só um, então – concordei, porque de certeza um copo não ia fazer-me mal.

Estava escuro e eu mal conseguia distinguir a cara dele quando nos sentámos juntos, só a forma do seu corpo recortada por uma sugestão prateada de luar. O *prosecco* estava gelado e borbulhante e eu fui bebendo devagar o único copo que me permitira, a saborear cada trago.

– O que se segue para ti, Vivi? – perguntou ele. – Que vais fazer quando o verão acabar? Regressas a Londres?

– É onde me sinto mais em casa. Vou ter de arranjar um emprego e um lugar para viver. Não posso adiar para sempre.

– De volta ao jornalismo, então?

– É o que faço.

– E gostas de o fazer?

Lembrei-me de como a Grace me tinha feito a mesma pergunta naquela noite em Oxford, quando me fizera sentir que não estava a viver uma vida suficientemente grande para merecer o coração que me tinha sido dado.

– É bom – respondi. – E a carreira não é tudo, pois não?

– Talvez não, mas é importante – argumentou ele.

– E tu? Vais ficar em Itália a fabricar *mozzarella*?

– Sim, claro, é agora a minha paixão. Não há nada para mim em Inglaterra, só uma porção de más recordações.

– Não tens saudades de casa?

– Já não penso em Inglaterra como sendo a minha casa. O meu lugar é

aqui.

Começou a falar, numa voz baixa e sem emoção, de como tudo tinha corrido mal quando pensara que ia perder a visão e nenhum dos tratamentos resultava.

– Queria fugir, apagar tudo... Tentei o mais que pude.

– Com álcool?

– Com drogas; erva e comprimidos, sobretudo.

Talvez fosse a profundidade da escuridão que tornava a franqueza mais fácil, ou talvez ele tivesse sempre acabado por me fazer confidências. Falou de falhar em tudo, de deixar a escola sem futuro e sem querer saber. De receber duas novas córneas que não estavam a adelgaçar-se nem a deformar-se, e de como isso parecera não modificar fosse o que fosse.

A pessoa descontrolada que descrevia parecia muito diferente do homem que se sentava à minha frente. Quando lho disse, ele respondeu que o devia ao tio.

– Estabelecia padrões elevados e esperava que eu os alcançasse. Não se limitou a ensinar-me a ser um fabricante de queijo.

– Deu-te uma segunda oportunidade.

– Sim, e o importante agora é não a desperdiçar. Não dar mais passos em falso, não voltar a perder o norte. O meu tio ensinou-me que tudo o que faço tem de ser bem feito; caso contrário, não vale a pena fazê-lo.

Parecia tão determinado e seguro.

– Tudo o que fazes? Isso não pode ser fácil.

– A excelência nunca é fácil, mas vale a pena – respondeu ele, com uma certeza absoluta.

Olhei por um instante para a forma escura do rosto do Stefano, tentando distinguir as feições.

– O que foi? – perguntou ele ao silêncio.

– És um perfeccionista – observei.

– Dizes isso como se fosse uma crítica. Mas o que há de errado em procurar a perfeição?

A escuridão pareceu tornar também mais fácil a minha franqueza.

– Não sou perfeita – disse-lhe, e levei uma mão ao peito. – Tenho uma cicatriz aqui, onde eles me abriram para remover o meu antigo coração. E o novo que me deram para o substituir, o que está agora a escorregar e a saltitar, não sei o que vai acontecer-lhe.

– Estás assustada?

– Raios, sim. Quem não estaria?

Foi a vez de o Stefano ficar silencioso. Ouvi o som regular da respiração dele.

– A última das minhas preocupações é ser perfeita – disse-lhe. – Só quero ser vulgar, mais nada.

– O meu tio diria que a vulgaridade não é coisa por que valha a pena lutar.

– Nesse caso, suponho que o teu tio nunca fechou os olhos à noite a

pensar que podia não voltar a abri-los. Ou teve receio de tornar-se um fardo. Ou considerou a hipótese de estar a pensar num futuro demasiado longínquo.

Ele suspirou.

– Lamento, Vivi, que penses desse modo. Mas como vais viver se estiveres sempre com medo de morrer?

– Vivo – disse eu, na defensiva. – Não é o que estou a fazer neste preciso instante?

– Se gostaste e te divertiste, fico contente, mas isto foi só uma pausa e amanhã vais voltar à tua verdadeira vida, com a tua irmã a dizer-te constantemente o que não podes fazer. Não admira que estejas ansiosa.

– A Imogen está só a tentar manter-me segura.

– E a constranger-te – insistiu ele. – Não sei como o toleras.

Até àquele momento, a nossa noite tinha-se encaminhado numa direção. Parecera apontada para terminar com nós os dois na cama, e a antecipação tinha colorido cada um dos meus instantes em Matera; era o que eu queria.

O meu erro tinha consistido em ver aquele homem como outro Dan: divertido, um pouco irresponsável, um fulano para passar uns bons momentos e sem expectativas. Mas o Stefano era o oposto de tudo isso.

Era mais uma pessoa com a capacidade de me fazer sentir pequena; e isso era a última coisa de que eu precisava.

Deixei o copo de *prosecco* meio bebido, deixei o Stefano no escuro a acabar o dele, dei uma desculpa qualquer a respeito de estar exausta depois de tanto caminhar; e ele deixou-me ir sem argumentar.

O meu quarto-gruta cheirava a cera queimada. Sozinha na luz bruxuleante das velas, engoli a minha dose de medicamentos prescritos, esfreguei a pele com uma compressa de gaze e voltei a fixar os elétrodos do meu monitor cardíaco o melhor que fui capaz. Deitei-me na cama, pus o monitor na mesa de cabeceira, enrolei-me à volta de uma almofada, fechei os olhos, senti os batimentos lentos e regulares do meu coração e esperei que continuasse a bater até de manhã.

*

Talvez porque tão pouca luz natural entrava pela pequena e única janela do quarto, dormi até mais tarde do que tencionava. Encontrei o Stefano já a tomar o pequeno-almoço, o prato cheio de queijos e pães recheados. Se estava minimamente aborrecido com a maneira como a noite anterior acabara, não deu sinais disso. Delineou os seus planos para o dia: uma cidade fantasma medieval que não podia perder, um mosteiro beneditino.

Aquela viagem redundara num desapontamento e parecia não fazer sentido prolongá-la.

– Para ser franca, preferia voltar a casa esta manhã – disse-lhe.

– De regresso à vida sossegada?

– Sim, acho que já vi o suficiente, mas obrigada.

Fizemos o caminho de volta à Villa Rosa, com uma única e breve paragem para ele beber café, a falar de tudo menos um do outro. Corríamos

pelo longo troço de estrada reta entre os lagos artificiais quando resolvi trazer à baila o assunto da Grace. Esperava que ele pudesse agora aceitar conhecer a mulher que ajudara a alterar-lhe a vida, mas mais uma vez tinha-o lido mal.

– Porque havia de o fazer? – perguntou. – Não deixei bem claro desde o início que não vejo a vantagem disso?

– Mas depois mudaste de ideias, foste conhecer-nos – fiz eu notar.

– Porque estava curioso, mas todos vocês são apenas pessoas como quaisquer outras, não há nenhuma ligação especial.

Fiquei triste, mas não particularmente surpreendida.

– Não queres então uma oportunidade de agradecer à Grace?

– Falei com o meu tio sobre isso. Ele concorda que não devo sentir-me obrigado. Ela tomou a decisão de tornar o filho doador, e eu estava à cabeça da lista; foi só isso.

A atitude do Stefano era o oposto da minha. Não havia um momento em que eu não sentisse que tinha para com a Grace uma dívida que nunca poderia pagar. De certa maneira, invejava-o por conseguir ser tão egoísta e obstinado. E também gostava menos dele por ser assim. E não tinha a mais pequena réstia de pena por a noite anterior ter acabado como acabara. O Stefano era inadequado, só que de uma maneira diferente do Dan.

*

O meu vislumbre da Villa Rosa foi como um regresso a casa. O telhado de terracota recortado contra a larga faixa de mar, a pérgola afogada em buganvílias, o som das ondas a desfazerem-se nas rochas lá em baixo, o cheiro a fumo de lenha das fogueiras do jardim e o Tommy a voltar de uma corrida, surpreendido por nos ver chegar.

– Só vos esperávamos muito mais tarde. – Os olhos dele prenderam os meus. – Está tudo bem?

– Sim, tudo ótimo – disse-lhe eu, a esticar as pernas ao apeiar-me do carro.

– Um hotel fixe, um sítio bonito. Foi bom.

O Tommy ficou a ver-me despedir-me do Stefano. Tirou o meu saco da bagageira do carro, na qual bateu duas vezes como sinal de que podia arrancar.

Então voltou-se para mim de testa franzida.

– Houve alguns desenvolvimentos desde que te foste embora ontem de manhã.

O coração não me caiu aos pés, mas fez uma espécie de flique-flaque e, por um instante, perguntei-me se devia carregar no botão do meu monitor.

– Que aconteceu? – perguntei.

– Lamento, Vivi, mas acho que não vais gostar disto.

Não é esta a conversa que ele quer ter. As coisas que diz a Vivi na sua cabeça são completamente diferentes. Se fosse outro homem, talvez as tivesse dito em voz alta.

Dizer-lhe o que sente é um grande risco. Não confia em que possa correr bem. Mesmo assim, esteve muito perto de o fazer naqueles primeiros dias na Villa Rosa, quando sabia de certeza que o namorado dela tinha saído de cena e a irmã parecia encorajá-lo.

O que foi que o reteve na altura? Ao fim e ao cabo, foi por isso que veio, não para comer gelados ou nadar no mar ou sentar-se numa praia. Tommy está aqui por ela. E agora perdeu a sua oportunidade.

Quer dizer a Vivi que é bonita, abraçá-la por mais do que um instante, ser importante na vida dela. Em vez disso, ficou a ver outro homem levá-la consigo, um homem que é tudo aquilo que Tommy sabe de certeza que não é.

Agora ela está de volta mais cedo do que o esperado e ele assume que as coisas não correram bem. O pensamento devia ser animador, só que já é demasiado tarde; a oportunidade de Tommy sumiu-se.

Esta não é a conversa que ele planeou ter com ela. Mas antes não sabia o que dizer, como traduzir os seus sentimentos em palavras, o género de palavras que ela podia querer ouvir.

Devia ter falado com ela, aproveitado a ocasião quando caminhavam pelo promontório ou nadavam no mar, enquanto a irmã dela estava a preguiçar numa cadeira de repouso e Fiona ocupada na cozinha, quando as crianças estavam entretidas a brincar. Quem sabe o que podia ter acontecido, o que teria ela dito?

Tommy pensa que os seus sentimentos já não importam, não naquela altura. As coisas mudaram; e é exatamente isso que ele precisa de lhe explicar.

A sua oportunidade foi-se. Mesmo assim, Tommy agarra-se à esperança de que possa haver outra. Uma pequena esperança... uma esperança não dita.

Tinha-se-me escapado tudo das mãos. Enquanto eu estava ocupada a caminhar através da História, outras pessoas decidiam o meu futuro. À sombra de uma alfarrobeira, fora das vistas da Villa Rosa, o Tommy explicou-me tudo, e parecia tão razoável.

A Imogen apanhara um susto enorme quando eu quase desmaiara em cima da mesa a meio do almoço, e depois disso continuara a assustar-se com pesquisas no Google. Mal eu partira, tinha corrido a ligar aos meus pais, assustando-os também a eles.

Toda a gente estava de acordo em que eu devia regressar a casa. A influência do meu pai chegava longe, graças a todo o seu trabalho de beneficência, de modo que se ele quisesse que eu fosse vista pela equipa de transplantes de Harefield seria questão de um momento consegui-lo.

– Mas ainda não estou na altura da avaliação – disse ao Tommy.

– Uma extra, só para ter a certeza e tranquilizar toda a gente.

– É uma perda de tempo. Não tive mais palpitações.

– Continuamos sem saber o que causou a arritmia; é isso que está a preocupar toda a gente.

– Porque é que não deixam que seja eu a preocupar-me comigo?

– São só alguns exames, mais nada.

– Fi-los todos no cardiologista daqui – observei.

– A Imogen... e os teus pais... acham que é boa ideia seres examinada pela tua equipa habitual e talvez fazer uma biópsia para ver se há sinais de rejeição.

Talvez eu devesse ter sido mais compreensiva. Mas estava farta de ter a minha vida moldada pelas preocupações de outras pessoas. Estava farta da interferência, e de me dizerem o que beber e o que comer, o que fazer e quando descansar. O Stefano tinha razão a respeito de uma coisa: podiam estar a manter-me a salvo, mas também estavam a pesar-me. Disse isto ao Tommy e o rosto dele pareceu endurecer, até que me interrompeu.

– Tens sorte de ter alguém que se preocupa contigo. Olha para a Fiona. Não tem ninguém.

Nunca lhe tinha ouvido aquele tom – gelado, reprovador.

– Estás do lado deles – disse, acusadora.

– Não se trata aqui de lados. Mas, sim, gostaria de ter a certeza de que estás a receber os melhores cuidados possíveis.

– E eu não tenho uma palavra a dizer em tudo isto?

O Tommy abanou a cabeça.

– Reservaram-te lugar num voo que parte de Nápoles no mesmo dia em que me vou embora, de modo que podemos ir até lá juntos. E a Fiona vai ficar mais algum tempo porque a Imogen não quer estar sozinha.

Fechei os olhos ao azul do céu e à beleza do jardim; fiz tudo desaparecer.

– Foi a Imogen quem quis que eu viesse para cá. Agora quer que me vá embora.

– É só por uns dias. Depois de teres a certeza de que está tudo bem, podes voltar e retomar as tuas férias.

– Quer dizer que a minha vida está toda combinada. Está toda a gente a cuidar de mim.

– É o que parece – disse o Tommy e, passando o braço pelos meus ombros, deu-me um apertão tranquilizador.

*

Tinha mais dois dias em Itália e não ia passá-los em bicos de pés. Com o Tommy e os filhos, voltei a passear de caiaque pelas grutas. Passei uma manhã na piscina, a deixar o sol tocar-me a pele e a comer *pizzas* salgadas. Até tirei o monitor cardíaco para dar um mergulho. E a Imogen não disse mais nada, sabendo que já dissera o suficiente.

Passei a última tarde com a Fiona, a fazer o nosso último jantar juntos. Tínhamos comprado um macio e apimentado salame *nduja* no mercado, favas e uma cesta de *ricotta* salgado. Fizemos uma *pappardelle* e ela deixou-me amassar a massa da *pasta* até ficar macia e lisa e depois cortá-la em tiras largas. Como segundo prato tínhamos um estufado agri-doce de frango com limão e alecrim. E a Fiona ensinou-me a fazer *caponata* de alcachofra, aipo e pinhões torrados.

– Obrigada, já não sou uma péssima cozinheira – disse eu, enquanto salteava o aipo até ficar dourado.

A Fiona sorriu.

– Nunca foi péssima, só precisava de um pouco de prática. Suponho que, quando era menina, nunca ajudou a sua mãe na cozinha?

– Se ajudei, não me lembro.

– Há muitas pessoas como a Vivi que se deixam intimidar, pensando que é mais complicado do que tem de ser. Em tempos, o meu sonho foi fazer qualquer coisa para mudar isso.

– Ensinando? – perguntei, a despejar as alcachofras na frigideira, juntamente com o azeite de alho, folhas de hortelã-pimenta picadas e passas.

– É verdade. – A Fiona assentiu. – O meu plano era ter uma escola de culinária. Ir com as pessoas comprar os ingredientes, levá-los para a escola e cozinhar uma refeição; e então sentarem-se e saborearem-na acompanhada por um bom vinho. Pensei nisso durante algum tempo, até encontrei o local perfeito.

– E então adoeceu – calculei.

– Não, foi muito antes disso. O meu irmão desencorajou-me. Achava que o risco financeiro era demasiado grande... eu teria de pedir dinheiro emprestado, compreende... e talvez tivesse razão.

A Fiona era uma boa professora, gentil e motivadora, e eu não consegui impedir-me de pensar em voz alta se aquilo seria algo que ela ainda podia fazer.

– Não precisa de custar assim tanto. Talvez pudesse dar aulas de culinária nos restaurantes, nas noites em que estão fechados – sugeri. – Se quiser, posso

ajudá-la a procurar.

– Obrigada, Vivi, mas já é demasiado tarde para isso. Foi um sonho, não estava destinado a acontecer.

Comemos no pátio, enquanto a luz se suavizava e esmorecia. Estava tudo delicioso, sobretudo o frango impregnado de doçura e acidez; no entanto, nenhum de nós tinha muito apetite. Um a um, com o céu a escurecer devagar lá em cima, arranjámos uma desculpa e deitámo-nos cedo.

*

A manhã em que partimos estava um espanto, quente e dourada. Uma vez que não tencionava voltar, fui dar um longo passeio para me despedir do sítio, atravessei os jardins, desci o caminho íngreme até ao mar e percorri uma a uma todas as divisões da bonita casa cor-de-rosa. O meu verão chegara ao fim e agora tinha de continuar com a minha vida.

Beijei as minhas sobrinhas, disse adeus à minha irmã, abracei a Fiona, subi para o carro alugado do Tommy e fui levada para longe da Villa Rosa.

Tinha dormido bem na noite anterior, mas mesmo assim senti-me derivar para o sono enquanto contornávamos as montanhas em direção à estrada principal. Fui acordada pelo som do Tommy a praguejar entre dentes porque se tinha enganado na saída e estávamos presos no tráfego a tentar voltar ao caminho certo. Isto fez-nos chegar atrasados ao aeroporto e graças a Deus não houve tempo para grandes despedidas. Peguei no meu saco e corri, na esperança de não perder o avião.

Os meus pais tinham ido buscar-me a Stansted. Queriam envolver-me no seu amor como numa manta de lã e fazer-me sentir mais segura. Tanto amor, e eu devia saber que era afortunada, e devia estar agradecida como o Tommy dissera, mas a verdade é que me pareceu sufocante.

Sentada no banco traseiro do *Mercedes*, respondi às perguntas da minha mãe a respeito do que tinha acontecido exatamente em Itália e como estavam as coisas naquele momento.

– Vamos pôr a nossa fé nos médicos, como sempre – disse –, e rezar para que não seja nada que não possa ser tratado com facilidade. Cancelámos todos os nossos compromissos de amanhã para podermos ir contigo a Harefield.

– Mãe, é uma consulta de rotina, não vou precisar de vocês – disse eu, tentando não parecer tão impaciente como me sentia.

– Nós queremos ir – insistiu ela.

– Posso muito bem ir sozinha, como de costume.

Com eles a servirem-me de escolta, ia ser tudo mais exaltado e sério. Eu seria a filha de Sir e Lady Lance, não apenas a Vivi que estava de volta para mais um *check up*.

– Preferes mesmo que não estejamos lá? – perguntou a minha mãe, e parecia magoada.

O meu pai é um homem de negócios astuto; sabe até onde pode levar as pessoas, sobretudo no meu caso. Vi-o espreitar pelo retrovisor, e vi a expressão na minha cara.

– Deixa, Deb. Temos confiança na equipa dela, como disseste, e não é a primeira vez que a Vivi passa por tudo isto, não precisa de companhia.

A minha mãe não deu mais luta a partir do instante em que ele se envolveu. Tinha aprendido a confiar no seu discernimento na maior parte das coisas, e sobretudo no que me dizia respeito.

– Vais lembrar-te de não comer nada ao pequeno-almoço, para o caso de decidirem fazer uma biópsia, não vais? E vais ligar-nos logo que souberes alguma coisa – disse, amuada.

– Sim, claro.

– De certeza que vai correr tudo bem – concluiu.

Os meus pais estavam a fazer o que podiam para manter o espírito positivo, mas eu sabia que estavam ansiosos, e esse conhecimento era como um peso sobre os meus ombros. Entretanto estávamos quase em casa e eu olhei pela janela do carro para os transeuntes na Upper Street, a tratarem das suas vidas e a tomarem as suas próprias decisões como as pessoas normais e saudáveis fazem. Eu nunca ia ser como elas. Nunca seria normal; não envelheceria. As coisas eram o que eram e eu tinha de aceitá-las.

*

A Lynda, a minha coordenadora, e os outros membros da equipa de transplante em Harefield são como um grupo de velhos amigos e é bom estar com eles, mesmo que isso envolva análises ao sangue e radiografias ao tórax. Conseguem parecer estar sempre de bom humor, mantêm o ambiente leve e fazem-me rir. Como é que conseguem fazê-lo o dia inteiro e com todos os pacientes, nunca saberei, mas agradeço-lhes do mesmo modo.

Dessa vez, toda a gente falou da campanha pela Lei de Vivi, e foi bom saber que estavam orgulhosos de mim e que podia ter feito a diferença. Seguiu-se um debate sobre fazer ou não uma biópsia, comparando os riscos com a vantagem de ser aquela a melhor maneira de saber de certeza se o meu corpo continuava a constituir um lar saudável para o coração do meu doador. No fim, o cardiologista da equipa decidiu, uma vez que já passara algum tempo desde a última, avançar. Aquelas eram as pessoas que me tinham salvado a vida e não discuti com elas; nunca discuto.

Vestida com a bata do hospital, deixei-os injetar-me analgésico no pescoço e pintalgar-me com um desinfetante cor-de-rosa vivo. A pior parte vem depois de inserirem a cânula. No fim há um arame comprido com tesouras que desce até ao meu coração e lhe arranca pedacinhos. Passado algum tempo, o coração torna-se mais relutante em cedê-los e por vezes queixa-se dando uns batimentos a mais ou falhando um ou dois. Daquela vez distraí-me a pensar em todos eles: na Imogen e nas meninas a saborear o sol na Villa Rosa, na Fiona quase de certeza na cozinha, no Tommy em casa e de regresso ao trabalho, até no Stefano ocupado a fazer *mozzarella*. Pelo menos foi rápido; quinze ou vinte minutos e estava feito.

O meu último compromisso do dia foi no consultório, para reavaliar a medicação com o cardiologista. Depois disto, despedi-me da Lynda, que me

tinha acompanhado. Enquanto ela se afastava notei, no limite da minha visão periférica, alguém que, aos saltinhos, tentava atrair-me a atenção. A última pessoa que eu esperava ou queria ver.

– Grace? Que veio aqui fazer?

Afogueada, pediu desculpa por ter chegado atrasada e perguntou se estava tudo bem.

– Como soube que eu estava aqui? – perguntei.

– O Tommy disse-me. Pensei que seria correto eu vir como acompanhante.

– Ele disse-lhe para vir?

– Não – admitiu a Grace. – Mas eu queria vir. Não se importa, pois não?

Parecia errado tê-la ali, no hospital onde o coração do filho fora posto no meu corpo. Totalmente errado.

– O que foi que os médicos disseram? – quis ela saber. – Está tudo bem?

– Só daqui a dois ou três dias saberei o resultado da biópsia, mas até ao momento nada que nos preocupe – tranquilizei-a.

– Graças a Deus. Esta noite não consegui dormir... Estava tão preocupada com o coração do Jamie.

– Continua a bater – disse-lhe eu.

– Posso ouvi-lo? Importa-se?

Tinha levado o estetoscópio e foi assim que dei por mim pela segunda vez numa casa de banho pública com ele encostado ao peito, enquanto a Grace, de olhos fechados, escutava atentamente.

– Está a bater com muita força, como da última vez. – Parecia aliviada. – Foi bom voltar a ouvi-lo, obrigada.

– Não tem de quê – respondi enquanto abotoava a blusa e me perguntava quantas mais vezes iria ela querer aquilo.

O hospital tem uma cafetaria onde a comida é saborosa, e eu estava cheia de fome porque não comera nada todo o dia. Dirigimo-nos para lá juntas, eu, minúscula, vestida de preto dos pés à cabeça como de costume, e a estatuesca Grace com um vestido colorido de verão: um estranho par de amigas.

Apesar de não poder referir o Stefano, uma vez que ele ainda não tinha mudado de ideias acerca de a querer conhecer, mesmo assim havia muita conversa para pôr em dia entre chá e torradas.

A Grace estava aberta à ideia de uma qualquer espécie de memorial e falámos durante algum tempo de outras possibilidades – plantar uma árvore, celebrar um serviço religioso. Ela parecia não se importar com o que fosse, desde que estivéssemos todos juntos.

Comemos as nossas tostas e bebemos um segundo bule de chá. Precisava de ligar aos meus pais, que estavam à espera de notícias, mas era sempre difícil deixar a Grace. Por isso, ficámos e conversámos um pouco mais. Ela falou-me do emprego em *part-time* que aceitara na secretaria da escola e de como era agradável trabalhar num lugar cheio de gente jovem. Eu falei-lhe de ter deixado o *Daily Post* e de como ainda não sabia muito bem que rumo

seguir, mas que achava que gostaria de tentar escrever como *freelance*.

– Deve fazê-lo – encorajou-me ela –, arriscar. Tenho a certeza de que não se vai arrepender.

Éramos amigas a partilhar os nossos pensamentos, como outras pessoas nas mesas à nossa volta. Talvez tivéssemos até esquecido, por algum tempo, o que nos juntara, para começar; ou pelo menos a ideia tinha passado um pouco para segundo plano, deixara de parecer o mais importante de tudo.

Eu começara a dar sinais de que precisava de me ir embora. Já tinha a mala suspensa do ombro e preparava-me para me levantar quando, assim sem mais, a Grace disse:

– Pediram-me dinheiro emprestado.

– Desculpe, o que foi que disse?

– Muito dinheiro.

– Quem? Um de nós?

Ela ficou a olhar para o tampo da mesa, como que fascinada pelo grão da madeira.

– Acho que não devo dizer.

Eu estava atónita.

– Grace, já nos deu tanto. Ninguém devia pedir-lhe mais.

– Tenho algumas poupanças, o fundo para pagar a universidade do Jamie – disse ela –, e podia pedir dinheiro emprestado dando como garantia a casa, se fosse necessário.

– Ainda não concordou com nada, pois não?

– Teria ajudado o Jamie, se ele precisasse. Faria fosse o que fosse por ele. Isto não é assim tão diferente.

– Nenhum de nós é o Jamie.

– São tudo o que resta dele.

– Grace, por favor, diga-me quem foi.

– Não devia ter falado disto – disse ela.

Eu, claro, tinha a certeza de que devia ter sido a Emerald; nunca confiara completamente nela. Recusei-me a acreditar que pudesse ser um dos outros. Não eram ricos – o negócio do Tommy afundara-se e a Fiona era frugal –, mas de certeza nenhum deles se aproveitaria da Grace daquela maneira.

– Quanto dinheiro, ao certo? – perguntei, mas ela não respondeu.

Apanhámos um táxi juntas até à estação e depois o metro para a cidade, e separámo-nos na Baker Street com promessas de voltarmos a encontrar-nos em breve. Era óbvio que se a Grace queria dar o seu dinheiro, eu não tinha nada com isso. Só que tinha sido eu a iniciar aquilo, tinha sido eu a juntar-nos para a ajudar a sentir-se melhor e saldar um pouco da dívida que julgava ter para com ela por me ter salvado a vida. Se não a protegesse naquela situação, para que teriam servido todos os meus esforços?

A Emerald era o meu suspeito número um e o Dan voltava a estar no meu radar. Tinha-me dito que ia beber uma cerveja com ela e a minha esperança era que entretanto já tivesse tratado disso. Enviei-lhe uma mensagem a

perguntar o que ia fazer depois do trabalho e tive uma resposta rápida.

*

Beber! Porquê? Estás de regresso à cidade?

Sim.

Suponho que não queres ir ao pub? Beber um copo com os antigos colegas?

Nem por isso. Podemos ir a outro lado qualquer?

Desde que sejas tu a pagar e me levas a um sítio chique.

*

Fomos ao Bar Americain, no Soho, por causa da decoração Art Déco, além de ser um sítio grande, cheio de gente e impessoal. Era a primeira vez que via o Dan depois de o ter deixado e ao primeiro *daiquiri* ele pareceu um tudo-nada constrangido, mas tínhamos passado muitas noites com uma mesa carregada de bebidas entre os dois e só foi preciso mais dois copos para o descontraír.

Eu dava pequenos goles de uma bebida não alcoólica qualquer que sabia a sabugueiro. Percebi que ele já estava a despojar-se do seu eu do Dan trabalhador e a tornar-se o Dan bebedor. Tinha as faces coradas, ria-se mais e falava mais alto.

– Suponho que queres saber coisas sobre a Emerald – disse-me ele. – Não te imagino a pagar-me bebidas se não quisesse qualquer coisa.

O tom foi amargo, mas eu ignorei-o.

– Tiveste oportunidade de voltar a falar com ela?

– Posso ter tido.

– E?

– Está a trabalhar connosco numas histórias à volta da campanha pela Lei de Vivi. Parece que a mudança é mesmo capaz de acontecer. Pensa nisso: centenas, possivelmente milhares de vidas salvas graças ao *Daily Post*. A Emerald ficaria encantada por fazer tudo o que pudesse para ajudar. A verdade é que não para.

– Achas que pode estar a tentar aproveitar-se da situação, de alguma maneira? – Ninguém me convencia de que não tinha sido ela a pedir dinheiro emprestado à Grace. – A ver se consegues sacar alguma coisa?

– Não estamos todos? – O Dan encolheu os ombros. – Porque é que não te encontras com ela e julgas por ti mesma?

– Ainda não houve oportunidade. Além disso, confio na tua opinião.

– Ótimo, quer dizer que confias em qualquer coisa minha.

O terceiro *daiquiri* do Dan estava quase no fim. Não sabia se eram muito fortes, mas tinham desaparecido num instante.

– Vamos comer – sugeri. – Deve haver um bom indiano aqui perto.

Dobrámos a esquina e chegámos a um restaurante minúsculo onde nos sentámos cotovelo contra cotovelo ao balcão e comemos pratos tailandeses explosivos, reconfortantes e carregados de especiarias; pedimos três doses porque o Dan decidiu que estava com fome.

– Não vais pedir-me para voltar? – perguntou ele, a transferir, sem grande jeito, uma garfada de massa da tigela de barro em que tinha sido cozinhada para a boca aberta.

Entreguei-lhe um guardanapo.

– Não.

– Vamos para o meu apartamento – sugeriu. – Só mais uma noite; eu sei que tu queres, Vivi.

Se nos beijássemos, ele saberia a alho, gengibre e pimenta. Era quase tentador. Mas eu sabia que o Stefano tinha razão numa coisa. Não podemos teimar em cometer os mesmos erros, chega uma altura em que temos de encarregar na vida.

– Nem esta noite... nem nunca, lamento – disse-lhe.

Ele pôs a cabeça de lado e mirou-me com olhos de repente semicerrados.

– A sério?

Assenti com a cabeça.

– Tinhas tanto à tua frente – disse ele, sem convicção. – A tua carreira, nós... A Lei de Vivi podia ter sido uma coisa em grande para os dois. Mas lixaste tudo, não foi? Tudo.

Despedi-me do Dan à porta do restaurante na Brewer Street. Enquanto me afastava dele, à procura de um táxi, pensei em como a minha irmã ia ficar feliz quando soubesse daquilo. Não lhe prometeria que não ia haver mais homens inadequados, mas tinha acabado definitivamente com aquele.

Apetece-lhe mais um copo de vinho, mas isso significaria abrir uma garrafa. Há uma no frigorífico, mas isso envolveria levantar-se para a ir buscar. Imogen não quer mexer-se. Está deitada na cadeira de repouso de olhos fechados enquanto Fiona entretém Darya e Farah; ouve-as tagarelar na cozinha da Villa Rosa enquanto tendem a massa com o rolo.

Imogen está ali deitada desde que recebeu a mensagem a dizer que os exames de Vivi estavam normais e que toda a gente em casa festejava. Imogen tem estado a ter uma pequena festa privada, um ou dois copos de vinho.

Um dia Vivi irá fazer aqueles exames e depois não haverá festejos; todos eles o sabem. Imogen pergunta-se como será não ter aquele pesadelo sempre suspenso sobre as suas cabeças.

Toda a sua vida, ou pelo menos desde que consegue lembrar-se, a irmã esteve em primeiro lugar, e ela nunca se importou. Como podia queixar-se quando era a que ia à escola, praticava desportos, ia a festas, namorava com rapazes, enquanto Vivi perdia tudo isso?

Que fez ela para merecer ser a irmã saudável? Por vezes pensa nisso e chega sempre à conclusão de que não o merece.

Está um belo dia, perfeito, com um céu muito azul; quase deseja que não estivesse. E isso não faz sentido; devia estar mais feliz. Devia estar a aproveitar ao máximo: nadar no mar, passear na praia, brincar com as filhas, tudo aquilo que Vivi não pode fazer. Em vez disso, Imogen deixa-se ficar deitada na sua cadeira de repouso, de olhos fechados contra a luminosidade do dia enquanto outra pessoa ensina as filhas a fazer lasanha.

A luz do sol muda de tom e a tarde passa. Há um tacho a ferver na placa do fogão. Imogen tem estado a cheirá-lo toda a tarde: carne de vaca, vinho tinto, tomate, manjerição. Em breve irão cobri-lo com camadas da *pasta* que estiveram a fazer, queijo e uma capa de bechamel e pô-lo no forno. É tempo de sair daquela cadeira de repouso.

A cozinha está um caos. Há manchas de tomate na parede, farinha e pedaços de massa espalhados por todo o lado. Farah tenta ralar queijo. Darya tirou do tacho uma colher de molho e pede-lhe que o prove. Fiona está sentada numa cadeira, parecendo um pouco atarantada.

Imogen inspira fundo e sorri. Prova o molho que uma das filhas lhe oferece, ajuda a outra com o ralador e dirige-se ao frigorífico onde o vinho está a refrescar. Abre outra garrafa. Apetece-lhe mais um copo.

O meu pai estava a abrir o champanhe, uma mão cautelosa por cima da rolha quando ela saltou, e então foram servidas quatro taças sem entornar uma gota. Estávamos a festejar a notícia do resultado da minha biópsia – nenhum sinal de rejeição, nenhum motivo de preocupação, de momento. O alívio que os meus pais sentiam era evidente e até o Hamid parecia brilhar quando brindámos e bebemos à volta da mesa da cozinha desarrumada da minha irmã.

– Agora podes voltar a Itália e continuar a ter um verão maravilhoso – disse a minha mãe, feliz.

– A verdade é que estou a planear ficar em Londres – disse eu, ocupada a procurar no frigorífico o reduzido abastecimento de minifolhados de salsicha da Imogen. – Há coisas que preciso de fazer aqui. Mas vocês não vão para lá em breve?

O Hamid perdeu um pouco de brilho enquanto explicava que não tinha a certeza de poder sair da cidade, que tinha um caso complicadíssimo a chegar a uma fase crítica. Não seria a primeira vez que ele perdia umas férias porque o trabalho era mais importante; era um dos raros motivos de discussão entre ele e a minha irmã.

– Para nós também é complicado – admitiu o meu pai, num tom contrito. – Vamos de certeza, mas há alguns problemas: reuniões a que não posso faltar, angariações de fundos com que nos comprometemos.

– A Imogen não vai ficar contente – disse-lhes eu, a sacudir os folhados congelados para um tabuleiro que enfiei no forno. – Não vai gostar de ficar lá sozinha com as meninas.

O alívio que o resultado dos exames me proporcionara tinha varrido quaisquer vestígios de ressentimento para com a minha irmã. Até conseguia perceber que talvez ela tivesse tido razão e que voltar a Inglaterra para fazer um *check up* completo fora a decisão acertada. Mas não mudara de ideias quanto a regressar à Villa Rosa. Mais algumas semanas de sol e *pasta* podia ser uma ideia simpática, mas era mais importante começar a trilhar mais uma vez o meu próprio caminho e descobrir quem era sem o meu antigo emprego e o meu namorado inapropriado.

– Tens muito tempo para isso. Não precisas de te precipitar a fazer seja o que for – disse a minha mãe quando tentei falar dos meus planos.

Enquanto continuava a procurar na cozinha da Imogen qualquer coisa para cozinhar e comer, ocorreu-me que naquela família era normal largar tudo por uma irmã e estar demasiado ocupado para a outra. E pensei em como aquilo devia fazer a Imogen sentir-se.

*

Na manhã seguinte, a Fiona telefonou-me. Não reconheci o número quando apareceu no ecrã do telemóvel e também a voz dela me pareceu diferente, mais rouca e um pouco ofegante.

– Está tudo bem? – perguntei. – Onde estás?

– Afastei-me um pouco – explicou ela. – Queria falar consigo em privado.

A Fiona estava preocupada com a Imogen. Não saberia pôr o dedo exatamente no problema, mas tanto ela como a Raffaella achavam que era mais do que o *stress* habitual de crianças pequenas e maternidade. A palavra que usou foi quebradiça, que me pareceu errada porque sabia que a Imogen era forte, era feita de aço e diamantes, e não quebrava com facilidade.

– Fico muito feliz por saber que está de boa saúde – disse a Fiona. – Quando acha que vai voltar?

Repeti o que já tinha dito aos outros, desta vez com menos certeza. Aquela palavra – quebradiça –, não gostava do som dela; sobretudo por saber que a Fiona era uma pessoa que escolhia as suas palavras com muito cuidado.

– Aconteceu alguma coisa em particular? – quis saber.

– Não direi que aconteceu, temos feito as coisas do costume, tem sido muito agradável. Claro que não conheço muito bem a Imogen, talvez ela esteja tensa e chorosa com frequência.

– Chorosa?

Aquilo alarmou-me.

– Sim, desde que a Vivi partiu, chorosa... e a beber muito... ainda mais.

– Vou ligar-lhe – prometi.

– Não vai referir o que eu disse, pois não? – Parecia ansiosa. – Não quero que ela me julgue uma bisbilhoteira.

Ao telefone, um pouco mais tarde, a Imogen pareceu-me a mesma de sempre, animada com o resultado dos meus exames, a descrever as coisas que tinham feito, as refeições que tinham comido. Percebi que bebericava qualquer coisa enquanto falava, provavelmente vinho, mas a Imogen tinha muitas vezes um copo de vinho na mão durante o dia, sobretudo quando estava de férias.

Pousei o telefone, a sentir-me insegura, e comecei a ver horários de voos, por descargo de consciência. Mesmo que voltasse a Itália, não havia necessidade de pressas, pois não? Queria conhecer a Emerald e tentar descobrir o mistério de quem estava a querer obter dinheiro da Grace. E precisava de mais alguns dias em Londres, para sondar o terreno em matéria de trabalho *freelance* e procurar um apartamento para arrendar.

Estava a pesquisar *online*, a ver quartos em apartamentos partilhados, perguntando-me se devia optar por East London, Bethnal Green ou Mile End, sem gostar de nada do que via e a desejar ser capaz de me convencer a aceitar a oferta dos meus pais de me comprarem um apartamento, quando comecei a receber as mensagens: a Grace, o Stefano, até a Emerald, todos queriam saber se já tinha os resultados da biópsia. Só o Tommy não me contactou. Enquanto estava ocupada a enviar mensagens com as boas notícias, aquilo pareceu-me estranho.

Desde o primeiro dia que eu e o Tommy tínhamos mantido uma conversa, e parecia não importar se era pelo telefone, via Skype ou cara a cara. Mas a última vez que houvera contacto tinha sido no dia do meu exame em Itália e depois disso só uma rápida resposta à minha mensagem, um emoji de polegar

voltado para cima. Tinha assumido que ele estava ocupado com o trabalho e a família, mas naquele momento, enquanto lhe mandava a mesma mensagem que aos outros – biópsia tudo bem! –, uma preocupação começou a atormentar-me. Estaria o Tommy zangado comigo?

Lembrei-me de estarmos os dois juntos debaixo da alfarrobeira na Villa Rosa e de como o ele fora seco e deixara bem claro o facto de achar que eu não estava suficientemente agradecida pelo que a minha família fazia. E se me tivesse riscado de vez? Não parecia muito provável, mas por outro lado também não era normal nele manter-me à distância daquela maneira. Havia ali qualquer coisa que não batia certo.

Liguei para o número e deixei uma mensagem a dizer que pedia desculpa por ter sido infantil e que tinha saudades dele e esperava que voltássemos a encontrar-nos em breve. Mantive o telemóvel perto de mim durante o resto do dia, mas não tive resposta. Sozinha em casa da minha irmã, porque o Hamid ficara a trabalhar até mais tarde, a minha ligeira preocupação cresceu. Iniciei uma nova corrente de mensagens, a perguntar se mais alguém tinha contactado com ele. Um a um, foram respondendo – a Grace, a Fiona, o Stefano e até a Emerald – e ninguém sabia nada do Tommy.

Sempre que tentava o número dele, o telefone tocava até ouvir a mensagem que já me era familiar – *fala o Tommy, devo ter saído para ir correr, tente outra vez mais tarde* – e ficava sem saber o que fazer. Não tinha os contactos da ex-mulher nem o nome da empresa para a qual ele trabalhava, ou os nomes das escolas dos filhos, ou sequer dos vizinhos. Parecia não haver maneira de o encontrar. Durante toda a tarde e uma boa parte da noite continuei a pensar nele e a preocupar-me.

*

Já não restava comida em casa da Imogen, de modo que de manhã saí para ir comer ovos mexidos e torradas sentada num café com o telemóvel em cima da mesa. Depois fui até ao Waitrose comprar algumas refeições pré-cozinhadas para o Hamid, e estava ocupada a guardá-las na arca quando senti o telemóvel vibrar no meu bolso.

A mensagem do Tommy era curta e concisa.

*

Estou no hospital. Caí da bicicleta. Ligo daqui a pouco.

*

Ao ler aquelas palavras foi como se o coração se me afundasse no corpo e caísse no chão. Puxei uma cadeira, sentei-me e pousei a cabeça na mesa da cozinha da Imogen. Não podia acontecer nada de mau ao Tommy. Eu precisava dele.

*

Quando ligou, a voz dele soou horrível, completamente diferente, sem ponta de calor.

– Desculpa, estava com o médico.

– Que aconteceu? – perguntei, impaciente por saber.

– Saí de bicicleta e a porta de um carro apanhou-me com força. Nenhum osso partido, só cortes e nódoas negras.

– Nesse caso, porque é que ainda estás no hospital?

– Devo ter batido na porta ou no guiador da bicicleta quando caí e magoei-me bastante, infelizmente.

– O teu rim – adivinhei, sentindo e tentando ignorar o coração que me estremecia no peito. – Por favor, não me digas que te feriste.

– A culpa foi toda minha. Não levava o colete de proteção, mas ia só para o trabalho, que fica ao virar da esquina, e por isso não me dei ao incómodo.

– Conseguem salvar-te o rim?

– Estou na unidade de transplante renal do Royal Liverpool. As coisas não estão com muito bom aspeto.

– O que é que os médicos dizem exatamente?

– O mais certo é o rim falhar – disse ele, sombrio.

– Céus, Tommy, tenho tanta pena. – O que mais queria era estar com ele.

– Achas bem que vá para aí?

– Má ideia, neste momento não sou boa companhia. Aviso-te se alguma coisa mudar.

Disse-me adeus e eu fiquei sentada à mesa da cozinha da minha irmã, aturdida e indecisa. Nem sequer sabia muito bem o que sentir. Mas sentia que o Tommy precisava de mim. E percebi que eu também precisava dele.

A pessoa que contactei foi a Fiona, e a resposta dela estabilizou-me. Concordou que o melhor que tinha a fazer era ir para Liverpool e estar lá para apoiar o Tommy. Entretanto, ela reorganizaria os seus compromissos de modo ficar em Itália porque não gostava de deixar a Imogen sozinha.

Agora que tinha um plano, não perdi mais tempo. Atirei umas coisas para dentro de um saco de viagem – uma escova de dentes, roupa interior – e apanhei um táxi para a Euston Station disposta a saltar para o primeiro comboio disponível. Enquanto viajava para norte, desejava partilhar a fé dos meus pais e poder rezar eles costumavam fazer sempre que eu adoecia, mas a única coisa que ia fazer-me sentir melhor era ver o Tommy. Ouvir sotaques iguais ao dele enquanto atravessava a estação na Lime Street fez-me querer ainda mais vê-lo.

O Tommy não pareceu muito satisfeito quando apareci. Desviou a cara e perguntou o que achava eu que estava a fazer. Estava pálido e parecia triste e zangado.

– Nunca disse que devias vir.

– Eu sei, mas eu queria ter a certeza de que estás bem.

– Sim, bem, não estou – disse numa voz baixa e monótona, sem olhar para mim.

– Isto não é justo – disse-lhe eu. – Fizeste tudo bem, és tão saudável, não devia estar a acontecer-te.

Ele suspirou, encolheu os ombros, olhou para o chão.

– Se as coisas correrem mesmo mal, voltarei à diálise. Pelo menos tenho

essa opção.

Percebi como ele detestava a ideia de voltar a estar ligado várias vezes por semana, durante horas seguidas, a uma máquina que faria o trabalho que os seus rins deviam fazer e lhe limparia o sangue. Imaginei-o, com toda aquela energia e força que tinha, a sentir-se como um animal enjaulado. Mesmo assim, era melhor do que a alternativa.

– Mas podes fazer uma vida relativamente normal, não podes? – Tentei parecer encorajadora. – Não podes conseguir uma máquina de diálise para ter em casa?

– Vivi, devias ir-te embora. Não quero falar com ninguém.

– Posso voltar mais tarde?

– Não. – Os olhos azuis dele encontraram os meus. – Como disse ao telefone, não sou boa companhia. Vai-te embora, por favor.

Comecei a afastar-me, percorri alguns relutantes metros de linóleo institucional. Quanto mais me distanciava do Tommy, pior me sentia. Podia tê-lo perdido, se o acidente tivesse sido mais grave, como a Grace perdera o Jamie. Ele podia ter partido deste mundo sem que eu voltasse a vê-lo ou a falar-lhe. A ideia gelou-me.

Parei e ali mesmo, no meio da enfermaria cheia de pessoas fragilizadas, a compreensão de que ter cuidado não era garantia de coisa nenhuma atingiu-me como um raio. Na realidade, por vezes ter cuidado significava passar ao lado da única coisa que verdadeiramente queremos.

Tomei uma decisão, rodei sobre os calcanhares e voltei para junto do Tommy.

– Sou outra vez eu, desculpa – disse.

Ele olhou para mim com uma expressão de impotência.

– Vivi, tu és a última pessoa que eu quero ver neste momento.

Aquilo doeu. Era difícil de compreender.

– Porquê?

Ele olhou pela janela, a tamborilar com os dedos no joelho.

Sentei-me ao lado do Tommy, pousei a mão sobre a dele, segurei-lhe os dedos.

– Pensava que éramos amigos, amigos de verdade.

– Talvez eu quisesse mais – respondeu ele, e voltou a palma aberta para a minha.

– Mais do que amigos? – perguntei, sem saber muito bem se o tinha compreendido.

– Sim. – Fez-me um meio sorriso triste. – Quando aquele tipo, o Stefano, apareceu para te levar para Matera durante uma noite, só tive vontade de lhe bater. Não foi óbvio?

– Não aconteceu nada entre nós.

– Agora já não importa, seja como for.

Se era aquilo que ele sentia, porque não mo dissera?

Enrolei a mão à volta da dele.

- Claro que importa. Devias ter-me dito.
- Não tenho nada para oferecer a uma rapariga como tu. Sou só um fulano com os rins lixados e um negócio falido. Por que razão havias de querer-me?
- Tommy...
- Mas eu tinha planos. Começar outro negócio, voltar a fazer qualquer coisa de mim. As peças começavam a encaixar, e então aconteceu isto.
- Não podes ainda fazer tudo isso?
- Não, não posso. Acabou-se.

Teimava em dizer que eu não compreendia. Então, pouco a pouco, foi saindo. Precisava de licenças e equipamento, seria um grande investimento, e com o passado dele os bancos não iam emprestar-lhe dinheiro.

– E então foste ter com a Grace – adivinhei. – Foste tu que lhe pediste um empréstimo.

Sentia-me horrível por ter assumido que tinha sido a Emerald só porque não gostava muito dela, mas nunca me passara pela cabeça que fosse o Tommy.

Ele ficou surpreendido por eu saber.

– Ela contou-te? Provavelmente achas que não devia ter-lhe pedido, mas de outro modo como ia eu ter um futuro? A Grace era o meu último recurso, e ela compreendeu isso. Ajudar-me era como ajudar o Jamie; foi o que disse.

– Ia dar-te o dinheiro que tinha poupado para a universidade do Jamie. Ela disse-mo.

– Agora já não posso pedir-lhe que o faça, pois não?

– Porque o rim do Jamie está a falhar?

– Está a falhar, e eu também...

Parecia não haver palavras. Continuei sentada ao lado dele, a segurar-lhe a mão, e tudo o que queria era estar mais perto. Fiz deslizar a cadeira para a frente, inclinei-me e toquei-lhe no ombro.

– Não – disse ele, mas eu abracei-o com cuidado, ainda assim, a cara enterrada no ombro dele, os braços teimosamente enrolados à sua volta, e senti que encaixava perfeitamente ali, no espaço desenhado pela curva do seu corpo. A pele dele cheirava bem. Não queria largá-lo.

– Vivi, por favor, não. Como disse, não tenho nada para te oferecer.

– Tommy – respondi, a voz ligeiramente abafada. – E se estivesse enganado a esse respeito?

*

Os corações só podem ser dados quando já não são precisos para manter a vida dos proprietários originais. Os rins são diferentes. Nascemos com dois; podemos sobreviver com um. Do que o Tommy precisava naquele momento era de um doador vivo. Ele sabia disto, claro, porque o tinha tentado da primeira vez e não aparecera ninguém que fosse compatível ou satisfizesse os critérios. Mas o seu círculo alargara-se; agora tinha-nos a nós.

– Nenhum de vocês vai ser autorizado a dar-me um rim – disse ele, sem compreender.

– Pois não, mas todos nós temos família e amigos, o que significa muito mais pessoas que podem estar dispostas.

– Não posso pedir-vos que importunem outras pessoas.

– Nem precisas. Vamos fazê-lo, de qualquer modo. Vamos arranjar-te um rim.

Ele apertou-me a mão.

– Não tenhas demasiadas esperanças, Vivi.

– Podemos fazê-lo – disse eu. – Tenho a certeza.

Quando estava no Bar Américain com o Dan, ele tinha-me irritado ao encontrar semelhanças entre mim e a Emerald. A teoria dele era que as pessoas como nós, que tinham estado perto de morrer por causa de uma doença crónica, possuíam um género especial de dureza. Talvez tivesse razão, ou talvez eu fosse bem a filha do meu pai, mas naquele momento estava determinada a encontrar um rim para o Tommy e a fazer disso a minha prioridade absoluta. Recusava aceitar a possibilidade do fracasso. Aquele homem merecia outra oportunidade. Era bom, tinha filhos que o adoravam... e agora tinha-me a mim. Ia ajudá-lo, custasse o que custasse.

– Tommy, tens mais para oferecer do que qualquer pessoa que eu conheça – disse-lhe. – E nunca penses que não tens.

Então ele beijou-me, ali na enfermaria sobreaquecida do hospital, sob as brilhantes luzes fluorescentes, beijou-me docemente, devagar, e os seus lábios nos meus foram ao mesmo tempo familiares e excitantes.

– Estava desesperado por fazer isto... Não fazes ideia – disse, agarrado a mim.

– Então porque não fizeste?

– Não sabia se querias.

– Sempre quis... só estava demasiado assustada para o admitir, até a mim mesma.

Ele beijou-me e podíamos ter estado num sítio qualquer. O cheiro a antisséptico desapareceu, não ouvia os murmúrios dos outros pacientes, não via os médicos e as enfermeiras. Só o Tommy parecia importar, e o conhecimento de que tínhamos desperdiçado tanto do nosso precioso tempo.

– Gostei de ti desde o primeiro instante – disse ele. – Naquele dia em que apareceste para me entrevistar depois da maratona e me disseste que partilhávamos um doador. Em Itália estive quase a dizer qualquer coisa, mas então tu pareciste interessada no Stefano e...

– Sou uma idiota. E o Stefano também, já agora.

– Fui dar uma longa corrida naquele dia, depois de vocês os dois terem partido. Mas não me fez sentir melhor.

– Não aconteceu nada – lembrei-lhe.

– Ótimo – disse ele, e voltou a beijar-me.

*

Detestava deixá-lo quando a hora da visita acabava. Ficávamos de mãos dadas até ao último momento possível e eu prometia voltar no dia seguinte,

quer ele quisesse quer não.

Tinha conseguido arranjar um quarto num hotel junto ao rio e passava as minhas ansiosas noites sozinha, sem dormir como deve ser, a pensar no Tommy, tão depressa cheia de medo como a sentir-me ridiculamente feliz. O rim dele estava a falhar. Tínhamo-nos beijado. Era muita coisa, tudo ao mesmo tempo.

Logo de manhã cedo, começava a tentar fazer tudo para que um novo rim acontecesse. O doador vivo ideal seria compatível a nível sanguíneo e de tecidos, de boa saúde mental e física e disposto a suportar uma cirurgia, seguida de várias semanas de recuperação. Era um grande pedido, mas não me assustava.

Fiz uma lista: a minha família, antigos colegas e amigos da escola, toda a gente de que consegui lembrar-me. Então comecei a enviar mensagens e a fazer telefonemas. Os meus pais prometeram passar a palavra à sua própria rede de contactos e eu fui invadida por uma vaga de confiança. Algures por esse mundo havia um rim, um rim saudável e totalmente funcional, e uma pessoa que ia ser persuadida de que o Tommy o merecia.

Quando liguei à minha irmã, ela atendeu ao segundo toque, parecendo preocupada.

– Que aconteceu?

Dei-lhe primeiro as minhas boas notícias, e ela guinchou ao saber de mim e do Tommy, disse-me como estava feliz, a voz a quebrar-se-lhe nas palavras.

– Imogen, estás a chorar?

– Talvez – admitiu ela –, mas só porque estas são as melhores notícias de todos os tempos. Finalmente, um homem decente; estou tão feliz por ti. E gostas mesmo dele?

– Sim, gosto mesmo dele, mas há outra coisa... – Detestava ter de lho dizer. – E não são boas notícias. Parece que o rim dele pode estar a falhar.

Durante breves segundos houve um silêncio chocado.

– Vivi, isso é horrível. – A minha irmã parecia estar a esforçar-se por fazer sair as palavras. – Mesmo horrível.

Contei-lhe do acidente e ela escutou em silêncio. Ouvia o som da sua respiração.

– Vai correr tudo bem – disse-lhe. – Tenho um plano, e preciso da tua ajuda.

Claro que a minha irmã prometeu ajudar, falar com os amigos e fazer o teste para saber se ela própria podia doar, fazer tudo o que pudesse marcar a diferença.

– A mãe e o pai disseram o mesmo. Vocês são o melhor que há.

– Faria fosse o que fosse por ti, Vivi. Acho que isso quer dizer que agora farei seja o que for também pelo Tommy.

A cirurgia envolveria riscos. Mesmo sendo pequenos, preferia que fosse outra pessoa que não a minha irmã a corrê-los. Quando tentei dizer isto à Imogen, ela recusou-se a ouvir.

– Vou regressar a Londres, para ser testada. Seja como for, isto aqui já não é o mesmo. A Fiona é uma querida, mas eu e as meninas temos saudades tuas.

*

As horas de visita eram a minha desculpa para largar tudo e ir para junto do Tommy. Com o que eu julgava serem notícias encorajadoras para transmitir, passava as portas do Royal Liverpool Hospital muito mais animada do que no dia anterior. Desejosa de o ver, de ouvir a sua voz, de o abraçar. Queria tranquilizar-me, convencer-me de que se sentia mais forte e mais saudável.

Havia uma papelaria no hospital e eu parei lá para comprar revistas, chocolates e fruta, para o caso de ele estar aborrecido ou com fome. Enquanto pagava na caixa, vi duas caras que conhecia no meio do rio de pessoas que passavam. Os filhos do Tommy, a Ava e o Liam. Estavam com uma mulher pequena e morena como eu, que devia ser a mãe.

Hesitei antes de os seguir à distância até à enfermaria porque não queria ser reconhecida. As crianças desataram a correr quando viram o Tommy e a mãe gritou-lhes que tivessem cuidado. Deixei-me ficar para trás e fiquei a vê-lo abrir os braços para receber os filhos e apertá-los contra o peito. Então ele olhou para a mulher de ar preocupado, sorriu e disse qualquer coisa, e ela inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido na face.

Fiquei onde estava, a segurar o meu saco de revistas e chocolates. O Tommy pertencia àquelas pessoas, tinham anos de história juntos e já tinham passado por tudo aquilo, pela mesma dor e preocupação. De momento, eu era a intrusa e achei que devia manter-me à margem. Por isso demorei-me só mais uns instantes, a ver o Tommy falar com os filhos, e tive a certeza de que queria pertencer-lhe, estar com ele e tentar criar uma nova família, por assim dizer, mesmo que não fosse sempre fácil, mesmo que pudesse implicar dor e preocupação.

*

Nos meus tempos no *Daily Post*, o Dan tinha-me ensinado um truque para lidar com prazos stressantes. O conselho dele era escolher um item de uma lista de coisas que fazer e concentrar-me inteiramente nele. Desse modo, tínhamos a possibilidade de acabar com pelo menos uma coisa feita.

Achei que era o que devia fazer naquela situação. Ia concentrar-me em ajudar o Tommy a conseguir um rim e tentar não pensar em mais nada. Por isso, esqueci o encontro com a Emerald, tinha deixado de ser urgente, de qualquer maneira. E nem sequer pensei em encontrar a peça final do *puzzle*, a pessoa que tinha o pâncreas do Jamie. Parecia também já não importar. Havia só um recetor que me interessava.

Ao sair do hospital, deambulei durante algum tempo, perdida nos meus pensamentos. Vi à minha frente um grande edifício moderno que reconheci como sendo a catedral católica. Num impulso, entrei e sentei-me num dos bancos corridos. Era um espaço arejado, onde a luz entrava pelos vitrais coloridos. Lembrei-me das orações da minha infância e perguntei-me se devia

rezar uma naquele momento. De olhos fechados, recitei as palavras que me acudiam à mente: «Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso Nome.»

Havia uma sensação de conforto em estar ali e eu não tinha qualquer outro lugar aonde ir, de modo que fiquei. Ninguém me incomodou e eu não me mexi. Quando o silêncio foi quebrado, foi por uma melodia, um coro a cantar um salmo só para mim, uma voz límpida que se erguia e me ecoava no peito e me enchia o coração. Já tinha ouvido aquela música na Abadia de Westminster com o Tommy e a Grace, no começo de tudo aquilo. Voltar a ouvi-la, quando tanta coisa tinha mudado, pareceu-me significativo.

Enquanto o coro ensaiava, deixei a música tocar-me e depois perguntei a um dos cantores o que estivera a ouvir.

– *Miserere mei deus* – respondeu ele. – É sobre lavar o pecado e ter um coração puro. Vamos dar um espetáculo mais para o fim da semana, se quiser vir ouvi-lo outra vez.

Um coração lavado, um coração cheio de amor, um coração puro; esperamos muito do órgão que nos mantém vivos, dos cerca de trezentos gramas de músculo, câmaras e válvulas que batem cem mil vezes por dia. Não tinha a certeza de o meu coração ser puro, e não era de certeza perfeito, mas sabia que estava cheio de amor, mais do que nunca.

*

Ia a sair da catedral quando o meu telefone tocou. Olhei para o ecrã e vi que era a pessoa que eu menos queria contactar, porque sabia que a conversa ia ser difícil.

– Grace, olá – disse, atendendo.

– A Emerald acaba de ligar para me dizer do Tommy. Como está ele? – perguntou, ansiosa. – Que aconteceu? O rim do Jamie vai ficar bem?

Para a Grace, aquilo devia ser como se mais um pequeno pedaço do filho estivesse a morrer, e não ia ser fácil.

– O rim do Jamie manteve o Tommy vivo durante sete anos. Deu-lhe todo esse tempo para estar vivo e saudável. Aconteça o que acontecer agora, ele ficará para sempre grato – disse-lhe, antes de partilhar os pormenores do que tinha acontecido.

– Outro acidente de bicicleta – disse ela. – Dá para acreditar numa coisa destas? É como uma maldição.

– Desta vez não vai ser; há uma coisa que podemos fazer.

Mal lhe falei do plano para encontrar um doador vivo para o Tommy, ela pediu para ser testada.

– Tenho o mesmo tipo de sangue que o Jamie, e se o rim dele era compatível, o meu também será – declarou.

Eu não tinha a certeza de aquilo ser verdade. Mas sabia que era preciso passar rigorosos testes psicológicos antes de se poder ser um doador vivo e parecia-me muito improvável que a Grace o conseguisse.

– É possível que os médicos não aceitem que a mãe do doador original dê

um rim ao Tommy – avisei.

– Não estou a ver porquê.

– Nem sequer era suposto estarmos em contacto consigo, para começar.

– Mas o facto é que estão, e tenho a certeza de que o Jamie ia gostar disto.

Se o rim dele já não pode continuar a ajudar o Tommy, havia de querer que eu o fizesse.

– Grace, é uma pessoa verdadeiramente espantosa – disse eu, e estava a ser sincera.

– O Tommy tem filhos que devem precisar dele, tal como o Jamie sempre precisou de mim – foi tudo o que ela disse.

Pus o seu nome no topo da minha lista, como ela pediu. Apesar de estar a prever todo o género de problemas éticos, a Grace merecia que os seus desejos fossem tidos em conta.

As más notícias eram que o Tommy tinha voltado à diálise. Eu continuava a agarrar-me ao positivo; não havia qualquer razão para ele não receber um novo rim, se houvesse algum disponível.

Fiquei em Liverpool mais alguns dias, agora a trocar mensagens com ele antes de aparecer para me certificar de que era conveniente e a ex-mulher e os filhos não iam lá estar; de momento, pareciam ser eles o mais importante. Mesmo assim, passávamos o máximo tempo possível juntos, a conversar ou a ouvir música no telemóvel dele, e eu fazia o que podia para o manter animado.

Quase não falávamos sobre o futuro; o Tommy parecia relutante e eu não queria pressioná-lo. Mas falávamos muito sobre o passado. Contou-me do homem que tinha sido antes de o rim do Jamie o ter salvado: frustrado e zangado, egoísta, mal-humorado. Penso que tinha medo de voltar a tornar-se essa pessoa, mas não conseguia imaginá-lo e estava sempre a dizer-lho.

Contei-lhe a minha história, tudo a respeito de Sir Lance e Lady Deborah Palmer, como tinha sido privilegiada, como tinha lutado contra isso.

– Estás a dizer que és rica? – perguntou ele, como se tivesse dificuldade em acreditar.

– Sim, ou pelo menos os meus pais são.

– Merda – exclamou, num tom desolado.

– O dinheiro é deles, não meu. E eles estão muito ocupados a distribuí-lo.

– Mesmo assim, que vão eles pensar de a filha se juntar a um marceneiro falido, divorciado e com os rins entupidos? Nem sequer tenho uma casa. Não tenho nada para oferecer.

– Os meus pais vão adorar-te. Adorariam qualquer pessoa que gostasse de mim.

O Tommy tinha o braço à volta da minha cintura e puxou-me um pouco para mais perto.

– Por esse lado não terão razão de queixa. Se tudo se resumisse a gostar de ti, a minha nota seria cem por cento. Mas não resume, Vivi. Sou demasiado velho, tenho um passado e quem sabe o que me reserva o futuro. Sou completamente inadequado.

Esta fez-me rir.

– Acredita no que te digo, se há coisa que não és é inadequado.

Durante as longas horas que passava sozinha no hotel, tinha construído na minha cabeça um futuro para nós os dois, procurado casas para arrendar em Liverpool e pensado em que género de trabalho poderia fazer se me mudasse para lá. Mas não falei disto com o Tommy. Enquanto não soubéssemos se ia ou não receber um rim, tinha receio de abordar o assunto.

Ele ia em breve começar a fazer as suas sessões de diálise noutro hospital mais perto de casa, na outra margem do rio.

– De volta à antiga rotina – disse, com um humor amargo. – Ao antigo modo de vida.

Eu tinha de voltar a Londres, pelo menos durante algum tempo, porque havia lá coisas que precisava de fazer. Conhecer a Emerald, que entretanto passara a enviar-me mensagens regulares com citações e aforismos inspiradores que devia ir buscar à Internet. E, muito mais importante, pôr a conversa em dia com a minha irmã, que interrompera as férias e voltara a casa para ser testada como potencial doadora do Tommy. Quebradiça... fora como a Fiona a descrevera. Tinha de ver por mim mesma se estava de realmente à beira de quebrar.

Foi difícil deixá-lo, como eu sabia que seria. Agarrei-me a ele quando nos despedimos e chorei enquanto o meu comboio se deslocava para sul, porque ele me tinha parecido mais pequeno e mais vulnerável, quando habitualmente a sua força era a primeira coisa que se notava nele.

*

A Imogen estava à minha espera, com uma garrafa de vinho aberta em cima da mesa da cozinha, apesar de estarmos a meio da tarde.

– Ainda estou em modo de férias – explicou, ao ver-me olhar para a garrafa.

– Arrendaste a Villa Rosa por mais algumas semanas, não foi? Se não fores compatível com o Tommy, devias voltar para lá e continuar as tuas férias como deve ser.

– Logo se vê. – Bebeu um pequeno gole de vinho. – Pode ser que queira ficar por cá e apoiar a minha irmã e o seu novo namorado.

Sorri ao ouvir a palavra; tinha uma sensação de calor no peito quando pensava no Tommy daquela maneira. Nessa noite fiz jantar para todos, um prato muito simples de *pasta* no forno que a Fiona me tinha ensinado a preparar. Sentámo-nos à volta da mesa da cozinha e desejámos que estivessem os dois connosco.

– Parece que aprendeste mesmo a cozinhar – comentou a Imogen depois de provar a comida. – Não haverá fim para as maneiras como vais surpreender-me?

Quando as meninas foram para a cama e o Hamid voltou à sua secretária para continuar a trabalhar, a minha irmã quis acabar o vinho no pequeno parque que fica no centro da praça onde mora. O portão é fechado ao fim da tarde, mas a Imogen tem um escadote desdobrável que comprou com o único objetivo de passar as grades e desfrutar daquele espaço depois de escurecer.

Gosta de entrar onde não deve e infringir regras, e naquela noite, amaciada por alguns copos de vinho, estava particularmente risonha. Passeámos pela relva comprida, a olhar para o pouco que se via do céu noturno ofuscado pelas luzes de Londres, e eu falei-lhe de mim e do Tommy.

– Deves estar tão preocupada – disse ela, deitando-se de costas com a cabeça pousada no meu colo, a tentar distinguir as estrelas.

– Tento não estar. Estou sempre a dizer a mim mesma que preocupar-me não me vai levar a parte nenhuma. Mas não é fácil. Começo a perceber como deve ter sido para todos vocês.

– Sabias que a mãe tinha planeado o teu funeral? – disse a Imogen, de repente. – Estavas muito doente e ela escreveu exatamente o que queria... o local, a música, as leituras... sabendo que se te perdesse, ficaria demasiado perturbada para pensar como deve ser.

– Pobre mãe.

– Eu também pensei que ias morrer – continuou a Imogen. – Escolhi mais do que uma vez os ursinhos de peluche que iriam para o caixão contigo.

– A sério? – Afastei-lhe os cabelos da cara. – Não fazia ideia.

– Agora faço isso com as meninas. A Farah preferiria a boneca ou o cãozinho fofinho? E a Darya, gostaria de usar o seu vestido cor-de-rosa de princesa?

– Mas as meninas estão bem, não correm perigo.

A Imogen tinha sido testada, de modo que sabia antes de engravidar que não iria transmitir a mutação genética que causara os meus problemas de coração.

– Não de uma cardiopatia, mas de centenas e milhares de outras coisas; há tantas maneiras de eu poder perdê-las, todos os dias.

– E preocupas-te com isso?

Estava a fazer festas na cabeça e a olhar para a cara da minha maravilhosa e divertida irmã.

– Tento não me preocupar, não vale a pena, como tu dissesse. – A Imogen quase sussurrou as palavras. – Imagino-me a fazê-lo, quase como se fosse um filme a passar-me na cabeça. Tenho muito medo de que possa acontecer de verdade.

– Nunca irá acontecer – disse-lhe. – Tenho a certeza.

– Mas quando os pensamentos vêm, não consigo livrar-me deles, é como se estivessem colados na minha mente. E assustam-me muito.

– Imogen, tens de falar com alguém sobre isso – disse eu, chocada.

– Estou a dizer-te a ti. E já é difícil que chegue. Não posso dizer a mais ninguém.

– O Hamid sabe? Ou a mãe e o pai?

– Não lhes disse nada. Não sou capaz.

Não era suposto a minha irmã ser a frágil; esse sempre tinha sido o meu papel. Procurei no saco a manta penugenta que tinha levado para o caso de a noite arrefecer e embrulhei-nos às duas nela.

– Tens passado sozinha por tudo isto.

– Sempre me senti melhor quando tu estavas por perto, mesmo que não o soubesses.

– Mas a culpa é minha, não é? Ter-me como irmã mais nova e estar ansiosa durante tanto tempo, ter sempre de parecer corajosa...

– É o meu cérebro, Vivi; não me parece que possas ser culpada dos pensamentos que passam por ele.

– Porquê, então?

Ela encolheu os ombros.

– Talvez eu sinta que tenho demasiada sorte, que não mereço a vida que tenho e que vai acabar por correr mal, como te aconteceu a ti.

A minha doença tinha causado tantos problemas, e eles tinham extravasado, afetando toda a gente à minha volta. Não me apercebera até àquele momento de como devia ter sido difícil.

– Imogen...

Alguém se aproximava. Ouvimos vozes de homens e calámo-nos até se afastarem. Não queríamos ser vistas. Éramos as mesmas miúdas, a infiltrar-nos onde não devíamos, a ser cuidadosas porque sabíamos que se fôssemos apanhadas isso estragaria a graça. A Imogen estava sempre à procura de novas regras para infringir, e ela era a minha irmã mais velha, de modo que eu fazia o mesmo.

– Imogen, devias ter dito qualquer coisa – continuei, depois de os homens terem passado.

– Os teus problemas sempre pareceram piores do que os meus.

Repeti o que o Stefano tinha uma vez tentado dizer-me.

– Estar sempre com medo não é maneira de viver.

– Desde que as meninas nunca o saibam... desde que eu não lhes arruíne a infância.

Ficámos sozinhas no escuro, debaixo da manta, a Imogen sentada para acabar de beber o vinho, eu deitada com a cabeça pousada no colo dela. Demorei algum tempo a convencê-la a falar com um psicólogo. Ela tinha o arsenal de argumentos de um advogado para provar que não ia resultar, e eu não estava habituada a fazer-lhe frente. Mas não podia recuar. O problema dela era grave e assustava-me. A mim tinham-me dado um coração novo; ela tivera de lutar sem sequer uma ligadura.

Quando voltámos a passar por cima da grade, a Imogen tinha aceitado procurar ajuda. Regressámos a casa de braço dado, a aspirar o ar da noite perfumado pelos goivos e jasmins das floreiras de janela das pessoas enquanto passávamos.

– Amo-te – disse ela, antes de abrir a porta da frente.

– Eu amo-te mais – jurei.

O corpo de Grace já está coberto de cicatrizes. Algumas são antigas, como a linha direita da cesariana ou a coleção de cortes e queimaduras causadas por momentos de desatenção na cozinha. Há outras mais recentes gravadas nos seus pulsos, cicatrizes que ela tenta esconder até de si mesma porque detesta recordar como apareceram.

Agora Grace prepara-se para ser mais uma vez marcada. Vai ser uma grande ferida, um golpe a atravessar o abdómen, e ela sabe que vai ter mau aspeto. Toda a gente insiste em dizer-lhe como é corajosa, mas não se trata verdadeiramente de coragem. Grace está só a acabar o que Jamie começou.

Durante muito tempo perguntou-se se devia ter lutado mais pelo seu rapaz. Os médicos diziam que não havia a mínima esperança, mas os médicos podem enganar-se. E mais tarde leu histórias de pessoas que tinham acordado de comas, e foi atormentada pelo pensamento de que tinha desistido demasiado cedo. Aquilo continuou a torturá-la, durante anos e anos.

Agora não vai desistir. Aquele rim é seu, pode dá-lo a quem quiser, e a decisão é fácil, não é uma decisão tomada no meio da dor e do pânico. Sente-se melhor neste caso do que alguma vez se sentiu ao doar o coração de Jamie, o rim que não ficara danificado, o fígado e o pâncreas, as córneas. Aqui é tudo claro, descomplicado.

Não que esteja desejosa de ir para o hospital; o cheiro dos hospitais transporta-a para trás no tempo. Semanas de recuperação, dor, tempo roubado ao trabalho, há imensas razões para não o fazer. Grace fez uma lista mental delas e descartou-as todas. Tommy precisa de um rim e ela tem um que pode dispensar; não parece um sacrifício assim tão grande.

É demasiado tarde para lutar por Jamie; mas isso não significa que deva parar de lutar. Grace está pronta para mais uma cicatriz.

Foi tudo tão lento. Atribuíram ao Tommy uma coordenadora de doação, uma mulher animada e eficiente que nos guiou ao longo do processo. Estava sempre a dizer que dar-lhe um rim ia envolver um monte de exames para alguém. Sangue e urina, coração e rins, tudo seria verificado. E depois havia a entrevista com um psicólogo para avaliar a saúde mental. E depois disso mais exames para se ter a certeza de que não estava a ser exercida pressão sobre o doador, nem pagamento ou coerção. E por aí fora.

Nunca em toda a minha vida me tinha sentido tão impaciente. Se fosse possível apressar as coisas comprando um rim para o Tommy, tê-lo-ia feito; e mais, tê-lo-ia pago com o dinheiro dos meus pais. Tudo aquilo estava a demorar demasiado tempo.

No fim, descobriu-se que o doador ideal era a Grace, que não pareceu surpreendida nem impressionada; por acaso não sabia já que assim seria? Mas tanto o Tommy como eu tínhamos as nossas reservas.

– Posso aceitar o rim dela? Será moralmente correto? – perguntou-me ele uma noite, por Skype.

Eu estava sentada na minha cama no quarto de hóspedes da Imogen e soube que ele estava na sala do seu apartamento porque um canto da vitrina dos troféus era visível em fundo.

– Estavas preparado para aceitar o dinheiro dela – fiz notar.

– É diferente: era um empréstimo e eu tinha a certeza de que conseguiria pagar-lhe, mais cedo ou mais tarde.

– Ela quer muito fazer isto por ti.

A Grace tinha-o dito várias vezes, pelo telefone e mais uma vez quando eu estava a beber chávenas de chá na sala dela, rodeada por fotografias do Jamie. Disse que era uma boa escolha, e que estava certo; caso contrário, não teria oferecido.

– Se a Grace está disposta a ir para a frente com isto, acho que devemos deixá-la – disse eu. – Seja como for, não acredito que conseguisses impedi-la. Está determinada.

O Tommy bocejou e eu senti uma pontada de medo. Estava cansado? Andaria a exagerar? Sabia que tinha recomeçado a fazer exercício, a tentar refazer-se pouco a pouco, e isso preocupava-me. Não estava habituada a ser a pessoa que se preocupava. Isso sempre fora algo que os outros faziam por mim. Agora sentia o coração bater mais depressa e a minha mente encher-se de ansiedade.

– Estás bem? Precisas de descansar? – perguntei-lhe.

– Daqui a pouco, ainda não – respondeu ele. – Queria dizer-te... falei aos miúdos sobre nós.

– E eles, como reagiram?

– A Ava declarou que já sabia, o Liam ficou calado. Penso que tinha esperança de que eu e a minha ex-mulher voltássemos a juntar-nos. Mas estão bem. Hão de habituar-se à ideia.

– Devias dizer-lhe também a ela, antes que um deles o faça. Será melhor se vier de ti.

O Tommy assentiu.

– Sim, eu sei.

– E tens de conhecer os meus pais em breve. Temos muito de que tratar, não temos?

– Pelo menos estamos a fazê-lo juntos.

O impulso de o abraçar era avassalador, mas a única coisa que podia fazer era estender a mão e tocar na cara dele no ecrã.

– Vou ver-te em breve, talvez num dos teus dias de diálise, para não ser tão aborrecido.

– Gostava muito.

– Estás só a duas horas de distância, sabias? Posso ir aí sempre que precisares de mim.

– Eu sei. – Estendeu a mão para o ecrã, a tocar na minha cara. – Quem me dera que estivesse aqui agora.

– Quem me dera estar.

Terminei a chamada, vi-o desaparecer e deitei-me de costas na cama, a olhar para o teto. As preocupações entraram de rompante. E se o transplante não fosse um êxito? E se a terapia não fosse a resposta para a Imogen? E se acontecessem coisas más a todas as pessoas que eu conhecia? Não estava habituada àquilo. Tinha o coração a bater com muita força.

*

Não sei o que foi que a Grace disse quando a apertaram com perguntas em todos aqueles encontros cara a cara. Contou-me mais tarde que o seu grande medo tinha sido desatar a chorar e que estava muito orgulhosa por ter sido capaz de não o fazer. Deve ter feito das tripas coração para os convencer de que estava suficientemente estável para doar em vida; deve ter sido determinada.

No dia em que recebemos a notícia de que ela tinha sido aprovada, fiquei literalmente aturdida. A Imogen abriu champanhe e dançou pela cozinha enquanto eu, sentada à mesa, quieta e calada, me sentia entusiasmada pelo Tommy, mas também aterrorizada.

A minha cabeça teimava em voltar àquelas semanas que tínhamos passado juntos em Itália. Esperava que houvesse mais dias iguais àqueles à nossa frente: o Tommy e os filhos, a Imogen e os dela, a Fiona, sem a mínima dúvida, talvez até a Emerald e o Stefano também, a minha nova família alargada, os meus gémeos de transplante. Era a visão que ansiava no futuro, muito à distância para lá das camas de hospital e dos cirurgiões. Era uma das coisas que me aguentavam.

A outra era a Grace. Nos dias que precederam o transplante do rim para o Tommy tornámo-nos mais chegadas. Eu sentia que precisávamos uma da outra.

Toda a gente dizia que a cirurgia era mais complicada para o doador vivo

do que para o recetor. Estavam sempre a certificar-se de que ela conhecia os riscos. Não queria que se sentisse ansiosa e sozinha em Oxford, de modo que a convidei para ficar connosco em Londres.

A Grace revelou-se a convidada ideal da Imogen. Alinhava nos esquemas malucos da minha irmã e os dias eram passados em caças ao tesouro para as meninas e expedições de compras de camisas de noite cheias de corações para ela usar no hospital.

No domingo antes do dia marcado para a operação, estávamos em St. James's Park a dar alface aos cisnes porque alguém tinha dito à Imogen que eles adoravam alface. A Grace observava a Darya a aproximar-se das grandes aves brancas e sorria perante a expressão no rosto dela.

– Está nervosa, mas está a fazê-lo, ainda assim – disse, num tom de aprovação.

Deveríamos estar a caminhar à volta do lago, porque os médicos lhe tinham dito que fizesse mais exercício, mas não era possível arrancá-la às minhas sobrinhas. Em vez disso, portanto, estávamos sentadas num banco, a ver o cisne bater as asas e a Darya, assustada, correr a esconder-se atrás da irmã.

A Grace voltou a sorrir.

– Acha que a Vivi e o Tommy vão ter filhos? – perguntou.

– O quê?

– É tão maravilhoso estarem juntos.

– Graças a si – recordei-lhe. – Se não me tivesse pedido que encontrasse os recetores do Jamie, eu e o Tommy nunca nos teríamos conhecido.

– Graças ao Jamie, então. – Desviou o olhar da cena dos cisnes e voltou-se para mim. – Vivi, se tiver um bebé, eu seria avó honorária?

Fui apanhada de surpresa pelas lágrimas que me subiram aos olhos, e a Grace também.

– Agora perturbei-a. – Procurou lenços de papel na mala. – Disse alguma coisa que não devesse ter dito?

– Absolutamente nada – garanti-lhe, logo que consegui falar sem que a voz me tremesse. – Se tivéssemos filhos, a Grace seria sem a mínima dúvida avó honorária deles. Mas não podemos fazê-lo. Não seria justo da nossa parte.

Ela entregou-me a embalagem de lenços.

– Porque não?

– O meu coração, os rins dele, temos os dois doenças hereditárias e eu teria muito medo de as transmitir a um bebé. Além disso, nenhum de nós tem a promessa de uma vida longa. De modo que, mesmo que corra tudo bem entre nós, ter filhos nunca será uma opção. Não podemos correr esse risco.

– Isso não faz o menor sentido – disse a Grace sem papas na língua. – O Jamie era perfeito e morreu. Alguma vez eu deixaria de ter um filho por recear que lhe acontecesse qualquer coisa má? Claro que não.

– Isto é diferente – argumentei.

– Não estou a ver porquê. Não prefere estar viva, mesmo com os seus

problemas de saúde? Não prefere que o Tommy também esteja vivo? Em todo o caso, quem sabe o que a ciência médica poderá fazer por pessoas como vocês no futuro?

– Continua a ser um risco demasiado grande – insisti. – Decidi há anos que o melhor era não tentar corrê-lo.

– Não quer ter um bebé?

– Seria preciso fazer exames antes de tentarmos sequer uma gravidez, seria complicado – disse-lhe. – Inclusive perigoso para mim.

– Mas quer um filho?

– Sim – admiti. – Claro que quero.

Ela sorriu.

– Seria uma mãe encantadora, Vivi. Preocupa-se com as pessoas e tem tanto amor para dar. No fim, é só isso que importa.

Aqui fui-me abaixo. A Grace teve de me abraçar até que parei de chorar. Nunca parecera imaginável, um bebé meu. Quando peguei nas minhas sobrinhas recém-nascidas, dei-lhes o meu amor. E agora haveria os filhos do Tommy e eu esperava que também eles aceitassem um pouco do meu amor, quando nos habituássemos uns aos outros. Mas um bebé meu... não parecia possível e eu nunca me tinha atrevido a pensar nisso.

– Há uma coisa que posso dizer-lhe de certeza – concluiu a Grace. – Tem um coração corajoso, Vivi, mas acho que sempre teve.

Sentada num banco no meio de um parque cheio de gente, desabotoei a blusa, só o suficiente para mostrar uma nesga de pele e o início da minha cicatriz, e então peguei na mão da Grace e pousei-a no peito para que ela pudesse sentir aquele corajoso coração bater.

– Obrigada – disse. Era uma palavra que nunca poderia ser o suficiente; mas, no entanto, era tudo.

*

Os amigos juntaram-se à volta do Tommy, os antigos e os novos. Implantar o rim seria uma cirurgia de rotina – muito pouco empolgante, foi a expressão que o cirurgião usou –, mas isso não me animou. Estava cheia de medo também pela Grace, convencida de que não era possível que corresse tudo bem.

Em Liverpool, no dia em que ia acontecer, foi como se todos eles estivessem lá connosco, de certa maneira, todos os que tinham um pequeno pedaço do Jamie, a partilhar a sua força. A ler as mensagens em voz alta ao Tommy, estava um pouco mais calma do que tinha estado. Havia uma da Fiona, que enviava o seu amor, outra da Emerald, cheia de pensamentos positivos, até uma ou duas linhas do Stefano; estávamos todos cheios de amor e, como a Grace tinha dito, no fim o amor é a única coisa que importa. Já nada impediria o que tinha de acontecer.

– Daqui a um ou dois dias já vou sentir-me melhor – repetia o Tommy, determinado a ter esperança. – É a Grace quem vai precisar de nós. Dizem que é muito mau, quando o efeito da morfina passa.

– Vão retirar o rim do Jamie antes de implantarem o da Grace? – perguntei.

– Não me parece. O rim dele está embebido, faz parte de mim, apesar de já não funcionar.

– Nesse caso, continuaremos a ter o mesmo ADN dentro de nós. – O pensamento era reconfortante, não tinha nada de desconfortável. Tudo o que nos mantivesse mais perto um do outro fazia-me feliz. – Continuarás a fazer parte da nossa família de transplante?

– Sempre – prometeu o Tommy. – Não consigo imaginar a vida sem ela.

É um funeral, mas ninguém veste de preto; foi-lhes pedido que o não fizessem. A minha mãe resplandece num vestido às flores, a Imogen está elegante de rosa-pálido, o Hamid e o meu pai escolheram casacos claros e gravatas de cor. É um funeral, e é belo.

A igreja está mais cheia do que eu imaginava que pudesse estar, com muitas caras que não reconheço, embora haja algumas familiares. A Grace está a meu lado, a segurar-me a mão, sem chorar mas muito solene. Daqui a pouco vai fazer o elogio fúnebre, e ainda que não queira revelar exatamente o que vai dizer, tenho a certeza de que vai falar do Jamie, e da dádiva de vida adicional que ele fez, e de como a decisão que tomou naquele dia a tem assombrado, mas que mesmo assim está feliz por a ter tomado.

Haverá sempre dor e desgosto, mas, mesmo quando sabemos que está para vir, a sua chegada parece-nos inesperada. Estou a tentar não me ir abaixo concentrando-me na beleza, nos vitrais coloridos, no coro a cantar, nas roupas coloridas da congregação e nas flores, tantas delas espalhadas sobre o caixão de madeira de salgueiro. A maior parte veio do lugar que a Fiona mais adorava, o Chelsea Physic Park, colhidas por outras e outros voluntários que enchem agora os bancos corridos e erguem as vozes no tema preferido dela, «*I Vow to Thee, My Country*».

Esta era a igreja da Fiona e ela vinha aqui rezar todas as semanas, de modo que o padre a conhecia e as suas palavras são sentidas. Fala da coragem com que a Fiona enfrentou o conhecimento de que os seus pulmões estavam a falhar, tornando-se cada vez mais ofegante, a ter mais dificuldade em fazer as coisas que nós damos como garantidas, a só poder visitar o seu adorado jardim se alguém a levasse até lá para poder sentar-se muito calada no seu canto favorito.

A Fiona escondeu o seu declínio até ele se tornar demasiado rápido e deixar de ser possível ocultá-lo. Durante alguns curtos meses, sempre que a visitava achava-a pior. Quando não se consegue respirar como deve ser, não se pode fazer nada, a vida abrande e empequenece. Foi assim com a Fiona.

Nunca parou de me agradecer as férias em Itália e de me dizer como as tinha adorado: cozinhar com a Raffaella, ver as pessoas na *piazza*, passear pelos jardins da Villa Rosa e, acima de tudo, a amizade e a sensação de ser útil. Quando ainda tínhamos esperança de que pudesse haver possibilidade de um segundo transplante de pulmões, falávamos de voltar lá.

Na última vez que nos vimos, era eu quem estava a esconder qualquer coisa. Parecia-me insensibilidade obrigá-la a assistir à minha felicidade quando lhe restava tão pouca. Mas a Grace estava comigo, e não ia guardar segredo. Pousou uma mão na minha barriga, alisou com cuidado a blusa solta para mostrar a pequena rotundidade do meu ventre, sorriu e disse:

– Vou ser avó.

E a verdade é que a Grace tinha razão; foi bom ter um pouco de alegria connosco no quarto naquele dia. A Fiona iluminou-se ao ouvir a notícia,

estendeu a mão para tocar na minha barriga e então sorriu.

A Grace levanta-se do banco para fazer o elogio fúnebre e o Tommy passa-me um lenço limpo porque sabe que vou precisar. A voz da Grace treme no começo, mas depois afirma-se e ela diz as coisas que eu esperava, e mais. Fala sobretudo de esperança e de como durante algum tempo a sua desapareceu, mas graças ao Jamie as vidas de tantas outras pessoas se tinham enchido dela. Partilha recordações da Fiona e fala de dor. Escuto cada palavra, de olhos fixos no seu rosto, uma mão pousada na barriga, a senti-la subir e descer, e os ocasionais e quase impercetíveis movimentos, como o adejar de borboletas.

Já não há maneira de esconder que estou grávida: a minha barriga mostra-o orgulhosamente. Escolhi um vestido com um padrão de flores coloridas de modo que, segundo o Tommy, pareço um prado cheio delas. Também ele está orgulhoso. Este bebé é mais uma coisa que só podíamos ter esperança que acontecesse. Continua a haver riscos, ainda que, como a Grace não se cansa de me dizer, os riscos estejam por todo o lado, mesmo que não consigamos vê-los, de modo que é melhor sabermos o que enfrentamos e assumi-los com determinação.

As palavras dela não impedem que me preocupe. A preocupação é agora um elemento fixo da minha vida, como a casa do período georgiano que arrendámos em Liverpool com os seus tetos altos e janelas de guilhotina, e os enjos matinais que só agora começam a abrandar, e a grande cama de casal que partilho com o Tommy, e a carreira de escritora *freelance* em que estou a tentar lançar-me. A Imogen diz que a preocupação é normal, nenhuma mãe consegue livrar-se inteiramente dela, que hei de acabar por habituar-me e achar que vale a pena.

Chegou o momento de rezar a oração que a Fiona escolheu, uma oração especial para os jardineiros. «Que possamos crescer com as nossas flores em gentileza», repete a congregação. «Que as nossas vidas sejam cheias de beleza e amor; que possamos viver pacificamente através das estações que nos forem dadas e no fim voltar à terra.» Sem poder confiar na minha voz, fecho os olhos e escuto, a desejar que a Fiona estivesse aqui para ver e ouvir quantas pessoas gostavam dela.

Em seguida, a minha irmã faz uma leitura. Hoje não há sinais da Imogen brincalhona. O psicólogo disse-lhe que tinha de parar com aquilo, encontrar sossego e permitir-se sentir tristeza e medo. A voz quebra-se-lhe a meio do poema e tem de respirar várias vezes antes de conseguir voltar a falar.

Um único corista começa a cantar *Ave Maria* e os outros juntam-se-lhe, as vozes a crescer. A minha mãe volta-se e olha para mim, faz-me um meio sorriso encorajador. Detesta ver-me triste, de modo que consigo retribuir o sorriso. Aceitei finalmente um pouco mais de ajuda dela e do meu pai. Acabei por não ter alternativa porque, como eles fizeram notar, eu podia viver sem coisas se quisesse, mas não tinha direito de privar o neto.

O bebé vai ter montes de pessoas para o amar e a Grace será uma delas. Já

nos deu o ursinho de peluche com que o Jamie costumava dormir, tão esfarrapado e remendado que acho que é capaz de o ter levado consigo para a cama nas noites piores. Agora vive numa prateleira do quarto do bebé, à espera de que a nova criança chegue. Rapariga ou rapaz, ainda não sabemos, mas todos nós achamos que Jamie é um bom nome em qualquer dos casos.

Espero ser suficientemente forte para este bebé. Espero ser capaz de fazer isto. O Tommy vai lá estar, e os meus novos enteados prometeram ajudar também, mas o meu corpo tem de aguentar esta primeira parte, carregar o nosso bebé, trazê-lo ao mundo, e eu rezo para que não nos deixe ficar mal.

O Tommy mexe a mão, espalmando-a ao lado da minha sobre o meu ventre, e pelo seu sorriso sei que sente o mesmo que eu, um adejar e um estremecimento, os pontapés do nosso filho.

O que nos espera, a esta criança e a nós, é assustador. Ao sentir o coração bater-me no peito, não posso fingir que não é. Mas não há vida sem medo, e isso também é excitante e maravilhoso.

O meu coração é menos de um por cento do meu corpo; é apenas um pequeno pedaço de mim. Tudo o que posso fazer é esperar que continue a bater, a bombear sangue pelas minhas veias. Tudo o que posso fazer é ter esperança e viver, como toda a gente... como as outras pessoas normais.

Obrigada

Quando comecei este romance, sabia muito pouco a respeito das coisas sobre as quais planeava escrever. Houve muita aprendizagem e eu estou grata pela ajuda de imensas pessoas.

Um grande obrigada vai para os recetores de transplantes que tiveram a generosidade de partilhar comigo as suas histórias pessoais. Heidi Harty-Eugster, Anna Maharaj e Troy Stapleton, a vossa coragem espanta-me.

Posso ter cometido erros, mas agradeço a todos os profissionais que tudo fizeram para garantir que os não cometia: Raffat Shameem, Ian Dittmer, Janice Langlands, Tricia Casey, Helen Gibbs e Rebecca Oliver.

Pelos pormenores sobre a maratona, agradeço a Mary Lambie; por me recordar como é a vida na redação de um jornal, agradeço a Miryana Alexander, e por me ter deixado fazer festas a um búfalo e saborear o seu excelente *mozzarella*, agradeço a Richard e a Helen Dorresteyn, da Clevedon Buffalo Co.

Como sempre, um grande obrigada à minha agente Caroline Sheldon e todos na Orion, na Hachette New Zeland e na Hachette Australia, mas em particular para à editora Victoria Oundjian pela sua bondade e paciência.

Obrigada a Carne por ter vencido o seu ódio às grutas em Matera.

Obrigada aos livreiros e aos bibliotecários que vão pôr este romance (esperemos) nas mãos das pessoas.

Mais do que tudo, obrigada a Stacy Gregg e Sarah-Kate Lynch, porque a amizade é tudo, e toda a gente precisa de amigos como elas.